

ROMA E O EVANGELHO

D. José Amigó y Pellícer



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

ROMA E O EVANGELHO

D. José Amigó y Pellícer

Obra original:

ROMA Y EL EVANGELIO

Espanha, 1874

Versão digitalizada:

© novembro de 2018

Distribuição online:

Portal Luz Espírita

www.luzespirita.org.br



Sumário

Prefácio — pag. 6

Quatro palavras ao leitor — pag. 10

PRIMEIRA PARTE A Razão em busca da Fé

- I. Os nossos propósitos. - A Razão. - A Verdade, a Ciência e Religião.
- Buscai e achareis — pag. 14
- II. Motivo da nossa iniciativa em matérias religiosas. - A fé cega — pag. 16
- III. O nosso racionalismo. - Erro dos que pretendem perpetuar a infância da Humanidade — pag. 18
- IV. Razão das nossas crenças primitivas. - Insuficiência das crenças que se baseiam na fé cega — pag. 20
- V. Roma pode errar. - Tem errado. - Pode, portanto, induzir ao erro — pag. 22
- VI. O Deus dos católicos. - O Infinito com limites. - O absurdo — pag. 24
- VII. Dever do homem verdadeiramente religioso. - Necessidade de uma imediata regeneração religiosa — pag. 26
- VIII. Farisaísmo e hipocrisia. - Importância do Catolicismo pelo número dos seus adeptos — pag. 28
- IX. Roma não é a igreja de Jesus. - Um só rebanho e um só pastor — pag. 30
- X. O Evangelho. - A nova escola - Seus adeptos — pag. 32
- XI. Os adeptos da nova escola. - Os defensores da última hora do Catolicismo Romano.
- Campanha clerical — pag. 34
- XII. O Catolicismo combatido pela nova escola com os ensinamentos do Cristo.
- O Espiritismo: seus princípios. - Os mercadores do Templo — pag. 36
- XIII. Covardia. - A nossa loucura. - Os prudentes e os loucos do século — pag. 38
- XIV. As nossas esperanças a respeito dos católicos, dos indiferentes em religião e dos materialistas — pag. 40
- XV. O Espiritismo julgado sem prévio estudo. - Afirmações romanas e afirmações espíritas — pag. 42
- XVI. Pluralidade dos mundos habitados — pag. 44
- XVII. Pluralidade das existências da alma — pag. 46
- XVIII. Consequências absurdas derivadas do dogma da existência única da alma.
- Reencarnação das almas — pag. 48
- XIX. Eternidade relativa das penas das almas — pag. 51
- XX. Comunicação entre o mundo espiritual e o dos encarnados — pag. 53

- XXI. Fé cega e fé raciocinada. - Conformidade do Espiritismo com o Cristianismo.
- Os tormentos da dúvida. - O nosso credo — pag. 56

SEGUNDA PARTE

A Razão e a Fé esclarecidas pela Revelação

- I. Influência benéfica do Cristianismo puro. - A presença de Deus — pag. 60
- II. A procura dos fatos. - A Revelação é progressiva — pag. 62
- III. Primeiros resultados. - Inconvenientes da comunicação e meios de evitá-los — pag. 64
- IV. Importância da comunicação espiritual. - Decepções. - O que se deve procurar obter das comunicações — pag. 66
- V. A comunicação é um fato. - Como a julgam os despreocupados e a Igreja — pag. 68
- VI. Como se realiza o fato. - Os médiuns — pag. 70
- VII. A comunicação não é um fenômeno sobrenatural nem contranatural. - O perispírito. - Hipóteses — pag. 72
- VIII. Autenticidade das comunicações — pag. 74
- IX. Desconfiança prudente. - Prece. - Evocação — pag. 76
- X. Continuação do mesmo tema. - Contradições em que incorre a Igreja Católica — pag. 79
- XI. Importância moral da comunicação. - Objeção contraproducente. - Considerações — pag. 82

Comunicações ou ensinamentos dos Espíritos — pag. 84

TERCEIRA PARTE

O Espiritismo nos livros sagrados

- I. Preliminares — pag. 176
- II. Pluralidade de mundos e de existências. - Reencarnações dos Espíritos — pag. 181
- III. O inferno não é eterno. - O diabo, em pessoa, não existe — pag. 189
- IV. Salvação universal — pag. 200
- V. Revelação e ensinamentos dos Espíritos — pag. 203

Conclusão — pag. 210

Testemunhos valiosos sobre o Espiritismo

Testemunho do Abade Almignana — pag. 215

Testemunho de Alfred Russel Wallace — pag. 234

Testemunho de Victorien Sardou — pag. 237

Infalibilidade do papa — pag. 240

SINOPSE

O Livro *Roma e o Evangelho*, que foi compilado por D. José Amigó y Pellícer contém os estudos filosófico-religiosos e teórico-práticos feitos pelo Círculo Cristão-Espiritista de Lérida, na Espanha, em 1874, e por não poderem conciliar a estreiteza da Igreja de Roma com a largura da obra traçada por Deus, sentiam que algo de humano precisava ser removido — e que o Espiritismo devia ser o motor de tal depuração do Evangelho de Jesus Cristo.

Prefácio

Em meados do século XIX desponta na América o movimento conhecido como Espiritualismo Moderno, cujo marco histórico é o famoso caso das Irmãs Fox, em Hydesville, Estado de Nova Iorque: a aparição sequencial de um Espírito desencadeou a curiosidade e ousadia de se evocar os “mortos” a fim de que se pudesse descortinar parta da espiritualidade que, de pronto, vinha evidenciar a sobrevivência da morte pós-morte. Daí em diante veio a febre das sessões de Mesas Girantes. Essa fenomenologia espiritualista cruza o Atlântico e chega aos grandes centros urbanos da Europa, ganhando contornos cada vez mais sofisticados, culminando com a sistematização da Doutrina Espírita, codificada pelo admirável mestre das letras e ciências Alan Kardec, que, através de suas obras literárias — a começar pelo monumental ***O Livro dos Espíritos*** — e sua irrepreensível liderança, exporta da França para todo o globo terreno o Espiritismo, a terceira revelação de Deus para à Humanidade, sob o pálio do Espírito de Verdade.

Eis que as luzes do Espiritismo chegam às terras espanholas, despertando as mais diversas impressões. Enquanto uns facilmente se encantavam e se convenciam com a novidade, outros — mais comedidos, ou mesmo refratários à nova onda — se postavam com gravidade frente aos preceitos transformadores e desafiadores da Doutrina Espírita. Dentre estes últimos, podemos assinalar a personalidade que é o autor da presente obra: D. José Amigó y Pellícer.

Junto com um seletto grupo de amigos, sendo eles notáveis filósofos, clérigos e homens da ciência, instalaram na cidade de Lérida, na Catalunha, Espanha, um grupo para apreciar — e, quem sabe, desmascarar — o movimento espírita que vinha de Paris. Sim, estavam eles empossados do sério propósito de averiguar, com todo o rigor, as proposições espíritas e, diante da real contingência que se apresentasse, dar um parecer honesto sobre aquelas ideias de “mediunidade”, “conversar com Espíritos”, “reencarnação”, “evolução espiritual” e “salvação pelo autodescobrimento” — ideias essas tão estranhas à cultura ocidental e ameaçadoras para a ordem religiosa e civil.

A reunião desse seletto grupo de perscrutadores independentes resultou numa

grande especulação local: finalmente, aquelas esdruxulas subversões oriundas da França seriam ridicularizadas pela retórica daqueles notáveis — assim se pensava.

Ocorreu, entretanto, que o grupo — seguindo a lógica — acabou por averiguar a veracidade das manifestações espirituais e naturalmente absorver as excelentes conclusões filosófico-morais do Espiritismo, pelo que, então, em maio de 1873, transformou-se oficialmente em o Círculo Espírita Cristão, do qual D. José Amigó y Pellícer figurava-se como líder e porta-voz.

O primeiro impacto positivo foi a comprovação da mediunidade, pelo exemplo concreto das experimentações feitas dentro do referido Círculo; em seguida, examinando os princípios filosóficos e religiosos, terminaram por aclamar que a revelação espírita vinha representar o verdadeiro Evangelho de Jesus Cristo, cumprindo assim a promessa do envio do Paráclito, o Consolador, enviado do Pai, para ratificar a mensagem cristã, para trazer novas revelações da espiritualidade e, enfim, fazer-se permanente entre os homens de boa vontade.

O seletos grupo estavam cientes que aquela nova doutrina lhes implicava um rompimento com as tradições primitivas e um antagonismo com os interesses da igreja romana — e, portanto, um desafio pessoal para aqueles notáveis: enfrentar a ira reacionária do clero católico, pelo que, tiveram que pagar com a exposição pessoal e as perseguições de todas as ordens. Foram eles banidos do círculo religioso da igreja católica, caluniados, processados judicialmente, expulsos de suas ocupações profissionais, alguns inclusive presos.

Contudo, D. José Amigó y Pellícer e seus confrades não fraquejaram: seguiram a consciência e sustentaram a convicção espírita até o final. Em nome do Círculo Espírita de Lérida, lançaram a revista espírita de Lérida: *O Bom Senso (El Bueno Sentido)*, cujo primeiro número foi publicado em 15 de maio de 1875, tendo como epíteto “Revista de Ciências, Cristianismo, Democracia. Órgão do Livre-Pensamento Cristão”. Esse periódico manteve uma edição mensal até 1886, depois passando para quinzenal, até 1889. Entre seus colaboradores habituais figuravam: Amália Domingo Soler, J. Vernet, Fernando Martínez Pedrosa, o Visconde de Torres-Solanot, Julio Morales, Isidoro Pellicer, Manuel Sanz Benito, José Arrufat Herrero, Bernardino F. Izcoiquiz, M. de la Revilla, etc. Nesse ínterim, a revista sofreu várias sanções: no ano de seu lançamento, ficou dois meses suspensas por determinação do Governador Civil da província, a pedido de apelações do clero católico local; para suprir a sua ausência em outras suspensões, o grupo fez uso de outras publicações, como *A Voz do Bom Senso e Luz na Alma*.

Roma e o Evangelho, uma compilação de José Amigó y Pellícer, é ao mesmo tempo uma história do Círculo Espírita de Lérida e uma mensagem profunda, com uma análise precisa das luzes da revelação espírita, adaptada e especialmente dedicada às mentes abertas dentre seus conterrâneos, respeitando a cultura local e

os anseios de um povo já tão saturado de arcaicos apelos de uma igreja opressora e dispensadora de uma teologia tão obscura e prática litúrgica obsoleta. Todavia, mesmo em tempos já distantes e para culturas bem diversas daquela velha Espanha, ***Roma e o Evangelho*** não deixa de ser uma leitura proveitosa e até agradável, ainda mais considerando a possibilidade de conferir mensagens psicográficas de entidades tão excelsas, tais como: Maria de Nazaré, Lamennais, Santo Agostinho, João Evangelistas e o próprio codificador do Espiritismo Allan Kardec.

O Editor

ROMA E O EVANGELHO

D. José Amigó y Pellícer

Quatro palavras ao leitor

Quando, no intuito de estudarmos o Espiritismo, demos princípio, em maio passado, às nossas reuniões, bem longe estávamos de suspeitar que um dia havíamos de publicar o resultado dos nossos modestos trabalhos.

Levávamos a suspeita de encontrar, na nova doutrina, pontos ridículos — flancos vulneráveis — emotivos mais que suficientes, não só para a votarmos ao desprezo, como para sepultá-la por atentatória das sábias leis da moral evangélica; caso em que estávamos, de antemão, resolvidos a dissolver as nossas reuniões, volvendo cada um de nós ao seu estado anterior. Força, porém, é confessar que redondamente falsa era aquela suposição e que infundada e ilegítima era ela.

Em vez de teorias ilógicas, afirmações ridículas, crenças supersticiosas e absurdas, e moral suspeita, deparamos com uma filosofia robusta e acessível à razão, sancionada pelos fatos e solidamente firmada nos ensinamentos de Jesus Cristo.

Movidos por uma força superior e irresistível, demos, em setembro, um caráter mais formal às reuniões, estabelecendo, em razão dos estudos feitos e das ideias aceitas, o Círculo Cristão-Espiritista, já então decididos a darmos oportunamente, ao público, o fruto dos nossos trabalhos.

Sem o impulso superior e sem a força de convicção e do dever que nos fizeram corajosos, não nos atreveríamos a publicar este livro.

Frágeis e fracos para resistirmos ao sopro do Aquilão¹ — sem abrigo, além da consciência satisfeita, para enfrentarmos com a tempestade, bem sabíamos que, da publicação deste livro, só colheríamos desgostos e amarguras.²

Débeis pigmeus, arrojamo-nos a pôr os olhos num colosso de dezenove

¹ Vento frio e forte que vem do Norte; no contexto, força reacionária — Nota desta Edição (N. E.)

² Poucos meses depois de publicada esta obra, o Ministro da Instrução Pública na Espanha, Marquês de Orovio, suspendia dos seus empregos de Diretor e segundo Professor da Escola Normal de Lérida, por causa das suas opiniões filosófico-religiosas, a D. Domingo de Miguel, presidente do "Círculo Cristão-Espiritista", e ao autor do *Roma e o Evangelho*.

séculos, cujo simples estremecimento podia aniquilar-nos.

Por que, então, não vacilamos — não trememos? Por que, como Davi, nos oferecemos às iras de Golias? Por que tão insólito valor, quando sabíamos que éramos irremissivelmente vítimas da força?

Ah, uma voz mais poderosa que a de todos os colossos da Terra, soou clara aos nossos ouvidos — e nós seguimos os seus preceitos, tomados da loucura do dever a que estamos resolvidos sacrificar tudo!

Como os primeiros cristãos, temos a fé precisa para desenrolar o divino estandarte dos ensinamentos de Jesus, embora tenhamos de sucumbir à sua gloriosa sombra.

Não nos amaldiçoeis, sacerdotes do Cristo, que vos julgais depositários da verdade absoluta. Somos vossos irmãos — e, mesmo que recusásseis o vosso coração à caridade, tão recomendada pelo Enviado do Altíssimo, não deixaríamos de sê-lo.

Nós vos amamos e bendizemos, porque devemos assim fazer — porque devemos amar e bendizer todas as criaturas emanadas do pensamento de Deus. Não nos amaldiçoeis, não? Dizeis-vos cristãos — e estamos certos de que procedereis como cristãos. Não ignorais que Jesus repreendeu severamente a Tiago e a João³ quando pediram o fogo do céu para samaritanos que recusaram recebê-los em uma das suas cidades.

E o que faríeis, se chegasse a vós outros a palavra de Jesus dizendo-vos: "fazei isto?"

Faríeis o que o Mestre vos ordenasse; e, pois, deixai que o façamos nós.

O fim do presente livro é justificar o nosso procedimento e combater os erros plantados pelos homens na religião cristã, demonstrando que o Evangelho, longe de opor-se à realização do progresso condenado pelos decretos de Roma, é a fonte e a grande alavanca do progresso infinito da Humanidade.

É assim que, convencidos os homens de que o Cristianismo satisfaz a todas as necessidades e legítimas aspirações, abraçá-lo-ão com entusiasmo e fé — e desaparecerão o indiferentismo e o culto da matéria.

Como, porém, a existência dos erros supõe a de indivíduos ou classes que os aceitam e sustentam, é impossível combatê-los sem ferir as suscetibilidades destes.

A fim, portanto, de evitar falsas interpretações que não estão em nosso ânimo, declaramos formalmente que, nem antipatias, nem prevenções, nem má-vontade, e tampouco desejo de ofender ou prejudicar alguém, moveram, direta ou indiretamente, a nossa pena, pois ela é exclusivamente dirigida pelos impulsos da consciência.

Quando censuramos, referindo-nos ao clero ou às autoridades da Igreja, deve

³ Lucas, 9: 54 a 56.

isso ser entendido como dirigido aos erros e abusos, nunca porém aos indivíduos ou classes; pois que, se nos julgamos autorizados a censurar mistificações, direitos não presumimos ter de condenar os que porventura veem o bom uso no abuso — e a verdade no erro.

E como poderíamos condenar, se o princípio capital da nossa doutrina é a caridade e o perdão?

Tudo tem sua razão de ser — e tudo contribui e coopera para o cumprimento da lei que preside à criação.

Moisés não podia deixar de preceder a Jesus, porque o povo hebreu, então grosseiro, material e prevaricador, não estava em condições de receber o Evangelho. Tampouco Jesus não ensinou tudo o que sabia, porque a geração do seu tempo não suportaria o peso de todas as verdades.⁴ Por isto, ele serviu-se de alegorias e de parábolas que, se no momento se prestavam a errôneas interpretações, mais tarde deveriam ser entendidas em seu verdadeiro sentido.

Quem, entretanto, poderá com razão acusar Moisés, pela dureza das suas leis, e Jesus, por haver falado ou dito em linguagem obscura o que não convinha revelar?

A inspiração e a palavra de Deus são sucessivas, e a Humanidade vai recolhendo-as à medida das suas necessidades.

Por conseguinte, não podemos culpar a Igreja Romana por erros que não são seus, mas sim da miséria dos tempos e da ignorância das gerações que se têm sucedido após a morte de Jesus.

Julgamos ter manifestado com bastante clareza os nossos pensamentos: tudo pela ideia — nada contra as pessoas.

Se, depois do exposto, alguém se julgar ferido por qualquer frase nossa, sentiremos; mas a culpa não é nossa.

As pessoas, repetimos, merecem-nos indistintamente o mais cordial respeito; os erros, eis o que nos propomos combater.

Lérida, abril de 1874.
Círculo Cristão-Espiritista

⁴ João, 16: 12.

PRIMEIRA PARTE

A Razão em busca da Fé

I

Os nossos propósitos. - A Razão. - A Verdade, a Ciência e a Religião. - Buscai e achareis.

Deus, que conhece os nossos mais íntimos pensamentos, sabe quanto são bons os propósitos e sinceros os desejos que nos movem a publicar o presente trabalho, fruto de maduro estudo e de imparcial observação.

Dedicados de boa-fé, com a melhor boa-fé, ao movimento intelectual que vem agitando as consciências e as sociedades, sob o pálio das liberdades que nos trouxe o movimento político, a brisa revolucionária, empreendemos procurar a razão das nossas crenças religiosas, com ânimo firme de robustecê-las e afirmá-las pela força da convicção, e de purificá-las em tal caso, ou de substituí-las, se chegássemos à convicção oposta de alimentarmos erros.

Bem sabemos que este nosso atrevimento será, por alguns, qualificado de orgulho satânico — de revolta ou de espírito de independência, censurado e condenado pela Igreja; desses tais, porém, apelaremos para o senso comum, para a consciência universal — e, em último caso, Para a suprema Justiça, não nos acobardando nem retrocedendo ante uma qualificação gratuita e caprichosa.

A razão é um atributo, um dom, concedido aos homens pelo Altíssimo. E, do mesmo modo que os olhos do corpo nos foram dados para abrimo-los à luz, a razão, que é à vista da alma, nos foi concedida para buscarmos a luz da verdade, que é o pão do espírito.

Porventura a criatura racional procura a razão, não como luz, que mostre os perigos, mas como perigo, como obstáculo — como ameaça? Porventura o Sumo Legislador estabeleceu o feudalismo intelectual — a escravidão da razão a razão — da inteligência a inteligência?

Onde estará o orgulho — onde a soberba? Estará nos que, reconhecendo-se pequenos e falíveis, empregam a maior atividade em descobrir algum raio de luz da verdade que desce das alturas, ou nos que alardeiam possuir em depósito a verdade

inteira e absoluta, e negam aos outros o direito de procurá-la?

A verdade absoluta é una e indivisível — é Deus. Todas as manifestações da verdade procedem do mesmo foco, do mesmo centro: a divina substância. Quem busca a verdade busca a Deus.

A Ciência e a Religião são manifestações da verdade absoluta; emanam de Deus e voltam a Deus.

A religião é a ciência, e a ciência é a religião; são, permita-se-nos a expressão, o fio condutor que comunica a criatura com o Criador.

A ciência que não conduz a Deus, é falsa; a religião que não marcha com a ciência, não é verdadeira religião.

Pois bem: o que temos procurado é, na ciência, os fundamentos da nossa religião — da religião que nos transmitiram os nossos maiores e que aceitamos de olhos fechados, sem a conveniente reflexão.

O que temos pretendido é sancionar o sentimento pela convicção — e a fé pelo estudo!

"Buscai e achareis, batei e abrir-se-vos-á, pedi e dar-se-vos-á", disse Jesus.⁵

Fomos buscar uma luz, que desvanecesse as dúvidas que de vez em quando nos assaltavam sobre o destino das almas; fomos bater à porta do santuário, onde tem assento a verdade; pedimos fervorosamente o auxílio de Deus, em nossas debilidades e misérias. Que mal pode haver nisto? Podemos ser censurados?

Podemos estar em erro — pode-nos cegar alguma preocupação imperceptível; mas, se nos é lícito dizer o que sentimos, não podemos deixar de declarar que, em nosso conceito, o que a maior parte, a maioria dos católicos tem pedido a muitos séculos, é o esquecimento do conselho ou preceito evangélico que ficou acima apontado.

Temos buscado — temos batido — temos pedido para os outros, deixando a outros o cuidado de buscarem — baterem — e pedirem por nós.

⁵ E rogo que a vossa caridade abunde mais e mais em ciência e em todo o conhecimento, para que aproveis o melhor e sejais sinceros e sem tropeços no dia do Cristo. (Paulo aos Filipenses, 1: 9 e 10)

Examinai tudo e abraçai o que for bom. (I Tessalonicenses, 4: 21).

II

Motivo da nossa iniciativa em matérias religiosas. - A fé cega.

Para os que têm o consolo de crer em Deus e na imortalidade do Espírito, a salvação da alma é o que há de maior monta — a única coisa verdadeiramente importante.

E se nos assuntos transitórios, como podemos chamar os que se referem ao nosso bem-estar puramente material, não nos confiamos a mãos estranhas e queremos intervir e assegurar-nos por nós mesmos da sua gestão e resultados, não é censurável, antes é de justiça, de prudência e de razão que, tratando-se do estado ulterior das almas, que nos tem sido apresentado como definitivo, procuremos adquirir diretamente a necessária certeza, quando no-la possa dar a luz da nossa razão.

Bom é que cada um desconfie prudentemente de si próprio e renda à autoridade dos doutores da Igreja a homenagem de respeito que merecem nas questões religiosas; mas, daí à abdicação completa do critério individual, vai enorme distância.

Bom é, nas excursões científicas, seguir as pegadas dos sábios; nunca, porém, com uma venda nos olhos, pois o cego não pode compreender a beleza dos fenômenos que o seu guia lhe descreve, nem evitar o abismo em que um e outro podem precipitar-se, pelas distrações e abstrações daquele.

Queremos salvar-nos, e a salvação parece-nos arriscada quando a alma cerra os olhos para procurá-la. Por isso, procuramos abri-los, seguros de que a religião e a moral verdadeiras nada podem temer da ciência; temos pedido à ciência: a verdade da moral e da religião em que nos educaram, a confirmação do Catolicismo, da Igreja em que se formaram as nossas crenças.

Obedecia esta conduta ao desejo de encontrar motivos para combater os fundamentos religiosos que nos legaram nossos pais? Não, certamente. Tínhamos

tido momentos de dúvida, de incerteza, de ansiedade, relativas à questão capital do destino ulterior do homem, momentos que, bem a nosso pesar, se reproduziam e nos fustigavam frequentemente; e, como a fé cega não bastava para tranquilizar-nos, corremos a buscar armas com que robustecêssemos a nossa fé e fizéssemos face aos assaltos da dúvida.⁶

É muito cômodo dizer crede; é sumamente difícil crer o que a razão não aceita.

Em vão se esforçarão os médicos por persuadir o enfermo de que a sua saúde melhora, se este, cada dia, se sentir mais debilitado e abatido. Que se diga crê ao mesmo tempo em que se recomende o estudo das crenças impostas, isto sim, compreende-se; mas, impor a fé e negar o direito de lhe procurar os fundamentos, é motivo suficiente para se suspeitar da recomendação.

Dizei a um homem, no pleno gozo dos seus sentidos, que cerre os olhos para sempre, sob promessa de que outros se encarregarão de ver por ele e de guiá-lo — e ele zombará da vossa singular proposta.

E querer-se que a gente, no perfeito gozo de sua razão, renuncie completamente a seu uso e dela abdique, precisamente no que há de mais transcendental, para deixar-se levar pela razão de outrem!

Ameaçais a alma com uma pena sem apelação e com uma sorte definitiva após a vida corporal; deixai, pois, que as nossas almas meditem profundamente sobre os seus passos e estudem a sua missão e deveres com toda a luz possível, a fim de não se extraviarem nos desvios da vida.

Quem não faz isto, confessa-se néscio ou imprudente e temerário.

⁶ Mateus, 7: 7.

III

O nosso racionalismo. - Erro dos que pretendem perpetuar a infância da Humanidade

Já nos parece ouvir a palavra racionalistas, lançada em tom de anátema sobre nós, que ousamos lembrar que é a razão o atributo distintivo da natureza humana — atributo que não pode o homem ter recebido da Divindade sem um fim: sem o dever de desenvolvê-lo e de servir-se dele para os atos que dependem da liberdade individual.

O que seria a liberdade humana, o livre-arbítrio, sem o jogo da razão e sem a luz do entendimento?

Como poderia a consciência ser responsável por suas faltas e a vontade por suas determinações, faltando ao homem o farol que esclarece a primeira e guia a segunda?

E se, possuindo essa luz, o homem procura apagá-la ou cerra os olhos para não se servir dela, como procederá com liberdade?

Pode ter Deus posto na substância racional algo que corte a sua atividade e a condene a um estado embrionário ou ao quietismo e à inércia, a respeito das verdades eternas, religiosas?

Pode o Supremo-Arquiteto ter querido, em suas relações com a criatura, e da parte desta, a correspondência humilhante do escravo a um culto automático, sem inteligência e sentimento, ou a homenagem que nasce do reconhecimento e da admiração?

Racionalistas! Se com esta palavra se pretendesse designar os que levantam em sua alma altares à razão, para divinizá-la, considerando-a como a única lei das ações humanas, repeli-la-íamos com toda a energia; pois bem compreendemos que as faculdades do homem são progressivas, conseqüentemente limitadas e limitado o círculo da sua atividade e a esfera do seu poder. Tampouco somos racionalistas no sentido de negar toda a autoridade. Admitimos, de bom grado e com veneração, a autoridade que emana direta ou indiretamente de Deus e as de todos as que têm

tomado a dianteira nos caminhos difíceis da Ciência, enquanto as suas afirmações se conformam com as leis do bom senso.

Mas, se ser racionalista consiste em empregar prudentemente a razão, até tende chegam os raios mais ou menos intensos da nossa luz — em buscar a Deus por nós mesmos, estimando pelo seu valor a meditação alheia — em procurar irmanar e harmonizar a ciência com a religião e a religião com a ciência — em pedir a esta sanção à fé — em considerar a autoridade dos homens como autoridade falível, o que equivale a dizer: autoridade humana — em discorrer sobre o que a razão não compreende e recusar o que a razão recusa por absurdo — em investigar a maneira mais própria e agradável de servir, em espírito e verdade, ao Pai comum das criaturas — em confiar à sua paternal justiça o que possa fortificar as nossas almas no desejo e na, prática do bem — em reconhecer a nossa fraqueza, a nossa impotência, e implorar o superior auxílio em nossas dúvidas e desfalecimentos; se nisso consiste o nosso racionalismo, por que negá-lo, quando ele está na dignidade e nos atributos da natureza humana?

Quão errados vão os que pretendem perpetuar a infância da Humanidade! A criança transformou-se em adulto, e busca a emancipação e a independência próprias da nova idade em que entrou.

Não creem no progresso dos tempos, e o progresso dos tempos se lhes impõe. Educaram as sociedades, mas não souberam aprender que as sociedades não ficam estacionárias. Monopolizaram a Ciência, mas têm visto como irradia ela a sua luz em todas as direções, e não adivinharam que essa luz havia de espancar as trevas da fé que não se firmasse na Ciência.

A História nada lhes ensinou — o véu das ciências experimentais e da filosofia nada lhes tem deixado ver — a Terra continua para eles fixa e encravada no centro do Universo — e ainda têm a aspiração de deter o curso do Sol, como Josué.

Talvez oponham, aos nossos bons desejos e sinceras observações, os seus costumados anátemas.

Não os tememos, porque já perderam a sua escassa importância, desde que se fizeram infalíveis; sentimos, porém, e deploramos isso, como sentimos e deploramos todos os abusos desta espécie, que se dão em nome de uma religião que recomenda a caridade como a primeira das virtudes.

Se nos amaldiçoam, nós os abençoamos. São nossos irmãos, e, ás suas palavras de ódio e de maldição, responderemos com palavras de amor e de perdão.

IV

Razão das nossas crenças primitivas - Insuficiência das crenças que se baseiam na fé cega

Por que somos católicos romanos? Tal foi à primeira pergunta que formulamos, como primeiro ato de nossa independência religiosa. Para responder e discorrer sem paixão, foi preciso varrer todo o espírito de seita, como o devem fazer quantos desejam investigar a razão das suas crenças.

Somos católicos, ouvimos dizer, porque o foram nossos pais, porque o era o país em que nascemos, porque o foi a nossa educação, porque nos ensinaram a discorrer com o critério católico, porque só o Catolicismo, entre as religiões, tinha carta de cidade no nosso solo, porque, não ser, era incorrer no desprezo de muitos dos nossos concidadãos e nas iras de um clero prepotente, porque nos tínhamos convencido, à força de ouvi-lo, que fora dele não há salvação, porque temíamos a cólera do Senhor, as unhas afiadas de Luzbel⁷ e as fogueiras do inferno com que se ameaçava os que não reconheciam a autoridade do que se assenta na cadeira de Pedro, isto é: na cadeira em que Pedro nunca se sentou; porque, finalmente, não deixávamos de entrever uma grande luz, um grande ensino e um grande fundo de verdade na religião romana.

Basta, porém, isto para justificar o nosso catolicismo?

Não o podem contestar, em idênticos termos, os sectários das religiões primitivas? Também neles têm influído as circunstâncias de nascimento e educação, o egoísmo, a influência clerical ou sacerdotal, a esperança da salvação das suas almas, e o temor de terríveis castigos na vida de além-túmulo — e também eles entreveem algo divino e verdadeiro no fundo das suas crenças religiosas.

Em tal caso, é preciso convir que não nos assistem, para sermos católicos, razões mais poderosas que as que podem alegar os judeus, os budistas, os sectários do bramanismo, os maometanos e os filiados às diferentes seitas em que se acha dividida a religião cristã.

E havemos de convir igualmente que, para afirmarmos que as nossas crenças são as únicas verdadeiras, nos apoiamos nas mesmas razões que os filhos dos demais cultos invocam, para sustentarem que as únicas crenças verdadeiras são as suas.

Em suma, chegamos à conclusão de que éramos católicos romanos por sentimento, em virtude de uma série de circunstâncias que se agruparam em torno de nós, independentes da nossa vontade, alheias à nossa iniciativa.

Católicos sem convicção, sem aquela convicção que penetra suavemente na alma por todas as suas avenidas, sem a convicção que é o resultado progressivo da comparação e da comprovação, sem a firme convicção que procede da harmonia das leis dos fatos com o juízo e da harmonia do juízo com a consciência.

Haverá católicos em grande número, que o sejam por este último critério.

E semelhante catolicismo, o geral, seja dito sem intenção de ofender, poderá satisfazer?

Podia ele servir-nos de ponto de partida, de primeiro degrau, para o nosso ensaio filosófico-religioso; mas faltava-nos a convicção, e uma voz poderosa, a da consciência e do dever, repetia-nos sem cessar: buscai a convicção, porque, sem ela, a fé é desprovida do mais legítimo dos seus títulos; a moral, do mais eficaz dos seus apoios; a religião, do mais sólido dos seus fundamentos.

⁷ Literalmente, "bela luz"; Lúcifer, Satanás — N. E.

V

Roma pode errar. - Tem errado. - Pode, portanto, induzir ao erro.

Em nossos estudos, tomamos por ponto de partida a hipótese de que a Igreja Romana pode errar e, portanto, induzir a erro os fiéis que seguem os seus ensinamentos.

Aquele era ponto obrigatório, pois que, admitindo a infalibilidade de Roma, fica entendido que só ela tem o direito de estudar e decidir as questões religiosas.

Que Roma pode errar, como duvidar, se está provado, à evidência, que ela tem errado? E se alguém duvidar, dê-se ao trabalho de lançar a vista pela história dos papas, desses deuses sagrados pelo concílio ecumênico de 1870, e compare-a com a história dos deuses da antiga Grécia e da antiga Roma — compare-a com a de todos os dominadores dos povos, e, vendo como uns e outros seguem a mesma rotina de misérias, de corrupções, de fraquezas, de erros, de contradições, de ambições, de fraudes, de arbitrariedades, e de injustiças, concluirá por não reconhecer outros deuses e outras infalibilidades que não sejam o Deus do Céu e da Terra, e a infalibilidade⁸ da Sabedoria Infinita.

Que Roma pode errar e tem errado, dizem Victor I, no segundo século da igreja; Marcelino, no terceiro século; Gregório I e Vergílio, no sexto; Bonifácio III e Honório, no sétimo; Formoso, Estevão XI e Adriano II, no nono; João XI e João XII, no décimo; Pascoal II, no undécimo; Eugênio III, no duodécimo e, no décimo quarto, João XXII; no décimo quinto, Eugênio IV, Pio II e Alexandre VI; no décimo sexto, Sisto V; no décimo sétimo e décimo oitavo, Clemente XIV; e no décimo nono, Pio VII.

Que Roma pode errar e tem errado, dizem-no as heresias aprovadas por ela num dia e, no outro, condenadas; as contradições do seu ensino; os progressos da Ciência, condenados e logo depois aproveitados; as influências cortesãs dominantes nos palácios dos papas; o procedimento pouco canônico de uns, para conquistarem a tiara; e outras mil verdades, ainda desconhecidas da imensa maioria dos católicos,

⁸ Porque Deus é veraz e todo o homem falaz. São Paulo aos Romanos, 3: 4.

referentes à história da falibilidade dos sucessores de S. Pedro, desconhecidas até hoje, mas que serão amanhã conhecidas e apreciadas por quantos tenham olhos de ver e ouvidos de ouvir.

Felizmente, as fogueiras da Inquisição foram para sempre apagadas, não sabemos se a gosto dos infalíveis, ou se ao irresistível sopro da liberdade por eles proscrita e condenada.

E, pois que Roma pode errar e tem errado, pode também induzir a erros os que das suas doutrinas se alimentam.

Eis por que lhe negamos uma autoridade absoluta e inapelável nas decisões religiosas; eis por que lhe negamos o direito de impor uma fé cega; eis por que reivindicamos o direito de intervir diretamente nos negócios da nossa alma.

VI

O Deus dos católicos. - O Infinito com limites. - O Absurdo.

Segundo o critério romano quem é Deus?

Deus, em sua essência, em si mesmo, é um ser infinitamente puro e perfeito, eterno, imenso, onipotente, causa do Universo, infinitamente bom, sábio, justo e misericordioso; em suma, é o poder, a sabedoria e o amor infinitos concentrados numa individualidade indefinível.

Estamos conformes, de toda a conformidade, com o critério de Roma, quanto à essência da divina substância. Corresponde perfeitamente à ideia que pode fazer da Divindade o limitadíssimo entendimento do homem. Despojar a Deus de qualquer daqueles atributos, seria destruir a concepção de Deus; seria estabelecer a negação como ponto de partida e base de todas as afirmações altruísticas. E isto é perfeitamente o que faz a Igreja Romana dentro do seu critério religioso, na esfera das relações entre o homem e o Ser Supremo.

O infinito limitado, o absurdo, tal o cimento da religião dos papas; mas o cimento de toda religião é Deus — e o Deus de Roma é o infinito com limitações.

Pureza, perfeição, sabedoria infinitas, limitadas, no entanto, por uma impureza, por uma imperfeição, seria um erro eterno; seria o mal absoluto, seria um dos resultados da obra de Deus.

Neste caso o poder infinito para o bem seria limitado pelas conquistas do Espírito maligno, pois revelam claramente a importância divina⁹ ante o poder de uma das suas criaturas.

A bondade infinita seria limitada pela criação da imensa multidão de Espíritos predestinados a eternos sofrimentos.

A misericórdia e o amor infinitos teriam seu limite à porta do horrendo

⁹ Ninguém pode entrar na casa do valente e roubar-lhe as joias, sem que primeiro prenda o valente, para depois lhe saquear a casa. (Marcos, 3: 27)

calabouço dos miseráveis réprobos.

A justiça infinita seria limitada pela injustiça de bárbaros e exagerados castigos, e pelas preferências caprichosas entre os Espíritos angélicos e humanos, entre estes, principalmente, pois, sendo definitiva a sua sorte depois da existência corporal, para que fosse justo o castigo e imparcial o prêmio, seria preciso que todos soframos iguais provas, assim como contrariedades e tentações em condições idênticas.

Se, pois, aceitamos o critério de Roma quanto à evidência divina, muito longe estamos de respeitá-lo como guia fiel e intérprete infalível no que entende com as relações entre as criaturas e o Criador; mas, tão longe mesmo, que não vacilamos em considerá-la a principal causa das divisões e cismas da Igreja, da indiferença religiosa, do positivismo, e do materialismo que tão audaz se ostenta em nossos dias.

O absurdo não pode dar outro fruto que não seja a negação. O absurdo religioso conduz, primeiro, à divisão, ao cisma, e conclui pela indiferença e pelo ateísmo.

Estamos na última fase do Catolicismo Romano.

VII

Dever do homem verdadeiramente religioso. - Necessidade de uma imediata regeneração religiosa

No estado atual das sociedades e na altura a que tem chegado o desenvolvimento do senso comum e da razão humana, não basta dizer e assegurar que tal ou qual igreja é a única depositária do fogo sagrado, e sim faz-se preciso satisfazer, com provas concludentes, as legítimas aspirações dos que baseiam a verdade no seu terreno natural — no terreno da Ciência.

O *magister dixit*¹⁰ já fez seu tempo, e os menos exigentes reclamam alimentos mais substanciais para saciar sua fome intelectual. E, quando em busca da razão da fé, se tropeça num diabo, que limita o poder de Deus — com um inferno que fala contra a bondade, a misericórdia e a justiça divinas, com um purgatório que pode ser abreviado por dinheiro, etc., etc., não é possível deixar-se de exclamar estas doutrinas são ateísticas e irracionais — e o ateu não pode, nem poderá jamais fazer parte da verdadeira religião.

E qual é o dever do homem que crê em Deus e na imortalidade da alma, se persuade de que a sua religião não explica as verdadeiras relações entre a criatura e o Criador — se reconhece que a mentira está de envolta com a verdade — e o transitório e mutável confundido com o eterno e essencial?

O seu dever é levantar a voz contra a impostura, não consentir em silêncio na exploração da razão e dos sentimentos do homem pelo homem, protestar contra os abusos e mistificações que se cometem, tomando-se a Divindade por editor responsável, discriminar o divino e o humano, a fim de que as obras de Deus brilhem em todo o seu esplendor, arrostar as conseqüências, comumente desagradáveis e funestas, que soem provir da defesa de verdades ainda não aceitas pela generalidade dos homens — em uma palavra: cooperar decididamente para que a verdade religiosa faça caminho pelas inteligências e pelos corações, sacrificando nas aras de

¹⁰ *Magister dixit* ("O mestre disse"): expressão em latim utilizada para construir um argumento referindo-se a uma autoridade tida como inquestionável — N. E.

tão santa causa o próprio bem-estar e mesmo a vida, se os acontecimentos fizerem necessário tal sacrifício.

Que nos deve importar o ridículo, se, desprezando-o, levamos o nosso grão de areia para a obra da regeneração humana?

Que nos deve importar o insulto, se no santuário da nossa consciência gozamos a inefável satisfação de quem faz o bem pelo bem, sem esperar recompensa dos homens?

Que importam humilhações — impropérios — anátemas e perseguições, com que os defensores do erro contestam os que se atrevem a denunciá-los ante o grande tribunal da consciência universal, se, com isso, logra-se que a consciência humana se emancipe do secular domínio que corta a sua atividade e se eleve sobre as preocupações que a envolvem e obscurecem?

Basta de temores indignos e de considerações egoísticas, único esteio do vacilante edifício dos absurdos religiosos. Já é chegada à hora de se restaurar e reedificar o Templo, e de se adorar a Deus em espírito e verdade.

Basta de mistificações e de superstições, de comédias religiosas, de deuses pequenos, e de cultos insustentáveis, que têm desmoralizado as sociedades e desenvolvido, de um modo pavoroso, a indiferença, o cepticismo e o culto da matéria.

Não vedes como o mundo moral se desmorona? Não ouvis o ruído das crenças que caem por terra? Não vos faz tremer o clamor que se levanta de todas as consciências, o frio que gela todos os corações, o *simum*¹¹ que impele e arrasta todos os povos, o fogo que abrasa todos os Estados católicos da Terra?

Dirigimo-nos aos homens de boa-vontade. Sabeis por que imperam o dolo e a mentira nas relações sociais e na política dos povos? Por que os laços da família se relaxam e a imoralidade campeia em todas as esferas? Por que o egoísmo se apossa dos homens e por que o ouro é o ímã das suas ações e desejos? A causa de tantos males é a falta de crenças que sejam a sanção da moral — e, sem o regulador da moral, a perturbação se introduz nas famílias e a corrupção agita as sociedades.

Os homens que aspiram à vitória da verdade são mais numerosos que os interessados, de boa ou de má-fé, na sustentação do erro.

Unamo-nos, pois, juntemos os nossos caritativos esforços, porque insulados eles não dão fruto. A arca da salvação, o Evangelho de Jesus, flutua ainda sobre o oceano das misérias humanas.

Não transijamos por mais tempo com a mentira religiosa, seja qual for a sua procedência — sejam quais forem os atavios com que se adorne - seja qual for à autoridade que a pregue e explore.

¹¹ Vento forte e frio que vem do sul em direção ao norte — N. E.

VIII

Farisaísmo e hipocrisia. - Importância do Catolicismo pelo número dos seus adeptos.

Muitos se escandalizarão ou dar-se-ão por escandalizados com a leitura das linhas que precedem: tão pervertidas se acham as consciências de alguns — tão acostumadas elas estão a nutrem-se de hipocrisias e enganos.

A verdade escandaliza-as e revolta-as.

Não sabem escandalizar-se, quando um homem atribui a si próprio infalibilidade, atributo do Ser Supremo; quando um bispo, que se diz cristão, nega obediência aos poderes do Estado e provoca a rebelião; quando um sacerdote romano empunha um fuzil, e ensina, a balázios, o catecismo religioso; quando se regateia a salvação de pobre alma perdida num canto do purgatório, quando um católico que nada na, abundância, clérigo ou secular, se esquece das misérias alheias; quando um pobre é levado à cova sem responsos, por não terem a mulher e os filhos dinheiro para pagá-los; quando um fervente devoto, que reza rosário e ouve missa, empresta aos pobres a juro de vinte ou trinta per cento; quando religiosamente se despoja, de seus bens terrestres, a um pai de família, *in articulo mortis*,¹² com promessas ou ameaças celestiais; quando se ataca à reputação de um homem de bem, *ad majorem Dei gloriam*,¹³ em um círculo de beatos ou de sacristãos; quando se usa do nome de Deus nas contendidas fraticidas; quando se explora o céu, até a ponto de destiná-lo exclusivamente aos filiados de uma bandeira política.

Oh, fariseus hipócritas!¹⁴ Felizmente o mundo já vos vai conhecendo.

A vossa religião é um arranjo, é máscara; porém máscara que está caindo a

¹² Do latim, "na hora da morte" — N. E.

¹³ Do latim, "para maior glória de Deus", é o lema da Sociedade de Jesus, cujos membros são comumente conhecidos como jesuítas. A sociedade é uma ordem religiosa dentro da Igreja Católica Romana. Acredita-se que o lema tenha sido cunhado pelo fundador da ordem religiosa, Santo Inácio de Loyola, como a base filosófica da sociedade — N. E.

¹⁴ Nesta apóstrofe referimo-nos aos que se escandalizam das nossas verdades e não dos fatos verdadeiramente escandalosos que deixamos apontados.

pesar vosso. Tendes Deus nos lábios e o interesse no coração. Invocais a cada passo o Evangelho; porém o Evangelho é a caridade e a humildade, e vós sois orgulhosos e egoístas. Condenais a liberdade, mas usais e abusais dela para vossos fins mundanos.

Jesus Cristo é a paz, é a mansidão, é a justiça, é o amor, é a doçura, é a tolerância, é o perdão, é a luz, é a liberdade, é a palavra de Deus, é o sacrifício pelos outros; e vós sois o reverso da medalha, o polo oposto, a perfeita antítese das suas virtudes. "Mas, ai de vós, fariseus hipócritas, que ocultais o reino do céu aos olhos dos homens! Nem vós entraís, nem aos que entrariam deixais entrar. Devorais as casas das viúvas fazendo grandes orações. Por isso sereis submetidos a um mais rigoroso juízo".¹⁵

"Ai de vós, guias cegos, fariseus hipócritas, que dizíeis a hortelã, o endro e o cominho, e haveis deixado as coisas mais importantes da lei: a justiça, a misericórdia e a fé; estas coisas eram as que devíeis praticar sem que omitísseis aquelas outras. Condutores cegos, que engulis um camelo e vos engasgais com um mosquito".¹⁶

"Ai de vós, fariseus hipócritas, que limpais por fora o vaso e o prato — e por dentro estais cheios de imundícies. Fariseu cego, limpa primeiro por dentro o vaso e o prato, para que seja limpo o que está fora".¹⁷

"Ai de vós, fariseus hipócritas, que sois semelhantes a sepulcros caiados, que parecem por fora formosos, mas por dentro estão cheios de rapinas e imundícies. Assim, vós, por fora pareceis justos, mas por dentro estais cheios de hipocrisias e de iniquidades".¹⁸

Escandalizai-vos quanto quiserdes; mas não vos iludais em pensar que, por esse caminho, continuareis a avassalar moral e materialmente os povos.

O verdadeiro escândalo — o grande escândalo que devíeis ter evitado, é a prostração religiosa em que tantas e tantas mistificações, introduzidas no credo católico romano, têm feito afundar o mundo cristão.

Ah, se fizésseis uma estatística imparcial dos homens verdadeiramente filiados, por convicção, ao Catolicismo de Roma, que desengano sofreríeis!

Quão pequeno ficaria seu número, descontados os indiferentes, os cépticos, os materialistas, os hipócritas, os fanáticos, os católicos de ofício, e os de conveniência! E se dos restantes descontássemos ainda os que interiormente repelem alguns dos dogmas estabelecidos, seria de temer que a Igreja Romana ficasse reduzida ao seu estado-maior, um pouco reduzido, e a alguns milhares de adeptos.

¹⁵ Mateus, 23: 13 e 14.

¹⁶ Mateus, 23: 16, 23 e 24.

¹⁷ Mateus, 23: 25 e 26.

¹⁸ Mateus, 23: 27 e 28.

IX

Roma não é a igreja de Jesus. - Um só rebanho e um só pastor.

Desconsolador é o quadro que em nossos dias oferece a sociedade católica romana. Contra ela prevalecem as portas do inferno, toda a vez que em seu seio se desenvolvem as ruins tendências — e à sua sombra e calor, todas as ambições fermentam, todas as más paixões se nutrem e se robustecem.

E, pois que as portas do inferno não podem prevalecer contra a verdadeira religião cristã, que é a que reconhece por única lei o Evangelho, concluimos que não é Roma a legítima expressão da igreja estabelecida pelo Filho de Maria.

Onde, pois, encontrareis o Cristianismo em sua pureza?

Em nosso sentir, a igreja do cristão não é nenhuma dessas igrejas estreitas, que disputam encarniçadamente a supremacia sobre as consciências e o predomínio temporal, igrejas mesquinhas, que fazem consistir o essencial da religião no conjunto de exterioridades e fórmulas mais ou menos inaceitáveis ou ridículas, igrejas exclusivistas, que condenam a sofrimentos eternos a imensa maioria dos homens e se apoderam do céu como país conquistado, igrejas que grosseiramente arremedam as parcialidades políticas, reservando exclusivamente para seus adeptos e apaziguados as delícias celestiais, igrejas fátuas e orgulhosas, que a si próprias atribuem a posse absoluta da verdade e a infalibilidade do seu critério, igrejas, enfim, que fazem o monopólio de todos os dons com que a Bondade infinita enriquece a Humanidade inteira.

A Igreja do Cristo há de ser algo mais, mais e muito melhor que tudo isto. Maior que Roma, maior que Lutero, maior que Mafoma, maior que as demais igrejas que a si próprias dão o título de únicas verdadeiras. Dentro dela hão de caber todos os homens de boa-vontade¹⁹, chamem-se judeus, protestantes, católicos ou

¹⁹ Eu vos digo que virão muitos do Oriente e do Ocidente, e se assentarão com Abraão, com Isaque e com Jacó no reino dos céus. (Mateus, 8: 11)

maometanos; de outra sorte não seria baseada na justiça, nem seria universal, caracteres inseparáveis da religião divina.

O judeu, o muçulmano, o protestante, o budista, o católico, o cismático, que ama a Deus em espírito e verdade e pratica a virtude, está com o Cristo²⁰ e dentro da verdadeira igreja.

Não é cristão o que se diz tal, só porque recebeu a água do batismo, e sim o que abraça os ensinamentos do Cristo²¹, ensinamentos que se simbolizam numa única palavra: caridade; isto é: amor a Deus e ao próximo.²²

Esta palavra, esta fórmula, este símbolo evangélico liga em um corpo único os homens de todos os países, de todas as raças, de todas as crenças, formando a igreja universal, a Igreja essencialmente cristã.

Dia virá em que somente haverá um rebanho: a Igreja de Deus — e um só pastor: o Verbo, a palavra de Deus, o Evangelho, Jesus Cristo.

Em toda religião há algumas coisas divinas, mescladas com impurezas humanas e como a luz vai manifestando e separando a verdade da mentira, o eterno e essencial do transitório e vão, chegará o dia em que todas as religiões se depurarão e formarão uma única.

²⁰ Mas Deus recebe todo o que o ama e pratica a justiça. (Atos dos Apóstolos, 10: 35.)

²¹ Porque não é judeu o que o é manifestamente, nem é circuncisão o que se faz exteriormente na carne; mas é judeu e é circuncisão o que o é no interior. (Romanos, 2: 28 e 29.)

²² Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Amarás teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos depende toda a lei e os profetas. (Mateus, 22: 37, 39 e 40.)

X

O Evangelho. - A nova escola, - Seus adeptos.

A grande luz e o grande fundo de verdade que entrevemos na religião romana, é o ensino de Jesus; o seu caráter moral denuncia divina origem; pelo que, tomamos por bandeira, para nossos estudos religiosos, o Evangelho — e, por mestre, Jesus Cristo.

Que a sabedoria infinita nos ilumine; este é o desejo que sentimos e a suplica que elevamos.

O Evangelho é a fonte das verdades morais e religiosas, e é fundamento da igreja cristã — da igreja da verdade; mas, assim como se deve ir buscar a água pura e cristalina, não na corrente, porém, sim, no manancial primitivo, assim também o puro Cristianismo deve ser procurado, não na corrente romana, mas sim em seu princípio — no manancial evangélico.

As águas medicinais da verdade, puríssimas em sua origem: no Verbo, expressão do pensamento de Deus, correm adulteradas pela mescla do orgulho e da ignorância, e corrompidas e infeccionadas pelo fermento das misérias humanas.

Remontemos, pois, ao manancial de que procede a corrente, convidando a nos acompanharem quantos sintam a necessidade de reparar os estragos de suas crenças, causados pela impureza do atual Catolicismo.

Tomando essa resolução, ouvimos dizer que se havia formado e propalado no mundo com incrível rapidez, uma escola filosófico-moral cujos adeptos já eram contados por dezenas de milhões, que pretendem restaurar o Cristianismo puro e explicar a religião pelo Evangelho de par com a Ciência.

Será verdade? — dissemos. Será possível que do seio da Humanidade presente, tão perturbada em sua fé, se levante uma voz que arraste as consciências para a lua, uma filosofia que levante os ânimos, uma religião que, brotando do Evangelho, leve a convicção ao entendimento e a esperança ao coração?

Deus dos céus! Que seja isto uma verdade — que não seja uma mistificação, um erro mais sobre tantos que disputam o império das almas!

Mais tarde ouvimos ainda que a nova propaganda era — por uns, qualificada de loucura, por outros, de aberração satânica — e que os filiados sofrem, impassíveis, o ridículo e os anátemas, compadecidos dos que os ofendem com seus sarcasmos ou os perseguem com suas maldições. Que o fundamento da sua religião era a caridade, na qual faziam consistir a moral e as ações humanas, e que a caridade era para eles o essencial do culto, apoiando-se em que o coração e as obras são os únicos e legítimos títulos de merecimento do espírito. Que pregavam recompensas e castigos espirituais em justíssima proporção com o bem ou o mal realizado durante a vida corporal. Que acreditavam na pluralidade dos mundos habitados, considerando a obra da criação, majestosa e grande, como emanção da sabedoria infinita, e na pluralidade de existências, como necessária ao desenvolvimento progressivo e gradual das criaturas, para chegarem à perfeição, que é o fim, e outro não pode ser, da lei a que todo o Universo obedece. E, por último, que, achando-se comprovada, desde a mais remota antiguidade, a comunicação do mundo espiritual com o dos encarnados -comunicação autorizada pelo Evangelho e confirmada por experiências recentes e indubitáveis, é ela aceita, e os ensinamentos dos Espíritos são como fochos luminosos postos por Deus na senda da Humanidade, para alentá-la e guiá-la.

Ainda bem! Qual destes pontos e qual destas afirmações pode ter dado motivo a que seus defensores sejam motejados por loucos ou como instrumentos infernais?

Achar-se-ão, por desgraça, tão obcecadas as consciências, que se julgue loucura recomendar-se a caridade, e conceito diabólico a ideia de um Deus infinitamente grande, infinitamente justo, infinitamente sábio, infinitamente misericordioso e bom?

A ignorância e a malícia sempre se deram às mãos para rechaçarem a verdade e defenderem o erro.

O próprio Jesus Cristo foi qualificado como louco, impostor e instrumento de Belzebu, por seus contemporâneos, e, por último, sofreu a morte, em testemunho da bondade da sua doutrina.

XI

Os adeptos da nova escola. - Os defensores da última hora do Catolicismo Romano. - Campanha clerical.

Antes de condenar e antes de aceitar uma doutrina, é preciso estudá-la, a fim de não se incorrer na insensatez de abraçar ou combater uma coisa sem convicção e sem conhecimento dela; procedimento leviano e atoleimado. Antes de se arguir de malícia ou de loucura, é preciso certificar-se de modo irrecusável de que, na realidade, há loucura ou malícia no ponto obscuro de que se trata.

Tomando esta norma, que nos pareceu a mais prudente e acertada, resolvemos certificar, por nós mesmos, e não de ouvido, como muitos o fazem, do que podia haver de verdade ou de falsidade na escola espírita, que é a nova escola filosófico-religiosa a que nos referimos sem então designá-la.

Sabíamos que lhe estavam filiados muitos homens distintos por seu caráter, pela firmeza de suas convicções cristãs, por sua grande elevação no mundo das letras, por sua posição política e social, e que ela contava, no considerável número de seus adeptos, homens de todas as classes e condições, desde a mais humilde até a mais elevada; e, em verdade, essa circunstância muito concorreu para a nossa resolução de estudar o Espiritismo, entendendo que, se ele era uma loucura, não podia ser senão uma sublime loucura, pois que o abraçavam, e o faziam seu, inteligências tão privilegiadas e tão puros corações.

Corríamos ao risco de ser vítimas do contágio; consolava-nos, porém, pensar que sofreríamos a qualificação na mais honrosa e judiciosa companhia. Tínhamos além disso observado que, entre os mais fervorosos advogados da Igreja Romana, nas discussões privadas que frequentemente se suscitavam a respeito da nova escola, figuravam não poucos homens de moralidade e crenças uma tanto suspeitas, homens que já haviam ridicularizado o Catolicismo, homens descrentes que sempre fizeram gala da sua incredulidade, homens do ouro, positivistas de ruim gênero, sem

consciência, nem pudor, que tudo subordinavam à sua insaciável sede de bens e conveniências materiais.

E, ao ouvirmos tais defensores da última hora falarem a favor das doutrinas de Roma, tão empenhados em se oporem à invasão da loucura espírita, sentimo-nos inclinados a suspeitar de que essa loucura condenava a sua licença, e de que eles estavam mais a gosto dentro da moral romana.

Também excitou vivamente a nossa atenção a cruel guerra movida pelo clero às novas doutrinas, às quais se opõe com empenho muito maior e maior energia, do que ao materialismo, inimigo capital e o mais implacável de toda a crença religiosa.

Concordando-se mesmo que a escola espírita não interprete fielmente o espírito do Evangelho, a verdade é que ela o aceita como base de suas crenças, só isto era bastante para que o clero romano limitasse a sua campanha a mostrar-lhe os erros e a atraí-la, com amor e mansidão, ao redil da ortodoxia.

Longe porém de discutir com unção e brandura, ele rompe abertamente com os novos propagandistas, vitupera-os, insulta-os, amaldiçoa-os, apelida-os de instrumentos de Satanás — e, como tais, vomita sobre eles toda a bÍlis que pode caber em um coração nada cristão.

Por que tanta tolerância com os apóstolos da matéria e tanta raiva com os espíritas que, afinal de contas, procedem do mesmo tronco que os partidários da infalibilidade papal?

Quando falará a esfinge para revelar a razão de tão irregular e misteriosa conduta?

XII

O Catolicismo combatido pela nova escola com os ensinamentos do Cristo. - O Espiritismo: seus princípios. - Os mercadores do Templo.

Não é necessário que a esfinge fale; a chave das iras sacerdotais temo-la no estudo dos princípios e doutrinas que se propagam à sombra da bandeira desfraldada por Jesus há dezenove séculos, e que tem sido transformada em trapo pelos que a têm manuseado e explorado.

Alguns homens de boa-vontade, persuadidos de que não pode ser verdadeira a religião que condena o progresso humano — a religião que repele as descobertas da Ciência; a religião que despoja Deus de seus essenciais atributos, fazendo-o coparticipante das misérias humanas, e leva certas e determinadas criaturas à categoria de deuses; a religião, enfim, que tem levado a descrença e a perturbação aos organismos sociais, procuraram uma tábua de salvação, uma luz que permitisse aos homens medir a profundidade do abismo que se abre em sua desalentada carreira, esta luz eles a encontraram nos ensinamentos do Cristo, no próprio Evangelho em que Roma pretende apoiar seus ensinamentos.

E, como isto é destruir os abusos e erros com os próprios textos de que os fazem derivar, eis por que os interessados em sua continuação distinguem, com o mais cardeal furor, os atrevidos e indiscretos inovadores.

Que lhes importa a eles a escola materialista?

Pode esta ter por si a opinião pública, lutando, como luta, contra a consciência universal, contra as tradições, contra a necessidade, contra a filosofia, contra o sentimento, contra os desejos, contra as esperanças, contra as crenças de todos os povos?

Não temem eles, portanto, os defensores da matéria — e abandonam-nos a seus esforços impotentes, concedendo-lhes, por muito favor, um olhar de compaixão e um sorriso de triunfo.

Por mais que o materialismo procure destruir seu império, nada conseguirá, não colhendo senão provocar conflitos parciais e passageiros na economia social — conflitos que, em última análise, darão maior importância às classes sacerdotais, e torná-las-ão mais necessárias.

Com o Espiritismo o caso é diverso. Esta escola não vem destruir, mas sim corrigir, restabelecer e bradar — Alerta! — a Humanidade que se afastou do verdadeiro caminho, a fim de que, reconhecendo seus extravios e reconhecendo o precipício que se abre sob seus pés, retroceda às vias retas do Evangelho.

Não vem destruir o Cristianismo, mas restaurá-lo, varrendo dele as impurezas introduzidas pelos homens, em oposição às verdades pregadas por Jesus.

Não vem abalar a sociedade por seus fundamentos, mas sim robustecê-los e firmá-los.

Não traz na destra o facho da discórdia, dos ódios, das paixões revoltas, nem prega o egoísmo, o privilégio, a intransigência ou a rebelião, mas, humilde como seu Mestre, Jesus Cristo, ela chama os corações à humildade e à caridade, exalta o sofrimento e a resignação, desperta a esperança da felicidade, pela purificação dos sentimentos e pela prática do bem, e aponta com o dedo o Filho do Homem, como o mais completo modelo que os homens devem seguir. Uma escola de tão puros e benéficos princípios há de chamar a si todas as consciências honestas, todos os corações nobres, todas as inteligências independentes, que buscam a verdade na virtude; e isto é quanto basta para levar o alarme às tendas dos que não admitem outra verdade que não seja suas afirmações, e para convulsionar as iras dos que se sentiam bem com o monopólio do alimento espiritual.

Estudai o século apostólico, vós que tendes olhos de ver, comparai a pobreza do episcopado daquele tempo, dos discípulos de Jesus, com a opulência do episcopado dos nossos dias, e dizei-nos:

Pode isto ser a continuação daquilo? Nada se tem exagerado, nada se tem mudado, nada se tem mistificado?

Se Pedro e Paulo se levantassem por um momento, volveriam a seus sepulcros envergonhados das riquezas e do fausto dos que ousam dizer-se seus sucessores. Cheios de santa indignação, corrê-los-iam a azorrague, como Jesus correu os mercadores do Templo.

XIII

Covardia. - A nossa loucura. - Os prudentes e os loucos do século.

Ronca a tempestade por sobre nossas cabeças.

Como não, se somos fracos e dizemos a verdade aos poderosos?

Quando deixou de ser ridicularizada ou perseguida a verdade que opõe diques a erros e abusos inveterados?'.Desgraçadamente, as sociedades estão organizadas de modo que, embora muitos lhe conheçam os abusos, poucos se acham com a coragem de denunciá-los e de afrontar as consequências da sua ousadia.

Já sabemos, portanto, o que nos espera: ódios da parte de uns e comiseração da parte de outros. Em troca, olharemos para uns e outros com amor.

Estamos possuídos da loucura espírita que consiste no ensinamento da lei moral pela caridade, e marchamos de conformidade com essa lei.

Loucos no meio de um século de egoísmo, fazemos o sacrifício do nosso amor-próprio e de nossas comodidades, e seguimos, até onde no-lo permitem nossas fracas forças, as pegadas de Jesus Cristo.

O que sentimos, o que firmemente deploramos, é não termos a necessária virtude para imitar a Jesus Cristo em todas as nossas ações.

Não somos ainda tão loucos quanto devíamos ser, para nos podermos dizer fiéis imitadores do que morreu para testemunho da divindade da sua loucura.

Por que não chamam loucos aos padres, os bispos, os arcebispos, os cardeais, os papas, e, em geral, os dignitários da Igreja? Por quê? Não é difícil adivinhá-lo.

O deus do século é o bezerro de ouro, e o século chama sensatos aos que possuem o precioso metal de que se fabrica o seu deus.

O espírito do século é a mercancia, e o século reconhece, por filhos seus, os que sabem mercadejar e obter pingues gorjetas.

A moral do século é a comodidade e os prazeres, e o século aplaude os que gozam e desfrutam as comodidades da Terra.

O século não inquire de linhagem nem de procedências, não pergunta a quem quer que seja donde vem e para onde vai, toma as coisas tais quais se apresentam, e limita-se a perguntar a cada um por sua posição e riqueza, para exclamar: vós homens do negócio, do bem-estar e da fortuna, vinde a mim, porque sois filhos da sensatez resultante do positivismo utilitário, e vós, pobres do coração, que antepondes ao negócio a consciência e o dever, e não tendes sabido ajuntar os presentes da fortuna, passai à minha esquerda; não sois meus filhos; sois uns néscios e uns loucos, dignos do sarcasmo e do desprezo.

XIV

As nossas esperanças a respeito dos católicos, dos indiferentes em religião e dos materialistas.

Alguns nos lerão com imparcial critério e virão a nós.

Sorri-nos a esperança de que estes serão em maior número, porque o maior número sente a imperiosa necessidade de encher o vácuo que os sofismas religiosos deixaram em seu coração.

Cedo ou tarde, quantos se dedicarem de boa-fé ao estudo da natureza humana, em suas relações com a Divindade, se recolherão à sombra das consoladoras crenças por nós aceitas, porque reconhecerão que elas são necessárias, e que não é o Espiritismo uma escola fanática, impregnada de misticismo fantástico, como geralmente se crê, mas sim uma doutrina racional, sancionada pela lógica e confirmada pelos fatos.

Os católicos sinceros, que seguem e observam os ensinamentos de Roma, porque vivem na persuasão de que são os únicos verdadeiros, como fiel expressão das prédicas de Jesus, abraçarão com entusiasmo o Espiritismo, considerando bem a estreiteza e as tendências acomodatórias do critério dos papas — e a pureza evangélica da moral que a nova escola tem por fim restaurar e difundir.

Não aceitam, por seu credo, o Evangelho?

Pois venham ao nosso campo, que também invocamos o Evangelho e o proclamamos como de origem celestial, e mais que celestial, divina.

Queremos, porém, o Evangelho em sua pureza cristã: não corrigido nem aumentado ao sabor dos interesses e caprichos dos homens.

Perscrutai o Evangelho, católicos romanos; perscrutai bem, e dar-nos-eis a mão, e unir-vos-eis a nós no empenho de cooperarmos para o renascimento da verdadeira fé, pois que vereis com a maior claridade que, se Jesus Cristo foi o reflexo do pensamento de Deus, Roma está hoje muito longe de refletir o pensamento de Jesus Cristo.

Também aguardamos a vinda dos indiferentes, daqueles cujo indiferentismo

provém menos do apego aos gozos materiais, que das contradições onde pensavam encontrar a solidez da verdade e a fonte de suas crenças.

Esses tampouco se ocupam com a existência de Deus e com a sobrevivência da alma; não porque neguem interiormente uma e outra, mas porque a sua razão não pôde transigir com os erros palpáveis que obscurecem a concepção daquelas duas afirmações.

Desapareça a contradição, fale-se de um Deus verdadeiramente justo e sábio, e de uma vida futura, sem castigos ferozes e prêmios imerecidos - e eles deixarão, com íntima satisfação, sua indiferença, em parte justificada.

Igual esperança, alimentamos quanto aos materialistas, que o são, não por sistema, mas por não terem encontrado terra firme no espiritualismo das religiões existentes.

Veem nelas a confusão, e preferem o vácuo é porém o vácuo é um abismo sem fundo — e o abismo é o desespero.

Quem se afoga busca uma tábua, o que se sente afogar no espaço, agarra-se à corda que mão benfazeja lhe atira.

A tábua salvadora, que nós lhes oferecemos, é o estudo do Espiritismo, no qual poderão saborear os princípios de uma filosofia robusta, e adquirir uma fé consoladora e firme baseada em fatos irrecusáveis.

Católicos, indiferentes, materialistas, homens de bom senso, estudai.

Não vos pedimos uma adesão fácil; pois sabemos, e vós sabeis, ao que conduz a aceitação, sem reflexão, das crenças religiosas.

O que vos pedimos — o que vos aconselhamos — e, fazendo-o, cumprimos um dever que não podemos calar, é que estudeis e compareis.

XV

O Espiritismo julgado sem prévio estudo. - Afirmações romanas e afirmações espíritas.

Como o nosso objetivo se resume a assinalar a senda por onde chegamos à escola espírita e como tomamos assento em seu seio, julgamos ocioso fazer nestas páginas um estudo consciencioso e filosófico dos princípios que essa escola sustenta.

Livros há, em que aqueles princípios são expostos com a extensão e profundezas convenientes. A eles enviamos os nossos benévolos leitores.²³

Apesar porém disto, diremos alguma coisa sobre as afirmações capitais da nova escola, visto termos até aqui procurado patentear as contradições e erros da doutrina romana, não falando senão ligeiramente do Espiritismo.

Isto nos autoriza, na opinião dos homens pensadores, a recusar a moeda falsa que Roma nos oferece por ouro de lei; não, porém, a filiar-nos noutra igreja e a substituir, por outras, as principais crenças, pois queremos tornar bem claro; que, se deixamos de lado alguns ensinamentos romanos e abraçamos a religião verdadeiramente cristã, não é senão em virtude da maior reflexão — da maior maturidade — do maior estudo.

Além de tudo, não só o vulgo, mas também muitíssimas pessoas de grande ilustração têm formado do Espiritismo um conceito extravagante, sem fundamento, visto não o haver estudado por si mesmos, aceitando com suma ligeireza apreciações alheias, inspiradas, na maioria dos casos, na paixão e no interesse. Este é mais um motivo para que nos estendamos em considerações que julgamos oportunas no intuito de destruirmos conceitos errôneos e infundadas prevenções.

Para tal fim, apresentamos, em frente uns dos outros, os ensinamentos espíritas e os do Catolicismo Romano, para que, comparando-os, decidam quais deles merecem a

²³ Aos que desejarem possuir convicções sólidas em matérias religiosas, recomendamos a leitura dos seguintes livros: *Deus na Natureza* e *Pluralidade dos mundos habitados*, por Camille Flammarion; *Pluralidade das existências da alma*, por André Pezzani. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, *A Gênese*, *O Céu e o Inferno*, *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*, por Allan Kardec, e muitos outros.

preferência.

AFIRMAÇÕES ROMANAS	AFIRMAÇÕES ESPÍRITAS
Um único mundo habitado: a Terra.	Pluralidade de mundos habitados.
Existência única do homem.	Pluralidade de existências do homem.
Sorte definitiva depois da morte.	Reencarnação das almas.
Inferno eterno em absoluto.	Eternidade relativa dos sofrimentos da alma.
Comunicação entre o diabo e o homem.	Comunicação dos Espíritos superiores e inferiores com o homem.

Em muitos outros pontos diferem as duas escolas; porém, conforme já dissemos, não pretendemos ocupar-nos extensamente de ambas nem fazermos detalhado estudo comparativo — estudo que talvez mais tarde se realize. Por hoje, limitaremos nossa tarefa a apresentar ao leitor algumas das razões que põem em relevo a superioridade do cristianismo espírita sobre o romano, em suas essenciais diferenças características.

XVI

Pluralidade dos mundos habitados

Moisés, escrevendo no primeiro capítulo do Gênesis, versículos 14 e 15, que Deus criou os astros para luzirem no firmamento e alumiar a Terra, expôs literalmente a opinião vulgar de seus contemporâneos, e porventura a sua própria, pois que, se, como legislador, era ilustrado, como astrônomo não resplendia em tão elevada altura.

Viu que as estrelas luziam e alumiam e acreditou piamente que o Supremo Criador as havia engastado nas superiores abóbadas, para luzirem e alumiar. E, como havia concebido, assim o escreveu no primeiro dos livros que compôs para recolher a tradição e referir a história do seu povo.

Apesar da categórica afirmação de Moisés, o certo é que os astros foram criados por Deus para algo mais que alegrar a Terra com sua luz e nenhuma dúvida temos de que o caudilho do povo hebreu teria opinado conosco, se soubesse que, além do firmamento, rolam milhões de milhões de astros cuja luz não atinge a Terra.

Para que fim pôs Deus esse infinito número de astros que se banham nas imensidades do éter, muito além do firmamento de Moisés?

Este nos disse que foi para alumiar a Terra; mas, uma vez que tal não se dá, força é convir que, longe de supor-se um erro de cálculo no Legislador do Universo, deve-se ter por certo que Moisés se equivocou.

O equívoco do caudilho hebreu desaparece no entanto, se, em vez de se tomarem pela letra os versículos citados, se procurar o conceito que deles decorre.

Subordinando-se todos os demais astros a Terra, e esta, segundo os versículos 28, 29 e 30, ao homem, segue-se que as luzes do céu foram criadas para iluminarem as humanidades, e não somente o nosso planeta.

Deste modo, Moisés, divinamente inspirado, estabeleceu uma grande verdade, desconhecida dele e dos homens do seu tempo; pois não há dúvida de que as estrelas foram criadas para alumiar e darem vida à Humanidade.

Sendo assim, é não menos certo que o número dos astros cuja luz não chega a

Terra excede infinitamente o dos que vemos brilhar em torno dela, e podemos, em boa lógica e, autorizados pelo Gênesis, deduzir que a Humanidade não está limitada aos homens que povoam a superfície do planeta, pois são muitos — muitíssimos, inumeráveis — os mundos habitados espalhados pelo Universo, e toda a criação canta a glória e a sabedoria de Deus, visto que em toda ela há seres capazes de conhecê-lo e adorá-lo.

Esta verdade confirmou-a Jesus, quando disse: Há muitas moradas na casa de meu Pai.²⁴

Que casa e que morada são essas de que nos fala Jesus, senão a Universo e os mundos que servem de habitação aos homens, infinito Universo, e digno da imensidade de Deus, porém, com mundos limitados como as criaturas a quem servem de moradas?

Só a ignorância poderia imaginar que o nosso planeta, o pigmeu dos astros, miserável grão de areia no espaço, merecesse a preferência e a homenagem sobre os demais corpos celestes.

Só o orgulho do homem da Terra, porventura dos menos elevados na escala do progresso, poderia atrever-se a pôr limites à criação, supondo que toda a Humanidade estava reduzida ao seu mundo. Como era de esperar, a Ciência está de acordo com as palavras de Jesus e com o pensamento que Moisés exprimiu, sem penetrá-lo.

As vistas do astrônomo, rompendo pelo telescópio enormes distâncias, fixaram-se em outros astros, e descobriram neles todas as condições de vida que enriquecem o nosso.

E como seria ofender a Deus, em sua sabedoria, supor que ele criou mundos em condições inúteis e desnecessárias, mais uma vez se demonstra que não é a Terra a única habitação dos homens.

Moisés, Jesus Cristo, a Ciência, atestam a pluralidade dos mundos habitados; e, pois, os que outra coisa afirmam, pecam contra a Ciência, contra o Evangelho e contra o Gênesis.

²⁴ João, 14: 2.

XVII

Pluralidade das existências da alma

No dizer de Roma, as almas são criadas no momento de virem aos corpos, seus instrumentos de bem-aventurança ou de perdição.

Vivem depois sob o invólucro material e, emancipando-se dele pela morte, são transportadas ao infinito, para cantarem eternamente louvores a Deus ou para blasfemarem eternamente.

Analisemos estas afirmações à luz da razão. Se a alma passa, ao sopro divino, do não ser ao ser, no momento de penetrar no corpo, como se lhe assinar responsabilidade no pecado original dos nossos primeiros pais?

Por que princípio de justiça, por que impenetrável mistério se lhe imputa uma falta cometida quando ela ainda não havia sido criada?

Será, porventura, que o Supremo Criador não criou as almas, mas fê-las de uma substância contaminada em sua primeira manifestação individual?

Todos os homens, diz-se, estavam contidos no primeiro.

Como é isto? Corporal ou espiritualmente?

Na primeira hipótese há um erro evidente; pois que o organismo humano se renova, de modo que, em certo tempo, não existe nele nenhuma partícula do que foi o corpo nos primeiros dias da vida; na segunda, o próprio Catolicismo Romano estabelece que Deus cria sucessivamente as almas, o que repele a hipótese.

Supondo mesmo que houvesse no primeiro homem o princípio gerador e orgânico, que se há transmitido pela geração aos demais, não deixa de ser menos concebível a transmissão do pecado original.

O único responsável pelos atos da malícia é o eu, o ser inteligente e livre, a alma, e, portanto, o responsável pelo primeiro pecado é exclusivamente a alma, que o praticou²⁵, e de modo algum as que não foram presentes, nem contribuíram para que ele se desse.

²⁵ A alma que pecar, essa morrerá: o filho não carregará com a maldade do pai, nem o pai com a do filho; a justiça do justo sobre ele será, assim como a impiedade do ímpio. (Ezequiel, 18: 20.)

Ainda mais: a mácula original, segundo afirma a igreja dos papas, foi completamente lavada pela água do batismo. O homem, recebido aquele sacramento, fica puro e imaculado, de sorte que, se naquele feliz instante desaparece do número dos viventes, a sua alma se eleva sem tropeço aos pés do seu Criador.

Ainda bem. Se o homem pelo batismo se desprende do pecado hereditário, por que novo mistério o transmite a seus filhos? Em virtude de que lei nova transpassa e lega a seus herdeiros um vício, uma lepra, uma dívida, que já tinha saldado?

E, se herdamos as consequências da primeira falta, que, por ser a primeira, não deixa de ser da natureza das outras, por que não se herdamos as consequências da segunda e da terceira?

Ponhamos de parte responsabilidades absurdas e inconcebíveis em justiça e estudemos o que pode significar o pecado original no terreno filosófico, já que a religião romana lhe dá uma interpretação evidentemente errônea.

Que o homem vem ao mundo com algum vício anteriormente contraído, não é lícito pôr em dúvida, e menos negá-lo. Tal fato aparece escrito, com caracteres irrecusáveis no organismo humano e em cada uma das manifestações da alma.

Os sofrimentos físicos e morais não merecidos por atos da vida presente; a miséria, os infortúnios, as enfermidades, o idiotismo, a loucura, que são, que podem ser ante a justiça de Deus, senão provas assaz claras de que o Espírito vem às lutas da vida com feridas recebidas em anteriores combates?

Que podem ser senão consequências de extravios e erros persistentes da alma? E, pois que não é possível conceder a culpa sem o culpado, preexistindo à primeira, a preexistência do segundo fica igualmente estabelecida e fora de toda a dúvida.

Resumamos: O homem não é responsável por pecado em que não tomou parte pessoalmente, por sua livre vontade; logo, a teoria da Igreja Romana, quanto à transmissão do pecado original, é evidentemente errônea.

A vida é uma demonstração palmar de que o homem vem ao mundo com responsabilidades inatas; logo, a alma humana em quem se faz efetiva tal responsabilidade é preexistente à sua união com o corpo.

Resulta daí que, além da vida presente, da existência atual, o homem deve ter tido outras existências solidárias. A cada uma das quais a alma traz a responsabilidade das faltas cometidas na anterior e os efeitos de suas fraquezas e extravios; existências de provas, de reparação e de purificação, destinadas a conduzi-la, de grau em grau, à perfeição e à felicidade, por seus merecimentos e virtudes.

XVIII

Consequências absurdas derivadas do dogma da existência única da alma. - Reencarnação das almas.

Vejamos, agora, as consequências que resultam de aceitai-se a sorte definitiva da alma depois da morte; e, se tais consequências são ofensivas à justiça e à misericórdia de Deus, como poderá o verdadeiro cristão deixar de repeli-las por seus fundamentos?

Que Deus não faz exceção de pessoas (São Paulo aos Colossenses, 3: 25) disse o Apóstolo dos gentios; todos os homens são iguais em sua presença, e cada um recebe o fruto das suas obras.

Esta doutrina, que é a do colégio apostólico, a dos primeiros dias do Cristianismo, nos quais se respirava, em toda a sua pureza, o hálito divino do ensino de Jesus, é completamente incompatível com o destino definitivo das almas depois de uma única existência corporal.

Que aos olhos de Deus não há distinção de pessoas, compreende-se claramente pelo simples bom senso; porque não pode havê-la em sua justiça — e, em Deus, não se pode supor contradição, o que haveria se a sorte do homem fosse definitivamente resolvida depois da morte. E o que nos propomos demonstrar.

No procedimento de cada um influi uma multidão de causas.

A idade, o sexo, o temperamento, as inclinações naturais, a saúde, o país em que se nasce, a educação, o talento, a posição social, e outras mil condições e circunstâncias contribuem para formar a moral do indivíduo e para dirigir sua vontade.

Essas causas estabelecem tal variedade entre os homens que, pode-se afirmar sem receio de erro, não há dois em condições de existência perfeitamente idênticas, em todo o gênero humano.

O princípio de tão notórias desigualdades entre os homens, de modo algum

pode ser atribuído a Deus; pois valeria por atribuir-lhe a exceção de pessoas de que fala o Apóstolo; donde a arbitrariedade e o capricho.

Como atribuímos ao Ser Supremo, essa desigualdade de condições, sem ofendermos a sua justiça?

Por que uns morrem em idade em que não puderam conquistar merecimentos, nem contrair responsabilidades, ao passo que outros vivem longos anos e se fazem merecedores de castigos e de recompensas?

Por que há de haver afortunados que, por exemplo, nascem no seio do Catolicismo, e mal-aventurados que vêm à vida em terra infiel; predestinados os primeiros, certamente, a gozar o céu - e os segundos a aumentarem o número das almas condenadas?

Como explicar o fato de serem uns inclinados à prática do bem, que fazem sem esforço — e outros não poderem fazê-lo sem violentar a corrente das suas inclinações, que os arrasta para o mal?

Por que se nega à generalidade dos homens o direito de pensar que se concede a uns tantos, se este dom é uma lâmpada acesa para conhecer-se Deus e as leis da sua soberana vontade?

Por que a miséria, a baixa condição, a feiura, as deformidades, a falta de saúde, a humilhação, e os sofrimentos morais de um lado; e do outro a abundância, a elevação social, a formosura, a robustez, a glória, e a tranquilidade de espírito?

Não; não pode ser Deus autor de tantas desigualdades, porque as imperfeições não procedem da perfeição infinita.

O nosso nascimento não é mais que a continuação da nossa perfectibilidade, e um efeito do grau de progresso que, por nosso livre-arbítrio, temos alcançado.

Vimos ao mundo colher o fruto das sementes plantadas em anteriores existências, e semear de novo para a vida futura.

Somos, por conseguinte, nós e não Deus, a causa da diversidade das condições humanas.

A alma, despreendendo-se do seu invólucro corporal, readquire a memória do seu passado, temporariamente perdida, lança a vista para o caminho percorrido e pressente o que lhe falta ainda percorrer, estuda seus erros, examina suas impurezas, mede sua fraqueza e sua força, e busca, em uma série de reencarnações, os meios de purificar-se, de reparar o mal feito, de retificar seu falso juízo e de aproximar-se do seu sapientíssimo e bondoso Pai, que a espera para recebê-la em seu seio.

Quão esplendorosa brilha, deste modo, sobre a Terra, a justiça de Deus!

O homem é filho de suas próprias obras; e as diferenças humanas são filhas do uso que cada um faz da sua liberdade.

Renascem a paz e a esperança nos corações, brota a verdadeira piedade,

revive a fé, progride o homem, e a Humanidade progride...

Um suave murmúrio de louvores se eleva da Terra ao céu, porque do céu desce um raio de luz reparadora, que dissipa as trevas e o desalento.

Não se julgue que a justa e consoladora teoria das reencarnações sejam exclusivas destes tempos e da escola espírita.

Filósofos ilustres da antiguidade sustentaram-na; proclamaram-na os profetas; o próprio Jesus a indicou, pregaram-na os Apóstolos²⁶ e, posteriormente, continuaram a defendê-la veneráveis doutores da igreja católica, entre os quais, alguns, como Clemente de Alexandria e Gregório de Nicéia, são venerados nos altares cristãos.

Um bispo francês, Monsenhor de Montal, falou das vidas anteriores da alma em uma pastoral que publicou em 1843.

²⁶ Na terceira parte deste livro, encontrará o leitor uma multidão de citações comprobatórias da reencarnação da alma, bem como das demais teorias essenciais da escola espírita.

XIX

Eternidade relativa das penas das almas

Defrontamos com o cavalo de batalha do Catolicismo Romano: o dogma do inferno eterno, com que ameaça os míseros mortais que não praticam a virtude a morrerem impenitentes; dogma horrendo, que, começando por incutir o desânimo, acaba por inspirar, nas almas fracas, o sentimento do desespero.

O inferno romano, substituindo o amor pelo terror, desnaturou completamente o gênio do Cristianismo; pois não há dúvida de que o dogma que mais influi, no ânimo dos fiéis, é o da eternidade das penas que flutua nos corações, muito por cima do sentimento do amor e da caridade, pedra de toque do Cristianismo evangélico.

Nem no Velho nem no Novo Testamento encontramos coisa alguma que se pareça com essa maldição eterna, que Roma põe nos lábios da Bondade e da Misericórdia infinitas. Encontramos, sim, severíssimas ameaças, que, no entanto, não cerram jamais a porta ao arrependimento e à reabilitação.

E a linguagem das Escrituras é quase sempre hiperbólica, especialmente na cominação dos castigos, em razão de não abrandarem nem se comoverem facilmente os corações aos quais era dirigida; e é a isto que devemos atribuir a aplicação da palavra eternidade, tratando-se dos sofrimentos espirituais.

No versículo 6, cap. VI da Epístola aos hebreus, São Paulo afirma ser impossível a reabilitação do que, uma vez iluminado, cai — e, no entanto, os comentaristas dão ao vocábulo impossível a significação de difícil.

Se, pois, impossível pode significar difícil, por que eterno não poderá significar longa duração?

Nenhuma falta pode o homem cometer cujas consequências sejam eternamente permanentes. Ele é limitado, e limite, por conseguinte, terá tudo que emanar da sua natureza.

A isto opõem, os que defendem a eternidade do inferno, que, se o pecado do homem não tem da parte deste o caráter ou selo do infinito, adquire-o, por ser

infinita a entidade a que esse pecado ofende.

Estranha maneira de discorrer! Não seria mais lógico dizer que, quanto mais pequeno for o ofensor, menor é a importância da ofensa — e que, sendo infinita a distância que o separa, não há, nem pode haver, ofensa da criatura ao Criador?

A Igreja define os pecados mortais, dizendo que eles são ofensas graves, e que os veniais são ofensas leves contra Deus; mas, como haver ofensas leves, sendo o ofendido Deus, e se devemos julgá-las, não em relação ao ofensor, mas em relação ao ofendido?

Aceitando a lógica romana: se o castigo eterno merecem os pecados que se classificam de mortais, castigo eterno merecem os veniais, pois que uns e outros são ofensas a um Ser eterno e infinito.

O Espiritismo não compreende um Deus injusto, iracundo e vingativo; nega, por isso, a eternidade de penas, entendida em sua acepção rigorosa e absoluta, admitindo-a unicamente em um sentido relativo — no sentido de que a purificação há de ser tão duradoura quanto a impureza — e a expiação tão intensa quanto a maldade da falta.

Terminaremos este parágrafo com as seguintes palavras de Isaías:

"Não castigarei eternamente e fim terá o meu rigor; porque de mim saíram os Espíritos, e eu criei as almas".²⁷

O dogma do inferno vem magistralmente tratado na comunicação nº 23, da segunda parte deste livro. Recomendamos a leitura dessa comunicação.

²⁷ Isaías, 57: 16, segundo a Vulgata.

XX

Comunicação entre o mundo espiritual e o dos encarnados

A muitas pessoas, mais ou menos conhecedoras da Doutrina Espírita, temos ouvido dizer e repetir:

"É pena que o Espiritismo aceite a comunicação do mundo dos Espíritos com o dos encarnados! Sim, este lado ridículo e fantástico seria mais cabível nas teorias religiosas, porque é a mais racional, a mais consoladora e a que melhor explica as relações do visível e corporal com o invisível e espiritual".

Esses tais pertencem ao número dos que se blasonam de despreocupados — e temem a classificação de crédulos ou supersticiosos, se transigirem com a idéia da comunicação dos Espíritos.

Outros — e estes são a generalidade dos católicos — admitem o fato da comunicação; porém, em vez de considerá-la ensino proveitoso, permitido por Deus, e dado por Espíritos de todas as categorias na escala do progresso, atribuem-na à intervenção maléfica do Espírito das trevas, partindo do suposto que, nem os bem-aventurados do céu, nem as almas dos que temporariamente sofrem no purgatório, nem os condenados à dor sem termo, podem comunicar-se com os mortais. Dessa liberdade, dizem, somente gozam os demônios, para fazerem aos homens suas tentações e arrastá-los às fogueiras inferiores, isto é, à inquisição eterna.

Outros, finalmente, os materialistas, negam redondamente a comunicação espírita, como tudo o que aparece com caráter extranatural e fora do alcance dos sentidos e atribuem-na a causas puramente mecânicas, conquanto desconhecidas: à alucinação ou à feitiçaria.

A comunicação espiritual, sanção dos princípios que constituem o credo do Espiritismo, pois que, faltando ela, careceriam de autoridade e não se elevariam da esfera das hipóteses humanas aqueles princípios, é a continuação da revelação divina, sem cujo auxílio jamais teria a Humanidade alcançado a ideia de Deus e o

conhecimento de seus deveres morais e do seu futuro destino.

Sendo necessária a revelação para o progresso das sociedades, ela devia vir, e tem vindo, do Alto, em todos os tempos, na medida das necessidades humanas e do cultivo e aperfeiçoamento das almas.

A Ciência e a lei moral vêm de Deus; e, portanto, a Humanidade, sem a revelação, não teria dado um passo nas vias da Ciência, nem produziria um código moral que merecesse dos homens um mediano respeito.

Ou é preciso ir com os materialistas à negação de Deus e da sobrevivência individual do Espírito, ou é preciso aceitar a possibilidade e a realidade da comunicação espiritual.

O mais lógico é aceitar a possibilidade, porque, se os Espíritos presos no grosseiro cárcere do corpo comunicam, apesar disso, seus pensamentos, com quanta maior facilidade poderão comunicá-los, rotos os laços que os prendiam e tolhiam?

Aceitemos a realidade; porque, além de vir à comunicação com o testemunho dos homens, é, como o temos demonstrado, um fato necessário — e o que é necessário, infalivelmente sucede.

Não merece a honra de uma refutação à ideia de atribuir ao diabo, exclusivamente ao diabo, as comunicações espirituais. Dando de barato que o diabo fosse uma entidade real, uma personalidade e não um mito alegórico, seria blasfêmia supor que Deus consentisse numa influência maléfica sobre as criaturas e lhes recusasse a influência benéfica dos Espíritos de luz.

Não existindo entre o homem e os Espíritos outra comunicação que não seja a diabólica, de que servem as orações aos santos, tão recomendadas pela igreja?

Era o diabo o Espírito que inspirava os profetas, que punha em movimento a pena de Isaías²⁸, que enviou João a batizar em água²⁹, dizendo-lhe como reconheceria a Jesus?

É o Espírito maligno que Jesus promete³⁰ aos que em espírito pedirem ao Pai?

Foi demônio o Espírito que saudou a Maria, e o que falou pela boca de Estevão³¹, e o que conversou com Pedro e com o centurião Cornélio³², e o inspirou a Agabo?³³

Referindo-se Paulo, o Apóstolo dos gentios, às comunicações do Espírito³⁴, em sua carta aos filipenses, aludiu porventura a comunicações infernais?

"Caríssimos — disse S. João, em sua primeira carta³⁵ —, não acrediteis em todo Espírito, mas verificai se são de Deus"; formal confirmação da possibilidade e

²⁸ Isaías, 8: 1.

²⁹ João, 1: 33.

³⁰ Lucas, 11: 13.

³¹ Atos dos Apóstolos, 6: 9 e 10.

³² Atos dos Apóstolos, 10: 19 e 22.

³³ Atos dos Apóstolos, 11: 28.

³⁴ Filipenses. 2: 1.

³⁵ I João, 4: 1.

realidade da comunicação recíproca dos Espíritos, em seus diversos graus, como os homens.

A comunicação espírita foi e continua a ser uns fatos constantes, atestados pelas Escrituras e por milhares de homens de todos os tempos e de todos os países.

Como se verifica esta comunicação? Ignoramo-lo; esta ignorância, porém, não destrói o fato. E ignoramo-lo, porque desconhecemos a natureza do corpo espiritual de que fala S. Paulo em sua primeira carta aos coríntios.³⁶

Se a comunicação espírita fosse, como creem os materialistas, resultado de uma alucinação, que não se explica sendo tão geral, ainda assim veríamos nela a ação providencial da Divindade; pois que só pode ser de origem divina uma alucinação que eleva as almas pelo cumprimento do dever.

³⁶ I Coríntios, 15: 44.

XXI

Fé cega e fé raciocinada. - Conformidade do Espiritismo com o Cristianismo. - Os tormentos da dúvida. - O nosso credo.

Começamos os nossos estudos de Espiritismo com a resolução de abandoná-los se, no caminho de nossas investigações teóricas-práticas, surgisse algum princípio oposto à moral evangélica, baluarte inabalável de nossas crenças religiosas.

Envoltas no tenebroso turbilhão que nasce da discordância da fé com a razão, quisemos arrancar a túnica envenenada da dúvida e procurar a paz dos corações crentes; mas isto sem sairmos dos limites do Evangelho, monumento imperecível da verdade revelada.

E qual foi o resultado, qual o fruto colhido na excursão realizada?

O presente trabalho responde claramente.

Renunciamos completamente à fé que não pôde suportar o peso da investigação — e colhemos, em compensação, profundas convicções e a confiança que inspira a certeza de se haverem encontrado os traços da verdade.

Somos fracos, somos fáceis às seduções da carne e do orgulho; porém não podemos deixar de confessar que o Espiritismo é um regulador eficaz dos costumes e poderoso incentivo a todos os bons sentimentos.

Não se opõem as doutrinas espíritas à moral pregada pelo Filho do Carpinteiro; antes vêm oferecê-la em toda a sua pureza e limpa das inovações humanas que a tem desnaturado e corrompido.

Registrando as prédicas de Jesus e dos Apóstolos, capítulo por capítulo, versículo por versículo, vimos nelas claramente sua perfeita concordância com todos os fundamentos do Espiritismo — e não menos clara discordância com grande número de dogmas do papado.

Nesta alternativa, a quem devemos seguir: ao papa ou a Jesus? Aos bispos do

século ou aos Apóstolos das primeiras eras?

Deveremos seguir a Roma que condenou, ou a Jesus que não veio condenar, mas salvar?³⁷

A escolha é fácil. Sem vacilação, nos acolhemos à bandeira do Cristo e, à sua sombra, aguardaremos o cumprimento das divinas promessas: céus novos e terra nova onde domine a justiça.³⁸

Abraçados a ela, arrostaremos as provações, os insultos, às injúrias, as ameaças, os ódios e as perseguições, pedindo, a quem nos há de julgar a todos, tesouros de caridade e de amor para saber perdoar aos nossos inimigos.

Por que nos odiarem e nos perseguirem? Somos, porventura, responsáveis por adquirirmos convicções, pedindo a Deus luz e proteção? Erguemos, acaso, algum pendão de extermínio?

Se não quiserdes vir conosco, inspirar-vos em sentimentos cristãos, não nos persigais; pois que, se o Espiritismo é invenção humana, por si mesmo sucumbirá — e, se divina é sua origem, em vão tentareis pôr diques à corrente invasora da vontade de Deus.

Somos espíritas em Cristo, e os nossos deveres em Cristo são a prédica da verdade e a prática do amor. Em cumprimento desse dever, para nós sagrado, vamos hoje dizer a nossos irmãos que nos lerem: não ridiculizeis, não repudieis o Espiritismo sem estudá-lo; não desprezeis a nova revelação que baixa das alturas, e nela descobrireis o remédio para vossos males e para as enfermidades que corroem as entranhas da sociedade moderna.

Vinde conosco, nós vos pedimos, e pedimo-lo, porque sois nossos irmãos e queremos vosso bem e vossa felicidade. Vinde, os despreocupados, que não encontrareis em nós superstições ridículas. Vinde, os católicos sinceros, que o demônio não pousa onde reinam a caridade e a adoração ao Ser Supremo. Vinde os materialistas, pois, se procurais de boa-fé as provas do vosso erro, provas tereis com que encher o vácuo em que miseravelmente vos revolveis.

Quão longos, tristes e negros, são os dias em que se apodera da alma a dúvida, e a fustigam, e a torturam com a ameaça de um futuro que se some na pavorosa confusão do nada!

Os sentimentos, a vontade, a consciência, o juízo, todas as forças vivas do espírito se sublevam, sentem horror ao vácuo, à negação, e buscam, na Terra, no espaço, no céu, onde quer que veja brilhar uma chispa luminosa, a afirmação do seu ser e da sua imortalidade.

Consulta, então, o homem a seus semelhantes; mas onde achar uma autoridade infalível?

³⁷ Lucas, 9: 56.

³⁸ II Pedro, 3: 13.

Inquire à Ciência, pergunta à Religião; porém estas se destroem; e tal confusão aumenta as dúvidas do espírito.

As noites de insônia sucedem os dias de ansiedade, a saúde se quebranta, foge a paz do coração, e perde-se, por fim, a ditosa atividade do bem, que necessita do estímulo da esperança e do incentivo da fé.

Também nós, pouco mais pouco menos, temos passado por essas fases do espírito, por estes Silas e Caríbdes da dúvida e do temor.

Por isso mesmo, e porque temos experimentado as suaves doçuras que penetram na alma com as doutrinas que o Espiritismo professa, chamamos para nós os enfermos, os que carregam a cruz do infortúnio, os que correm desorientados em busca das verdades psicológicas, as frágeis barquinhas humanas que se sentem impotentes para resistir aos temporais da vida.

Mas, a fim de que os que queiram vir, saibam de antemão e com ciência certa para onde vão, expor-lhe-se-mos, com precisão, o nosso credo, que não teme a luz, mas que, pelo contrário, a procura e deseja.

Talvez em breve todos os espíritas se vejam na necessidade de fazer outro tanto, para desmascararem os falsos crentes, que se cobrem de aparências com o intuito de semear a discórdia, a cizânia, e minar o puro Cristianismo que ora se levanta sobre as ruínas do cristianismo dos papas.

Eis a expressão da nossa fé:

Creemos em Deus, único onipotente, consciente, infinito em perfeição, causa do Universo.

Creemos na existência e imortalidade da alma espiritual, e em sua perfectibilidade progressiva pelos merecimentos.

Creemos nas recompensas e expiações dos Espíritos, em justíssima proporção com a bondade ou a maldade de seus atos livremente realizados.

Creemos na pluralidade de mundos habitados e na pluralidade de existências, como expressão, a primeira, da sabedoria de Deus, e como meio, a segunda, de purificação das almas e de reparação das faltas cometidas.

Creemos na salvação final de todo o gênero humano.

Creemos na divindade da missão de Jesus Cristo e na redenção dos homens pelo cumprimento dos preceitos evangélicos.

Nossa moral é a caridade; nossa religião, o Evangelho — nosso mestre, Jesus Cristo.

Creemos, com Jesus, que toda a lei e os profetas se reduzem ao amor de Deus e ao amor de nossos semelhantes.

Creemos, finalmente, na comunicação espiritual, necessária ao progresso da Humanidade, e prova da soberana Providência, que vela incessantemente pela fraqueza dos homens.

PARTE SEGUNDA

*A Razão e a Fé
esclarecidas pela
Revelação*

I

Influência benéfica do Cristianismo puro. - A presença de Deus.

Assim como o orvalho da noite reverdece as plantas emurchecidas ao beijo do sol canicular, assim reviviam nossas esperanças abatidas, à medida que respirávamos, no reparador ambiente, o ar puro das crenças verdadeiramente cristãs.

Novos e dilatados horizontes se abriam à nossa admiração — e a alma, livre e com o gozo da liberdade, voava de horizonte em horizonte, até descortinar o misterioso ponto em que a Terra se junta com o céu.

Desertores da casa paterna e voluntariamente desterrados do nosso país natal, respirávamos, outra vez, as brisas queridas do lar e da pátria, enriquecidas já de saudáveis e perfumadas emanações.

Saindo do cristianismo romano, volvíamos ao Cristianismo, mas ao Cristianismo em sua consoladora pureza, levando um tesouro inesgotável de convicções e de fé.

Tal é o resultado que produz o estudo das doutrinas cristãs-espíritas em quem o empreende dominado do desejo de descobrir o caminho da verdade religiosa.

Elas penetram suavemente na razão, a consciência abraça-as sem obstáculo e a vontade acolhe-as com entusiasmo e prazer. À influência benéfica da sua luz fogem, envergonhadas, todas as dúvidas; desaparecem as contradições e brotam torrentes de consolações e harmonias.

É a fé triunfaste da negação, é o éter, é a esperança, é a realidade enchendo o abismo do vácuo; é Deus que se levanta esplendoroso do seio do Universo, inundando-o com seu amor.

Benditas as horas que a tão saudável estudo dedicamos!

Porque nessas horas o coração sente Deus, a alma respira Deus, a vontade busca Deus - e o encontra em toda parte: no sopro do zéfiro, no bramido da

tempestade, no cântico do passarinho, no silvo da serpente, na escuridão, na luz, no gusano, no homem, na Terra e nos céus.

Nessas horas, o espírito readquire a paz e a liberdade, e, sobrepujando as misérias da vida, eleva sua vista na direção que lhe aponta o gênio do bem.

II

A procura dos fatos. - A Revelação é progressiva.

Admitidas a possibilidade e a necessidade da revelação, da comunicação de pensamentos, entre os Espíritos e os homens, incompleto ficaria o nosso estudo se, antes de sujeitarmos ao crisol da razão os princípios da escola espírita, esquecêssemos o mais importante: a parte experimental.

Longe de cometermos essa falta, era nossa intenção confirmar as teorias por fatos, buscando nestes o complemento necessário da fé que ia ganhando terreno em nossos ânimos.

E esse complemento veio, porque a revelação ou comunicação espiritual é necessária a toda a Humanidade, e o Ordenador do Universo não a vinculou a determinadas classes, nem a transmite por herança a certos indivíduos.

Desde o momento em que um coração aflito eleva seus rogos, pedindo a Deus luz, suas palavras chegam ao alto, são ouvidas, e Deus envia Espíritos de conselho³⁹. "Sempre que me buscardes de todo o coração, encontrar-me-eis", disse o Senhor.⁴⁰

Em sua presença, não há preferência nem exclusão dos seus dons; a todos nós ele faz igualmente participantes dos bens que com abundância derrama sobre os homens.

A revelação é sempre progressiva e na razão do estado de necessidade da Humanidade; suas fases são tão variadas como as do gênero humano na sucessão dos séculos.

Cai a chuva e fecunda a terra, e torna a cair, para continuar a fecundá-la.

Nem Moisés, nem os profetas, nem Jesus disseram tudo o que podiam ter dito; cada um falou segundo seu tempo e segundo o que podiam suportar as gerações da sua época.

³⁹ Daniel, 10: 12.

⁴⁰ Jeremias, 29: 13.

O excesso de luz cega, do mesmo modo que a sua ausência completa; por isto, os profetas falaram diferente de Moisés - e Jesus Cristo diferente dos profetas.

Moisés falava com o castigo, os profetas, com a ameaça, e Jesus, com a promessa e com o amor.

Hoje, a revelação é uma grande caudal cujas águas cobrem a Terra de um a outro confim.

As profecias de Isaías e Joel⁴¹ cumprem-se à letra — e os Espíritos derramados por toda a carne, por toda a linhagem dos homens, declaram a verdade da sobrevivência da alma e da existência de Deus.

Os erros religiosos, alguns dos quais oriundos de antigas alegorias mal interpretadas, têm por tal modo aluído as crenças e semeado o desconsolo, a dúvida e a negação, que fizeram necessário o cumprimento daquelas profecias e a vinda do Consolador ou Espírito da Verdade prometido por Jesus Cristo⁴², para restabelecer todas as coisas.

Só o Espírito da Verdade poderá salvar o mundo moral de um naufrágio, que parece inevitável.

⁴¹ Isaías, 32: 15; Joel, 2: 28.

⁴² João, 14: 16, 17, 26; 16: 7 e 13.

III

Primeiros resultados. - Inconvenientes da comunicação e meios de evitá-los.

Não foi preciso muito tempo em ensaios, para que obtivéssemos provas eficientes da verdade da comunicação dos Espíritos. Vários dos que são hoje membros do grupo lograram prontamente resultados mais ou menos importantes, porém os precisos para adquirirmos a necessária convicção.

Esses ensaios se espalharam, com o melhor desejo, por algumas famílias e, atualmente, são muitos os médiuns psicógrafos, de um e outro sexo, que praticam com proveito a mediunidade, numa Capital onde nem de nome isso era conhecido.⁴³ Desde as primeiras experiências, tivemos ocasião de observar que a comunicação não era isenta de contradições e perigos.

Vaticínios frustrados, promessas não realizadas, afirmações desmentidas, inexatidões, leviandades, tolices não faltaram, e talvez nos houvessem feito vacilar e desistir da empresa, se não tivéssemos visto, no fundo de tudo aquilo, a realidade de um fato digno de ser estudado, e, ao lado daquelas comunicações desanimadoras, outras, por todos os títulos respeitáveis.

Possuíamos o fato, e o nosso dever era estudá-lo e evitar quanto possível seus inconvenientes.

Não nos foi difícil compreender que a diversidade e os contrastes das comunicações eram naturais e lógicos, como reflexo da diversidade intelectual e moral dos Espíritos.

O Espírito, pelo simples fato da sua emancipação do corpo, não adquire o conhecimento de todas as coisas, nem fica limpo de todas as suas impurezas. Goza, é certo, de maior lucidez, porém conserva as inclinações, os sentimentos e, até certo ponto, os hábitos contraídos em sua vida corpórea. É um ser progressivo, que não realiza as suas transformações bruscamente, e sim de um modo harmônico e por

⁴³ Dá-se o nome de *médium* à pessoa que serve de instrumento de comunicação dos Espíritos.

sucessão gradual.

Isto é aceitável e filosófico, mesmo que o Espiritismo não o tivesse feito evidente.

A diversidade que se observa entre os homens não é menor no mundo dos Espíritos — e, portanto, as manifestações individuais dos seres de além-túmulo variam ao infinito, como as manifestações individuais dos homens.

O Espírito manifesta-se de outro, prudente, bondoso, verdadeiro, profundo, grave, discreto, virtuoso; ou ignorante, leviano, malévolos, falso, superficial, atoleimado, ridículo, maldizente, segundo o grau da sua cultura intelectual e moral.

O que interessa, pois, é não ligar importância a comunicações que não produzem, moralmente falando, nenhum bem — e que não podem proceder senão de Espíritos superficiais ou malévolos.

A prática nos ensinou que, com prudência e boa-vontade, se evitam facilmente esses escolhos, em que não poucos soçobram, por não darem à mediunidade a importância devida.

A falta de conveniente respeito, as exageradas pretensões, a curiosidade, o amor-próprio e o egoísmo, são causas de se recolherem frequentemente contradições, zombarias e disparates.

E, como tirada a causa, cessa o efeito, as comunicações frívolas e infrutíferas deixam de repetir-se, quando não forem provocadas pela falta da necessária preparação ou por outros motivos facilmente determináveis.

O próprio desdobramento das comunicações, mesmo das que convêm evitar, instrui a quem sabe aproveitar-lhes o ensino; pois que, sendo a comunicação, em geral, fiel reflexo das boas ou más disposições do que a dá - de seu maior ou menor grau de elevação, podem-se tirar dela estímulos ou considerações que sirvam de corretivo.

É preciso estudar, como aconselha o evangelista S. João, se são de Deus os Espíritos que se comunicam ou, o que vale o mesmo, se suas intenções têm o selo da moral evangélica — e, caso não seja assim, suspender as comunicações e dispormo-nos dignamente para obtê-las proveitosas.

Quando os Espíritos enganadores veem que suas insinuações malévolas são conhecidas e repetidas vezes desprezadas, retiram-se e deixam o campo a Espíritos superiores, aos quais atrai o bom desejo dos que buscam, nos ensinamentos espirituais, a verdade e o bem.

IV

Importância da comunicação espiritual. - Decepções. -. O que se deve procurar obter das comunicações

A comunicação espiritual é um ato de tanta gravidade e transcendência, que nenhum outro, na vida do homem; lhe pode ser comparável. Por seu intermédio, alcançamos a verdade psicológica e a felicidade, que se elevam sobre tudo o mais a que possa o homem aspirar.

É o telescópio que põe ao alcance da nossa vista a mundo a que seremos trasladados após a presente peregrinação — e que nos faz conhecer a sorte que nos espera como fruto de nossas obras.

Pela comunicação, a misericórdia do Altíssimo descerra o véu que nos ocultava o porvir, nos envia um raio da sua divina luz, e nos alenta e fortalece.

Aquele que considera a comunicação como coisa leviana e sem valor, condena-se à perda dos alicerces de suas mais seguras esperanças. Não lhe resultarão dela nem consolos, nem convicções, nem conselhos úteis, nem acrescentamento de virtudes, nem qualquer coisa que possa contribuir para sua felicidade; pelo contrário, será ela em suas mãos o que é perigosa arma nas mãos de uma criança; será qual corrente de ofuscações e manancial de decepções.

Qual o fim a que devemos propor-nos pelas comunicações?

Este ponto é essencialíssimo — e recomendamos-lo, com o maior empenho, a quantos se dedicam ao estudo da filosofia espírita.

Talvez não tenha ele sido bastante meditado; ou, se o tem sido, não se tem feito na prática as convenientes aplicações.

Tem-se dado demasiada importância aos fenômenos físicos — ao fato material da comunicação, em prejuízo da moralidade do ato, que deve ser seu guia e fim. E por isso que as reuniões espíritas ainda têm, aos olhos da multidão, certo aspecto ou caráter teatral e fantástico, completamente estranho à majestade atraente das

doutrinas evangélicas.

Tudo que não seja procurar, pela comunicação, o melhoramento dos costumes, a começar por nós mesmos, é perder e profanar uma graça de inestimável valor, que cessará pelo seu mau uso.

Somos discípulos recém-chegados à escola espírita e não alentamos, nem jamais alentaremos, a pretensão de nos arvorar em mestres do seu luminoso ensino. Somos, porém, discípulos animados de bons desejos, de convicções e de fé, e invocamos este título a fim de se compreender que nossas observações procedem de um bom propósito e se dirigem à remoção dos obstáculos que possam retardar, por mais ou menos tempo, a vitória do Cristianismo.

V

A comunicação é um fato. - Como a julgam os despreocupados e a Igreja.

Se somos vítimas de uma alucinação, de uma ilusão da esperança, de um desarranjo mental, de um erro com a máscara da verdade!... cem vezes nos tem vindo ao pensamento e outras tantas têm sido as nossas dúvidas dissipadas pela realidade.

A comunicação espiritual é um fato, dizia-nos a pena que a mão punha em movimento sem o concurso da vontade; a comunicação espiritual é um fato, ajuntava o testemunho de milhares de homens de irrecusável autoridade; a comunicação espiritual é um fato, ajuntavam o Antigo e Novo Testamento.

Podemos suspeitar, sequer, que se tenham posto de acordo, para seduzirem-nos e enganarem-nos, o testemunho dos nossos próprios sentidos, a autoridade humana, e as Sagradas Escrituras?

Tão pouco é o que o homem conhece das leis e da natureza dos seres, que a sua marcha pelas vias do progresso se faz lentamente e às escuras.

Sua ignorância torna-o suspicaz — e fá-lo receoso de dar agasalho às verdades que não cabem na estreiteza do seu cérebro.

Um fraco raio de luz o cega e ele nega a luz, até que se habitue com ela, logrando dominá-lo.

Vê os astros e julga que são simples faróis pendentes de sólida e firme abóbada!

Ai do primeiro que se atrever a desprendê-los do firmamento e arrancar a Terra do centro do Universo!

As verdades, porém, se impõem, apesar da ignorância dos homens, e chegará o tempo em que eles as admirarão entusiasticamente, depois de as haver repellido com desprezo.

O que sucedeu com as leis cosmológicas, com a eletricidade, com o

magnetismo, em uma palavra, com cada um dos progressos científicos, sucede hoje com o fenômeno da comunicação espiritual.

Desconhecem-se suas leis e a ignorância opõe-se a reconhecer e autorizar o fenômeno.

Os despreocupados riem-se dele, como se riram de Copérnico⁴⁴ e de Galvani⁴⁵ os despreocupados dos séculos XVI e XVIII.

O que diria o mundo, se eles confessassem a realidade de uma lei que não podem explicar em sua suficiência, em seu positivismo, em sua ciência universal, em sua superioridade sobre quantos acreditam que muito há a descobrir, e que nem toda a sabedoria poderá tudo alcançar?

Mais cordata, a igreja romana admite o fato da comunicação; porém, presa dentro do círculo de ferro da sua infalibilidade e do seu dogma, explica-o pela influência maléfica do diabo, recém-chegado, ao que parece, dos desertos da Tebaida, onde o tinha encadeado o bom Rafael, companheiro de Tobias. No decurso deste livro e, muito principalmente, em uma das comunicações subscritas por Maria, debate-se, com a maior profundidade e amplitude, a questão do diabo, razão pela qual nos julgamos desobrigados de fazê-lo aqui:

Dia chegará em que Roma se desprenderá do seu Plutão e das suas eternas fogueiras, como se tem desprendido de outras afirmações, caídas, em tempo, no completo descrédito.

⁴⁴ Nicolau Copernico (1473-1543) foi um matemático e astrônomo polonês que revolucionou a Ciência com a teoria do heliocentrismo, demonstrando que a organização do Sistema Solar e os planetas — dentre os quais a Terra — orbitando em torno do Sol, contrapondo-se à antiga crença do Geocentrismo, que dizia que o orbe terrestre era o centro do Universo e ao redor do qual todos os demais astros se moviam — N. E.

⁴⁵ Luigi Galvani (1737-1798) foi um médico, professor acadêmico, filósofo e físico italiano, grande contributo para o estudo da anatomia humana e pioneiro na ciência da bioeletricidade, demonstrando os padrões elétricos e sinais do sistema nervoso — N. E.

VI

Como se realiza o fato. - Os médiuns.

Como se verifica a comunicação espiritual?

Não nos referimos senão às que se obtêm por meio da escrita, pois que a esta classe pertencem às obtidas no círculo de Lérida.

O médium, isto é, a pessoa que tem a faculdade de receber as comunicações, toma a pena, abandona a mão sobre o papel e a mão move-se por impulso alheio e inteligente, traçando palavras, frases, períodos legíveis, cujo conjunto exprime, não os pensamentos do médium, mas os da força inteligente, exterior e invisível, que imprime movimento à pena.

A mão do médium, completamente passiva, age como a da criança que forma sobre o papel traços e letras, obedecendo ao movimento e à direção da mão do seu mestre.

A capacidade ou aptidão mediúnica é muito geral. Em nossa opinião, todas as pessoas a possuem em maior ou menor escala — e, se nem todos obtêm resultados, talvez seja devido, menos à falta de aptidão, que à impaciência ou à falta de ordem com que a maior parte faz os seus ensaios.

É indispensável compreender que a comunicação não pode dar-se sem permissão superior — e que não a alcançaremos se não soubermos pedi-la.

Não é condição essencial crermos na realidade do fenômeno, para obtê-lo; basta estudá-lo com respeito e desejá-lo com o propósito de o aproveitar em bem da Humanidade.

O médium pode ser mecânico, ou intuitivo (vede *O Livro dos Médiuns*); o primeiro, obra maquinalmente, sem consciência do que sua mão escreve; o segundo, recebe os pensamentos e até as palavras, que sua mão traslada automaticamente para o papel. Neste último caso, a comunicação é uma verdadeira inspiração — e não merece menos confiança que a primeira, a mecânica, sempre que o médium, deixando completamente abandonada a mão, evite a possibilidade de mesclar seus próprios conceitos aos que lhe são inspirados.

A mediunidade intuitiva é frequentemente causa de desconfiança da parte do médium, que, vendo sua mão traçar o que passou por sua mente, suspeita ser sua vontade que determina o movimento da pena.

Essas suspeitas se desvanecem com o bom uso da mediunidade e com a prática; pois que, no decurso das comunicações, dar-se-ão casos de algumas referirem fatos por ele ignorados e depois comprovados — ou fatos muito superiores aos seus conhecimentos.

Que o médium intuitivo pode influir na estrutura e fraseologia da comunicação, não há que duvidar; pois que um pensamento, inspirado pelo mesmo Espírito a dois médiuns de diferentes graus de instrução, aparece escrito com palavras e construção mais ou menos cultas, segundo a cultura e a ilustração do médium.

Isto, porém, que, *prima fatie*⁴⁶, faz suspeita a comunicação, não é, se bem se reflete, senão resultado lógico e natural que facilmente se explica, tão facilmente como a comunicação estritamente mecânica.

Para o Espírito, as palavras nada são — o pensamento é tudo; ele comunica seu pensamento ao médium e, enquanto vê que este o interpreta fielmente, deixa que o escreva com as palavras que lhe ocorrerem. Por esta razão, raras vezes um Espírito elevado se serve de um médium intuitivo de escassas luzes, para comunicações importantes.

Terá com ele conversações íntimas ou dar-lhe-á conselhos familiares; mas, para assuntos sérios ou matéria de importância, preferirá servir-se de quem, embora incapaz de compreender os conceitos que lhe transmite, possa, em maior ou menor grau, corresponder-lhe e corretamente formulá-los.

⁴⁶ Expressão em latim cuja tradução literal é "à primeira vista", aplicada a algo que se pode constatar de imediato, sem necessidade de profundo exame; aquilo que é claro, evidente, óbvio — N. E.

VII

A comunicação não é um fenômeno sobrenatural nem contranatural. - O perispírito. – Hipóteses

A nosso ver, o ato da comunicação dos Espíritos com o homem, fantástico e, por isso mesmo, suspeito, se o considerarmos ligeiramente, não é, se bem refletirmos, senão o resultado de nova lei natural, desconhecida dos nossos antepassados, mas lobrigada pela presente geração, que a descortina, lá, nos seus longínquos horizontes — e que será do domínio das vindouras gerações.

Assim como se ignoravam, em outros tempos, a maior parte das leis cosmológicas que formam a ciência astronômica de nossos dias, a influência do vapor, a existência da eletricidade e do magnetismo, e tantos outros fenômenos e leis naturais, que têm vindo sucessivamente alentar e recompensar os esforços da inteligência humana, assim também pode permanecer, e permaneceu, ignorado, o fenômeno da comunicação, sem que isto prove contra a existência da lei por virtude da qual se produz esse fenômeno.

Jesus, como Galileu, foi vítima do ridículo e do anátema da igreja oficial; entretanto, a Terra continua girando em torno do Sol, conforme os ensinamentos de Galileu, e as doutrinas evangélicas transformaram a Humanidade e conquistaram o império moral do mundo civilizado.

Os progressos realizam-se através dos séculos, com admirável sucessão, sem violências nem impetuosos abalos. O solo não recebe a semente sem ter sido convenientemente preparado, e a semente não se converte em saboroso fruto, senão depois de ter triunfado dos ventos e das tempestades.

Moisés preparou o coração dos homens — e Jesus derramou nele a semente santa do Evangelho. Newton não podia nascer antes de Galileu.

A ideia da pluralidade dos mundos não teria alcançado carta de naturalização entre os homens, se antes o telescópio não tivesse posto o mundo planetário ao

alcance da sua investigadora atividade.

O fluido eletromagnético rasgou novos horizontes, ignorados panoramas, às investigações humanas; e talvez não esteja longe o dia em que o estudo dos fluidos nos leve ao descobrimento dessa lei natural que pressentimos sem conhecê-la: o fenômeno, tão combatido e condenado, da comunicação dos Espíritos.

S. Paulo, em sua primeira epístola aos coríntios, afirma que o homem tem dois corpos: um animal, pelo qual o Espírito comunica com o mundo material; outro, espiritual, fluídico e incorruptível, que serve de intermediário entre a alma e o corpo material.

Desta opinião participaram sábios eminentíssimo, desde a mais remota antiguidade, e participam a escola espírita, que distingue o corpo espiritual, com o nome de perispírito. Este nos dá a chave dos fenômenos psicológicos, e, sem ele, seria de todo incompreensível à manifestação ou influência do princípio inteligente sobre o organismo humano.

Ele é também um raio de luz no mistério da ressurreição da carne, que seria inadmissível, caso se referisse à ressurreição dos corpos animais.

Com tais precedentes, a obscuridade que envolve a comunicação espírita cessa completamente e começa-se a ver, com alguma claridade, a existência da lei que rege o fato.

Duas coisas há a estudar no fato da comunicação a transmissão do pensamento e a força que dirige o movimento da pena ou de outro qualquer objeto. A primeira, isto é, a transmissão do pensamento, pode ser o resultado de uma corrente fluídica entre o Espírito livre que se move no fluido universal e a inteligência do homem; a segunda, isto é, o movimento da pena ou outro objeto, realiza-o o Espírito com o seu invólucro fluídico sobre o fluido em que se acham mergulhadas as moléculas materiais do objeto em que se exerce a atividade do mesmo Espírito.

Isto que acabamos de dizer, não o damos como afirmações indiscutíveis; pois que não nos presumimos mestres em tão difíceis matérias.

Apenas o indicamos aos que podem, com maior proficiência, levar além seus estudos, para que os cépticos se persuadam de que o Espiritismo está na posse da verdade e da fé, pelas vias da Ciência.

VIII

Autenticidade das comunicações

Com raras exceções, as comunicações escritas são assinadas pelo Espírito que as dita. Seus nomes são às vezes desconhecidos; porém, muitas outras, são de amigos ou de personagens que, por seu saber ou virtudes, se fizeram conhecidas na História da Humanidade. No primeiro caso, não há dificuldade, pois que, não sendo o Espírito conhecido, julgamo-lo pela comunicação que dá; no segundo, porém, quem nos assegura a autenticidade da assinatura, quem nos assegura que foi realmente o Espírito do nosso amigo, que moveu a mão do que escreveu o comunicado e, bem assim, que foi a personagem histórica que revela essa assinatura?

Essas dificuldades, no entanto, são mais aparentes do que reais, e não devem ser motivo de desânimo na continuação da prática da mediunidade. Ainda mais. Essa incerteza é necessária e proveitosa; já porque nos leva a estudar a verdade da comunicação, pondo-nos em constante vigilância contra as sugestões que possam induzir-nos a erro e desviar-nos do caminho do bem; já porque, por ela, se nos reserva completa liberdade de arbítrio e o mérito de nossos atos morais.

A autenticidade das assinaturas só poderia ser provada, de maneira indubitável, pela visão constante dos Espíritos — visão que seria nada menos que a evidência da nossa sorte futura e a anulação completa da nossa atividade individual.

A evidência da autenticidade das assinaturas não poderá ser absoluta; porém, poderá sê-lo quanto seja suficiente para tranquilizar-nos. Já que não podemos verificar com segurança, pelos sentidos, que o Espírito que nos fala é o que diz falar-nos, empreguemos todos os meios racionais para não sermos vítimas de uma substituição de nome que pode prejudicar-nos, do mesmo modo que sucede em nossas relações sociais, por causa da identidade da pessoa que nos escreve, sobre assunto de importância.

Que faz quem recebe uma carta, em que se lhe ordena ou pede a entrega de valores ou documentos de grande interesse, a pessoa desconhecida, no caso da firma da carta ser a da pessoa que tem o direito de dar essa ordem? Consulta detidamente

o conteúdo da carta e observa se está escrito de conformidade com os precedentes que essa firma oculta - estuda se envolve alguma contradição ou conceito em desarmonia com os pormenores do assunto, e, se nada lhe provoca suspeita, entrega os valores ou documentos, sem desconfiança e sem receios.

Poderá acontecer que haja um engano; porém, nem tais enganos são comuns, porque, se dão uma ou outra vez, não interrompem a boa marcha das relações sociais.

Pois bem; quando, em uma comunicação, virmos aparecer à firma de um amigo, de um irmão, de uma mãe, ou de qualquer pessoa que foi da nossa intimidade, estudemos se o caráter da comunicação está em harmonia com o da pessoa que a deu; e, se depois de escrupulosa e severa análise, reconhecermos perfeita conformidade, por que duvidarmos da autenticidade?

Se vier ela firmada por um Espírito de cuja elevação não podemos duvidar, atento o nome que conquistou durante a sua passagem pela Terra, temos o direito de exigir pensamentos elevados, conselhos úteis e proveitosos ensinamentos, consoantes com seus predicados em saber e em virtudes; e, se esta consonância se patenteia na comunicação, razão não temos para suspeitar da veracidade da firma, pois não é presumível que um Espírito elevado substitua outro, sem ser por delegação deste. Pelo fruto se conhece a árvore, disse o divino Mestre.

Façamos aplicação desta prudente máxima; julgemos os Espíritos por seus frutos, que são as comunicações — e, respeitando e aceitando as que nos encaminham para Deus, pela prática do bem, larguemos de mão as outras que, excitando a nossa concupiscência, tendem a desviar-nos do amor de Deus e do cumprimento do nosso dever.

IX

Desconfiança prudente. - Prece. – Evocação.

As comunicações frívolas, mesmo que sejam dignas de estudo, não por si, mas pelas considerações a que se prestam, produzem mais mal do que bem; pelo que, o dever do médium, que aspira a colher da sua faculdade o melhor fruto, é evitá-las, procurando sujeitar seus trabalhos mediúnicos ao critério de pessoas ilustradas.

O médium pouco cauteloso é frequentemente vítima de certos Espíritos que, sob a aparência de moralizá-lo e guiá-lo, o arrastam aos maiores absurdos.

A experiência nos ensina que se deve desconfiar das comunicações devidos aos esforços individuais e isolados.

Sem ir mais longe, vemos que os médiuns de que atualmente dispõe o Círculo Cristão-Espiritista de Lérida, por cujo intermédio temos conseguido em nossas sessões importantíssimos resultados, alguns dos quais vêm consignados nesta segunda parte, se têm achado na dura necessidade de não praticarem a mediunidade, senão em presença de assistentes, pois que, sós, ou não obtêm resultado algum ou, se o obtêm, são comunicações insulsas — afirmações falsas, frivolidades, e contradições.

Jesus Cristo prometeu seu espírito aos que se reunissem em seu nome — no amor do Pai e em caridade, termo e ponto de partida dos ensinamentos evangélicos.

As orações coletivas, quando os que as fazem se unificam no mesmo desejo, para o mesmo fim; o melhoramento moral deles e da Humanidade e a glorificação de Deus, obram com grande eficácia e atraem as bênçãos do céu.

São uma prova de fervorosa humildade, e Deus ouve os rogos dos humildes — dos que, sentindo-se fracos e indignos dos favores superiores, unem suas aspirações em uma única e as elevam em comum. São esses, também, atos de verdadeira caridade, de solidariedade no bem, porquanto cada um deposita no acervo comum a oferenda espiritual que sai dos tesouros da sua alma, formando tais oferendas uma nuvem de incenso que eleva a Deus seus bem-aventurados mensageiros.

É esta a razão por que as comunicações alcançadas nos centros ou reuniões

espíritas são incomparavelmente superiores às alcançadas por médiuns insulados.

A oração que precede ao ato de o médium tomar a pena para receber as instruções espirituais, e que deve preceder a todo ato mediúnico, recebe o nome de evocação.

Dizemos que deve preceder a todo ato mediúnico, porque os Espíritos superiores sentem tanta repulsão pelos atos frívolos, como complacência em acudir aos chamados dos que lhes pedem auxílio, dispostos a aproveitarem seus conselhos.

Pode assegurar-se, sem receio de que venha o fato desmentir, que os fenômenos da mediunidade, provocados e realizado sem a devida preparação, são sempre diretamente produzidos por Espíritos superficiais ou imorais.

Para merecermos de Deus as comunicações de que temos necessidade, precisamos pedi-las, mas pedi-las com fervor, recolhimento e bom desejo.

No ato da evocação, principalmente o médium, e com ele todas as pessoas que o acompanham e desejam proveitosas instruções, devem elevar o seu coração a Deus com o maior fervor, pedindo-lhe um raio da sua divina luz e a assistência de Espíritos elevados; devem uniformizar seus desejos, subordinando-os à vontade soberana — e, por último, devem ter o propósito de glorificar a Deus pela caridade, isto é, de cumprirem a lei moral que nos prescreve o amor a Deus e a benevolência para com os homens, nossos irmãos.

Observando, além disto, um religioso silêncio e evitando a curiosidade, a impertinência, o orgulho e a hipocrisia, pode-se esperar, com fundamento, a intervenção dos bons Espíritos, atraídos pela bondade dos desejos, e sempre dispostos a contribuírem para o bem da Humanidade.

Meditem, no que acabamos de indicar, os católicos que temem as evocações, acreditando na existência do diabo, e reconhecerão que, mesmo que fosse real tal existência, Deus não poderia, em sua justiça, entregar-nos às sugestões daquele inimigo, quando lhe pedimos luz e proteção do íntimo de nossas almas.

Feita a evocação, como fica exposto, devem-se esperar, com respeitoso recolhimento, os ensinamentos superiores, provocando-os com a continuação dos bons desejos, ímã que atrai os Espíritos que ministram a palavra do Altíssimo.

E, pois que eles conhecem melhor do que nós as necessidades humanas e os meios mais eficazes de nos guiarem pelos retos caminhos da virtude, prudente será receber as inspirações que espontaneamente nos comuniquem, sem pretendermos sujeitá-los a perguntas sobre pontos determinados.

Não obsta isto a que, num ou noutro caso, os consultemos sobre questões sérias, sempre, porém, procedendo com a maior prudência e humildade, e sem esquecer que a consulta deve ter um fim moral.

Não pretendamos, jamais, descobrir por meio dos Espíritos os segredos do futuro, nem meios de abreviar nossos trabalhos mentais, nem se devemos ou não

praticar o que nos prescreve a consciência; porque, em tais casos, os Espíritos que vivem na luz calar-se-ão, e virão a confundir-nos os que vivem de enganar e seduzir.

X

Continuação do mesmo tema. - Contradições em que incorre a Igreja Católica.

Convém desvanecer uma preocupação muito vulgarizada entre os que condenam ou ridicularizam o Espiritismo, sem conhecerem suas práticas, nem terem tomado o incômodo de estudar suas doutrinas.

Supõem, de boa ou má-fé, que os médiuns se atribuem o poder de obrigar os Espíritos, de perturbar a paz dos sepulcros, arrancando deles, por meio de esconjuros ou palavras cabalísticas, as almas dos defuntos; de violar os segredos que oculta o silêncio da morte; de descobrir, pelos Espíritos, os arcanos do porvir, em uma palavra, de ordenar a seu talante as manifestações de além-túmulo, nem mais nem menos como se exercessem domínio absoluto sobre o mundo espiritual. Se assim fosse, o Espiritismo seria realmente o maior dos sacrilégios e a mais orgulhosa das profanações, e mereceria o desprezo e os anátemas de quantos creem na existência de Deus e na imortalidade da alma.

Por fortuna, semelhante suposição é caluniosa e balda de todo o fundamento.

Nenhum espírita tem a insensatez de atribuir-se autoridade de qualquer ordem sobre as almas e tudo espera da bondade dos seus próprios atos e da permissão divina.⁴⁷

Nenhum pretende dominar a vontade dos que foram; antes, pelo contrário, busca em seus venerandos conselhos o melhoramento próprio e a vitória da virtude.

Sabe que é filho de Deus e pede confiante a seu Pai, que é o Pai de toda a Humanidade, luz para conhecê-lo e sentimento para amá-lo.

É tão doce o nome de pai!... Ao pronunciarem-no os lábios, abre-se o coração a todas as esperanças; porque o bom pai dá a vida pela saúde de seus filhos — e nossa saúde está nas mãos do Pai que está nos céus.

A evocação espírita não é um esconjuro supersticioso ou maléfico; é uma

⁴⁷ Não basta dizer-se espírita, é preciso conhecer as doutrinas e práticas. Não faltam espíritas de nome, que entendem tanto do Espiritismo, como a maior parte dos católicos romanos entendem do Catolicismo romano.

oração humilde e respeitosa, que se eleva ao Ser Supremo, a fim de que se digne inspirar-nos e fortalecer-nos na prática do bem, com o conselho dos Espíritos que durante a vida terrena conquistaram, por suas virtudes, o prêmio dos justos e a admiração dos homens.

É o terno suspiro do filho que invoca a proteção do Pai, é a fraqueza da criatura que se acolhe ao amparo do Criador, é o gemido dolorido do enfermo que procura a saúde, é o aceno da alma que deseja agradar a Deus e conhecer sua vontade, para respeitá-la e cumpri-la.

Não são cristãos estes propósitos e estas práticas? Diferem, porventura, das práticas e propósitos que derivam da moral evangélica? São as evocações mais do que preces dirigidas a Deus, pela intercessão dos nossos protetores, os santos, tão eficazmente recomendadas pela igreja católica romana?

Se nossas súplicas chegam até aos seres ditos que vivem nas esferas da felicidade imortal, com igual razão chegarão a nós suas santas inspirações. Assim o aceita a igreja romana e pede frequentemente, para os homens, as inspirações superiores.

Cada santo goza, em seu conceito, de uma prerrogativa especial — e nós devemos invocar este ou aquele, segundo a natureza de nossas necessidades.

Assim, pois, podem ou não ser ouvidas as nossas preces? Podem ou não os santos exercer em nós suas proveitosas influências?

Claro está que sim; pois, de outra sorte, as orações aos santos seriam coisas inúteis e estéreis.

E, se podem, como Roma o assevera, que é isto senão a comunicação entre os Espíritos e os encarnados de que fala o Espiritismo?

Se S. João, por exemplo, pode inspirar-nos sentimentos de ternura e S. Paulo sentimentos de caridade, se Santa Luzia intervém na cura das enfermidades dos olhos, S. Roque na cura dos empestados, S. Romão nos desvairamentos, etc., etc., por que lhes negar o poder de fazer sensível sua intervenção?

Em vida curavam as enfermidades da alma e do corpo, pela virtude de seus piedosos rogos; não podem, depois de glorificados, pôr em movimento uma pena?

Cada nação, cada comarca, cada povo, venera em seus altares, de preferência, um determinado santo, que considera patrono e protetor e a ele recorre em suas necessidades e aflições; se veem ameaçados de tempestade, se dá algum tremor de terra, se a colheita corre perigo de perder-se, por falta de chuva, se alguma terrível enfermidade se desenvolve, o povo eleva fervorosos rogos ao seu santo tutelar e, por sua intervenção, a tempestade se amaina, o terremoto passa, a chuva rega os campos e as enfermidades cessam.

O clero católico não só permite, mas também, felizmente, fomenta estas crenças.

Mas, se um Espírito bem-aventurado pode encadear os ventos, dissipar as nuvens e diminuir os horrores da peste ou de outra qualquer praga, por que lhe negar a faculdade de dirigir o movimento de uma mão, para transmitir piedosas admoestações?

Para recorrer ao extremo de atribuir ao diabo as manifestações espirituais sensíveis, que condenam certos abusos?

Não há povo, nem família, que não conserve, em sua tradição ou em sua história, a recordação de alguma dessas manifestações que se transmitem piedosamente de pais a filhos e de geração em geração, tradições que o clero católico tem recolhido e respeitado, sem pensar em combater-lhes a origem como prejudicial e diabólica.

Aqui, é um Espírito bem-aventurado que aparece envolto em um círculo de luz, ali, um rumor de correntes que quebra o silêncio da noite, além, uma mão que escreve com caracteres de fogo, noutra ponto, uma voz sepulcral que pede missas para sair do purgatório. Espíritos celestiais, demônios, condenados, almas penadas; de tudo há nas tradições vinculadas ao Catolicismo e recolhidas em pequenos ou grandes volumes, para instrução e melhoramento dos fiéis.

E sem embargo, como acabamos de manifestar e todo o mundo sabe, jamais o clero romano impugnou por absurdas ou irreligiosas semelhantes tradições; aceitava a possibilidade dos fatos, como de permissão divina, ouvia relatá-los com piedosa unção, e com piedosa unção celebrava as missas e ajuntava os proventos que provinham das crenças da aparição das almas.

Se for possível haver comunicado entre os Espíritos e os homens, sem a intervenção do diabo, por que não o ser hoje? E, se não é possível, por que o clero não lançou o anátema contra as comunicações, quando nelas se exigiam a celebração de missas e legados à igreja?

Duas grandes verdades resultam do inconsequente procedimento da classe clerical: a primeira, a comunicação recíproca dos Espíritos com os homens cabem dentro dos princípios verdadeiramente cristãos, pois que recebeu em dias não remotos o assentimento da Igreja; segundo, o clero sacrifica a suas conveniências pessoais a verdade dos princípios, para dizer que o Espiritismo se propõe a destruir a religião cristã; quando, o que ele procura, é afirmá-lo, ainda que para consegui-lo seja forçoso arrancar a máscara aos que, sob a capa de religiosa piedade, exploram a ignorância dos fiéis.

XI

Importância moral da comunicação. - Objeção contraproducente. – Considerações

Pelas considerações que precedem, podem os nossos leitores julgar da importância moral do fato da comunicação espírita; e, talvez, modificar a opinião formada ligeiramente, sem um exame imparcial e maduro do fenômeno.

Nada de fantasmagorias, nada de práticas misteriosas, nada de conciliábulos na sombra, nada de profanações insensatas ou de esconjuros e palavras cabalísticas, nada de mortos que se levantam das sepulturas para responderem ao chamado imperioso de um fraco mortal, que obedece à maléfica influência do maligno Espírito.

Preces piedosamente elevadas a Deus, na humildade dos nossos corações, como filhos e servos seus que somos, como fracas criaturas que pedem ao Senhor à força que lhes falta, misericórdia divina, que envie um raio da sua luz aos que buscam em humildade e no desejo do bem, graças ao Altíssimo, pelas inspirações e favores alcançados da sua bondade onipotente: eis o princípio e o fim da comunicação espírita, eis as timbradas práticas dos que, desenganados, buscam, em Deus, as verdades religiosas, que não têm podido encontrar na palavra dos homens.

Antes de condenar tais práticas, é preciso negar a eficácia das orações, o poder consolador e benéfico dos bem-aventurados e a verdade das promessas evangélicas.

"O demônio do orgulho fala por vossa boca — dizem os sacerdotes romanos — sois umas miseráveis criaturas, e atrevei-vos a presumir que podeis pôr-vos em relação com os santos."

Não duvidamos confessar que somos fracos, que padecemos enfermidades da alma, que sentimos em nós o peso da concupiscência e de mil e mil misérias da nossa natureza; mas, por isto mesmo que estamos enfermos, deixai que peçamos a Deus, que é o melhor médico, o remédio para as nossas enfermidades; por isto mesmo que somos fracos, não nos arranqueis a consolação de chamar em nosso

auxílio à proteção superior.

Isto não é orgulho, é humildade, é fé, é esperança, é adoração, é amor.

Se Deus ouve, propício, as nossas preces, sem que o mereçamos, bendito seja Deus, que nos envolve em sua misericórdia infinita!

Vós, porém, que nos encrespais e condenais, haveis de permitir que, por nosso turno, vos perguntemos: são vossos costumes tão puros e imaculados, vossos desejos tão santos, vossos propósitos tão nobres, vossa caridade tão exemplar, que mereçais comunicar-vos diretamente, não só com as criaturas celestiais, mas também com o próprio Deus e com Jesus Cristo em corpo e alma, como pretendeis fazê-lo no sacrifício da missa?

Não vão nisto orgulho e insensatas pretensões?

Porventura, o Supremo Senhor vinculou o monopólio de seus dons à classe sacerdotal?

Ignorais que em Deus não há preferências nem exclusões, quer para as pessoas, quer para as classes — que, como diz o profeta, jamais deixa de atender às súplicas dos corações contritos e humildes: "*cor constrictus et humiliatus, Deus non despiciut?*"⁴⁸

Caso somente os justos pudessem esperar a comunicação superior, quantos dos vossos pronunciariam em vão as frases sacramentais?

A comunicação com os Espíritos, tomadas as disposições necessárias, é um ato eminentemente cristão. Assim o entende o Circulo Cristão-Espiritista de Lérida — e assim o entenderão, seguramente, os nossos leitores, que tenham acompanhado, com juízo imparcial, o curso de nossas observações filosófico-religiosas.

Um ano antes, não éramos espíritas; e hoje, somos. Começamos pelo estudo das doutrinas — e as doutrinas, que se recomendam pela sublimidade da sua moral, nos atraíram.

Examinamos os fatos com vistas indagadoras — e os fatos nos têm trazido ao terreno das mais arraigadas convicções, e vimos neles a sanção dos princípios. Temerosos das dificuldades que oferece a parte experimental, procuramos cercá-la das mais escrupulosas precauções e os resultados atestam que não trabalhamos em vão.

Disto julgarão nossos leitores pela série de comunicações que adiante publicamos, obtidas por este Círculo — e para cujo valor e a importância chamamos, muito particularmente, sua ilustrada e benévola atenção.

⁴⁸ Expressão em latim cuja tradução livre poderia ser "coração contrito, ó Deus, não olhe para baixo" — N. E.

Comunicações ou ensinamentos dos Espíritos

1^o 49

Maio de 1873

Amigos meus. Rompei com os vossos escrúpulos e com as considerações humanas, para dedicar-vos à defesa das verdades que vos são ensinadas.

Luculo

Esta comunicação foi a primeira que recebemos em nosso centro de estudo das doutrinas espíritas.

Algumas tinham sido anteriormente dadas a membros do centro, e entre elas aparece o nome de Luculo, como protetor de um deles, aconselhando a formação de um centro de estudos, que ele prometia proteger e dirigir espiritualmente.

Não as publicamos, porque resolvemos não publicar comunicações particulares, nem mesmo as recebidas no Círculo, que não têm o objetivo desta segunda parte, que é apresentar à consideração do leitor um conjunto delas, que possa servir de fundamento a seguro juízo acerca da marcha e da importância dos resultados mediúnicos, obtidos em Lérida no curto espaço de alguns meses.

Compreende-se, pois, do exposto, que a formação do Círculo foi devida à iniciativa dos Espíritos, e que seus fundadores não fizeram mais que corresponder às inspirações do Alto.

⁴⁹ Julgamos a propósito declarar que em nenhuma das comunicações que transcrevemos, cujos originais conservamos para serem apresentados aos que desejam examiná-los, introduzimos alterações de espécie alguma, nem de conceitos, nem de palavra, nem de letra. Elas são inseridas tal como foram inspiradas. É admirável que nos ditos originais não apareçam correções nem emendas, não obstante o indiscutível mérito de alguns sob o duplo aspecto científico e literário. Tampouco nos julgamos autorizados a suprimir os nomes com que aparecem assinados, pois os consideramos como parte integrante das comunicações. Alguns são tão venerados, que bem quereríamos ocultá-los, pelo respeito que nos merecem; porém, esse mesmo respeito nos priva de suprimir da revelação uma só palavra que seja.

2°

Maio de 1873

Queridos irmãos. Cerrai vossos peitos aos conselhos do egoísmo e abri-os ao amor dos homens, vossos irmãos em espírito e verdade. Não temais.

Luculo.

Todas as comunicações que publicamos foram dadas espontaneamente.

Acreditamos sempre que não somos nós que haveremos de dirigir o ensino dos Espíritos; mas sim que devemos recebê-los da forma e sobre os pontos que seja Deus servido no-los conceder.

A comunicação supra é a síntese dos deveres do homem para com a Humanidade — é a palavra de Jesus; e o diabo, se existisse, jamais falaria como o Cristo, nem seria propagandista da moral evangélica.

3°

Junho de 1873

Cada dia vossa razão julgará mais admiráveis as lições de moral que têm por fundamento o amor do próximo e por termo o amor de Deus. Não vos esqueçais de que amanhã tereis de responder ler vossa coração; porque o tendes em vossas mãos, e sois responsáveis pelas obras de vossas mãos quando movidas pela razão.

S. Luís

Luculo, mestre e guia espiritual do Círculo, tinha anunciado, em uma comunicação particular, que viriam ilustrar-nos e firmar-nos na fé alguns Espíritos superiores, e esta promessa começou a ser cumprida com a comunicação número 3.

Em outras, obtidas por diferentes médiuns e inspiradas por distintos Espíritos, se declara que Luculo é Espírito de elevadíssima categoria.

O Círculo Cristão-Espiritista honra-se e compraz-se em dar-lhe aqui público testemunho do respeito e da gratidão que lhe deve.

4°

Junho de 1873

Nunca imagineis que possa Deus permitir abuso e sofisma ou fraude, quando se invocar seu misericordioso nome.

Fenelon

Quatro palavras que encerram irrecusável máxima e a mais explícita negação da intervenção diabólica, nos atos em que se invoca com fervor o auxílio do Altíssimo!

Não; ainda que o clero romano afirme o contrário, não é possível que Deus permita, ao Espírito maléfico, envolver-nos e confundir-nos no momento em que procuramos o amparo da Divindade. Uma tal hipótese, ou é aberração da razão e do sentimento, ou é blasfêmia abominável!

5º

Junho de 1873

Aspirais a conhecer os segredos do mundo espiritual e eterno, mas, para obterdes tão alto favor, é preciso que passeis por provas que vos façam dignos e merecedores. Não deixeis de orar e de amar; pois que à verdade só se chega pela prática constante da oração e do amor.

Fenelon

Sublimes, estas últimas palavras do que foi arcebispo de Cambrai. São os compêndios da doutrina de Jesus: a caridade pelo amor de Deus e do próximo.

Penetrem estas máximas no coração do povo — e a sociedade será salva.

Fenelon ensinava e praticava; pois dele se lê que se fez amado da sua diocese, por seus hábitos caritativos, e admirado do mundo, por sua sabedoria. Isto, porém, não o salvou da intolerância romana, que condenou seu livro: *Explicação das máximas dos santos*:

Igual sorte tiveram muitos gênios.

6º

Junho de 1873

Humilhai vossos pensamentos e vosso coração aos pés daquele, que em vão procurarão os homens definir e conhecer. Irmãos meus, a ideia de Deus está gravada em tudo o que não é Deus. Na caridade encontrareis a luz, que vos dará a percepção, ainda que pálida, da Natureza Divina. Erigi, em vosso coração, um altar ao Deus desconhecido, e proclamai seu nome, e fazei que lhe rendam culto os que vos ouvirem.

S. Paulo

Obtivemos estas linhas após uma conversa em que discutimos os atributos e a

natureza da Divindade. Com penada de mestre, S. Paulo disse de Deus tudo o que os homens poderiam dizer em cem volumes.

7º

Junho de 1873

Atendei aos conselhos que frequentemente vos dão vossos irmãos e amorosos mestres espirituais, com os quais alcançastes pôr-vos em comunicação. Nunca vos esqueçais de que a semente não é lançada a terra sáfara e infecunda, mas sim àquela em que põe suas esperanças o ativo lavrador.

Luculo

Indigno se considera desses celestiais impulsos o Círculo Cristão-Espiritista, e a Deus rende graças, e a seus enviados, por lhes haverem concedido, sem nenhum merecimento da sua parte.

A esses impulsos responde hoje, publicando o presente livro, persuadido de que, por este meio, contribui para o melhoramento da Humanidade, generalizando o conhecimento das doutrinas espíritas.

Não ignora nenhum dos que o compõem, que a publicação do seu livro e a propaganda das doutrinas em que se empenharam, lhes hão de trazer inúmeros dissabores; mas, o que valem desgostos, quando se cumprem deveres?

Sentimos íntima felicidade — e a caridade nos impõe o dever de a repartirmos pelos que sofrem, muito embora chovam sobre nós as maldições de uns e os sarcasmos de outros.

O tempo nos justificará e os anatematizados e os loucos de hoje serão os abençoados e os sensatos de amanhã.

8º

Junho de 1873

Sobre os povos antigos, firmaram os tiranos e usurpadores da consciência seus abomináveis direitos, valendo-se da sua ignorância, que, como um largo sudário de trevas, envolvia a Terra. Hoje, a ignorância foi substituída pela indiferença e pela negação, ainda filhas das trevas que vingam nuns, como em outros vinga o materialismo utilitário, mais pernicioso que a indiferença e a negação, por ser o filho primogênito do mais refinado egoísmo. Nestes tempos, notáveis pela transcendental revolução que, em todas as ordens, principalmente

na moral, se está elaborando com incrível e desconhecida rapidez, o espírito humano é chamado a descobrir, pelo estudo e pela observação, a chave dos milagres e o segredo dos mistérios.

Moisés

A ignorância era o mal da Humanidade antiga e o materialismo utilitário é o vírus que corrói as entranhas das sociedades modernas.

O Espiritismo, em cumprimento de uma missão providencial, vem combater, pelo Evangelho, os males sociais de que fala a comunicação de Moisés.

Era necessário restabelecer o senso moral dos povos, alterado pelas interpretações errôneas das doutrinas de Jesus, e a essa necessidade veio satisfazer o Cristianismo espírita, corrigindo os erros religiosos que, em luta com o sentimento e com a Ciência, avolumam dia a dia o número dos incrédulos.

A fé, de acordo com a Ciência, regenerará a Humanidade, e a Ciência revelará aos homens regenerados o segredo dos milagres e dos mistérios da fé.

9°

Junho de 1873

Nunca tenteis saber pelos Espíritos segredos proféticos, porque os Espíritos que vivem na luz calar-se-ão, e virão confundir-vos os que sentem prazer em enganar e seduzir.

Eulógio

Não percam este ensino os que, movidos exclusivamente por curiosidade ou por interesse, procuram descobrir, por intervenção dos Espíritos, os segredos do futuro e satisfazer desejos frívolos e orgulhosos.

Na comunicação espiritual não se deve buscar senão a satisfação de necessidades morais próprias ou comuns; do contrário, os Espíritos frívolos se encarregarão de semear a confusão pelos mesmos meios que a Providência pôs à disposição do homem para alcançar a verdade. E certo que as faltas trazem em si mesmas seu castigo.

10° e 11°

Junho e julho de 1873

Ensinaí aos que não têm fé as excelentes e doces verdades do Espiritismo que o bom Senhor vos concedeu por seus enviados, porque a Verdade se

aproxima e é necessário que os enviados lhe preparem o caminho. Em verdade vos digo: que o Cristo já recebeu a palavra de Deus, já desceu da região da luz e está entre vós.

S. Paulo

Amigos e irmãos em espírito. Em vossos dias se cumprirá a palavra de Jesus, quando disse: Eu enviarei o Espírito da Verdade. Abri os olhos e vede em torno de vós: o que admirais, brota aqui, ali, por toda parte. São os alvares luminosos precursores do nascimento do Sol dos Espíritos. Porque, em verdade vos digo: que os tempos se aproximam, e o Enviado e os enviados restabelecerão as coisas em seu verdadeiro lugar.

S. Luís

Ambas estas comunicações confirmam ou ratificam o que os Espíritos têm dito em diferentes pontos do globo, há dez ou doze anos, isto é, que o Espírito da Verdade, anunciado e prometido por Jesus, virá em nossos dias restabelecer a verdade religiosa, obscurecida pelas interpretações falsas e pelos interesseiros comentários do Evangelho.

Significará isto: que temos de assistir à vinda, entre os homens, de outro Messias restaurador do verdadeiro sentido da moral evangélica - continuador do Messias que veio há dezenove séculos a remir-nos com sua doutrina?

Ou dever-se-á entender, pelo advento do Espírito da Verdade, a revelação espiritual que, neste momento histórico, cai como rocío sobre todos os países da Terra?

Da linguagem velada das comunicações, parece que devemos entender conforme a primeira hipótese — e, neste pressuposto, o dever de todo cristão é vigiar e estar preparado para receber dignamente o Enviado de Deus.

12º

Julho de 1873

Belo e divinamente consolador é o ensino dos Espíritos. É a luz que vem romper o véu das trevas, que impede o homem de entrever qualquer coisa do seu destino espiritual. É a verdade que rasga, com seus irresistíveis resplendores, a escura nuvem que ensombra o horizonte da consciência e da razão humanas. É o suave rocío do amor que vem vivificar os corações na caridade. E a voz daquele que trovejou no Sinai, e que agora vos fala a linguagem de um pai condoído das fraquezas de seus filhos.

S. Luís Gonzaga

Quanta unção, quanta misericórdia e quão consoladora ternura respiram estas linhas ditadas pelo Espírito de S. Luís Gonzaga!

A revelação que baixa para dar luz à Humanidade extraviada, a mão providencial do Criador, semeando amor nos corações dos homens e o olhar terno e compassivo do Pai envolvendo seus fracos filhos, perdidos pelos tortuosos caminhos da vida, são um quadro que comove todas as fibras da alma e a faz cair de joelhos, exclamando: Pai meu! Pai meu, pequei em tua presença, calquei a lei; mas sou teu filho, salva-me!

Bendita mil vezes a doutrina que inspira tão piedosos sentimentos.

13º

Julho de 1873

Irmão. Inútil será a vossa espontânea missão, a vossa missão apostólica e a vossa propaganda caridosa e racional para com aqueles que procuram no Espiritismo, não a luz que vem do Alto, não as doces e puríssimas águas da virtude, que descem da fonte da vida, não a reforma de seus hábitos nem o repúdio de suas frivolidades, não, enfim, seu melhoramento moral, pela caridade e pelo amor, mas, sim, procuram a insensata satisfação de orgulhosa curiosidade.

Rogai por eles, porque são dos tais, de quem disse Jesus: têm olhos e não veem, têm ouvidos e não ouvem; por isso cerram os olhos à vida e os ouvidos à caridade. Porque viram as luzes e a desprezaram, volverão por seus pés à região das trevas.

Irmãos. Aproveitai os ensinamentos e conselhos que a misericórdia do Pai vos dá, a fim de que façais reviver a semente nos corações que a buscam.

Crede, amai e ensinai.

S. Luís

A primeira parte desta comunicação é o complemento da que tem o número 9 e o nome de Eulógio. Ambas revelam qual o fim que deve mover os que desejam as instruções superiores.

Na segunda parte, impelem-nos a continuar na fé e na propaganda da moral evangélica, impulso a que não podemos fugir, sem faltar à consciência e à gratidão que devemos pelos benefícios que nos têm sido prodigalizados com imerecida abundância.

14º

Julho de 1873

Vedes como os raios do Sol, após uma tempestade, atravessam as negras nuvens que envolvem a Terra e encobrem o horizonte?

Vedes como amaina a tempestade, restabelece-se a calma, recobra-se a esperança, suspiram docemente as brisas, os passarinhos renovam seus melodiosos gorjeios, e a Natureza se reanima?

Assim são as tormentas sociais e as tempestades humanas.

O mundo físico, em suas perturbações e em seus violentos abalos, não pode exceder o limite da lei do seu equilíbrio, que é a lei eterna da sua conservação e das suas necessárias transformações.

Do mesmo modo sucede no mundo moral, ou antes, no universo moral.

A ignorância, as revoltas da razão e da consciência, o fanatismo, as paixões, os interesses e o orgulho, são os ventos que revolvem as sociedades e arrancam a Humanidade do seu repouso.

Não vos perturbeis, porém; o universo moral segue sua rota, impelido pela divina lei da perfectibilidade e da purificação — e tudo, dia a dia, passo a passo, caminha para o seu providencial destino.

Não penseis que em algum tempo a Humanidade retroceda; ela vacila; porém, em sua vacilação, fortifica-se para avançar com impulso mais vigoroso.

Quão instrutivas e civilizadoras seriam, para o homem, as lições da História, se ela fosse o quadro fiel das vicissitudes humanas e se o homem pudesse abraçá-la em sua universalidade!

Porque, é preciso que o saibais, a vossa História é uma gota d'água no oceano das humanidades que se movem e se desenvolvem nas imensas campinas do infinito, e, mesmo assim, essa gota não chega a vós senão corrompida e adulterada. E tudo é por este molde. Sempre existe o véu espesso com que a cobrem e desfiguram as paixões e os interesses de seita e de partido. Tudo por este molde, repito, vereis na História confirmado o sucessivo e infinito progresso das sociedades humanas.

E quando chegar, pois chegará o venturoso dia em que a História Universal se apresentará a vossos olhos, clara, transparente, luminosa, sem véus e sem enfeites, então caireis, tomados de surpresa, aos pés dessa eterna Providência, cuja suprema luz arrancou a Humanidade das tenebrosas imensidades do caos.

S. João Evangelista

Os acontecimentos político-sociais que nessa época atravessavam a Espanha, fazendo reear grandes catástrofes, acabavam de ser o tema da nossa conversação, no momento de se receber essa comunicação evangélica.

Profundo conhecedor do movimento moral da Humanidade, ele desvanece as

nossas dúvidas e acalma os nossos temores, falando-nos da lei do progresso, para o qual concorrem esses abalos sociais que aterram os homens.

Em testemunho de suas palavras, ele fala-nos dos ensinamentos da História; mas, de um traço, faz-nos compreender a insuficiência da nossa História — e a existência de outra maior, mais universal, mais digna da criação: a de todas as humanidades que se movem e se desenvolvem nas imensas campinas do infinito.

Essa é a criação digna de Deus: um universo cheio de inteligência, de adorações e de vida, e não o insignificante planeta em que habitamos, até hoje considerado como obra privilegiada da Suprema Inteligência.

15°

Julho de 1873

Enchei vossos corações de fé e de esperança.

Por que se refletem em vossas palavras o desânimo e a dúvida?

Porventura precisais, para vos mostrardes animosos e fortes, de legiões de homens que vos assistam e defendam?

Temeis!... Para crer, sem olhar para trás, aguardais que ronque o trovão e caia o raio?

Vacilais!... Ah! Vede que o vosso valor é o dos que não têm fé: Vede que essa fé é a dos cobardes. Prossegui em vossa obra e regozijai-vos, porque é a obra dos discípulos e precursores do Espírito da Verdade, eleitos nos eternos conselhos do Altíssimo.

Não sereis, não podeis ser filhos pródigos dos dons que o Pai vos tem concedido.

Não vos orgulheis, nem seria prudente encher-vos de vaidade, porque o passado e o porvir são livros fechados a vossos olhos velados pela matéria.

Avante, irmãos meus queridos: virtude, perseverança e fé.

O que quiserdes dar-se-vos-á. Na casa do Pai há moradas sempre cheias de luz e de amor, onde os Espíritos voam no puríssimo ambiente da eterna felicidade, onde se realizam todas as harmonias da alma, onde se confundem todas as vontades numa única vontade, todos os sentimentos em um único sentimento, todas as felicidades na felicidade inefável do amor, do amor dos amores.

Santo Agostinho

No princípio dos nossos estudos teóricos e práticos acerca do Espiritismo, realizava-se em nós uma luta acerba, cujas diversas alternativas se refletiam em nossos atos e em nossas palavras. Em presença dos fatos e ante a lógica dos princípios, a fé apoderava-se de nós e nos impelia, à voz da consciência, pela senda

do dever; mas, outra voz, a das recordações das crenças em que se haviam nutrido os nossos corações, entibiava o nosso valor, e as dúvidas nos tomavam e nos faziam vacilar.

Os costumes lutavam, em nós, com a realidade, os sectários dos ensinamentos de Roma lutavam com o cristão e o temor com a convicção.

Talvez, se não fossem as frequentes inspirações que do Alto nos vinham fortalecer e alentar, tivéssemos sucumbido e abandonado à gloriosa empresa; felizmente, porém, essas inspirações vieram, e a vitória coroou os nossos esforços.

Essa vitória nos condenava às sátiras de uns e à perseguição e maldição de outros; não obstante, porém, o sacrifício estava feito; à aprovação e às bênçãos dos homens, antepusemos a aprovação da consciência e a bênção de Deus.

16º

Julho de 1873

Meus irmãos, filhos como eu do Pai Espiritual que está no Céu. Marchai com passo firme, sem dúvidas nem vacilações, pelo caminho encetado, em cujo termo se encontra a luz regeneradora dos mundos e a paz dos Espíritos.

Se alguém na Terra vos disser: "eu sou a eterna verdade", cerrai os vossos ouvidos, porque a verdade imutável é o sol que brilha sobre as moradas da Cidade Santa.

Porque Roma quis usurpar a pérola que orna o divino diadema, é que estão contados os seus dias. Seus esforços são as supremas agonias da morte. O orgulho blasfemou de Deus e ousou levantar outro deus, mas soprou o vento das alturas, e o deus do orgulho, que era de barro, caiu reduzido a pó.

Vereis cumpridas estas palavras.

Continuemos, irmãos. O cristianismo romano não é o Cristianismo estabelecido por Jesus e pregado pelos Apóstolos e pelos Padres dos primeiros séculos da Igreja; é ramo decaído do grande tronco do catolicismo, já quase morto, porque perdeu o elemento essencial de vida — a seiva da humildade e do amor. Porque os pastores não cuidaram, como deviam, de suas ovelhas, e buscaram a sombra e o ócio, anda o rebanho disperso e à aventura, aniquilado pelo cansaço e sufocado pelo calor, em busca do cristalino manancial que há de restabelecer sua esperança e refazer suas forças.

Compadecei-vos desses guardas obcecados em um materialismo demasiado egoísta e terreno — e rogai por eles.

Perderam a confiança do Pai de família e não se sentarão à sua mesa, entre os escolhidos, enquanto todas as ovelhas, sem falta de uma, não tiverem chegado salvas ao redil.

Não olvideis jamais estas verdades.

Seguirão as fugitivas pegadas da ovelha perdida e passarão os dias e os anos. Sofrerão angústias e grandes temores, o desalento apoderar-se-lhes-á da alma, à noite os surpreenderá no bosque, os rigores do estio, no areal, a tempestade, no deserto.

Não sofrerá, por sua causa, a pobrezinha ovelha?

Bendigamos todos a Deus, em seus sapientíssimos desígnios.

Fenelon

Tinha versado a nossa conversação sobre o dogma da infalibilidade, decretado pelo último concílio ecumênico, em 1870.

Sem ódio, sem paixão, sem animosidade de espécie alguma, antes, pelo contrário, com todo o respeito que merecem as decisões das autoridades e das corporações sábias, cada um de nós havia manifestado o seu modo de sentir a respeito desse assunto.

Terminada a pacífica discussão, ou, antes, a exposição de nossas apreciações particulares, desejávamos obter um raio de luz superior no assunto, e a luz nos veio por meio do imortal Fenelon.

Permita o céu que não seja ela repelida pelos que dirigem a nau do cristianismo oficial. Permita o céu que os pastores, em cujo número devemos considerar todos os que, por sua ilustração, podem servir de guias aos demais, abandonem a sombra e o ócio — e corram, pressurosos, à salvação do rebanho, que se perde nos despenhadeiros do materialismo e nos desertos do indiferentismo religioso.

17º

Julho de 1873

Meus amigos, velai sem cessar.

Não olvideis, nem por um momento, o que deveis à Providência, aos vossos irmãos do Universo, e a vós mesmos.

A Providência deveis tudo o que pode fazer a vossa felicidade, aos homens, o vosso amor, avós mesmos, a salvação.

Sois dos chamados; de vós depende que, em breve, sejais dos escolhidos.

Vejo que trabalhais por ser destes últimos e, para alcançardes tão inefável ventura, ouvi o que vos cumpre fazer:

Desde que desponte a aurora até que o sono volva à noite a cerrar-vos os olhos, ocupai todos os instantes que vos permitirem os cuidados e deveres que vos rodeiam, em elevar vosso espírito até ao Pai de todas as criaturas e em cumprir sua sapientíssima e provida vontade.

E sabeis qual o melhor meio de elevar a Deus o coração e de obedecer às

suas vontades na Terra? Orar pelos que sofrem, condoer-se das misérias, principalmente das da alma, levar o consolo onde irrompe uma lágrima, amar as crianças e a todos os seres débeis, e ser sua providência, olhar com carinho os que vos ofendem, esquecendo suas injúrias, instruir os ignorantes, de preferência nas verdades espirituais, combater, com a unção da palavra e do exemplo, todos os fanatismos e, muito especialmente, o fanatismo religioso, não dissimular a verdade, antes pregá-la sempre sem temor, ser severo consigo mesmo e relevar as faltas dos outros, não abrir o coração à lisonja e ao orgulho, não esquecer os deveres para com os vossos pais, para com as vossas esposas e para com os filhos que vos forem confiados, sem exagerá-los, porém, em prejuízo dos demais; em suma: amar a todos e praticar o amor.

Cada um destes atos é uma flor da alma que, juntas, formam um delicado ramalhete, cujos aromas sobem até Deus.

Maria

Os que atribuem ao diabo as comunicações que se recebem nos círculos ou reuniões espíritas, julgam de boa-fé que o que acabamos de transcrever pode ser inspirado por algum desses espíritos maléficos, destinados pela Igreja Romana a atijar eternamente o fogo das regiões infernais, aceso ao sopro da divina vingança.

Um código da mais sublime moral, inspirado e escrito pelo apóstolo da imortalidade, da corrupção e do crime, cuja única missão é infeccionar os costumes e os sentimentos, para aumentar o número dos infelizes condenados, é fenômeno tão novo — tão inconcebível, tão irracional, que o repelem, de comum acordo, por absurdo, a razão e o coração.

Dar bons conselhos aos que deles carecem, é uma das obras de misericórdia, e a ninguém ocorreu, até hoje, que o diabo pudesse empregar seu tempo em obras tão caritativas e cristãs.

Isso só se pode explicar admitindo-se que os Espíritos rebeldes acabaram por abdicar as suas ruins manhas, e por converter-se em discípulos e apóstolos das doutrinas evangélicas.

Escorregadiço é o terreno em que o diabo colocou os partidários do seu tenebroso poder!

O Espiritismo é incomparavelmente mais lógico e oferece soluções que estão em perfeita harmonia com a bondade e a justiça de Deus. Crê que os espíritos benéficos têm mais poder que os maléficos e que, se Deus nos sujeita a provas e a tentações em que intervêm estes, permite também que aqueles venham sustentarnos e alentar-nos.

Se discorrer assim é para uns loucura e para outros heresia, não lhes invejamos o entendimento, nem a fé.

18º
Julho de 1873

Meus irmãos. Quando o gorjeio dos passarinhos rompe o silêncio da noite e desperta a natureza adormecida, é porque uma nova aurora rompe o manto das noturnas trevas e espalha pela Terra a sua face risonha e a sua habitual alegria.

Quando os Espíritos deixam ouvir as suas misteriosas harmonias e a Humanidade se agita, como que sacudida com violência, é porque um novo raio de luz vem mostrar aos homens a senda abandonada do dever e do progresso.

O progresso pelo dever é a lei do Universo moral e, quando essa lei é olvidada ou se entorpece em seu cumprimento, vêm os abalos sociais, as violências, as revoluções e, conjuntamente, os temores e os arrependimentos.

Estudai a época atual e descobrireis sintomas assustadores de decomposição; porém, esses sintomas precedem sempre as grandes renovações.

Preparai-vos, não durmais; porque, em vossos dias, o Espírito da Verdade virá, com seus eleitos, operar a mais importante das renovações que a Humanidade jamais tem presenciado e admirado.

S. Luís Gonzaga

A renovação de que nos fala o Espírito de São Luís Gonzaga é uma necessidade universalmente reconhecida por quantos estudam o estado moral da Humanidade — e o que é necessário, irrevogavelmente sucede.

Um mal-estar geral sente-se em todos os povos e em todas as sociedades e ninguém descobre o meio de remediá-lo.

A política ensaia todos os processos de manter a paz; fá-lo, porém, inutilmente, porque a enfermidade, que procura na cabeça, está no coração.

Os erros religiosos geraram a incredulidade e o materialismo — e os povos não podem viver sem a fé, que é o alimento da alma.

A vida do sentimento é vida de expansão e de verdadeiro bem-estar — e na época atual o sentimento apenas dá sinais de vida.

Dezenove séculos são decorridos desde o estabelecimento das doutrinas do Cristo e ainda não temos sabido ser verdadeiramente cristãos; é tanto, que os homens se olham com indiferença, como estranhos, sem cuidarem de que Jesus não cessou de recomendar a caridade e o amor. E, todavia, abundam os ricos que não cogitam das misérias dos pobres — e pobres que aborrecem os que desfrutam as comodidades da vida.

Este é o cancro da humanidade presente e o Espiritismo é que lhe arrancará a raiz, à vista dos homens, a fim de que penetre em seus corações o mandamento do Mestre: Amai-vos uns aos outros.

Eis a fórmula da felicidade humana.

19º

Julho de 1873

Irmãos. Falais e pensais do Espiritismo como de obras de homens, e por isso vacilais, por isso duvidais da sua eficiência e não estais ainda bem persuadidos do seu triunfo.

Acreditais, porventura, que foram os homens que pregaram o Evangelho de Jesus? A luz veio das alturas de Sião e o que desce do Alto não perece. O que os homens fizeram com relação ao Evangelho, foi explicá-lo a seu modo e acomodá-lo à sua orgulhosa ignorância. Se o Evangelho fosse um monumento erguido por mãos de homens, ninguém se preocuparia com ele.

Sede mais refletidos e pensai com mais critério.

O Cristianismo Espírita ou é obra humana ou procede da Suprema Razão, da Origem Eterna das coisas. Na primeira hipótese, pereceria inevitavelmente; na segunda, porém, quem poderá frustrar-lhe o triunfo ou deter-lhe o passo?

Quem pode temer que o pensamento divino tropece nas miseráveis dificuldades criadas pelos homens?

Que significam os interesses, a ambição, o amor-próprio, o orgulho, os ódios, o egoísmo e todo o inferno de vis paixões que agitam o coração humano, diante da eterna e imutável vontade do Altíssimo?

O Espiritismo, meus amigos, bem o compreendem alguns de vós, vem de cima — e porque vem de cima, triunfará. É o Evangelho revelado pelos Espíritos que recebem a palavra de Deus, e explicado conforme as necessidades morais dos tempos e das gerações; porque o Evangelho é o manancial de luz e de vida em todas as idades da humanidade e para todas as humanidades.

O Cristianismo Espírita triunfará, porque é a verdade dos sábios, a alegria dos corações humildes, o consolo dos que choram e a esperança dos que sofrem.

Tomas de Aquino

Novas vacilações na fé, novos terrores oriundos de sentimentos humanos, e novos impulsos celestiais.

Gozávamos de certa consideração entre os homens, e essa consideração ia desaparecer como fumo.

Neófitos ainda, víamos no caminho da fé um futuro cheio de espinhos e de dissabores, e volvíamos os olhos, com a maior frequência, ao nosso passado, prestes a retroceder.

Nesses momentos solenes, a consciência, ilustrada e fortalecida pelas superiores inspirações, nos atirava à face as nossas fraquezas e o nosso egoísmo, e o batel, próximo a soçobrar, triunfava da voragem e de novo fendia as ondas, em busca do porto da salvação.

20°

Agosto de 1873

Meus irmãos. Os vossos enérgicos esforços para atrair ao caminho da verdade os que não o conhecem, nunca serão infrutíferos.

Sois o eco da trombeta do anjo que chama a juízo as consciências adormecidas no erro e a voz do céu é muito penetrante para não ser ouvida pelos mortais.

Dizeis, porém: quem sou eu, para que venha a mim a palavra que se pronuncia nos conselhos do Senhor? Eu me sinto débil e enfermo, vacilo, duvido, as minhas ações estão muito longe de corresponder à perfeição que distingue os eleitos do Pai. Donde, pois, a graça de ser instrumento da Eterna Misericórdia e mensageiro de seus dons?

Fazeis bem em confessar vossa pequenez, e eu vos aplaudo sinceramente, meus amigos. Dos filhos do orgulho fogem os Espíritos da verdade.

Sois fracos e imperfeitos, é certo, porém não caminhais com decidido propósito em busca da purificação e da salvação da alma? Pois que ides em procura da luz, não podeis chamar outros para que vos acompanhem? Chamastes o médico, porque vos sentíeis enfermos do coração — e o médico veio curar-vos, porque o chamastes. O que há de estranhar que, enquanto tratais da vossa cura, façais participantes dos remédios que avigoram vosso espírito, a outros Espíritos que sofrem como vós?

Demais, já se vos disse que o livro do passado e do futuro está cerrado aos olhos da carne e que em vão tentareis profetizar?

Obedecei aos decretos superiores, sem inquirir de suas causas e de seus fins; continuai dóceis e submissos às inspirações do Alto, porque pelo fruto se conhece a árvore, não esquecendo nunca que não faltam nas regiões das trevas Espíritos que tenham recebido, em suas encarnações, luzes especiais de que não souberam fazer o conveniente uso.

Valor, meus filhos, e atividade.

Voltarei a ver-vos e a instruir-vos.

Maria

O venerando nome de Maria, com que termina a comunicação sob o número 17, tinha sido para nós motivo de confusão, desconfiança e receio. O excesso de luz cegava a vista de nossos espíritos. Como poderíamos nós, míseras criaturas, vencidas cada dia centenas de vezes nas tentações e nas provas, como poderíamos crer-nos dignos de receber diretamente as inspirações da Mãe de Jesus!

Estávamos como que atordoados, sem poder explicar o que se dava conosco e sem nos atrevermos a julgar fatos, de cuja realidade, por outro lado, não nos era permitido duvidar. Em tal estado, veio novamente Maria na comunicação número 20, desvanecer as causas do nosso espanto e receios. A Providência serviu-se dos

mais humildes meios para o cumprimento de seus fins: fazer brilhar com todo o esplendor a sua onipotente intervenção.

21°

Agosto de 1873

Mil graças rendo por vos terdes lembrado de mim.

Durante a minha missão episcopal pertenci, em aparência, à Igreja Romana, mas, na realidade, por uma intuição inata do mundo espiritual, eu pertencia à religião da verdade.

Por isso, na minha propaganda religiosa procurei suavizar, quanto me foi possível, os dogmas do pontificado — e fundamentá-la no sublime princípio do amor, que é a alma do Evangelho de Jesus.

Não precisais de mim para os vossos ensinamentos, mas isso não me impede de acudir aos vossos chamados. Vejo que a luz de vossos espíritos é muito superior à minha; segui, pois, essas inspirações, sem vacilar, e sereis felizes.

Não me afastarei de vós, irmãos queridos, sem deixar-vos um conselho: vossa missão é sacerdotal, como foi a minha.

Não é sacerdote quem veste o hábito; mas, sim, quem prega a verdade e pratica a virtude. Os primeiros sacerdotes da religião cristã, foram os Apóstolos — e os Apóstolos nunca foram sacerdotes, no sentido que hoje se dá a esta palavra.

Dia virá em que os sacerdotes não se distinguirão pela cor e pela forma de suas vestimentas; mas, sim, por suas prédicas.

O verdadeiro sacerdócio não exige votos nem fórmulas especiais, nem pertence à determinada classe; é, pelo contrário, missão ao alcance de todos, sem distinção de estados, sexos ou condições.

Falastes no caminho da vida; segui-o.

Vítor, bispo

O católico romano, que lê este livro com a prevenção de sectário, dirá talvez, ao fixar os olhos na comunicação de Vítor: vede como é o diabo que intervém nas comunicações, atacando rudemente a classe sacerdotal para destruir o Cristianismo! O lobo toma a pele do manso cordeiro, para seduzir os incautos. É o diabo? É o diabo?

Nem todos os nossos leitores julgarão de um modo tão diabólico — e, a este número, pertencerão todos os que examinarem a questão com critério reto e desprevenido.

Porque: ou no Catolicismo Romano as fórmulas são o essencial, e neste caso chegaríamos à conclusão de ser ele uma religião absurda — ou as palavras de Vítor são a fiel expressão de uma verdade dentro do Catolicismo.

Vítor faz consistir a missão do sacerdote em ensinar a verdade e a virtude, pela palavra e pelo exemplo — e despojado caráter sacerdotal a todo o que, embora vestindo o hábito, não guarda a harmonia entre suas palavras e seus atos com a sublimidade de sua missão. É atacar a classe sacerdotal?

Quem assim julga, longe de pôr em evidência a meditação do Espírito maligno, na comunicação de Vítor, condena implicitamente o clero católico romano, dando a entender que não é muito comum, entre os sacerdotes, pregar a verdade e praticar a virtude.

Vítor, elevando o ministério sacerdotal, não censura os ministros que, com a palavra e o exemplo, seguem as pegadas do que foi a encarnação da divina palavra; mas, sim, aqueles que têm o orgulho de se julgarem representantes de Deus entre os homens, só por vestirem um hábito que mancham com suas misérias.

22°

Agosto de 1875

Irmãos; a oração dominical é a síntese e a chave da doutrina pregada pelo que morreu na Cruz. É um símbolo, uma profissão de fé essencialmente cristã, um respeitoso tributo de gratidão e adoração ao Ser Supremo, a expressão do desejo mais ardente do coração humano: o desejo da eterna felicidade, a confissão de nossa inferioridade, de nossa debilidade, de nossas misérias, acompanhadas de uma humildade e espontânea submissão à divina vontade.

É também, muito particularmente, a fórmula mais pura e expressiva da lei da caridade, única do Universo moral, e uma doce imitação de Jesus Cristo.

Maria

Não queremos insistir sobre intervir ou não, nas comunicações, uma influência diabólica. A sublime moral que respiram as que deixamos transcritas, revelam claramente sua origem superior — e quanto pudéssemos falar em apoio da sua elevação e pureza, mais eloquentemente o dizem as próprias comunicações.

Atendam bem nossos leitores, e verão que o Espiritismo encaminha as crenças pelas verdadeiras correntes evangélicas.

23°

Agosto de 1873

I

Meus filhos, esperai, esperai.⁵⁰ A semente confiada a Terra não se

⁵⁰ O principio desta comunicação, importantíssima pelo fundo e pela forma, responde aos nossos desejos de se propagar rapidamente o Cristianismo, em toda a sua pureza. Tais são a bondade e a excelência das doutrinas

transforma em loura espiga sem sofrer os frios do inverno e os sinistros abalos da tempestade, nos primeiros dias do verão.

Tendes ouvido que as leis do universo moral guardam a mais perfeita harmonia com as que regem o universo sensível. A Doutrina Espírita que, em sua essência, é a santa semente do Evangelho, experimentou, e continua a experimentar, o frio do ridículo com que acreditaram sepultá-la no mais obscuro esquecimento; mas, já se ouve o rugir da tempestade que se aproxima.

Enquanto o Espiritismo esteve oculto no fundo da consciência, como o grão de trigo nas entranhas da terra, julgou-se suficiente o ridículo para aniquilá-lo; entretanto, contra todas as previsões de seus inimigos, não somente não caiu no olvido, nem ficou envergonhado nas secretas dobras de uma ou outra consciência, mas também se atreveu a sair à luz e a disputar o direito de legitimidade na herança de Jesus, pelo que todos os elementos opostos se amanham, e seus mais intransigentes inimigos se aparelham para investir contra ele e vencê-lo.

Quem será o vencedor nesse combate de morte? Quem, após a luta, fará tremular sua bandeira vitoriosa? Vós o sabeis, como eu; porque sabeis perfeitamente que os Anjos do Senhor não podem pleitear ao lado do egoísmo contra o amor, do orgulho contra a mansidão, da escravidão contra a emancipação, do comércio ou especulação religiosa, contra a piedade, do fanatismo contra a verdadeira fé, das trevas contra a luz, do erro contra a verdade, da impostura que emana dos homens, contra a moral evangélica, que nasceu, desde a eternidade, nos Conselhos do Altíssimo.

Não vos admireis de que o sacerdócio se oponha, com furiosa tenacidade, contra a nova revelação de que dais testemunho, pois não é de admirar que as mesmas causas produzam os mesmos efeitos. O farisaísmo, contemporâneo de Jesus, não quis reconhecer nem sancionar a moral da divina doutrina, porque a verdade evangélica, que santificava a pureza, a humildade e a nobreza de coração, era a mais terminante condenação de seu amor à carne, de sua soberba e de seu apego às riquezas e glórias exclusivamente mundanas.

O que menos podia o farisaísmo fazer, do que qualificar de louco, de impostor, e até de instrumento de Belzebu, ao que, de tal modo, lhe jogava à face seus vícios, seus erros e seus crimes? Encarem o farisaísmo de hoje, do qual o sacerdócio forma a parte mais importante. A igreja oficial que, por isso mesmo que é oficial, não pode ser a verdadeira, pois que o ministério do culto e o ensino da fé são atributos e deveres indeclináveis das almas; a Igreja Romana, que, desde o momento em que se designou romana, devia deixar de chamar-se católica e cristã; a igreja, repito, que por tantos séculos manteve o cetro do mundo; que dominou as consciências, que marcou os limites dos mais formosos atributos da liberdade humana; que exerceu nas massas ignorantes uma

influência decisiva, com o fogo do céu e as fogueiras da Terra; que enfrentou com todos os poderes e pôs por escabelo da sua arrogância todas as instituições; que tem amontoado, sofismando a alma do Evangelho, riquezas e comodidades; que levou seu espírito comercial até à pedra do altar e vendeu a salvação a peso de ouro; que prenderam a razão de todos os homens, subordinando-a a de um miserável mortal, por ela divinizado; que se julga e se intitula a única possuidora das verdades eternas, como se Deus, não podendo suportar, só, o peso dessas verdades, se tivesse achado na contingência de reparti-lo pelos representantes de uma seita: como essa igreja, como esse sacerdócio há de consentir, sem lutar, e lutar desesperadamente, que triunfe o Espiritismo, o qual vem apagar os últimos vestígios das diferenças de classe, pregando a igualdade natural, que emancipa a consciência da superstição e a inteligência do absurdo; que revela o dever e as excelências da caridade e da oração, porém, de uma caridade sem limites egoísticos; que lança fora do templo, com o látego da ciência, os que negociam e regateiam a salvação das almas; que depõe de seu pedestal o Homem Deus, para confundi-lo no pó comum das gerações perecedoras e falíveis; que tira a luzerna de sob o alqueire, para que todos vejam por seus próprios olhos; que faz toda a Humanidade herdeira do céu, que cada seita adjudicava a si com exclusão das demais; que arranca ao Vaticano a chave misteriosa, sacrilegamente usurpada? Sim, sacrilegamente usurpada, porque Jesus estabeleceu sua doutrina e fez suas promessas, não sobre os homens e as instituições, mas sim sobre a fé em Deus e na prática da caridade, que é uma derivação daquela fé.

II

Qualificaram-vos de loucos. Bendita loucura a que consola pela esperança e purifica pelo cumprimento do dever sancionado pela ciência e pela razão. Outros vos chamaram instrumento de Satanás — e vossos nomes atraíram algumas dessas abomináveis maldições que se pronunciam em nome de um Deus de paz; mas não vos assuste ver que vos assinalaram como emissário -do inferno, nem tremais ante as maldições impotentes, esperando a bênção de cima.

Dizei aos primeiros, aos que vos chamam loucos: o que vale vossa sensatez se vos agitaís nas solidões espantosas do vácuo, enquanto viveis, e esperais desaparecer no horrível vácuo do nada, quando vosso corpo cair, para não mais se levantar?

Se a sensatez, se a prudência, estão na negação, no desespero e no nada, preferimos, à vossa prudência, a nossa loucura passiva e generosa.

E aos segundos, aos que vos indicam como instrumentos do diabo, redarguiu: se isto é do diabo, se do diabo procedem os virtuosos conselhos, as máximas salutares, as caridosas exortações, os evangélicos impulsos que todos os dias recebemos e admiramos, força é confessardes que o diabo trabalha por

destruir o império do diabo. ("Se Satanás se levantar contra si mesmo, dividido está, e não poderá durar, antes está para acabar." São Marcos, 3: 26); ou esta personagem é de melhor condição que vós, pois que vem organizar e restabelecer o que vós, em tantos séculos, não tendes feito senão perturbar e distrair do seu curso natural.

Escolhei: no primeiro caso, contribuímos para destruir o poder do demônio, ajudando-o contra si mesmo — e para firmar o reino de Deus, fazendo assim um bem; no segundo, contribuímos com os que são melhores que vós, para a reforma moral de nossos irmãos, e Deus levará em conta nossos esforços e piedosos desejos, no trabalho da nossa regeneração.

E acrescentai: se o diabo fosse o diabo, não vedes, insensato, que, para estender seus domínios, ele não tinha necessidade de recorrer a um novo sistema, menos eficaz que o que lhe oferecem as doutrinas da vossa igreja? Não sois vós os que prostituem a redenção, abrindo, de par em par, as portas dos tormentos infinitos e guardando os supremos gozos para um limitado número de mortos? Que mais poderia desejar o deus do mal?

O diabo existe, é certo; mas não o diabo, negação da onipotência, da misericórdia e da justiça de Deus. Existe; porém, não personificado em um ser imundo e abominável, destinado a fomentar perpetuamente o mal, a lutar vitoriosamente com a origem do bem, e a destruir quase todos os efeitos permanentes, e sempre vivos, da redenção.

O diabo da seita romana, que não passa de uma alegoria, literalmente interpretada, é uma afirmação ateia, porque supõe em Deus, que é e não pode deixar de ser o Pai e causa espontânea das criaturas, fraquezas e sentimentos de que vos envergonharíeis, embora não exerçais a paternidade senão pela carne e em virtude de superior delegação.

Os diabos são: o egoísmo, a impureza, o orgulho, a avareza, os ódios, as hipocrisias, as paixões e os sentimentos que revolteiam dentro do círculo da liberdade humana.

Jesus livrara os endemoninhados; mas, supondes acaso que arrancava aos corpos seres malignos, individualidades reais, que se tinham deles apossado? Assim o acreditou a ignorância dos meus contemporâneos — e Roma fomentou essa crença em proveito próprio, fazendo dela a mais poderosa de suas armas e o instrumento da sua larga dominação e do seu poder temporal.

Jesus curava os corpos enfermos pela eficácia da virtude que dele emanava, como de um foco de regeneração e de vida. (E toda a gente procurava tocá-lo, porque saía dele a virtude — e os curava a todos. Lucas, 6: 19.) E curava as úlceras da alma pela eficácia e santidade do seu olhar, que tocava o coração, e da divina palavra, que, como uma torrente de luz, fluía de seus amorosos lábios; e os surdos ouviam — e os cegos viam e os mortos na vida da alma ressuscitavam.

III

O homem é um ser débil, muito débil, em sua dupla natureza.

Seu corpo, formado de elementos e combinações puramente materiais, traz em si mesmo o gérmen de decomposição inerente à matéria; gérmen que se desenvolve rapidamente no organismo humano, pela força do princípio vital que por ele circula e que vem a ser, para a matéria, o agente e motor de suas transformações.

Sua alma, substância real, porém misteriosa e desconhecida para os que não veem o pensamento de Deus, penetra o corpo e adere a ele por um laço semimaterial (Se há corpo animal, também o há espiritual. S. Paulo aos Coríntios, I, 15: 44), ignorante de si mesma, como em letargo, esquecida do seu passado, em trevas sobre seu presente e seu porvir, com faculdades embrionárias para o bem, como para o mal, e conservando impressas as marcas de suas faltas e fraquezas anteriores.

Que fará essa alma ao despertar do seu letargo e tomar posse do seu corpo?

De um lado, o organismo, os estímulos da carne, provocando necessidades, apetites e tendências sensuais e egoísticas — de outro, a alma com aspirações a elevar-se e a enobrecer-se, mas coibida e neutralizada pelos cegos impulsos do seu invólucro material e pelos rescaldos de erros e extravios morais, cuja origem não poderia ser explicada sem recurso à preexistência do Espírito.

De um lado, a carne imperiosa, dominante, lasciva; de outra, a alma, a princípio inconsciente, débil, enferma, e com a porta aberta a todos os ventos da sedução.

Que fará? Que poderá fazer, senão sucumbir sem lutar, essa pobre alma, se tudo o que a rodeia e acompanha conspira para perturbá-la, debilitá-la e aniquilá-la?

O Onipotente, porém, de cujo amor nasceram e descenderam as almas, não havia de criá-las para condená-las ao mal (Eu as fiz e levá-las-ei. Eu as trarei e salvá-las-ei. Isaías, 46: 4); nem havia de consentir que fossem, inermes, entregues a uma luta em que seriam vencidas infalivelmente.

Ele quis que a vida do homem, sobre a Terra, fosse um combate, mas um combate glorioso, um combate de purificação, de reparação e de provas, de penas e humildade no sofrimento e de galardão na vitória.

Sua justiça viu a necessidade de um equilíbrio de forças, e esse equilíbrio, base da moralidade e responsabilidade das ações humanas, foi feito.

Como contrapeso e corretivo para os instintos e impulsos grosseiros da matéria, ele pôs na alma a semente dos sentimentos que purificam e enobrecem; em oposição às tendências para a sensualidade, deu os desejos constantes de puras e inefáveis sensações; ao lado dos rescaldos do mal — as intuições e os pressentimentos, acompanhados de um moderador severo e incorruptível: a consciência.

E ainda não era de todo acabada a obra; faltava luz ao quadro. A vontade havia trabalhado às escuras, porque a consciência continuava ainda em trevas e a liberdade não surgia.

Esta apareceu por último, com a luz da razão que, arrancando do caos a consciência, veio a ser o coroamento do sapientíssimo equilíbrio ordenado pela Suprema Justiça.

Não é lícito retocar este quadro, nem aditar-lhe o mais ligeiro detalhe, pois que a Divindade se reflete nele com seus mais formosos atributos, e o homem é uma obra que glorifica, seu incompreensível Autor.

E, no entanto, o homem se atreveu a pôr nele sua mão sacrílega e ignorante!

Submeteu a fraca natureza da criatura racional a uma influência maléfica, decisiva, porque destruiu o divino equilíbrio, rodeou-a de legiões de Espíritos privilegiados para o mal, dotados de um poder quase infinito, destinados a envolvê-la e a perdê-la para sempre.

Desgraçado destino, o da alma: sair do nada, aspirar, por um momento, à felicidade, que pressente sem conhecê-la, e sucumbir, para ser arrastada a eternos sofrimentos!

Para que uma única alma pudesse sair vencedora na luta com o diabo, dado o poder que a este se atribui, necessária seria a intervenção direta de Deus — e, nem Deus faz milagres, que seriam uma solução de continuidade na maravilhosa sucessão das leis, por Ele com infinita sabedoria estabelecidas, nem é admissível em sua justiça que, feito o milagre em benefício de algumas almas, não o fosse em benefício de todas.

Insistirei ainda sobre o mesmo ponto, porque é de importância decisiva e de transcendentalíssima influência, para estabelecer, sobre base sólida, a ordem de relações entre a criatura e o Criador.

A concepção de Satanás é, no fundo, essencialmente ateia. Estudai refletidamente a natureza desse tenebroso produto, tal como o apresentam e descrevem, e vereis, com toda a clareza, que é uma negação hipócrita de Deus em alguns dos seus essenciais atributos.

Nega, em primeiro lugar, sua justiça, com relação ao mesmo diabo, de quem não deixa de ser autor e pai — e, com relação aos homens, cujas débeis forças submete a uma força bárbara e a um poder irresistível. Nega, em segundo lugar, sua bondade, pelos seres predestinados a sofrerem e a produzirem eternamente o mal. Nega sua sabedoria, supondo na obra das criações, que deviam ser perfeitas, uma imperfeição absoluta e infinita. Nega sua onipotência, pondo por limites do poder soberano, que é o poder do bem, a ação triunfante do Espírito do mal. E nega sua misericórdia, excluindo dela todos os anjos decaídos e as vítimas desse poder irresistível e tenebroso.

IV

Um erro arrasta, em geral, a uma série de erros; pois, só por este modo se pode sustentar e perpetuar o primeiro.

O dogma errôneo do diabo suscitou o dogma, não menos errôneo, do inferno — a falsa doutrina da redenção da Humanidade em Jesus Cristo, um dogma absurdo sobre o perdão dos pecados e, destes, outros erros não menos transcendentais.

O dogma do inferno — de uma região horrível de dores, sem esperança, sem termo, síntese de todas as dores, de todas as agonias, de todas as angústias, de todos os suplícios que possam conceber o coração mais desumano, a mais requintada crueldade — é, como o dogma do diabo, uma grande blasfêmia e a negação de Deus, em sua bondade, sua misericórdia, em sua justiça, em sua sabedoria, e, pode-se acrescentar, em sua imensidade, pois que não se concebe a presença da divina substância na tenebrosa região do crime eterno e do desespero sem fim. Ligai, se vos é possível, o que ameaçam com eternas torturas os que esperam o justíssimo e o supremo bem; ligai, repito, esse dogma com as prescrições da moral evangélica, que também invocais.

Não compreendeis, não vedes, com toda a clareza, um contrassenso, uma flagrante contradição, um absurdo, num Deus que prescreve, por seu Enviado, a caridade sem limites e o perdão das ofensas, e, ao mesmo tempo, dá o exemplo de um ódio eternamente vivo e de uma caridade mesquinha?

Digo mesquinha, porque, com as dificuldades e tropeços que no caminho da salvação amontoou a Igreja Romana, seria mesquinho, para não dizer completamente nulo, o número dos eleitos do Senhor.

Jesus Cristo, que nunca abriu os lábios para pronunciar uma palavra inútil, porque era a encarnação da divina palavra e em tudo falou por superior delegação, nos últimos instantes da sua vida, e mesmo para resumir a moral dos seus ensinamentos, disse aos homens: amai-vos; e, elevando os seus sentimentos ao Pai, disse: perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem.

Não vos bastam, homens, essas palavras de amor e de esperança, para vos persuadirdes de que a caridade é universal e de que o perdão a ninguém foi negado, antes foram nele incluídos os próprios que quiseram matar a doutrina de amor na pessoa de Jesus — os próprios que levantaram mão parricida contra Deus, na pessoa do seu Enviado?

Jesus Cristo, morto, baixou em Espírito aos infernos (Cristo, em Espírito, depois de morto, foi pregar aos Espíritos que estavam no cárcere. Epístola I de S. Pedro, III, 19), isto é: ao mundo dos Espíritos, em suas diversas regiões de luz e de trevas, para dizer a uns: vós, que merecestes a paz da justiça, os que por vossas obras merecestes transpor a linha que separa a expiação e a reparação, da provação, mas que vos sentis sedentos de maior purificação; ide, descei a Terra e apoderai-vos do meu testamento, sede os continuadores da minha obra e os mestres da doutrina redentora; e aos outros, aos que haviam morrido no

remorso, aos enfermos, aos leprosos da alma, aos condenados por suas próprias obras: ide, subi à Terra, e encontrareis nela, se procurardes, o rocio de vossas esperanças murchas, a piscina de vossa salvação, a inesgotável fonte de vossa redenção e infinito progresso. E Abraão e Caim volveram à vida da carne. (Abraão é figura dos Espíritos bons; Caim é figura dos rebeldes.)

Se o dogma da eternidade de sofrimentos se firmasse no sentido de uma eternidade relativa, que é o sentido em que Jesus o entendeu, a justiça de Deus teria nele resplandecido — e nele a Igreja tê-lo-ia glorificado. A ação da justiça divina não pode ser concebida senão exercitando-se e aplicando-se dentro de uma proporção e correspondência absoluta, entre o castigo e a malícia da falta, e, como nenhuma das faltas humanas procede de malícia por sua natureza e origem infinita, nem suas consequências são eternamente permanentes, tampouco pode, por isso, em reta justiça, continuar eternamente o castigo. Continuará, sim, enquanto persistir a malícia e o Espírito se obstinar no mal, em termos tais que, se a obstinação fosse eterna, eterna seria irrevogavelmente a expiação.

Esta é a eternidade relativa de que eu vos falava; assim a entendia Jesus.

V

Resolvido pela morte o problema do destino das almas, de maneira definitiva, sem esperanças, necessário se fazia, já que ficava para sempre cerrada aos Espíritos à porta do arrependimento e da reparação, levar um consolo aos homens, que, de outro modo, teriam fatalmente caído no desespero; e este consolo foi-se buscar na falsa explicação da redenção por Jesus Cristo, falsa, como falso era o motivo que a fizera necessária, impossibilitando o homem de purificar-se e reabilitar-se aos olhos de Deus, por meio da reparação das faltas e males cometidos e ocasionados na vida. Não tendo, tampouco, méritos próprios, que viessem de certo modo servir de fogo purificador, de batismo das almas, ficava, entre ele e Deus, um vácuo desconsolador, o abismo da condenação, impossível de transpor, e soterrou-se aquele vácuo, e suprimiu-se aquele abismo, substituindo a reparação pelo arrependimento — e a purificação e os méritos próprios, pelo sublime sacrifício e méritos pessoais de Jesus.

Dentro deste ensino, dentro desta redenção, cabe a ideia absurda de que pode um homem ser causa ocasional da condenação de milhares, e que, reparando tão graves e incalculáveis males, pode apresentar-se justificado à suprema Justiça.

Nem isto é bom e justo, nem a redenção, tal como Roma a explica, é concebível.

Adão não é uma personalidade; é o tipo de uma raça humana que, havendo conseguido, pelos sempre sábios desígnios da Providência, habitar mundos superiores ao vosso, pecou por orgulho e por egoísmo, abusando, em

proveito próprio, da natural benevolência dos que a haviam recebido como raça irmã.

Chamado a juízo, foi condenado à expiação e à reparação; justíssima sentença, que veio a cumprir-se na Terra, alguns mil anos antes da época fixada no primeiro livro de Moisés.

Adão, no paraíso, simboliza aquela raça habitando esferas superiores - e simboliza-a em sua expiação na Terra, depois do pecado original. Necessário era, para entrar de novo no paraíso, de que havia sido expulsa, na terra de Canaã, donde seus pecados a tinha obrigado a sair, passar primeiro pelo deserto da expiação, que purifica, e da reparação, que justifica.

E por que meios havia de expiar e reparar seus pecados e os males causados? Trabalhando e regando a terra com o suor do seu rosto, isto é: lapidando sua inteligência, com as grosserias de matéria, de carne mais impura - elevando aos homens, que antes dela habitavam o planeta, luzes de aperfeiçoamento, até então ignoradas.

Que não vos suscitem dúvidas estas revelações, pois, se vos são dadas, é porque são necessárias, em razão de se aproximarem os tempos em que vai surgir a nova geração.

Apesar de a raça simbolizada em Adão ter sofrido, em sua imigração a Terra, uma grande perturbação moral que ocasionou o esquecimento do seu passado, não foi ela tão absoluta, que não deixasse nas almas alguns vestígios da perdida felicidade e certa esperança, à maneira de pressentimento, de que seriam remidas e novamente elevadas, pressentimento este concebido nas claridades do mundo espiritual.

Com os condenados da raça adâmica, vieram também Espíritos de missão, com o divino encargo de arraigar e fortalecer aquela esperança, e, assim, apoderando-se dela a Humanidade, considerou-a como uma promessa de origem celestial, que passou e se robusteceu através dos séculos e das gerações.

E na realidade existia a promessa da redenção, pois promessas divinas são as esperanças e os desejos inatos da felicidade espiritual. Como esta felicidade é inacessível às almas impuras, por suas impurezas condenadas, tinha de brotar, e brotou, no coração do homem, a esperança da sua redenção, princípio mais ou menos remoto da sua felicidade vindoura.

Mas, a redenção prometida à Humanidade extraviada não é a redenção explicada pelos sacerdotes e doutores do cristianismo romano, conforme acima foi indicado, porque esta não cabe na justiça de Deus.

Jesus Cristo não podia, nem quis assumir, nem assumiu todas as responsabilidades individuais, contraídas e por contrair, emanadas dos pecados dos homens — e muito menos podia, pelo sacrifício da sua vida, remir a Humanidade da pena do desterro a que fora condenada.

O princípio da redenção perde-se no misterioso princípio das humanidades, pois que a redenção começa com o desejo de ser remido — e

houve esse desejo, desde que houve Espíritos que sofriam e aspiravam a chegar ao termo de seus sofrimentos. Começa com o desejo de ser remido, porque esse desejo conduz primeiro ao arrependimento e, em seguida, ao amor e à prática do bem, que são o princípio e o termo da verdadeira redenção.

A redenção da Humanidade não se firma, pois, nos méritos e sacrifícios de Jesus, e, sim, nas boas obras dos homens.

O que Jesus Cristo fez, enviado pela misericórdia do Pai, foi apressar a redenção do gênero humano, derramando sobre o mundo e sobre seus erros a luz da doutrina única redentora.

VI

Isto assentado, é fácil e lógico deduzir que nem Roma nem ninguém possui o divino privilégio de perdoar os pecados — e que este perdão é o efeito natural da redenção.

A chave do paraíso, o Supremo Jardineiro nem mesmo a confiou aos Espíritos mais chegados a Ele por sua pureza — quanto mais aos homens ou às instituições humanas, tão pecadoras e falíveis. (Porque Deus é veraz e todo o homem falaz. S. Paulo aos Romanos, 3: 4.)

Os Espíritos puros e os homens de missão têm a seu cargo guiar a Humanidade para o caminho que conduz ditosas moradas, quando dele se perdem; mas suas portas só o Onipotente pode abri-las. Ao que por suas obras fica remido, Deus perdoa, porque Ele é o centro de todas as harmonias.

Não o explica assim Roma, nem era possível que assim o explicasse, desde que admite a existência do diabo e de uma mansão de eternos sofrimentos, como sorte fatalmente definitiva das almas condenadas.

Não podia arrancar aos homens, mesmo os mais pecadores, a suprema esperança de se reabilitarem aos divinos olhos; em primeiro lugar, porque seria contradizer claramente o Evangelho — e também porque nenhuma sociedade aceitaria uma religião que, como o Saturno dos pagãos, devorasse seus próprios filhos. E, como aquela esperança, se desvanecia para o pecador no destino definitivo da sua alma, houve necessidade de fazê-lo compreender que ali, aonde não pudesse chegar sua expiação e os seus méritos pessoais, chegariam, por obra do arrependimento, a expiação e os méritos de Jesus. Que cegueira! Quanta aberração! Supor e afirmar que os sofrimentos e a morte do Justo foram ordenados do Alto, em expiação dos pecados de todos, é a mais orgulhosa das blasfêmias contra a justiça do Eterno.

Deus não só fez tudo bem, como fez tudo melhor, e é uma, verdade evidente que, fazer recair sobre quem não delinuiu a expiação de faltas por outros cometidos, assim como levar em conta os méritos espirituais de um para a salvação de outro, não é o melhor, nem mesmo o bom, tanto na divina como na humana justiça. Esta exige, quanto for possível, a reparação do mal feito e a consequente expiação — e é o melhor que tem a justiça dos homens.

E havia de falhar, de maneira completa e absoluta, a justiça de Deus?

Jesus Cristo transmitiu aos seus Apóstolos e discípulos e, com estes, a quantos acudissem a sustentar e propagar o Evangelho, a faculdade de perdoar os pecados; esta faculdade, porém, vinculou-a aos continuadores da sua santíssima missão, nos mesmos termos com que a tinha recebido do Pai. (Como o Pai me enviou, assim vos envio eu também. João, 17: 18.)

O orgulho e a ignorância desnaturam, entretanto, o legado transmitido por Jesus e os homens atribuíram a si próprios uma virtude que continuava inalterável no fundo da verdade evangélica.

O que desligares, não por tua virtude e poder, mas sim pelo poder e virtude da doutrina sobre a qual foi edificada a minha Igreja, que é a Igreja de Deus — o que assim desligares e perdoares na Terra, também nos céus será desligado e perdoado.

Não equivale isto a dizer: Em meu testamento, que vos lego, para que o façais cumprir, para que o expliqueis e torneis claro ao meu pobre povo, que é a Humanidade inteira, sem exceção de um só homem — achareis o Jordão das almas, a fonte da sua redenção e do perdão dos seus pecados; todos os que atrairdes para mim, que sou, em representação daquele que me enviou, o caminho, a verdade e a vida; todos os que atrairdes, com vossos conselhos e prédicas à prática sincera da minha doutrina, ficarão remidos e perdoados, sendo vós os instrumentos do perdão?

Sim, filhos e irmãos meus; não sobre os homens e sobre as instituições humanas, porém sim sobre a divina palavra e a prática da caridade, estabeleceu Jesus seu sacerdócio e suas promessas.

VII

Hora est jam nos de somno surgere. Já é tempo de a Humanidade reconhecer-se; já é tempo de, obediente às inspirações que baixam das esferas etéreas, acompanhando sua própria e espontânea atividade, sair de sua obcecação, da escravidão de seus erros, para empreender e seguir, com passo firme, sem vacilações e sem prevaricações, o caminho que conduz à terra prometida; já é tempo de abrir-se à verdade nas inteligências e de reinarem nos corações a caridade e a humildade; já é tempo de a semente, plantada nas consciências pelo Filho do homem, produzir fruto abundantíssimo de vida e de todas as seitas religiosas, depurando-se de tudo o que é obra e mandamento do homem, e conservando o que é permanente e eterno, convergirem, unirem-se e identificarem-se em Deus e no Evangelho, para constituírem a Igreja universal — o verdadeiro Catolicismo cristão.

Vós, os que por fanatismo, por ignorância ou por orgulho, vos julgais ministros, sacerdotes e representantes de Deus, e depositários de suas verdades e poder, só porque outros homens vos têm posto suas mãos, talvez impuras e manchadas, e pronunciado, sobre a vossa cabeça, uma fórmula vã e ineficaz,

vinde, vinde aqui, irmãos meus, filhos meus, vinde, pois que todos cabem na misericórdia do Pai; vinde e dizei-me: Que sois? Quem sois? Haveis penetrado, com vista imparcial e investigadora, em vossos corações, nas recônditas dobras da vossa consciência, nos segredos da vossa alma? Haveis medido a extensão dos vossos desejos? Haveis sondado vossas fraquezas e misérias, e buscando, livres de amor-próprio, o verdadeiro nível de vossas virtudes? Haveis olhado e estudado bem? Haveis, sequer, pensado em estudar-vos? Em uma palavra, conheceis-vos?

Pois, se não vos conheceis, parai aí, concentraí-vos, filhos meus, e pedi a Deus que vos abra os olhos, para que possais ver-vos com cuidado e sem orgulho, porque tendes de ser chamados a um juízo de amor, em virtude do qual se vos abre o caminho da reparação e o meio de poderdes comparecer limpos a outro juízo - ao juízo em que cada um colhe o fruto de suas obras.

Estudai-vos, repito, e dizei-me: Ao encontrar-vos frente a frente com vossos irmãos, os outros homens, a quem levianamente condenais, e com vossa consciência, que vos recorda o que sois, vos haveis, porventura, julgado superiores e dignos de ser seus mestres e os ministros daquele que a todos vê e a todos julga?

Tendes podido duvidar de que, perante Deus, ninguém é mais do que suas obras o fazem merecedor? Vinde e dizei-me: A fé que quereis impor aos demais, prescrevendo e condenando o principal atributo das almas, tende-a vós? E os que, dentre vós, a têm, como a adquiriram?

Foi por sua iniciativa, por suas virtudes, por seus estudos e esforços, por haverem encarado a luz, ou por haverem cerrado os olhos para não vê-la?

Vinde, e dizei-me: Ao consagrar-vos ao sacerdócio, haveis consultado os interesses espirituais da Humanidade ou os vossos interesses temporais? Vós o aceitastes como um sacrifício ou como um modo de viver e prosperar?

Tendes professado a pobreza que nasce do amor, e a doçura que nasce da humildade, ou, pelo contrário, tendes sido ambiciosos e iracundos?

Vinde, e dizei-me: Tendes dado e ensinado a dar a Deus o que é de Deus, e a César o que é de César, ou vos haveis prostrado aos pés de César, em desdouro da majestade de Deus, e invocado o nome de Deus para combater a César?

Nas contendas, nas guerras contra vossos irmãos, tendes corrido a contê-las e a fazê-las menos sanguinolentas com vossa missão apostólica, ou tende-as soprado e ensanguentado, abusando da influência que haveis exercido e ainda exerceis, em razão do vosso ministério?

Tendes querido, como Jesus, imperar sobre as almas pela caridade, ou dominar na Terra pela ignorância?

Vinde, e dizei-me: Depois de tantos séculos em que haveis governado as consciências, explicado a moral e dirigido as sociedades, em que estado haveis deixado as sociedades, os costumes e as consciências? Ah, o vosso procedimento não é o fruto do Evangelho!

Reconhecei-vos, filhos meus; compadecei-vos de vós mesmos, como eu me compadeço, e como amanhã se compadecerá a Humanidade. Amai-vos mais em Deus e menos na carne — ainda estais em tempo.

Tendes errado; quem não erra? Tendes cometido faltas; quem terá o direito de vos atirar a primeira pedra?

Levantai a bandeira que Jesus desfraldou e, deixando de ser sacerdotes pelo hábito, sede-o pela caridade e pela pregação.

Não duvideis de que é Maria quem vos fala, a mulher ditosa que trouxe em seu ventre o celestial Enviado, o Fundador da religião divina, que julgais professar, mas que não professais como devíeis.

Não desprezeis esta revelação, nem a condeneis sem meditar. Estudai-a sem ódio, sem paixão, sem prevenções de escolas e sem o egoísmo do sectário — e, se depois desse proveitoso estudo, para o qual, peço-vos, invocai fervorosamente o auxílio de Deus, vos sentirdes dispostos a confessar que este documento, reflexo fiel da verdade evangélica, não pode ser obra de um gênio maléfico, de um Espírito mentiroso, confessai-o, irmãos meus, filhos meus, e aceitai e defendei a nova revelação.

Que importa que esta revelação venha derrubar e pulverizar um colosso de dezenove séculos, se ao mesmo tempo levanta do pó da ignorância, do erro e do egoísmo, toda a Humanidade?

Não rechaceis o Espiritismo, não intenteis combatê-lo com o diabo que se evapora em vossas mãos ao calor da nova luz, e desaparece, para ocupar seu verdadeiro lugar, entre as recordações mitológicas.

Se vos obstinardes em vossos erros e se vos encastelardes em vossa orgulhosa infalibilidade, nem por isso lograreis impedir e deter, por um momento, o que está irrevogavelmente decretado. Sereis arrastados pela ideia, e sucumbireis miseravelmente, levando convosco, em vossa queda, a compaixão de uns, o desprezo de outros, o ódio de muitos, e a severa responsabilidade de vossos atos.

Maria

Ami-vos uns aos outros e glorificai a Deus

Maria

Deixamos ao bom critério dos nossos leitores os comentários a que se presta a comunicação de Maria. O que poderíamos acrescentar, que não fosse pálido e descorado ao lado da fluidez do estilo e da profundidade dos conceitos que se ostentam nas preciosas linhas inspiradas pela Mãe do Redentor.

Bendizemos mil vezes a Providência, por haver-nos concedido, sem merecê-lo, uma joia de preço inestimável, e um escudo em que se embotarão as setas envenenadas dos inimigos e detratores do Cristianismo Espírita, ou, falando com mais propriedade, do Cristianismo de Jesus!

24°

Agosto de 1873

Meus amigos. Não me chamastes pela palavra; mas fizeste-o pelo desejo e, por isso, volto a vós.

O bom desejo é como a estrela luminosa que acompanha as almas dos vivos e serve de guia aos Espíritos que dormem o sono da justiça.

Contais com os dias da justiça e das amarguras — e não vos enganais. Não erguer-se contra vós, de um lado, as exagerações ateias com seus sarcasmos, e, de outro, as exagerações religiosas com suas furibundas maldições. Nem umas, porém, nem outras vos hão de fazer vacilar ou retroceder um passo, porque a vitória será para as doutrinas que professais e que se propagam em todas as direções com assombrosa atividade. Vossos sofrimentos serão exclusivamente morais, pois que, felizmente, já passaram, para vós, os tempos em que era preciso a autorização eclesiástica para se estabelecer à verdade.

Estais ou não persuadidos da bondade e justiça dos costumes, dos princípios que brotam da Nova Revelação?

Pois se assim é, deixai todo o temor pueril, impróprio de ânimos resolutos.

Que o mundo veja vossa fé e inquebrantável resolução. O mundo poderá, primeiro, apontar-vos com o dedo, mas logo vos respeitará e acabará por seguir-vos.

Que o mundo veja, por vossas ações, que sois bons — e ele repelirá vossos caluniadores.

Vossas condições exigem que melhoreis incessantemente vossos hábitos, e adoceis os sentimentos que sentis vibrar no seio da vossa alma.

O Espiritismo teórico é uma filosofia e o Espiritismo prático é uma virtude. Não esqueçais que o mundo não necessita nem busca filosofias estéreis, mas sim virtudes.

Vítor, bispo

Quanta bondade e quão virtuosos conselhos na comunicação de Vítor!

Sem atirar-nos ao rosto as nossas misérias, ele nos aponta o caminho que devemos seguir, se quisermos trazer dignamente o nome consolador de cristãos.

Não basta discutir a bondade das doutrinas, nem propagá-las com a palavra; é necessário ensiná-las com o exemplo, adoçando os sentimentos e reformando os costumes.

Será vão nos chamarmos espíritas sem procurar com eficácia o melhoramento do Espírito.

Lendo as palavras de Vítor, parece-nos estar contemplando um gênio benéfico, em atitude de indicar aos homens o templo da virtude.

25°

Setembro de 1873

Irmãos! Lembrai-vos a cada instante do salutar ensino que vos deu Vítor, quando disse: O Espiritismo teórico é uma filosofia, e o Espiritismo prático é uma virtude — e não esqueçais que o mundo não necessita nem busca filosofias estéreis, mas, sim, virtudes.

Discorreis com certa lucidez sobre as verdades fundamentais do Espiritismo — e vos sentis comovidos por bons desejos; isto, porém, não basta. Vossos discursos e a vossa lógica são quase completamente infrutíferos, pois não passam do limitado círculo de vossas relações íntimas — e vossos bons desejos não são ativos, como deviam ser, depois do que vos tem sido concedido.

Quereis guardar a luz debaixo do alqueire? Se assim for, escondi-vos no escuro recanto de vosso egoísmo — e deixai a outros essa missão, que requer a infatigável atividade da formiga e o zeloso cuidado do pastor.

Ainda vacilais, ainda temeis e não ousais decidir-vos; sabeis par quê? Porque vos falta a fé do apóstolo, porque o amor-próprio é ainda o móvel de muitas das vossas ações, porque pretendeis acomodar, não vossas conveniências ao Espiritismo, mas o Espiritismo a vossas conveniências; porque, apesar de muito falardes em caridade e humildade, não sois sinceramente humildes, nem verdadeiramente caridosos.

Sois frios e, para o cumprimento do encargo que tomastes, é preciso ter o coração de fogo; sois excessivamente tímidos e vos é necessário o valor do mártir.

Lede as comunicações que, sem as merecer, tendes obtido e cobrai o valor e o entusiasmo que vos faltam. E, sobretudo, pensai menos em vós e muito mais nos outros e não temais, nem vacileis no dizer e proclamar em voz alta as verdades que vos têm sido dado conhecer.

Santo Agostinho

26°

Novembro de 1873

Meus irmãos e meus filhos, porque o sois de minha doutrina, fundada sobre a fé de Jesus: a paz seja convosco e a caridade em vosso espírito. Glória a Deus nas alturas e a Jesus Cristo à direita do Pai — e eu a seus pés.

Estou convosco desde que vos reunistes em espírito de verdade e em nome de Jesus — e ansiosamente sigo vossos passos.

Receava que retrocedêsseis por causa das contradições e pelo temor dos juízos do mundo! Felizmente, assim não foi, e, pois, me felicito e vos felicito.

Também tenho acompanhado vossos trabalhos em prol da propaganda

cristã.

Vosso livro será o protesto da verdade humilde contra o erro triunfante e orgulhoso. Sua doce filosofia penetrará suavemente pelas entranhas do povo; será um pequeno roedor, mas que, em sua pequenez, contribuirá eficazmente para destruir os pés do gigante.

Não é um trabalho perfeito, mas sim de grande utilidade; mais útil para o povo que alguns dos meus livros, que convirá reformar.

Talvez Roma e o Evangelho não seja o último que tendes de publicar em defesa das verdades cristãs. Pedi e dar-se-vos-á, disse Jesus, nosso divino Mestre.

Esvaziai vosso coração de suas impurezas e pesai vossas obras e vossos hábitos na balança do dever. Não vos peço impossíveis; mas, porque vos amo, vos aconselho, e continuarei aconselhando-vos por amor e por dever. Sede perseverantes no bem, como é o Pai em suas misericórdias.

A paz seja convosco, e a caridade em nosso espírito.

Allan Kardec.

Allan Kardec, o homem ilustre que, com atividade infatigável, soube reunir os dados e antecedentes que revelam a verdade do Espiritismo, espalhados por todos os países da Terra, formando com eles um corpo de doutrina moral e religiosa, o distinto apóstolo da caridade cristã, que hasteou com firmeza a bandeira do Evangelho feita em retalhos pelo egoísmo e pelo orgulho, o espírito varonil a quem não acobardaram os insultos e sarcasmos da época, em sua missão de impelir e dirigir as sociedades pela senda da felicidade e do amor; Allan Kardec continua, das regiões espirituais, a salutar propaganda que iniciou e fez frutificar durante sua vida corporal.

Mais de trinta milhões de espíritas dão testemunho da poderosa iniciativa que desenvolveu o autor de *O Livro dos Espíritos*, de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, de *A Gênese*, de *O Céu e o Inferno*, de *O Livro dos Médiuns* e de outras obras de inestimável valor para o desenvolvimento das virtudes cristãs.

27º

Dezembro de 1873

Meus amigos. As contrariedades são o crisol da fé.

Tendes entendimento para julgar, o coração para sentir e vontade para agir. Estudai as coisas, meditai-as com cuidado e discrição, e depois fazei o que vos indicar a consciência.

Não espereis só o que vem do Alto. A graça, alcança o que não podem as forças da natureza, humana, porém, nunca desce ao que está na esfera do poder da criatura. Consultai os Espíritos, com o beneplácito de Deus, sobre o que vos é

superior; quanto ao mais, se seguirdes os conselhos de vossa consciência, ela vos dará as inspirações dos Espíritos de Deus. Não peçais conselhos a respeito de vossos deveres, pois são deveres e se cumprem sem força estranha. Consultar sobre o cumprimento de um dever, supõe vacilação, e esta é o princípio do seu não cumprimento.

Luculus, vosso irmão

Nunca recomendaremos demasiadamente a leitura e o estudo desta comunicação aos cristãos espíritas, e especialmente aos que se dedicam à prática da mediunidade.

Tais atrativos se encontram na comunicação espiritual, e não há um neófito do Espiritismo que não se esforce por ensiná-la e provocá-la antes de conhecer o respeito que ela merece, os inconvenientes que apresenta a maneira de praticá-la sem cuidado, resultando daí uma infinidade de decepções.

Quando a indiscrição, a vaidade, a curiosidade, o orgulho, ou o egoísmo, são os motores da vontade do médium ou dos que contribuem para provocar o fato, as comunicações se ressentem de mil defeitos e frustram-se as esperanças dos indiscretos, frívolos e orgulhosos. É necessário que nos persuadamos de que, no uso da mediunidade, unicamente se deve procurar o bem moral próprio e alheio; pois, tudo o que não seja responder a esses nobres desejos e caridosos propósitos, são profanar a comunicação.

A caridade é o espírito dos ensinamentos do Cristo; busquemos pois a caridade e nada mais que a caridade, no fruto da comunicação entre os seres espirituais e os homens.

28º

Março de 1874

I

Elevei-me para além do presente, meus irmãos, e meu espírito descortinou.

Que descortinou meu espírito?

Descortinou o passado e algo do futuro.

Viu primeiro a confusão, o estado caótico primitivo do planeta em que habitais, e minha alma admirou o poder de Deus na esfera da Humanidade.

O caos terrestre estava imerso na luz, na harmonia universal, no fecundo seio do Criador.

Que viu mais? Viu a nuvem condensar-se, e o caos obedecendo ao impulso da única lei que governa o Universo. A Terra ia surgindo da confusão e rolava e rolava pelo infinito, banhada nos raios do Sol e envolta na luz de miríades de

formosíssimas estrelas — e minha alma admirou o poder de Deus em sua sabedoria incriada.

Que mais viu?

Viu levantarem-se da Terra os vapores e a chuva cair torrencialmente, resfriando-a, fecundando-a e preparando-a para os seus grandes destinos. E seu seio virginal, obediente à suprema lei das harmonias, recebia os primeiros germens, a semente da vida, destinada a fecundar os organismos — e minha alma admirou o poder de Deus, em sua inefável providência.

Que mais viu?

Viu a Terra soerguer-se do fundo das águas e separarem-se os mares dos continentes, e o fluido vivificante elaborar, no segredo da Natureza e no mistério das forças emanadas da suprema lei, os organismos primitivos. Um princípio sem princípio, anterior e superior a toda a força, uma lei anterior e superior a toda a lei, uma causa anterior e superior a toda a inteligência, uma vontade anterior e superior a toda à vontade, penetravam e ligavam tudo — e minha alma admirou o poder de Deus e sua incomparável imensidade.

Que mais viu?

Viu os raios do Sol banhando as primeiras colinas da criação e produzindo um oceano de pontos luminosos na superfície agitada das águas. Que bela e majestosa solidão! E as colinas da Terra, e o fundo dos mares se cobriam e se matizavam com as encantadoras primícias da vegetação, e minha alma admirou o poder de Deus e a formosura de suas obras.

Que mais viu?

Viu grandes abalos e espantosos cataclismos; a Terra agitar-se e arrojando de suas entranhas nuvens candentes e turbilhões de fumo e fogo, como montanhas, e as águas romperem os diques naturais, inundando a Terra, como se corresse a apagar aquele incêndio universal, por meio de um dilúvio universal. E, nem por isso, deixava o globo de seguir seu curso, porque os cataclismos entravam nos efeitos da primeira e única lei imposta à substância material — e minha alma admirou o poder de Deus e sua admirável previsão.

Que mais viu?

Viu surgir de novo à ordem e a harmonia do seio da confusão, desenhar-se no firmamento o arco-íris, renascerem as plantas e transformarem-se, mais ricas de frescura e louçania, embelezando mais e mais a superfície terrestre. A nuvem, que circundava e prendia a Terra, ia se purificando e adelgaçando, tornando-se mais sutil e transparente. O planeta tinha soterrado os enormes boqueirões que deram passagem ao fogo de suas entranhas — e minha alma admirou o poder de Deus, e sua esmagadora grandeza.

Que mais viu?

Viu, com surpresa, e percorreu toda a escala ascendente da vegetação, em seus inumeráveis tipos, desde os mais simples e imperfeitas até os mais perfeitos e complexos. No cimo da montanha, no ápice da pirâmide, no mais

elevado dos tipos, pareceu adivinhar que o desenvolvimento das plantas não era só devido ao fluido, ao princípio vivificante, mas que também intervinha um fluido, um princípio, porventura mais etéreo e celestial. E fixando, confusa e impotente, os olhos na soberba vegetação que cobria as terras primitivas — minha alma admirou o poder de Deus e seus insondáveis mistérios.

Que mais viu?

Minha alma ficou deslumbrada e cega, porque quis desafiar a luz do Sol. Deixai que minha alma recobre a vista que perdeu, tentando surpreender um dos segredos de Deus.

II

Ao restabelecer-se a visão, já não eram só os vegetais os seres vivos que povoavam a superfície da Terra e os abismos do oceano. As aves se aninhavam agitadas por suaves brisas e cantavam nas ramagens; os animais corriam, cada um segundo seus instintos e necessidades, pelos montes e vales, por desertos e selvas, pelos bosques e margens dos rios; os peixes desfilavam pelo seio das águas, e, sobre todos esses seres, dotados de vida e de movimento, destacava-se outro mais nobre e privilegiado, o rei de todos — o homem.

Tinha mediado um parêntesis, talvez de muitos milhares de séculos. Este parêntesis não pertence à criatura; é do domínio da Sabedoria Infinita.

Donde saíram os peixes, as aves e os animais terrestres?

Qual foi o princípio de sua formação e desenvolvimento?

Vieram do Alto ou surgiram do pó?

Meu espírito não o tinha visto, porém minha alma parecia ter algo adivinhado, mais puro que o impulso vivificante, nos primeiros e mais elevados elos da cadeia vegetal.

Livrai-vos de firmar juízos sobre minhas palavras, quanto ao misterioso nascimento dos animais. Meu espírito estava cego; e que confiança merece a vista de um pobre cego?

Ascendendo, pelo estudo, à escala ascendente do reino animal, em seus inumeráveis tipos, vi com surpresa, nos mais perfeitos, algo que não podia explicar, algo que parecia escapar e parecia estranho à natureza animal.

Meu Deus! Quão pequenos somos a teus pés!

Donde havia saído o homem? Qual tinha sido o princípio de sua formação e de seu desenvolvimento? Veio diretamente do pensamento de Deus ou levantou-se do pó por uma série de transformações sucessivas?

Meu espírito não o tinha visto, porém minha alma não podia esquecer aquele algo indefinível, que tinha como que adivinhado nos animais superiores.

Luz, luz, muita luz, muitíssima luz! Porém a luz reside em Deus.

Eu tinha visto, e via vegetais como minerais e minerais como vegetais, animais como vegetais e vegetais como animais, homens que participavam muito do animal e animais que participavam alguma coisa do homem.

Livrai-vos de assentar juízos sobre minhas palavras quanto ao misterioso nascimento do homem. Meu espírito estava cego; e que confiança merece a vista de um pobre cego?

Eu via o homem, e via nele o sentimento, à vontade e a luz; via o animal, e via nele a sensação, o impulso e o instinto; via o vegetal, e via nele a tendência para a conservação. E perguntava a mim mesmo: O sentimento, à vontade e a luz são criações independentes e primitivas ou são uma criação única, já modificada ou transformada?

E, ao pensar que os três caracteres distintivos da natureza humana poderiam confundir-se em sua raiz, acudiu fugitivamente à minha alma a ideia de que podia ser a unidade, a identidade, o limite de sua depuração.

E perguntava a mim mesmo:

São, porventura, o sentimento, a sensação depurada e transformada, à vontade, o impulso depurado e transformado? Serão, porventura, o sentimento e a sensação, à vontade e o impulso, a luz e o instinto — depurações e transformações daquela tendência para a conservação iniciada no organismo vegetal?

Ignoro; não sei; não quero; não posso; não me atrevo a sabê-lo; porque Deus pôs um véu entre o seu segredo e os olhos de meu espírito. Minha alma nada sabe acerca do princípio e do nascimento do homem!

III

Adão, Adão, onde estás?

Meus olhos procuravam-no e não o viam; eu o chamava e ele não me respondia.

Adão ainda não tinha vindo.

Onde estava Adão?

Não me aparecia; Moisés tampouco vinha, para dizer-me onde se achava escondido o primeiro homem do Gênesis.

Porque eu via um homem, dois homens, muitos homens e, no meio deles, não via Adão, e nenhum deles conhecia Adão. Eram os homens primitivos, esses que meu espírito, absorto, contemplava.

Era o primeiro dia da Humanidade; porém, que humanidade, meu Deus? . .

Era também o primeiro dia do sentimento da vontade e da luz; mas de um sentimento que apenas se diferenciava da sensação, de uma vontade que apenas alcançava desvanecer algumas das sombras do instinto.

Primeiro que tudo, o homem procurou que comer, e comeu; após, procurou uma companheira, juntou-se com ela e tiveram filhos, parecidos com o pai e com a mãe; finalmente, ele ergueu os olhos na direção do céu, e, tombando pesadamente sobre a terra, dormiu.

Quão nebuloso e triste é o primeiro dia da Humanidade comparado ao tempo de hoje!...

Meu espírito procurava o homem, e, descobrindo-o, retrocedia. Volvia a observá-lo, e de novo retrocedia. Porque meu espírito não via o homem do Paraíso; via muito menos que o homem, coisa pouco mais que um animal superior.

Seus olhos não refletiam a luz da inteligência; sua fronte desaparecia sob o cabelo áspero e hirsuto da cabeça; sua boca, desmesuradamente aberta, prolongava-se para diante; suas mãos pareciam-se com os pés, e frequentemente tinham o emprego destes. Uma pele pilosa e rígida cobria as suas carnes duras e secas, que não dissimulavam a fealdade do esqueleto.

Oh, se tivéssemos visto, como eu, o homem do primeiro dia, com seus braços compridos e esqueléticos caídos ao longo do corpo, e com suas grandes mãos pendidas até aos joelhos, vosso espírito teria fechado os olhos para não ver, e procuraria o sono para esquecer! Não obstante, não deixeis de glorificar a Deus; porque Ele é a sabedoria infinita, e o homem primitivo é uma manifestação — um raio da luz eterna da sabedoria infinita.

Deixai seguir a obra de Deus. Seu termo, como o de todas as obras do Senhor, é a pureza e a perfeição.

O homem primitivo, visto de hoje, é um espetáculo que fere de horror e desolação; visto dos primeiros séculos do nascimento dos animais, é uma esperança luminosa, uma nuvem rasgada no horizonte da eternidade.

Amemos e adoremos a Deus.

O homem dos primeiros dias da Humanidade comia e bebia, porém não comia nem bebia como homem; andava, porém não andava como homem; via, porém não via como homem; amava e odiava, porém não amava nem odiava como homem.

Seu comer era como o devorar; bebia abaixando a cabeça e submergindo seus grossos lábios nas águas; seu andar era pesado e trôpego, como se a vontade não interviesse; seus olhos vagavam, sem expressão, pelos objetos, como se a visão não se refletisse em sua alma; e seu amor e seu ódio, que nasciam de suas necessidades satisfeitas ou contrariadas, eram passageiros como as impressões que se estampavam em seu espírito, e grosseiros como as necessidades em que tinham sua origem.

O homem primitivo falava, porém não como homem.

Alguns sons guturais, acompanhados de gestos, as precisos para responder às suas necessidades mais urgentes, eram a linguagem do homem do primitivo dia.

Fugia da sociedade e buscava a solidão. Ocultava-se da luz e procurava indolentemente, nas trevas, a satisfação de suas exigências naturais. Era escravo do mais grosseiro egoísmo. Não procurava alimento senão para si. Chamava a companheira em épocas determinadas, quando eram mais imperiosos os desejos da carne; e, satisfeito o apetite, retraía-se de novo à solidão, sem mais cuidar da companheira e dos filhos.

Era extremamente preguiçoso. Estendido na terra, alimentava-se do que estava ao alcance de sua mão; e, sempre que se punha em movimento, seus gestos revelavam repugnância e desgosto.

Passava pelo cadáver de outro homem, fixava nele um olhar estúpido, e ia além.

Nunca ria; nunca, os seus olhos derramavam lágrimas. O seu prazer era um grito, a sua dor era um gemido.

O seu pensamento era superficial, incerto e fugitivo; as suas ideias eram elementares e confusas; não deixavam em sua alma outro vestígio mais que aquele que em vós deixa um sonho incoerente e fugaz.

O pensar fatigava-o; ele fugia do pensamento como da luz.

Considerava os animais terrestres como iguais, em natureza, a si mesmo, e considerava as aves como superiores ao homem.

O céu girava e as estrelas luziam por cima de sua cabeça, mas ele não percebia o movimento do céu, nem o brilho das estrelas.

Para ele não havia terra além do que divisavam seus olhos, nem outros seres além dos que descobriam os seus toscos sentidos.

Vivia sem conhecer o motivo da sua vida; morria sem ter jamais pensado em morrer.

Oh, se houvésseis visto, como eu, o homem do primeiro dia, com os seus longos e esqualidos braços caídos, e com as suas grandes mãos que chegavam aos joelhos, o vosso espírito teria fechado os olhos para não ver, e buscaria o sono para esquecer!

Não obstante, não deixeis de glorificar a Deus, porque Ele é a sabedoria infinita, e o homem primitivo é uma manifestação, um raio da luz incriada, da sabedoria infinita.

IV

Tinha findado o primeiro dia do homem; dia de séculos, porque no relógio da Humanidade os dias são segundos de segundos, e os séculos de séculos são dias.

Amemos e glorifiquemos a Deus e elevemos-lhe cânticos. A Humanidade deu um passo nas vias do progresso.

Como penetra no coração o rocio da consolação! Como brilham para o espírito os primeiros albos da luz! Como desperta a alma, trêmula de emoções, ao doce pressentimento de uma felicidade a conquistar nos séculos.

O homem primitivo não é o homem; a humanidade do primeiro dia não é a humanidade.

O primeiro homem é o primeiro degrau da escada de Jacó: mal se destaca do pó.

O homem é a lei, é o progresso, é o aperfeiçoamento, é a elevação pela matéria, é a purificação pela luz é o melhoramento pelo mérito, é a felicidade

pelo dever, é a palavra de Deus que subsistirá pela eternidade.

Se o homem do primeiro dia fosse o homem, não teria ele saído do primeiro dia. E o homem saiu do primeiro dia.

Meu espírito vê o corpo do homem, e não cerra os olhos para não vê-lo; contempla sua alma, e não repele a imagem de sua alma.

Começou a luta do espírito com a matéria, e o princípio espiritual avança, ainda que pouco, porém avança.

A primeira jornada augura a vitória do espírito sobre a carne; é o ponto de partida — a princípio do fim do reinado da matéria — é o primeiro anúncio do reinado do pensamento de Deus.

Nessa luta, eternamente secular, o corpo é o crisol do espírito, e o espírito é o modelador, o artífice do corpo.

Depois do primeiro dia da Humanidade, o corpo do homem aparece menos feio, menos repugnante à contemplação de minha alma. Sua fronte começa a debuxar-se na parte superior do rosto, quando o vento açoita e levanta as ásperas melenas que a cobrem. Os seus olhos são mais vivos e transparentes, o seu nariz é mais afilado e levantado e a sua boca é menos proeminente. Um princípio de expressão se manifesta no conjunto. Os seus braços são menos longos e esqueléticos, suas carnes são menos secas, suas mãos menos volumosas e, com dedos mais prolongados, os ossos do esqueleto são mais arredondados, mais bem dispostos ao movimento das articulações; maior elasticidade existe nos músculos e mais transparência existe na pele que cobre todo o corpo.

No seu olhar, ele reflete o primeiro raio de luz intelectual; é o olhar da criancinha, ao despertar a sua alma, ao primeiro despertar da sensação em seu espírito adormecido. No seu caminhar, já menos lerdo e vacilante, adivinha-se facilmente a ação inicial da vontade, o princípio das manifestações espontâneas.

Procura a mulher, e não mais a abandona, como no primeiro dia do homem. Assiste-a no nascimento de seus filhos, com quem reparte o calor e o alimento. O sentimento começa a despontar.

Move a língua, entorpecida e balbuciante, como a do pequeno párvulo. Sente novas necessidades — e ensaia os meios de exprimi-las, para satisfazê-las. Eis o princípio da linguagem: a necessidade.

Julgam inferiores os demais animais e aproveita-se deles para saciar a fome, conforme o seu apetite.

Suspeita que nem tudo acaba onde termina o alcance da sua vista; que, por detrás da sua montanha, levanta-se outra, em uma extensão relativamente dilatada.

No seu olhar divisa-se mais surpresa e curiosidade do que estupidez. Foge dos objetos que encontra pela primeira vez; pouco a pouco perde o temor que lhe causa a novidade; evita, aceita — e, por fim, compraz-se em tomar nas mãos o que lhe causou receios. Já o seu rosto, os seus ademanes e as suas exclamações revelam a pueril alegria de que está cheio o seu coração.

É o soldado que acaba de alcançar grande triunfo sobre um invencível inimigo.

O medo é mais poderoso nele que todos os seus cálculos e sentimentos.

O rugido das feras, o estampido do trovão, o fulgor do relâmpago, o sinistro rumor que precede a tempestade, os frequentes tremores de terra, pelas expansões interiores, a erupção dos vulcões, e não só isto, tudo o que é novo, tudo o que é desconhecido, gelam de espanto, transtorna-o e aniquila-o.

Esquece a companheira, esquece os filhos, e crê que vai morrer.

Porque ele sabe que tem de morrer e o temor da morte sobreleva todos os seus temores. Ele viu, com medo, cadáveres de outros homens e julga inevitável a morte.

Já não procura a sombra e a solidão, como no primeiro dia; foge das trevas, porque tem medo; e foge da solidão, porque se reconhece débil e impotente. A mulher e os filhos são a sua companhia habitual.

Admira, com infantil entusiasmo, a saída do príncipe dos astros e renascem as suas recordações e as suas esperanças, pintando-se, no seu rosto, o desânimo e a angústia quando vê o Sol perder-se no horizonte. Volverás? — pergunta-lhe entristecido. E o Sol reaparece, porque a satisfação de todos os desejos legítimos de felicidade está prevista na eterna lei que imprime seu movimento aos mundos e dirige a evolução dos seres.

E o homem cai agradecido, de joelhos, ao contemplar o renascimento do Sol e, na sua grosseira e incipiente linguagem, exclama: Graças, meu amigo protetor — meu Deus! Tu vens consolar-me. A ti devo a minha felicidade e a minha alegria. Eu te adoro!...

O benefício foi o primeiro deus da Humanidade, personificado no Sol, porque o Sol era o maior dos benefícios que a materializada inteligência do homem podia conceber.

Não tomeis por vitupério essa adoração primitiva; ela é o ponto de partida da religião natural; completada pelo Evangelho de Jesus e pelas sucessivas instruções sobre os pontos obscuros do Evangelho.

Ela é, ainda, a raiz da moralidade das ações humanas — a primeira manifestação de agradecimento da criatura ao poder superior desconhecido.

V

Adiante! Adiante!...

O homem emergiu de sua inofensiva infância. Os seus apetites, os seus instintos e as suas paixões dominam a vontade, que precisa de leme. O homem é uma barquinha agitada pelo vendaval.

Vê a mulher, sente de chofre o fogo da luxúria. Ai da mulher, se atreve a opor-se, a resistir aos seus carnais desejos!

Quebrá-la-á entre as mãos, com a facilidade com que quebra um frágil caniço a mão contraída da adolescente contrariado.

Os apetites da carne preponderam e exercem no homem violenta influência.

Estamos no reinado da carne.

O corpo humano adquiriu toda a sua força e robustez.

Não vos falo de sua beleza.

Conheço eu, porventura, o limite da beleza dos organismos humanos? Sei, mesmo, se existe ou não esse limite?

A carne impera; os seus estímulos são tão poderosos no homem, que obscureceram completamente a sua razão, torcem o seu juízo e pervertem-lhe a consciência.

Não importa: adiante! Adiante!... O homem julga lícito tudo servir à sua concupiscência.

Ainda não pensou em classificar os seus atos, como lícitos ou ilícitos, senão como agradáveis ou desagradáveis.

Sente a força, que em si brota, e corre a satisfazê-la, sem cuidar de meios brandos ou violentos. Se outros homens têm em seu poder o manjar que ao seu estômago apetece, corre a arrebatá-lo; se para arrebatá-lo é mister matar, mata.

Fustigado pela fome, mata do mesmo modo um seu semelhante e devora-o, mesmo que este seja um filho ou a sua própria companheira.

Horrorizai-vos... mas não condeneis. Só compaixão devem inspirar-vos os primeiros extravios da nascente humanidade. Ai! vós não sabeis sobre quem cairia a vossa condenação.

Sente o aguilhão da luxúria, e tudo o impele a satisfazer o seu insaciável e vulcânico apetite.

As contrariedades excitam a sua ira e movem-no à vingança. Irado, perde os traços humanos do seu semblante e não compreende outra vingança que não seja a morte.

Os seus deuses são o raio e o furacão, símbolos, para ele, os mais expressivos da força, e do poder.

O gérmen de todos os maus instintos que têm nascimento da carne, a semente de todos os impulsos malévolos que têm a sua raiz na consciência, desenvolvem-se aceleradamente e dominam no coração do homem.

O bem moral é desconhecido, o mal é o soberano da Terra, e tem sujeitas ao seu domínio as manifestações da vontade humana.

Não digo da liberdade humana, porque, nessa fase da humanidade, a vontade não é a liberdade; é pouco mais que um impulso mecânico e inconsciente; é uma pequena fagulha luminosa, amortecida pelo frio da insensibilidade afetiva e pelo impulso destruidor das exigências da carne.

Os diabos espalham-se e pululam por toda a extensão da Terra — e insinuam-se enganosamente nas inexperientes criaturas. Incitam, com sedutores afagos, à volúpia, à intemperança, ao egoísmo, ao ódio, à violência, ao

homicídio; triunfam sem resistência.

Isto devia ser, e foi, o reinado da carne; devia preceder, em virtude da eterna lei, ao reinado do Espírito — assim como o reinado do diabo ao de Deus, sobre a Terra.

Não vos escandalizem estas palavras. O mal absoluto não existe. Tudo o que está no tempo é relativo. O mal de hoje é o bem de ontem - e o bem presente será o mal de amanhã.

Nada há absolutamente perfeito senão o absoluto — e nada há absoluto, senão Deus.

Tudo o que existe fora de Deus, vem de Deus, porém não é Deus — existe de toda a eternidade, sem ser Deus, porque Deus é o princípio de todas as coisas, e existe de toda a eternidade.

No princípio era Deus e era o Verbo, e o Verbo em Deus era Deus, porque era o próprio Deus, e o Verbo como emanção de Deus, e não era Deus fora de Deus.

Porque todas as coisas do céu e da Terra são feitos da palavra de Deus.

Nada há absolutamente perfeito senão Deus e o Verbo em Deus, que é a lei em Deus.

O perfeito não pode ser jamais princípio do imperfeito; e eis porque a imperfeição absoluta, o mal absoluto, não é uma realidade.

A lei é perfeita, porque é o Verbo em Deus; as criaturas não são perfeitas, porque são o Verbo fora de Deus. Porém, o Verbo fora de Deus, como o que vem de Deus, caminha para a perfeição, que é o seu princípio e o seu fim.

A imperfeição das criaturas, as suas misérias, as suas fraquezas, os seus extravios, os seus erros, não são mais que transições ou fases progressivas de sua perfectibilidade infinita — eis por que eu dizia e repetia: Adiante! adiante!

VI

Somos chegados ao nascimento das sociedades.

Donde veio a sociedade?

Não o adivinhais?

Meu espírito contempla, absorto, o encadeamento e sucessão das maravilhosas fases da geração e do movimento do Verbo.

No princípio era Deus, e em Deus o Verbo, e Pensamento de Deus.

E o Verbo em Deus gerou hoje, no princípio, a Palavra, que é Verbo fora de Deus. E o Verbo, a palavra, gerou no princípio a matéria cósmica, e o movimento; e o Verbo em Deus gerou hoje, no princípio, a lei fora de Deus.

E a lei, atuando desde o princípio sobre a matéria cósmica, e o movimento, gerou a sucessão eterna das coisas e dos tempos.

E a lei gerou a condensação e a separação da matéria cósmica.

E a condensação gerou o movimento circular — e a separação gerou a translação. E a rotação e a translação geraram o resfriamento e as formas das

massas condensadas e separadas da matéria cósmica.

E a lei gerou, pelo resfriamento das grandes massas de matéria cósmica condensada, os globos vaporosos — e os vapores geraram os líquidos, e os líquidos se transformaram em sólidos.

E a lei, atuando sobre os sólidos e os líquidos, gerou os primeiros organismos.

E vieram os vegetais.

Eu não sei qual a geração dos animais aquáticos, que certamente vieram após a vegetação aquática.

Eu não sei qual a geração dos animais terrestres e das aves; sei, porém, que vieram depois da vegetação terrestre.

Eu não sei qual o princípio da geração do homem; porém, sei que ele veio depois da sucessão dos animais terrestres.

Meu espírito estava deslumbrado e cego.

E a lei, na sua atividade eterna, gerou hoje, no princípio, o ser da matéria cósmica, e gerou, no seio da substância, o princípio vivificante.

E o princípio vivificante gerou o desenvolvimento expansivo e a transformação progressiva de todas as substâncias, procedentes da substância única.

E a lei, agindo sobre o princípio vivificante, gerou, para o vegetal, a tendência - para o animal, a sensação, o impulso e o instinto - para o homem, o sentimento, à vontade e a luz.

Já conheceis o mistério; hoje não podeis penetrá-lo nem eu tampouco.

Estudemos em Deus, neste e no outro século, ativemos o estudo e oremos pelo estudo e em verdade; porque Deus vê o nosso estudo, e os seus ouvidos ouvem, e os seus olhos estão postos nos nossos bons desejos.

Porque está escrito: que nada permanecerá eternamente oculto.

E o princípio vital, predominante, gerou nos vegetais, nos animais e no homem o desenvolvimento e o predomínio dos órgãos.

E o predomínio dos órgãos, no homem, gerou primeiro a estupidez, que é o sonho da luz — e a inércia, que é o sonho da vontade e do sentimento.

E a primeira chispa luminosa gerou o primeiro movimento da vontade incipiente.

E o predomínio orgânico, no homem, gerou a força muscular.

E a vontade, subjugada pela carne, gerou o abuso da força.

Dos estímulos da carne nasceu o amor.

Do abuso da força nasceu o ódio.

E a luz, agindo com maior intensidade sobre o amor e sobre o dia, gerou as sociedades primitivas.

VII

O homem mora em companhia das suas mulheres e dos seus filhos, e a

volúpia no meio deles.

E a volúpia é a fogueira que dá o sinal e atrai os ladrões.

E os filhos do fogo se ajustam aos filhos do fogo — e a volúpia os faz fortes, pela união contra os fortes.

No meio de todos existe a força. e a iniquidade, porque a força está com o poder, e a luz, no homem, já lhe ensinou o poder da força.

Um homem, dois homens, dez homens; uma mulher, duas mulheres, dez mulheres, uma família. Uma família, duas famílias, dez famílias, uma sociedade. Primeiro é o homem.

A família existe pela carne; a sociedade existe pela força. Moram as famílias à vista de todos, protegem-se, criam rebanhos nos pastos próximos, levantam tendas sobre troncos, e depois caminham pela terra; primeiro é o homem.

Entre as tribos vê-se a guerra.

A guerra pela volúpia, pela violência, por causa dos rebanhos, dos pastos, das peles, por causa da sombra das tendas.

O primeiro direito é a força, porque o primeiro rei é a carne.

O homem mais forte é o senhor da tribo, a tribo mais poderosa é o lobo das outras.

Porém, duas tribos, três tribos, se concertam e se opõem à vontade do lobo; e, o que devorava, é devorado. Que vale a vida de um homem? Que vale a de cem homens?

Morre um filho? Um movimento da carne é um choro e uma lágrima. Morre um homem? É um grão de areia nas entranhas do mar.

Todos os gozos são a gula, a volúpia e a vingança; todas as dores são a fome, os males do corpo, os sofrimentos e as violências do ódio.

As tribos errantes, como o furacão, marcham para diante, e, como o gafanhoto, assolam a terra onde pousam seus enxames. As pedras e os ramos despencados das árvores são os seus instrumentos de destruição e de morte; o seu grito de guerra é um alarido feroz.

Mas, o abuso da força e da volúpia era necessário: estava na lei da depuração e da perfectibilidade.

Em virtude dessa lei se purificam o ouro e o cristal, o espírito e o corpo; porque ambos vêm de um mesmo princípio, e marcham para o mesmo fim: para Deus, que é o princípio e o fim dos seres.

A preponderância, porém, do corpo, devia preceder; pois que, da vitória do Espírito sobre a carne, depende a depuração e desenvolvimento indefinidamente sucessivo da criatura racional.

Se o desenvolvimento espiritual preceder ao predomínio da carne, vereis desaparecer o mérito das ações humanas; porque não há mérito sem luta - e a razão, sem os estímulos e os apetites do organismo, é o triunfo sem combate.

Não acrediteis, entretanto, que a desesperação e a elevação do corpo

sejam o predomínio da carne; precisamente, o que este predomínio revela é a inferioridade do corpo.

O aperfeiçoamento do corpo segue paralelo ao do Espírito; porque ambos obedecem à mesma lei — e o Espírito edifica o seu teto conforme as suas necessidades e na altura das suas aspirações.

À medida que o Espírito se emancipa das suas impurezas, o corpo se desprende também das suas, pela comunicação que existe entre o Espírito e o corpo, e em virtude da influência que o primeiro exerce sobre o segundo.

O homem tem dois corpos. Pelo primeiro, que o toma da substância etérea fluídica, comunica o Espírito sua atividade e perfeição ao segundo.

O primeiro é tanto mais etéreo e celestial, quanto maior é a elevação do espírito do segundo, e menos carnal, conforme a purificação do primeiro.

O limite superior do corpo carnal é o corpo espiritual; o limite do corpo espiritual é o Espírito — e o limite do Espírito é Deus.

Não o duvideis, embora não o compreendais. O corpo terreno se purifica gradualmente e se eleva até ao corpo espiritual, o corpo espiritual até ao Espírito, e o Espírito até a Deus. Esta é a lei. Não a conheceis hoje; esperai, que a conhecereis amanhã.

VIII

Donde vieram esses homens, novos no meio dos homens? A Terra não lhes deu nascimento, porque eles nasceram antes de ela ser fecunda.

A Humanidade não se transforma num dia, mas no decurso de séculos e séculos.

No meio dos homens antigos da Terra descobro homens novos, meninos, mulheres e varões robustos; donde vieram esses homens que nasceram antes da fecundidade da Terra?

Em cima e ao redor da Terra, rodopiam os céus e os infernos com sementes de gerações e de luz.

O vento sopra para onde o impulsiona a mão que criou a sua força, e o Espírito vai para onde o chama o cumprimento da lei.

Os homens novos que descobro entre os homens antigos da Terra, e que nasceram antes de esta ser fecundada, vêm a ela em cumprimento de uma lei e de uma sentença.

Eles vêm de cima, pois vêm envoltos em luz, e a sua luz é um farol para os que moravam nas trevas da Terra.

Se, porém, seus olhos e suas frentes desprendem luz, nos semblantes eles trazem o estigma da maldição. É a reprovação das suas consciências.

São árvores de pomposa folhagem, mas privadas de frutos, arrancadas e lançadas fora do paraíso, onde a misericórdia as havia colocado, e donde as desterrou por algum tempo.

A sua cabeça é de ouro, as suas mãos de ferro e os seus pés de barro.

Conheceram o bem, praticaram a violência e viveram para a carne.

Os que, entre eles, se aproveitaram da luz e praticaram a justiça, viram o ferro das suas mãos e o barro dos seus pés transformar-se em ouro, como o de suas cabeças, e ficaram residindo no paraíso até à sua elevação. Para os outros, a misericórdia foi justiça, e seu pecado acompanhou-os em maldição perpétua, até ao renascimento.

Eles tinham a luz, e desprezaram-na — e, em vez dela, surgiram o orgulho e o desejo de oprimir os bons.

Moisés viu a sua luz e disse: São anjos decaídos; viu-os feitos de barro e disse: São homens — Adão e Eva; e fê-los serem expulsos do paraíso pela tentação dos anjos decaídos.

Vós perguntais: Como se pode retrogradar no caminho da felicidade e da perfeição. Poderemos deste modo ir viver um dia na morada da ventura? Somos fracos, e o temor e o desânimo se apossam de nós. Recuperai a paz; eu, João, vo-lo digo: descansai no seio da sabedoria e da misericórdia do Pai, como descansei a minha cabeça no regaço e no amor do Filho, Jesus Cristo.⁵¹

Na perfeição nunca se retrocede; o Espírito é sempre atraído para o centro da perfeição, que é Deus. Os homens de Adão, ao virem para a Terra, não perderam um só átomo do aperfeiçoamento adquirido.

Eles tinham sido elevados ao paraíso pela misericórdia divina e não pelos seus merecimentos, porque as felicidades são também provas, assim como os sofrimentos e as misérias.

Muitos saíram bem na prova e mostraram que era justiça o que tinha sido misericórdia; estes herdaram o paraíso até que aí fossem elevados, porque a felicidade da justiça se perpetua de tempos a tempos e de geração a geração.

Outros abusaram dos dons da misericórdia, e as suas obras clamaram justiça; e o peso dessas obras na balança da justiça fê-los descer a Terra, até ao renascimento.

Mas a misericórdia de Deus os segue sempre de século em século, de geração em geração.

A geração proscrita traz na frente o selo da sentença, mas também tem o da promessa no coração.

Tinham pecado por sabedoria e orgulho, e o seu entendimento obscureceu-se.

Passarão os anos e os séculos, e o entendimento estará nas trevas e as trevas no entendimento. Foi o entendimento quem pecou; as trevas são o seu castigo; não há outro.

A obscuridade foi à sentença do entendimento ensobretudo — a luz, a promessa da misericórdia que subsiste e subsistirá.

⁵¹ No começo desta comunicação, sabíamos que era Lamennais quem nos falava: mas a diferença do estilo e dos conceitos em alguns pontos nos fez suspeitar que não era ele só quem a inspirava. Com efeito, ao chegarmos a este ponto, tivemos a inefável satisfação de ver que o pensamento do evangelista João também nos vinha fortalecer e iluminar.

E essa luz deve iluminar a todos os homens que vêm ao mundo para cumprir uma sentença.

A uns com o sol nascente, a outros o sol meridional, a outros com o sol poente, prestando-lhes o seu calor até a manhã em que ele despontará mais luminoso.

É lá no Oriente que irrompeu o primeiro alvorecer do sol dos Espíritos, os crepúsculos do novo dia, a aurora da redenção. Bem-aventurados os que não dormem e têm os olhos voltados para o nascente do Sol: porque serão os primeiros a ver a luz e se regozijarão antes do dia, e o dia não os cegará.

Bem-aventurados os que choram por causa das trevas e da condenação, e cujos corações não edificam moradas nem levantam tendas.

Porque serão peregrinos no cárcere, e renascerão para morar perpetuamente, de geração em geração, nos cimos onde não há trevas; porque recuperarão os dons da misericórdia na consumação.

Ai dos que dormem com o rosto voltado para o poente!

Ai dos que olvidam e riem! Ai dos que estabelecem moradas e levantam tendas! Ai dos que se enraízam no pó!

Eles ficarão cegos antes de verem a luz — os seus olhos renascerão na obscuridade - e o seu dia não renascerá nem neste nem no século vindouro.

Eles serão considerados, não como peregrinos, mas como habitantes; é a sua justa sentença. Serão novamente plantados no pó das suas raízes, até à hora do fruto, na justiça e na renovação.

Eu - João

IX

Quem poderá contar os dias da Terra? Somente Aquele que a tirou do caos, que a separou, que a arrancou do seio da geratriz.

Quem poderá, quem se atreverá a exprimir por um número determinado os dias do homem?

Os dias da Terra são um; os do homem constam do ontem, hoje e amanhã.

Antes de ser a Terra, ela o era em seus elementos, juntamente com o homem, com o espírito do homem.

Quando ela deixar de ser a Terra, será ainda a Terra em seus elementos - e ficará ainda o homem, o espírito do homem.

Antes de existir o homem, existiam o espírito do homem e o homem — e, antes do homem e do espírito do homem, existia Deus, e em Deus, o homem e o espírito do homem.

Depois do homem e do espírito do homem, vem o homem e o espírito do homem, e depois Deus, e em Deus, o homem e o espírito do homem até o seu complemento.

O poder e a glória de Deus se patenteiam no homem e no espírito do homem — e essa glória e esse poderem existiram, existem e existirão sempre.

Desde o começo e antes dele, Deus já era, bem como a sua glória e o seu poder, no homem e no espírito do homem.

A semente do homem e do espírito do homem estavam, desde o princípio, nas mãos de Deus, e o homem, desde o princípio, aos pés de Deus; e o espírito do homem estava ministrando aos olhos de Deus, como complemento do Verbo, engendrado com o pensamento em Deus.

Não há rei sem vassalos, nem Deus sem glória, nem Criador sem as obras do seu poder.

Deus sempre: por consequência, sempre o homem e o espírito do homem.

O homem e o espírito do homem, desde o princípio, estavam em Deus; os homens no curso do tempo vão continuando as obra de Deus e marchando eternamente para Deus, que é o ponto de mira da criação inteira.

Deus é Deus desde o princípio, e com Deus existe sua lei; porque essa lei é o bem, a sabedoria, e a sabedoria é Deus.

A sabedoria, em sua atividade eterna, que no princípio engendrou o homem e o espírito do homem, engendra-o hoje.

A sabedoria, limitando-se há um tempo circunscrito e desligando-se do que vem do princípio, é a negação da verdadeira sabedoria e de Deus.

Portanto, o homem e o espírito do homem existem desde o princípio; o homem e o espírito do homem emanam da atividade eterna da sabedoria.

Desde o começo a Humanidade existiu; desde então os homens, no correr dos tempos, continuaram a obra eterna da sabedoria de Deus.

Quem é como Deus?

Se o homem vem desde o princípio, não deixa de ter saído das mãos, da sabedoria de Deus. O princípio humano desde o começo existiu em Deus, mas os homens sucedem-se no tempo.

Quem, senão Deus, poderá dizer: Eu sou desde o princípio? Os homens todos têm seu princípio na lei, na sabedoria de Deus. Desde o começa estiveram em Deus o homem, o espírito do homem e a sucessão dos homens, indo estes no correr do tempo cumprir a lei de sucessão estabelecida desde o princípio.

Em Deus não há sucessão, mas sim em tudo o que não é Ele; a sucessão é o selo da criatura, a linha misteriosa que a separa do Altíssimo.

O homem nasce com o primeiro pensamento, porque o primeiro pensamento é a primeira palavra do espírito do homem. E o primeiro pensamento, donde o homem tira o princípio, é a revelação da continuação eternamente ativa da sabedoria de Deus.

Antes do primeiro pensamento o homem não existia; ele pensou, pela sabedoria de Deus, e foi criado, saindo do caos donde a sabedoria havia tirado desde o princípio a sucessão das criaturas. O primeiro pensamento é o homem, ao mesmo tempo em que o princípio de uma sucessão, sem termo de modificações e transfigurações. Ele sai da desordem, do caos, das trevas e caminha constantemente para um foco irradiante de inextinguível luz, ao redor

do qual descreve círculos cada vez menores. As criaturas não são mais que diminutos satélites circulando ao redor do Sol da sabedoria, centro imutável do Universo infinito.

Quem é como Deus? Deus é o centro fixo e imutável da felicidade e da luz; d'Ele procede à vida, e os seus raios dão o ser, e geram, desde o princípio, o movimento e a sucessão.

O homem caminha para Deus; mas o homem é uma sucessão e jamais alcançará a imutabilidade, só própria do Ser supremo. Jamais alcançará a imutabilidade, mas dela irá eternamente aproximando-se.

A imutabilidade é a felicidade infinita que o homem possuirá.

A felicidade infinita é a sabedoria infinita, porque a soma de todos os gozos só cabe ao grau supremo de todos os conhecimentos.

Portanto, será sempre infinita a distância que separa o homem da felicidade absoluta, pois ele nunca chegará à sabedoria imutável.

O Verbo fora de Deus é a sucessão; e o homem é, desde o princípio, o Verbo fora de Deus, a sucessão eterna, a mutabilidade sem término.

A felicidade é um oceano de luz sem horizontes, sem margens, eterno, imenso, insondável, infinito; o homem é criado dentro dessa imensidade como um ponto sombrio, imperceptível no infinito luminoso, destinado pela sabedoria e misericórdia divinas a banhar-se eternamente no oceano de felicidade que o rodeia. Como, porém, esse ponto imperceptível poderá percorrer todo esse oceano... se ele é infinito?

Deus, e só Deus, o abraça todo. Bendigamos, caros irmãos, a Deus com todo o nosso coração e todo o nosso entendimento; porque a sua mão nos fez e deu-nos o poder de aumentarmos cada dia a nossa perfeição e a nossa felicidade, pelos nossos merecimentos.

Mereçamos, caros irmãos, e a nossa felicidade irá aumentando.

Meu espírito paira na esfera de felicidade de que vos falo, e de que não podeis formar juízo sob a capa que vos envolve; mas, se elevo os meus olhos, vejo que me separa de Deus o infinito... o infinito... o infinito...

Eu vos rendo graças, meu Deus!... pois que, achando-me mesmo a uma distância infinita de vós, encheis todo o meu ser.

Graças, meu Deus!

Eu - João

X

João está separado de Deus pelo infinito; e eu estou separado de João por uma distância espantosa.

Ele é o condor de alvíssima plumagem e majestoso voo que se eleva até à região do Sol e se banha num pélogo de inextinguível luz, ao passo que eu, mísera ave noturna, ainda não posso subir acima da região das trevas.

O peso da minha inferioridade e das minhas misérias prende-me a Terra;

mas eu elevo os meus olhos aos céus e espero em Deus.

Vi João descendo dentro de um círculo de luz, das celestes moradas cujos umbrais só a virtude acrisolada pode transpor.

Vi-o rasgar o espaço com a velocidade do pensamento divino e baixar a Terra, inundando tudo com a sua luz.

Vi-o incendiado no amor de Deus e na caridade, radiante e formosíssimo como um reflexo do Senhor das alturas.

Vi-o aproximar-se de mim, envolvendo-me na sua amorosa e regeneradora vista, e depois a pousou sobre vós com inefável ternura, semelhante a um irmão mais velho que olha com inefável carinho e paternal solicitude seus irmãozinhos, órfãos da benfeitora tutela do seu pai, e das doces carícias da sua mãe.

Vi-o apoderar-se da minha pena para dizer-vos o que eu não podia dizer, porque o ignorava; para explicar-vos o que eu não podia explicar, porque o não compreendia; para revelar-vos o que só podem revelar os Espíritos que recebem diretamente os esplendores do pensamento de Deus.

Oh! Eu me achava junto de vós, e nem me lembrava de vós. Perdoai-me, porque naquele venturoso instante a minha alma estava toda absorta na contemplação do pensamento de João. Eu me sentia arrebatado pela corrente de uma felicidade desconhecida, pelo caudaloso rio da sabedoria celestial que se estendia ante meus olhos.

Como podia lembrar-me de vós, se houve momentos em que nem me lembrava do próprio João! Enlevado nos divinos conceitos da mente do Discípulo, arrebatado na sublimidade da sua teologia, eu não me lembrava senão de Deus, não podia admirar senão a bondade e a sabedoria de Deus.

Vi João elevar-se de novo, depois de vos ter falado e transpor as nuvens de ouro que servem de pavimento à morada dos justos.

Vi-o finalmente, antes de desaparecer das minhas vistas, dizer-me e repetir-me com indescritível emoção: "Caro irmão, estuda, ama e espera. A minha sabedoria é uma gota de orvalho, o meu amor uma minúscula faísca, a minha felicidade uma sombra. Estuda, ama e espera, e o teu entendimento alcançará luzes que o meu ainda não vislumbrou, e o amor transformará o teu coração em uma chama inextinguível, e a tua ventura irá além dos teus desejos. Estuda, irmão; ama e confia em Deus."

E caí abismado em funda meditação. Considerava a minha pequenez e orava. Orava, irmãos, orava e sentia-me regenerado; orava e sentia germinar no meu coração as esperanças de João.

Orava, meus irmãos, e orarei eternamente a Deus, porque, sem o seu paternal auxílio, jamais poderei alcançar o amor e a sabedoria de João.

Oremos todos, meus irmãos; ajudai-me a orar: Deus eterno, Pai misericordioso, estende tua mão aos meus irmãos que choram nas misérias da carne, olvides os que choram nas trevas do espírito!...

Graças, Deus meu!

XI

Os homens novos, que vieram a Terra para cumprir uma sentença, olham para os homens antigos da Terra com orgulhoso desprezo, considerando-os indignos do seu convívio, e resolvem nos seus conselhos dominá-los e abatê-los.

No Paraíso, eles abusam da mansidão e da simplicidade de coração dos seus irmãos; na Terra, abusarão da sua ignorância.

Ontem se julgaram superiores, e o seu entendimento foi confundido e o seu orgulho foi humilhado pela justiça; hoje, julgam-se de novo superiores, e serão confundidos no seu entendimento e humilhados no seu orgulho.

Já o sabeis até quando.

Lavraram a pedra, a madeira e o ferro, porque o seu orgulho precisa de castelos; a sua sensualidade, retiros de prazeres; e a perversidade dos seus sentimentos, instrumentos de opressão e de morte.

Vieram a Terra como peregrinos, e ficarão residindo nela, porque construíram aí moradas para o seu coração, e palácios para o seu orgulho.

Irão e voltarão; porque, ao partir, as suas almas não abandonam as chaves das moradas que edificaram na Terra.

Vão e voltam, e tecem vestidos de vaidade para os seus corpos, e túnicas de corrupção para as suas almas.

Andam rastejando sobre as harmonias da criação, não para buscar nelas Deus e virtude, mas para acomodá-las aos gozos da matéria.

Sentem nos seus corações um desejo celestial; mas o seu entendimento ofuscado desvia as suas consciências e só lhes fala aos sentidos.

O seu deus é a carne, porque não pressentem outros prazeres além dos grosseiros da carne.

Levantam na sua alma altares a todas as paixões que a corrompem, mas não se lembram do Deus de Justiça e Misericórdia.

Uma intuição luminosa, espécie de pressentimento, lhes fala de um Ser supremo e da responsabilidade humana; porém, o seu orgulho tem tão fundas raízes, que eles protestam contra a existência d'Aquele que com um sopro poderia aniquilá-los.

Eles referem tudo ao presente; pelo que, a sua atividade e os seus esforços não se encaminham senão para a satisfação dos seus instintos e das suas paixões, esperando depois da morte o silêncio, a decomposição... o nada. Fogem de Deus; mas, o peso das suas misérias e as calamidades que atraem sobre eles o furor desenfreado do seu orgulho, fazem-nos sentir Deus pelo terror.

Odeiam-no, temem-no, oferecem-lhe sacrifícios de sangue para acalmarem as suas iras e afastar a sua vingança, porque acreditam que a Divindade é miserável e vingativa como eles.

Se alguns falam de Deus, é sempre do Deus que se faz ouvir na voz da

tempestade e que no raio manifesta o seu poder.

Não temem outros castigos além das enfermidades, a inundação, o incêndio, a espada e o extermínio, nem esperam outros bens que não sejam as comodidades e os gozos dos sentidos durante os longos anos da sua vida terrena.

De tempos a tempos, de geração em geração, aparecem no seio da Humanidade, como archotes no meio das trevas, como modelos para imitação, homens virtuosos e humildes que lamentam os erros do mundo. São meteoros que Deus envia da região da luz para despertar os que dormem no lodo.

Outros vêm armados da palavra e do espírito de Deus, e apregoam o seu nome e o seu poder. Arrojam palavras de fogo, de destruição e de morte, as únicas capazes de domar as rebeldias humanas. Trazem na mão direita a promessa, e na esquerda uma espada flamejante. São os Gênios de que precisa a Humanidade no apogeu da concupiscência.

A raça dos homens novos propaga-se com assombrosa rapidez: invade a Terra e dela se assenhoreia.

Sujeita ao seu domínio às raças primitivas, depois de destruírem as suas tendas pelo ferro e pelo fogo. Contudo, na servidão e nesse contato com os seus dominadores, elas aprendem os primeiros rudimentos da virtude, e adquirem pela cultura do entendimento os primeiros elementos do poder.

Haverá recém-vindos que serão dos primeiros a chegar, e muitos, que vieram primeiro, cairão sete vezes no caminho e chegarão, por último, ao declinar da tarde.

A Terra sofre grandes perturbações; o mundo físico e o mundo moral caminham paralelos no cumprimento da lei.

A invasão das paixões, no coração do homem, corresponde na Terra à invasão das águas. O homem vomita do seu seio o fogo nelas ateado pela lascívia e pela iniquidade a Terra arroja das suas entranhas, pelos seus formidáveis vulcões, imensos turbilhões de fumo e matérias derretidas que assolam fertilíssimos países.

Nessas comoções terrenas e morais, os homens desaparecem em legiões inumeráveis, e vão ao juízo; uns descem para sofrer provas a fim de se purificarem; outros para repararem faltas; depois do que, todos voltam de novo.

Estes morrem debaixo das águas, aqueles sob as ruínas, outros no fogo, e outros a espada.

As calamidades caem sem interrupções sobre os povos.

Hoje, é este que sente o peso da mão do Senhor; amanhã, é aquele.

E tudo é misericórdia, nada mais que misericórdia.

Porque, os homens esquecem na carne os seus propósitos — e a misericórdia concede-lhes períodos de reflexão, nos círculos espirituais, para recordá-los, renová-los e fortalecê-los.

XII

Um século — outro século — e outro século. E os servos se tornam senhores, e os senhores se tornam servos.

Uma estrela nasce para os homens da raça, primitiva da Terra, sob cuja luz e calor terá começo à formação de um grande povo.

Essa estrela é Abraão. Ele é o fundamento do povo hebreu, o primeiro caudilho da emancipação da raça primitiva, e a primeira nuvem no horizonte da raça dominadora. Porque os hebreus são os homens antigos da Terra, e os seus caudilhos são os missionários para levantar o oprimido e abater o opressor.

Ao redor de Abraão, de Isaque, de Jacó e de José se agrupam todos os humilhados, todos os escravos, todos os que gemem no opróbrio, pelo orgulho e pela iniquidade dos estrangeiros que vieram do Paraíso.

E Moisés e Josué os livram do opróbrio e da servidão — e caem depois sobre Canaã, nação guerreira e orgulhosa, e sujeitam-na e encadeiam-na.

Antes, porém, o povo hebreu passa quarenta anos de provações, e, nessas provações, prevarica uma vez, mais outra, e cai nas abominações da idolatria e da incontinência.

Triunfará de Canaã e sujeitá-la-á; mais tarde voltará à servidão.

Hoje a expiação para Canaã; amanhã para o povo grosseiro, indigno e prevaricador.

Recebe a lei escrita, a fim de que pelos olhos ela lhe penetre no entendimento e no coração.

A nova lei é o primeiro anúncio divino do amor e da caridade, como meios de depuração e de progresso. Mas o povo hebreu vê e ouve a lei, e não aparta os seus seios da leviandade, nem os seus pés da idolatria.

Sofre as justas consequências dos seus pecados, e chora aos pés de Deus; recupera a paz, e se precipita de novo nas abominações dos ídolos.

Eis a Humanidade terrena primitiva: compadeçamo-nos dela!...

As suas ideias a respeito da Divindade nasceram no meio do terror, na presença de grandes cataclismos. Respeita a Deus, como o escravo que vê seu senhor com o látigo na mão, em atitude iracunda, mas não o respeita na sua alma; treme, mas no seu temor só sente o desejo de emancipar-se.

Como o menino manhoso que se aquieta com o castigo e se subleva logo depois, o povo hebreu é a segunda infância da Humanidade terrena.

O Pai é bondoso, mas é também justo e sapientíssimo, e quer que seus filhos se façam dignos da felicidade, pelo mérito.

As abominações do povo de Abraão clamam justiça do céu — e a justiça se aproxima.

Vêm os juízes e vêm depois os reis e as ameaças da justiça têm o seu cabal cumprimento.

As raças primitivas, sob o jugo das raças degeneradas, aprendem as primeiras noções do dever. Depois, as primeiras são o instrumento providencial

para o castigo das segundas, e estas são os instrumentos para o castigo das primeiras. Uma será reciprocamente o corretivo das outras, até ao seu equilíbrio e confusão em uma só família, em cumprimento da lei da fraternidade universal. Quando chegar esse dia venturoso, as nuvens não flutuarão mais sobre a Terra, senão para fecundá-la. Antes, porém, se sucederão muitas gerações; porque a Humanidade segue o seu caminho, passo a passo.

Alguns Espíritos ativos transpõem as distâncias com insólita rapidez, mas a generalidade faz o seu progresso pausado e gradualmente.

Apenas começa a germinar entre os homens de uma e outra raça a ideia da imortalidade espiritual. Ela é demasiado grande para que possa caber no estreito cérebro dos homens primitivos e excessivamente consoladores para que sejam dignos de concebê-la os homens degenerados.

Uns e outros reputam a morte como o termo do princípio de vida que sentem, e cuja natureza desconhecem.

Certas inteligências privilegiadas entreveem alguns resplendores, e, com o seu auxílio, adivinham alguma coisa sobre o destino das almas, porém, guardam o segredo da sua fé, porque sabem que os tempos ainda não são chegados.

Misteriosamente, elas se reúnem na obscuridade e falam em voz baixa das suas crenças e esperanças, sem deixá-las transluzir senão aos que julgam capazes de compreendê-las e senti-las.

Escrevem livros divinamente inspirados, para fortalecerem, dirigirem as massas humanas e prepararem o advento do Espírito.

Os homens da matéria esperam, do cumprimento das promessas contidas nesses livros, anos de saúde e abundância de bens terrenos; e os que creem em segredo na imortalidade da sua consciência aplicam à vida espiritual essas promessas de penas e recompensas.

Da ressurreição da carne ninguém diz uma palavra, nem o pai ao filho nem o filho ao pai. É o segredo dos segredos e o mistério dos mistérios. Depois, alguns pensadores atrevidos, aos quais o mundo dá o nome de filósofos, erguem uma ponta do véu que esconde o misterioso segredo da morte.

Falam da alma humana e da sua natureza, mas essa natureza é ainda hoje desconhecida para os homens e para os Espíritos que não veem o pensamento de Deus.

Dizem a primeira palavra sobre a ressurreição da carne, palavra essa originada em inspiração superior, porém, obscurecida por conceitos errôneos, nascidos da miséria do entendimento humano.

De todos os modos à semente caiu sobre a Terra; o grão de mostarda germinará e se converterá em árvore corpulenta, sob cuja benéfica sombra se acolherá a Humanidade inteira.

Temos uma alma imortal. Estas palavras correm de boca em boca e o seu eco penetra nos corações e se estende como a influência da pedra lançada sobre as águas de um tanque. Mas, assim como o ruído e o movimento das águas

assustam e põem em confusão os peixes, a existência da alma imortal é no começo a causa de temores e confusão entre os povos. Levantam-se seitas disputando o domínio das almas, como as castas disputaram o domínio dos corpos. E chegam as guerras religiosas; porque, ainda está longe a hora em que a caridade destruirá a intolerância, em que a Humanidade reconheça que o amor é a melhor das religiões, e a única que pode conduzir à felicidade celeste.

E vêm a perturbação moral e o extravio do sentimento, pelo fanatismo religioso; e as sociedades e a consciência representam a imagem da confusão e do delírio.

Os homens das raças degeneradas levantam altares às suas paixões, porque os seus deuses são apenas personificações da sua concupiscência, do sensualismo que lhes corrói as entranhas.

Os da raça primitiva edificam sob o cetro dos seus reis um só templo e um só altar, monumento alegórico da adoração do porvir; porque chegarão os dias em que o templo do Altíssimo será o Universo, e o seu altar o coração da Humanidade inteira.

Os templos de barro ficarão reduzidos a escombros, por ocasião do advento do reinado do espírito profetizado por Jesus.

Os que contribuíram para levantá-los, voltarão para destruí-los com o sopro da sua palavra.

Tal se cumprirá quando a lei do amor imperar em toda a redondeza da Terra; quando o gênio do bem, que é o sentimento da caridade, tiver penetrado e achar-se firmado no coração dos homens.

XIII

Quem preparará o advento do Espírito? Quem derrubará os altares dos ídolos? Quem derruirá o grande templo que, simbolizando a religião do porvir, revela também a adoração materializada da raça primitiva, para edificar o templo moral do sentimento?

Quem fundirá em uma só todas as raças e todas as famílias da Terra? Quem impelirá para frente os homens primitivos, e abrirá as portas da reabilitação aos homens degenerados?

Quem fará a luz na densa obscuridade em que estão submersas as inteligências humanas? Quem indicará o caminho, com a palavra e com os exemplos?

Quem arrancará dos corações o temor, para derramar neles as sementes do amor? Quem dissipará todas as dúvidas e fará renascer esperanças mais consoladoras?

Irmãos, retiro-me; voltarei para despedir-me de vós, quando me ordenar àquele que, com mais unção e sabedoria que eu, vem responder às perguntas ou às questões que acabo de formular.

XIV

Nos conselhos do Altíssimo pronuncia-se a sublime palavra da redenção; porque Deus fixou seus olhos nos homens, e, em sua justiça, compadeceu-se deles.

A confusão e as misérias humanas contristaram o seu coração amantíssimo. A Humanidade tem fome. A Humanidade precisa de luz, porque se afoga nas trevas.

Um Espírito, puríssimo sobre todos, ouvindo a palavra do Senhor, desce dos seus conselhos, em cumprimento dessa palavra, para que os homens também a ouçam e vejam.

O que vem do Alto está acima de todos, e pronuncia a palavra de Deus, porque vem dos conselhos de Deus. Ele está acima de todos, porque só ele ouviu a palavra. Ele é a luz, porque vem dos círculos que resplandecem com os raios da sabedoria divina.

Essa luz dissipará as trevas do mundo e as trevas verão a luz e não a compreenderão, até que soe a hora. Ele é o caminho, porque por ele os homens alcançarão a perfeição e seguirão para Deus.

Ele é a virtude, porque é a expressão da lei. Tendo Maria por mãe e José por pai, ele nasce na humildade, porque vem para destruir o fanatismo do orgulho, e para que os pobres filhos do povo sofram com resignação e esperem no amor do Pai.

Ele é a luz e dá testemunho da luz, para que os homens vejam a luz e nela creiam. Ele dá testemunho de Deus, porque a luz procede de Deus, e dá testemunho da luz.

Ninguém ainda viu Deus, mas, quem vê a luz, vê Deus. Nem o Filho viu o Pai; mas ele, que primeiro viu a luz, sabe o que é o Pai. O Filho está no Pai, porque está no seio da luz; o Pai está no Filho, porque neste está a sua luz, que é o sopro da onipotência do Pai. O Filho nada pode sem o Pai, e tudo pode com Ele, porque todo o poder vem de Deus. O Filho é um com o Pai, porque as palavras do Filho são o pensamento do Pai, e as obras do Filho são à vontade do Pai.

A essência do Pai é a luz, a natureza espiritual do Filho é a luz emanada da substância do Pai. O Filho é superior a todos, porque ouviu a palavra e cumpre a vontade do Pai. Ninguém foi, nem será igual ao Filho, porque ele foi sempre o cumprimento da lei, sem nunca infringi-la. Portanto, o Filho é o caminho, a verdade e a vida, porque é o cumprimento da lei.

Mas, o Pai é Deus; e, o Filho, que está acima de todos, caminha adiante de todos e é a luz de todos, ele está abaixo do Pai, e só fala e obra pelo Pai.

O Filho expõe a luz e a verdade — o Pai é a luz e a verdade. O Filho procede do Pai, e o Pai não procede senão de si mesmo. O Filho é o Filho — e o Pai é o Pai.

Só Ele não procede de outro, e nunca foi engendrado; só Ele é por si mesmo o Pai.

XV

O Filho desce do céu para fazer, não a sua vontade, mas a vontade d'Aquele que o enviou.

À vontade do Filho é o cumprimento da lei, e, fazendo a vontade do Pai, ele faz a sua própria vontade. À vontade do Pai é que todos os homens vejam a luz e por ela se salvem. À vontade do Pai é a lei, e o cumprimento dela é infalível.

O Pai é a lei, e o Filho é o cumprimento da lei; por isso, o Filho é o caminho para chegar-se ao Pai. Os raios do Sol revelam a existência do Sol, e o Filho, a existência do Pai; porque o Pai é o centro da luz eterna, e o Filho, puríssima centelha da divina luz.

Os crepúsculos precedem ao nascimento do Sol; ao Espírito que é a luz, precede outro Espírito, que é o crepúsculo da luz.

João Batista é o crepúsculo de Jesus; o maior dos profetas precede ao maior dos enviados.

Jamais nasceu da mulher um profeta maior que João; também nenhum foi mais amado do Pai que Jesus, o Cristo.

João batiza os homens na água, E Jesus no Espírito rito — e o batismo de Jesus e a vida do Espírito porque seu batismo é a palavra -- e as palavras de Jesus são Espírito e a vida Por isso, o que estuda as suas palavras em Espírito, verá a salvação e receberá a vida eterna.

XVI

Falo à Humanidade.

Se alguém pronunciar a palavra impossível! Direi: insensato!... Desconheces absolutamente as causas; vês e não sabes por que vês; ouves e não sabes por que ouves; e pretendes marcar limites às causas?

A inteligência do homem é um efeito, e a sua ação não pode elevar-se acima dos efeitos.

Deus é a única causa de tudo.

Os homens e os Espíritos falam de Deus, da causa de tudo; mas, quem dentre eles já o viu? Qual deles conhece a causa de tudo?

Nunca digais: impossível!

Essa palavra exprime a ignorância, o orgulho da ignorância.

Se alguém disser: não é crível que João nos possa transmitir a palavra de luz, senão por intermédio de criaturas perfeitíssimas, perguntareis: quem são os que nos trazem a palavra de João, que é a palavra de luz?

E, quem sois vós que julgais?

Está escrito que o que julga, em seu próprio juízo fica julgado.

Já vistes o coração do nosso irmão? Nem mesmo o coração que está dentro da vossa alma, não vistes ainda, e quereis penetrar na alma do vosso irmão!

Lembra-vos do publicano, e não vos esqueçais do fariseu. O que diz "Quem é este?" — patenteia um julgamento do seu coração, e no seu julgamento está o

seu galardão.

Não digais, portanto, a respeito do que eu afirmo: impossível, incrível, se não quiserdes chamar sobre vós o juízo do orgulho.

Recebei as obras de Deus, e estudai-as sem procurar-lhes as causas; porque, no estudo das obras de Deus, achareis a sabedoria.

A lei está em Deus e nele permanecerá eternamente. Amo os homens; falo à Humanidade. Minhas palavras serão a semente da parábola, e os tempos se aproximam.

Eu - João.

XVII

Ouvi a sua palavra, e recebei a sua luz.

Ouvi a palavra de Jesus, o Cristo:

Bem-aventurados os pobres de espírito;

Bem-aventurados os mansos;

Bem-aventurados os que choram;

Bem-aventurados os que padecem fome e sede de justiça;

Bem-aventurados os misericordiosos;

Bem-aventurados os pacíficos;

Bem-aventurados os limpos de coração;

Bem-aventurados os que padecem perseguições por amor da justiça de suas obras;

Porque o nome deles está escrito no grande livro da vida, e o julgamento está no seu próprio coração e nas suas próprias mãos.

Deus é a fonte da vida — e vós recebestes o dom da vida, princípio da felicidade imortal.

Se existis, é por Deus que existis; se sentis, é por Deus que sentis; se quereis, é por Deus que quereis; se amais, é por Deus que amais.

Amái a Deus acima de toda a criação; porque, se Deus não existisse, a criação não existiria, nem existiríeis na criação.

A Deus, porém, deveis amar em espírito; porque Deus é o Espírito e a sua lei é a verdade; ele quer que os que o amam, o amem em espírito e em verdade.

O nome de Deus deve estar no lugar mais sagrado da vossa alma, porque sobre vós está Deus, como sobre o Sol que vos alumia, como sobre a lei do Universo.

Deus é o vosso Pai; nas vossas necessidades chamai pelo vosso Pai; e vosso Pai, que conhece as vossas necessidades, responderá ao vosso apelo.

Ele responderá sempre que o chamardes do âmago das vossas almas.

Se alguém vos disser que Deus só ouve os seus eleitos, perguntai: quem são esses eleitos, pois que, no reino de Deus, os primeiros serão os últimos, e os últimos serão os primeiros.

O Pai distribui igualmente o seu amor, e ouve compassivo os soluços dos

pequeninos. O Pai não abandonará o que disser em seu coração: Meu Pai!

Todos vós sois filhos de Deus e Deus nunca exclui um só dos seus filhos.

Aquele que repele o dom de Deus, tem no pecado o seu castigo, e, no renascimento, a sua prova; e só entrará no reino dos céus aquele que triunfar da sua prova no renascimento.

Já vivestes — e os vossos pais tornarão a viver. Hoje o mundo já pode receber esses ensinamentos que os mestres em Israel não podiam compreender.

Há outras coisas, porém, que o mundo ainda não pode receber; mas o Evangelho será sempre a luz. Quem tiver ouvidos para ouvir, ouça.

Em verdade, pois, vos digo que muitos, tendo o orgulho nos olhos, não verão, e a soberba nos ouvidos, não ouvirão a palavra — e dirão: É a obra e o Espírito de Belzebu, como o disseram do filho do homem.

Ouvi a palavra:

Todos os dias são de Deus, porque Deus fez a sucessão e estabeleceu a luz: por isso, honrai todos os dias o Senhor vosso Deus, e clamai aos seus pés: Pai nosso! Pai nosso!

O Senhor ouve as súplicas dos aflitos, tanto no sábado, como no domingo.

Não pergunteis em que dia deveis adorar o Senhor, porque Ele não indaga do dia, quando o chamais: Pai! Pai!

Honrai, pois, a Deus todos os dias.

Honrai a Deus na mansidão, na humildade do coração, na pureza de sentimentos, na caridade e na justiça — e glorificai-o, cumprindo a sua lei.

Guardai essas verdades, e tereis guardado o sábado.

Se no sábado os vossos filhos vos pedirem pão, buscai o pão para vossos filhos — e tereis guardado o sábado.

O sábado é o dia em que se pratica a virtude; o sábado em que isso não se realiza não é sábado.

Eis a palavra de Jesus, o Cristo, no seu primeiro mandamento.

Eu - João.

XVIII

Honrai a vosso pai e a vossa mãe, aos quais Deus delegou uma parte do seu poder. Eles são uma manifestação visível da Providência divina, cuidando das crianças desde o seu nascimento.

Se virdes que o vosso pai infringe o preceito e não segue o caminho da virtude — cerrai os olhos e buscai esquecer o pecado do vosso pai, e rogai ao Senhor que apague esse pecado da sua presença.

Se o vosso pai for cego — que os vossos olhos sejam os seus olhos; se for tolhido, que os vossos pés sejam os seus pés e que as vossas mãos sejam as suas mãos; porque deles, por delegação do Pai, recebestes os vossos olhos, as vossas mãos e os vossos pés.

Nunca digais diante do vosso pai:

Existis, porque os vossos pais existiram, antes de vós. Sem eles, onde estaria a vossa alma e o motivo da vossa soberba? Que o nome dos vossos pais esteja sobre a vossa cabeça, e pelo nome dos vossos pais sacrificai o vosso.

Quando ouvirdes dizer que o vosso pai é pecador, defendei o nome dele, e se o pecado subsistir chorai no vosso coração, rogai a Deus por esse pecado e buscai apagá-lo da vossa mente - e Deus honrará o vosso nome nos vossos filhos, apagará o vosso pecado da mente deles e dar-vos-á o galardão da vida eterna.

Honrai as cãs dos velhos. Os cabelos brancos do ancião são o testemunho da madureza do seu juízo, e as rugas do seu semblante são as letras de um livro escrito pelo dedo do Senhor.

Não desprezeis o conselho do velho, nascido na oficina da sua experiência; o seu saber é muitas vezes amargo, mas a sua virtude atua sobre a alma e corrige os sentidos.

Honrai os ministros da palavra, que são os distribuidores da luz para aqueles que a não conhecem; porque, aquele que os honra, honra à luz e honra Àquele que a enviou.

Honrai o Filho na luz, e o Pai no Filho.

O que pratica a humildade e fala a sabedoria, o que vive na pobreza de coração e só prega a paz, o que viou, despreza o Filho na luz, e despreza o Pai no Filho.

Os ministros da palavra são árvores de vida para os homens, e devem ser conhecidos pelos seus frutos.

O que pratica a humildade e fala a sabedoria, o que vive na pobreza de coração e só prega a paz, o que abre a sua mão e o seu seio aos que vivem na humilhação, e diz sem temor a verdade aos poderosos, o que vela enquanto os outros dormem, o que ergue a voz para denunciar o perigo, o que tem puro o pensamento e vive nessa pureza de pensamento, o que diz em sua alma: eu não sou digno, esses são os ministros da palavra, e a bênção de Deus os segue, porque a palavra deles é bênção e aplaina os caminhos do Senhor.

Nem todos os que dizem: Senhor! Senhor! Senhor! São ministros da palavra, mas sim aqueles que cumprem a vontade do Senhor.

Surgirão falsos ministros da palavra, mas os seus caminhos serão obstruídos e o seu julgamento estará nas suas mãos e nos seus pés; porque a árvore da mentira não pode dar frutos da verdade.

Dirão: abominai os bens do mundo e a alma deles vive nas riquezas e nas comodidades; aconselharão a humildade, e o orgulho lhes reside no coração e nos olhos; dirão: sede misericordiosos e caritativos, e na boca se lhes aninham a injúria e a maldição, e acumulam o ouro e a prata, afrontando a miséria dos outros.

Pregarão a mansidão e guardam o ódio contra os seus inimigos, considerando-os como obra de zelo pelo Senhor; dirão, sede honestos, mas a lascívia domina nos seus desejos, e o adultério, nos seus leitos.

Esses não são os ministros da palavra, mas sim hipócritas, e por isso os seus ensinamentos são abomináveis. Se da sua boca saem palavras de verdade — essa boca é indigna da palavra e profana o dom de Deus.

Ouvi as suas palavras da verdade, mas conservai-vos alerta e não vos deixeis surpreender pelas suas intenções. São os sepulcros caiados, de que fala Jesus.

XIX

Ouvi a palavra:

Amai, amai, amai.

A letra é: Não matareis — o Espírito é: Amai.

Amai o vosso amigo e o vosso inimigo, amai o rico, o pobre, o menino, o ancião, o santo, o pecador, o homem e a mulher. Eis o Espírito.

O que vos ofende, ofende o vosso irmão — e não ofendereis o vosso irmão naquilo que vos não ofende. A ofensa seria perversidade de coração — e no coração estará o castigo.

Não se mova a vossa língua nem a vossa mão, nem o vosso pensamento se levante contra um dos vossos irmãos.

Deixai nas mãos de Deus as ofensas que vos façam — e só movais as vossas para a misericórdia.

Aquele que em pensamento ofende o seu irmão, consuma uma ofensa aos olhos de Deus, porque o pensamento é obra do seu espírito, e seu alimento é o filho da sua concepção.

O que infringe a lei, sem danificar o seu irmão, pode purificar-se pela expiação; mas, ao que ofende a seu irmão, são necessárias à expiação e a reparação.

Se a ofensa foi feita em pensamento, a reparação também o será; se foi por palavra, será por palavra; se foi por obras, será por obras.

Ninguém será justificado da ofensa feita ao seu irmão, enquanto subsistir o dano e não estiver saldada a dívida contraída.

O juiz da lei condenará o devedor ao cárcere, donde só sairá quando tiver pago o último centil da sua dívida.

Todos vós sois irmãos; não há um só de vós que não seja filho do Pai, como Jesus o disse. Amai-vos, pois, uns aos outros com amor de irmãos, se quereis que o Pai celeste vos ame, como a filhos.

Se virdes que o vosso irmão tem fome e sede, e comerdes e beberdes sem vos lembrardes da fome e da sede do vosso irmão, não sereis filhos do Pai celestial, e padecereis fome e sede.

Se virdes à nudez em vosso irmão, e tiverdes uma túnica e não a rasgardes para cobrir a sua nudez, não sereis filhos do Pai celestial, e sereis desnudados; porque, o pão, a água e o linho são dons de Deus para todos os filhos do seu amor — e o que monopoliza esses dons, em prejuízo do seu irmão, é um ladrão e

frustra o amor do Pai e a sua providência.

Não se ria o vosso coração, quando o coração do vosso irmão chorar; juntai as vossas lágrimas às dele e os anjos do Senhor recolherão as vossas lágrimas e o Juiz da lei escreverá com elas o julgamento dos vossos pecados.

Fazei ao vosso irmão todo o bem que estiver nas vossas mãos, mas por amor do bem e não com a vista no prêmio; porque, se obrardes esperando a recompensa, vosso coração é indigno da obra e do prêmio da obra.

O prêmio das obras é perecível, mas a recompensa do coração nunca morrerá.

O bem que fizerdes a vosso irmão, fazei-o em silêncio, e que a vossa mão esquerda ignore o que faz a direita; pois o bem que se faz, ao som de trombeta, não nasce da caridade, mas do orgulho do coração.

Aquele que entende que há mérito no bem produzido por suas mãos, está longe da perfeição de Espírito; porque o bem é a lei do Espírito, e o homem que assim obra, nada mais faz que cumprir a lei.

Não dividais, no coração, os vossos irmãos em bons e maus; porque Deus faz brilhar o Sol para o culpado e para o justo. Todos cabem no amor do Pai — e não sois o juiz dos vossos irmãos.

Qual dos vossos irmãos é justo? qual o pecador? Já vistes as suas almas? Não façais portanto seleção entre eles. Quem julga os outros, provoca com o seu orgulho o julgamento dos seus pecados. Outro mandamento tenho para dar-vos: Perdoai aos que vos ofenderem e dai sempre o bem pelo mal — é essa a perfeição na caridade.

O que dá o bem pelo bem, obra como costumam fazer os pecadores e os ímpios que procedem segundo a carne; mas, aquele que ama o seu inimigo e lhe faz o bem em troca das ofensas, obra contra a carne e imita os anjos do Senhor.

Ouvi a sua palavra e recebi a sua luz. Guardai a palavra de Jesus Cristo.

Eu - João.

XX

Jesus fazia muitos prodígios em testemunho da verdade das suas doutrinas, porque, do seu corpo, saía a virtude que curava as enfermidades do corpo, e da sua boca e dos seus olhos saía a luz que sarava os males do espírito.

Por isso, todos o seguiam em multidão e procuravam ouvir a sua voz e abrigar-se à sombra do seu corpo.

Quem é esse profeta? diziam. Será o verdadeiro Messias que o Deus de nossos pais prometeu a Abraão, a Isaque e a Jacó? e alguns queriam adorá-lo.

Os sacerdotes, porém, os príncipes dos sacerdotes e os fariseus diziam: Ele obra pelo Espírito de Belzebu; porque a sua palavra condenava a soberba dos doutores da lei e o seu fausto; e resolveram matá-lo.

Por isso, escandalizavam-se com os prodígios que ele fazia no dia de sábado, e concitavam as turbas contra ele, alegando o seu zelo pela lei e o seu

amor a César.

Por isso, e pela iniquidade dos seus corações, Jesus dizia aos discípulos: Se a vossa justiça não for maior que a dos escribas e fariseus, não entrareis no reino do meu Pai.

Mas, estava escrito que o Cristo havia de morrer em confirmação da palavra profética e para redenção de todos.

Ele não o ignorava; humilhava-se à vontade do Pai e queria morrer em testemunho da luz do Pai, a fim de que todos os homens fossem salvos.

Orou no horto em companhia de alguns de seus discípulos, e, depois de orar, foi preso pelos soldados; porque Judas, um dos doze, o havia vendido aos sacerdotes pelo dinheiro e com a malícia do seu coração.

Depuseram contra ele testemunhas falsas — e não encontraram motivo para matá-lo. Mas, as profecias tinham de ser cumpridas; e, em seu cumprimento, foi ele carregado de opróbrio e de dores pela iniquidade dos homens, e erguido em uma cruz entre dois homens infames.

Expirou na cruz, perdoando aos seus verdugos e encomendando o seu espírito ao Pai.

XXI

Não choreis a morte de Jesus: regozijai-vos antes, pois Jesus não morreu. A sua morte foi o sono da justiça e a ressurreição gloriosa, do Filho, no seio da felicidade do Pai.

A sua vida foi vida para os vivos — e a sua morte foi vida para os vivos e para os mortos; porque o Espírito puríssimo de Jesus, ao abandonar o corpo, levou a palavra da redenção aos Espíritos que, por seus pecados, estavam no cárcere; e a palavra de caridade, aos Espíritos de justiça, para que uns e outros buscassem o cumprimento da lei e fizessem, os primeiros, obras de redenção, e, os segundos, obras de glória.

Por isso, disse o Apóstolo que o Evangelho também foi pregado aos mortos. Depois de três dias o corpo de Jesus desapareceu das vistas dos homens, e não foi mais achado sobre a Terra, mas os discípulos o viram no seu corpo espiritual, ou viram a sua voz e puderam tocá-lo com as suas mãos; porque vacilavam na sua fé e não acreditavam ainda firmemente na revelação do Cristo, nem na ressurreição espiritual.

Ainda depois de o terem visto e tocado, eles temiam e não confessavam; e continuavam a temer e a não o confessar até que a verdade penetrasse nas névoas do seu entendimento e o Espírito do Senhor inflamasse os seus corações na fé.

Ainda pela terceira vez, e eu com eles, viram o Espírito de Jesus e ouviram a sua palavra. E essa palavra era de paz e caridade, como quando ele vivia entre nós e falava ao povo.

Encarregou os Apóstolos da prédica do Evangelho e de batizarem os

homens no seu nome e no da sua doutrina; não na água, como fazia João Batista, mas no Espírito, como Jesus, porque, o que se faz na carne, é carne, e o que se faz no espírito, é espírito.

De novo, em nome e por inspiração de Jesus, recomendo aos pastores o batismo em espírito e em verdade, que é o selo dos filhos de Deus.

Mas, Jesus prometeu aos apóstolos a sua luz e a sua assistência, e, neles, isso também foi prometido a todos os discípulos do Evangelho e filhos de Deus, até à consumação do presente século e do século vindouro; e, envolvendo-os em seu resplendor e no amor da sua inolvidável e divina vista, ele elevou-se ao Pai.

Testemunhei isso, caros irmãos.

Eu - João.

XXII

Depois disso, os discípulos, em cumprimento da palavra e da vontade de Jesus, foram e pregaram a todos o que tinham ouvido do Mestre.

O Espírito de Jesus estava nas palavras deles e o que diziam era sabedoria e caridade.

O fogo da palavra e a sabedoria inflamavam os corações fracos e confundiam a sabedoria dos mestres; e muitos acreditavam no Senhor Jesus e adoravam em presença do Deus do Senhor Jesus.

Os crentes foram batizados na água, que era a figura do batismo do espírito na fé.

O batismo da água, porém, é inútil e não tem virtude, sem o batismo no espírito, que é tudo, como o atesta Paulo, falando da circuncisão do prepúcio.

A palavra de Jesus, porém, era áspera para os poderosos do mundo e feria os corações ensoberbecidos; e o Cristianismo nasceu e levantou-se sobre rios de lágrimas e lagos de sangue, porque os potentados do mundo e os demônios pretendiam fazer abortar a semente e destruir o Espírito de Jesus; mas a semente multiplicava-se com o sangue derramado e o Espírito soprava aqui e ali, e era o Espírito de Jesus; e os potentados do mundo e os demônios da Terra foram vencidos, porque o Espírito de Jesus assenhoreou-se dos palácios e das cabanas.

Soou, porém, a hora. Ai dos vencedores! as nuvens cobrem o firmamento e o Sol se obscurece; porque a humildade, que é o Espírito do Cristo, se esconde e o orgulho da vitória aparece; porque a caridade, que é o Espírito do Cristo, retira-se do coração, no qual penetra o sentimento de maldição; porque a pureza do coração, que é o Espírito do Cristo, foi escarnecida e as comodidades e o fausto atraem e dominam as vontades dos que se dizem discípulos do Cristo; porque a tolerância e a mansidão, que são o Espírito do Cristo, se afastam diante da invasão da intransigência e do exclusivismo.

No átrio do templo, assentou o seu pé o espírito de seita e no presbitério o interesse passou a residir. No seio da igreja universal estabelecida por Jesus,

sobre a pedra da fé e da caridade, levanta-se outra igreja pequena, firmada no lodo do egoísmo e na base da ignorância.

Os indoutos, os hipócritas e os soberbos de sabedoria adulteram para o povo o sentido das Escrituras, do que Pedro já se lamentava, falando das Escrituras e das palavras de Paulo.

As águas, em que o povo vinha saciar a sua sede, começaram a correr turvas e lamacentas, porque os doutores da lei não se contentavam com a palavra e com o Espírito do Cristo e juntavam-lhes a sua própria palavra e o espírito da sua própria ciência.

Essa ciência, porém, era vã e corrompia as águas da fonte, porque saía do orgulho das entranhas deles e do seu apego às glórias do mundo e às comodidades, que não da caridade.

Olvidaram as palavras do Mestre, que disse que o último seria quem quisesse ser o primeiro de todos, e cada um quis ser o primeiro - e se estabeleceram primeiros, segundos e terceiros entre os doutores, contrariamente ao Espírito de Jesus — e o último dos doutores acreditou estar acima de todos os outros, que eram do povo.

Porém, quando isso aconteceu, o Espírito do Senhor Jesus afastou-se deles. Tudo isso tinha de dar-se, para castigo dos pecados dos homens e cumprimento da misericórdia do Deus de nosso Mestre Jesus Cristo. Então a igreja pequena, que tinha nascido no seio da igreja, cresceu despropositadamente e derrubou a igreja universal aos olhos da multidão; porque a multidão julgava que ela era a igreja universal, visto que a igreja universal se tinha retirado do templo, aí deixando a igreja pequena dos mercadores.

A igreja universal passou então a ter os seus altares no coração dos filhos do Evangelho, que são os discípulos do Cristo.

Em verdade vos digo que todo aquele que ama a Deus e ama também os homens, está na igreja universal estabelecida por Jesus, como ele o disse, e não aquele que foi batizado na água e não ama em seu Espírito.

Nesse tempo, os doutores pensavam mais na vida do corpo e nos gozos que na do Espírito, e construía palácios para os seus corpos; tinham fartura de pão, de vinho e de mel, e havia pobres; viviam no fausto, ao lado dos homens que choravam. E enganavam o povo, dizendo ser isso o Evangelho.

Juntaram mandamentos seus aos mandamentos de Deus — e fizeram muitos mandamentos, dizendo que isso era o Evangelho e enganando o povo.

Seus nomes figuravam entre os nomes dos poderosos e dos dominadores da Terra, e o seu domínio era maior que o domínio dos príncipes; porque eles dominavam sobre a vontade dos homens, e seus mandamentos tinham mais em vista esse domínio que a caridade.

Alguns cingiram a espada que mata e os demais não condenaram os que cingiram a espada; antes, nos seus corações ou nas suas palavras, aplaudiram-nos. E houve guerras por causa deles e irmãos se levantaram contra irmãos, por

culpa da sua ambição.

Quando isso acontecia, invocavam o nome do Senhor para a guerra, diziam que a guerra era santa aos olhos de Deus, e afirmavam que tal era o Evangelho, enganando o povo e alguns deles mesmos.

Acostumaram-se ao domínio dos homens e cada vez mais foram alargando esse domínio, invadindo o domínio dos príncipes do mundo e o senhorio de Deus sobre as almas, porquanto quiseram julgar as almas — e julgaram-nas, e condenaram-nas.

Castigaram os corpos pelos pecados das almas e muitos homens sofreram a morte em nome do Cristo, dizendo eles que isso era o Evangelho, enganando o povo e mesmo a muitos de si próprios, em castigo dos seus pecados e dos pecados dos homens.

XXIII

Se ouvirdes dizer que o Evangelho de Jesus é a guerra e o derramamento de sangue, eu vos digo em verdade que esse é o Evangelho dos rancorosos e vingativos, mas não o de Jesus, que amou os homens e lhes pregou a paz.

Se vos disserem que o Evangelho é o fausto, as riquezas e as comodidades dos ministros da palavra, eu vos digo em verdade que esse é o Evangelho dos mercadores do templo, mas não o de Jesus, que recomendou aos seus discípulos a pobreza de coração e o desprendimento dos bens da Terra.

Se vos disserem que o Evangelho é a água, as mãos levantadas ao céu, as pancadas no peito, as formas e o culto externo, eu vos digo em verdade que esse Evangelho é o dos hipócritas, mas não o de Jesus, que recomendou o amor e a adoração a Deus em espírito e em verdade.

Se vos disserem que o Evangelho é a resistência às leis e aos princípios que governam os povos, eu vos digo em verdade que esse é o Evangelho dos rebeldes e ambiciosos, mas não o de Jesus, que mandou dar a Deus o que é de Deus, e ao príncipe o que é do príncipe.

Se vos disserem que o Evangelho é a intolerância, o anátema, a perseguição, a violência e o ódio, eu vos digo em verdade que esse é o Evangelho da soberba e da ira, mas não o de Jesus, que rogava ao Pai de misericórdia pelos seus mortais inimigos.

Tudo isso foi dito ao povo acerca do Evangelho. Por que estranhais que João fale assim dos doutores e ministros da palavra? Porventura julgais que João venha dissimular e esquecer a verdade, que há de ser o alimento espiritual do povo?

Em verdade vos afirmo que vi aquilo que vos digo, e que vos falo em testemunho da verdade; porque o Evangelho é a verdade, minhas palavras são verdadeiras, em testemunho do Evangelho de Jesus, e o Evangelho de Jesus é o testemunho da verdade das minhas palavras.

Não estranheis, portanto, que João fale assim dos doutores e dos ministros

da palavra. Eis o que digo à igreja pequena:

Acuso-te de haver deixado atua primitiva caridade, aquele amor que te ensinou o coração de Jesus, e pelo qual ele morreu na ignorância das gentes, aquele amor puríssimo que abandonaste, para conceber o desejo de domínio, e o da perseguição pelo domínio.

Fizeste o teu reino neste mundo. Acuso-te de haver abandonado a tua primitiva mansidão, aquela mansidão com que Jesus falava aos que o insultavam e nele cuspiam — e, deixada essa mansidão, te rebelaste contra os príncipes e minaste nas trevas os poderes da Terra.

Acuso-te de haveres deixado a tua simplicidade primitiva, aquela com que Jesus chamava a si os pequeninos; deixada àquela simplicidade, foste frágil com os poderosos e arrogante com os humildes do infortúnio.

Acuso-te de haveres deixado o teu primitivo desinteresse, aquele desinteresse com que Jesus falava dos bens da vida, sem nunca pensares no dia de amanhã — e, deixado esse desinteresse, buscaste amontoar riquezas, como os que se esquecem da vida do Espírito e só visam às comodidades da carne, e, assim, apagaste a fé do coração dos homens que pensam em seu entendimento.

Acuso-te de haveres deixado a tua humildade primitiva, aquela humildade com que Jesus se abaixava aos pés dos seus discípulos — e, deixada essa humildade, consentiste que o orgulho se assenhoreasse do teu entendimento, usurpaste as chaves do céu, condenaste, salvaste, e idolatraste a ti mesma, fazendo um deus para o teu próprio entendimento.

Igreja pequena, não te maravilhes das palavras de João, antes, medita-as e chora — porque já soa a hora, e o tempo chega de surpresa, como o ladrão.

Igreja pequena, recorda-te dos teus princípios, dos que esqueceste. Eu, João, te digo: Teus dias não serão contados, desde que de ti se separou o Espírito de Jesus até à consumação do teu orgulho.

Volta a ti; converte-te ao Evangelho de Jesus e põe os teus olhos na misericórdia do Altíssimo Senhor, cuja vontade onipotente dispõe dos céus e da Terra.

Não vês que as almas mirram em teu seio, como as plantas privadas de água?

A tua palavra, já não é a benéfica chuva, nem o orvalho consolador, mas sim o sopro frio do setentrião que gela os corações.

Igreja pequena, que fizeste da sociedade cristã? Olha ao redor de ti mesma, e responde.

Volve à tua primitiva caridade, à tua primitiva adoração, à tua primitiva mansidão, ao desinteresse e à humildade dos primeiros tempos do século de Jesus Cristo — e o Espírito de Jesus voltará a ti; serás a sua esposa, e ele o teu esposo, como nesses primeiros tempos.

Medita e ora, e repelirá o demônio do orgulho que te cega o entendimento; porque, então, conhecerás a lei que vem de Deus.

Não cerre os ouvidos às palavras de João, igreja pequena! porque, as palavras de João, João as escreve, os homens as lerão, e elas se fixarão na mente e no coração deles.

Dormes, Igreja pequena; desperta! Falo aos homens:

Jesus é o caminho, a verdade e a vida.

Deus é a minha última palavra.

A paz seja convosco, irmãos.

Eu - João.

XXIV

Irmãos; volto a vós e vos saúdo.

Volto, como a pálida luz do astro da noite que vem a Terra, depois do Sol ter derramado sobre ela torrentes de luz, de fecundidade e de alegria.

O resplendor vivificante do sol dos Espíritos chegou até vós; bendizei a Deus.

Viajor da Terra, quanto me compadeço de ti e quanto te amo! Pobre viajor da Terra!

As tuas penas são as minhas também; os teus males também são os meus, as tuas lágrimas são as minhas, como o teu esforço é o esforço da minha alma.

Acabo de chegar da Terra e ainda sinto as suas misérias.

Pobre irmão, pobre viajor da Terra! O teu trabalho é uma felicidade que não conheces e de que duvidas, e essa dúvida te lacera a alma. Quanto sofres, caro irmão, pobre irmão!...

Mas, ah! Volve os teus olhos para mim. Também o meu trabalho é a felicidade, mas uma felicidade que o meu espírito vislumbrou, verdadeira, como é verdadeiro o Sol que brilha todos os dias sobre ti.

E eu podia ter conquistado essa felicidade!... Estava ao alcance da minha mão... Um pequeno esforço, e seria minha!... Sim... seria minha!... seria minha! E não fiz esse pequeno esforço! Lamentai-me, como eu vos lamento, caros irmãos!

Bastava-me amar!... e não amei, como devia.

Permiti, porém, que o meu pobre espírito, a seu turno, reflita sobre vós a pouca luz que pode receber das estrelas que brilham na profundidade dos céus.

Também a Lua alegre o coração do pobre viajor que atravessa de noite as solidões da Terra!

Viajores da Terra, quão dignos sois de compaixão!

Viajais nas trevas, e não vedes o caminho em que assentais os pés.

Sem os astros que a Onipotente Mão derramou no seio do Universo, a Terra permaneceria eternamente abismada na obscuridade e no silêncio; e sem o calor e a luz dos Espíritos que vêm cumprir a vontade do Altíssimo e os decretos da sua misericórdia, a Humanidade continuaria ainda hoje nas trevas da sua infância.

Meu Deus! Sei que chegais até ao mais íntimo dos meus sentimentos: vede

que já amo; Deus meu... não me abandoneis. Fazei aumentar o meu amor, Deus da minha alma, pois quero amar, e só amar.

Vedes o meu desejo, irmão? Ah, sim, vedes: mas não podeis senti-lo, como eu, porque ele é meu; porque eu o mereci e não vós; porque é o sofrimento que eu mesmo fiz nascer com a minha liberdade.

Entretanto, uma esperança consoladora alenta e fortalece a minha alma: não vi essa felicidade para perdê-la para sempre; porque Deus é Deus.

Vi João submergir-se nesse pélogo de felicidade, e ainda ouço as suas palavras de amor e de esperança.

Ama e espera, como eu amo e espero, pobre irmão, pobre viajor da Terra!...

XXV

Há deveres reais, verdadeiros, inescusáveis, disse-o eu ainda há pouco tempo, e disse-o quando ainda vivia entre vós. Mas, vós o sabeis sem que eu vo-lo diga, porque sabem-no todos os que pensam e sentem.

Também sabeis que o dever é a lei imposta pela sabedoria de Deus aos espíritos livres.

O cumprimento dessa lei é o cumprimento da vontade soberana, o laço de união e de atração entre o Criador e a criatura racional.

O dever é, pois, a religião.

Existindo, como existe, o verdadeiro dever, necessariamente também existe a verdadeira religião; de outra sorte, a religião não seria o dever ou a lei emanada de Deus sobre o espírito livre.

Qual será a verdadeira religião? Antes, porém, permiti-me outra pergunta: Qual será a melhor das religiões?

Em absoluto, a melhor das religiões é a religião verdadeira; mas o absoluto está fora da capacidade humana.

O homem pode definir a religião verdadeira, dizendo que ela é, em absoluto, o cumprimento do dever, o cumprimento da lei; mas, nem o homem, nem os Espíritos podem abraçar a lei absoluta do dever.

O dever aumenta e estende os seus limites com o progresso e a felicidade. A vossa inteligência invade cada dia novos horizontes; mas, à medida que ela se desenvolve, a vossa responsabilidade aumenta e as leis do dever se acrisolam.

A religião é, por consequência, progressiva, como o é o dever, que constitui a sua essência; e a melhor das religiões é a que melhor promove o cumprimento do dever. Em relação ao homem, a melhor das religiões é a religião verdadeira.

A religião verdadeira é o Cristianismo, porque é a única que dirige a Humanidade pelo caminho reto do dever. A palavra de Jesus, em alguns séculos, realizou progressos que nunca, seriam realizados pela virtude de todas as outras religiões reunidas.

Há manchas que parecem empanar a religião do Cristo; mas estas procedem das formas que pertencem aos homens, e não do princípio divino que é a alma da religião cristã. A religião de Roma não é a religião do Cristo; porque o dever que Roma prega não é o dever verdadeiramente cristão.

O dever, na boca do Filho do homem, é o amor na liberdade; porque, sem a liberdade, é impossível o amor; e Roma condena a liberdade e exclui do amor de Deus os que não aceitam os ensinamentos dela. Recordai-vos de Jesus e das catacumbas; meditai, comparai e julgai.

Jesus oferece a sua vida em holocausto pela salvação de todos os homens e recomenda a caridade, que é o amor a Deus e ao próximo, sem exclusão de publicanos e de gentios. Os cristãos dos primeiros dias, escarnecidos, humilhados, vilipendiados e perseguidos como animais daninhos, como cães hidrófobos, cuja vida estava à mercê de todos, reúnem-se debaixo do solo para chorar juntos a imensidade do seu infortúnio. E do fundo das catacumbas se eleva um piedoso murmúrio de adoração que, penetrando e atravessando a Terra e o espaço, chega como uma nuvem de incenso até ao trono do Altíssimo. Um clamor unânime sai de todas as orações, e uma mesma palavra pronunciam todos os lábios: Liberdade. Liberdade para adorar a Deus ao meio-dia, à luz do Sol; liberdade para se reunirem e praticarem o amor, sem receio dos insultos da população e do ódio dos tiranos.

Recordai-vos de Jesus e das catacumbas — e julgai se a religião de Roma é a religião de Jesus Cristo, se o anátema e o exclusivismo são o amor e a liberdade.

O dever, na boca do Filho do homem, é a paz; porque, sem ela, não há liberdade, e sem paz e liberdade não é possível o amor. E Roma intenta contra a paz dos povos, quando a guerra satisfaz as suas aspirações de domínio moral ou material. A guerra não está no Evangelho, meus irmãos.

A morte paira neste momento ao redor de vós.⁵²

A discórdia agita o seu repugnante archote e atea nos corações, nos corações criados para o amor, o ódio e a vingança. O ferro e o fogo são os emissários da morte e os homens sucumbem aos milhares, e a maldição é a última palavra arrojada pelos seus lábios nas últimas convulsões.

Todos os ouvidos estão aguardando a infausta nova; todos os ânimos estão cheios de ansiedade e de sobressaltos.

Os ecos e o fragor do combate voam do Ocidente ao Oriente e penetram na cidade dos Césares e dos Papas. Também ali há corações que palpitam de emoção, esperando o desenlace do trágico drama que se desenrola aos vossos olhos. Mas ah, aqueles corações não palpitam de amor, mas sim de ansiedade; desejam a glória de uns e a derrota de outros, ainda que nessa derrota milhares de famílias tenham de verter lágrimas de sangue, de desespero e de infortúnio.

Uns arvoram o estandarte do progresso; os outros escrevem na sua

⁵² Estas linhas foram escritas a 28 de março de 1871.

bandeira o santo nome de Deus. E eis aí o nome de Deus, nome que os lábios não deviam pronunciar senão para venerá-lo e abençoá-lo; no entanto, é apresentado como uma senha de ódio e de guerra na bandeira arvorada pela ambição e pelo fanatismo religioso.

Abatei esse estandarte profanado, apagai dele o nome cem vezes sagrado do Altíssimo! Julgais que impunemente se pode brincar com o que há de mais santo na Terra e nos céus?

Irmãos! Lembrai-vos de Jesus, e, fixando a vossa atenção na guerra abominável que enche os corações de luto e a terra de cadáveres, dizei-me se o dever, se a paz, se o amor, se a liberdade e se a religião de Roma são o dever, a paz, o amor, a liberdade e a religião de Jesus, o verdadeiro Cristianismo.

Mas as horas estão prestes a soar; já se escapam os últimos grãos de areia da ampulheta que assinala o tempo da existência da igreja, a que João chamou igreja pequena.

E essa igreja morre nas suas próprias mãos, por causa da perturbação que produziu nas entranhas dos organismos sociais. Quis fazer da sua religião uma bandeira política, e morre às mãos da política.

Perturbou as crenças para melhor e mais facilmente dominar os povos, e morre por causa da perturbação das crenças.

Em sua agonia, fomenta rebeliões nos Estados que sacudiram o seu pesado jugo, e atea o fogo da guerra para prolongar por mais um minuto o seu domínio temporal; e as rebeliões e a guerra apressam a terminação desse domínio.

O instante supremo se avizinha, não o duvideis; mais um momento, e a igreja pequena não será mais para os homens senão triste recordação.

Assim sucederá, porque é preciso que suceda; do contrário, a Humanidade estaria irremissivelmente perdida, e Deus não pode permitir que a Humanidade se afunde para sempre no abismo.

Não sabeis quão ínfima já é a igreja pequena dos mercadores, porque não vos é dado esquadrihar o coração dos homens. Sabê-lo-eis no dia em que se resolvam a falar muitos, muitíssimos dos que hoje choram em silêncio as abominações religiosas.

É considerável o número dos que choram e são ainda contados no seio da igreja pequena. Eles buscam a igreja universal, e, como não a veem, choram em silêncio e esperam. Surja uma pequena réstia de luz e eles correrão para as portas da igreja universal.

A decadência da igreja pequena não vem de hoje, nem de ontem; a sua verdadeira decadência data dos dias em que os seus mandamentos começaram a visar ao domínio e o interesse.

Ela foi à estátua de Nabucodonosor; começou por ser de ouro no regaço da igreja universal estabelecida pelo Cristo, e acabou por ser de barro nas mãos dos homens.

A estátua de Nabucodonosor é a imagem de todas as instituições puramente humanas; e a igreja pequena já não é mais que uma instituição talhada em moldes puramente humanos.

Mas as molas que sustentavam e conservavam a igreja pequena, desde que o Espírito de Jesus a abandonou, já perderam toda a sua força; e a instituição humana, a igreja dos hipócritas e dos mercadores, abate-se sob o peso dos próprios mandamentos e erros, ao alvorecer da luz da liberdade e do dia da emancipação das consciências.

A pedra que há de derrubar e reduzir a pó a estátua de barro, já se desprende do cimo da montanha e desce com ímpeto soberano, impelida pelos mensageiros do Altíssimo.

Ai de quem buscar conter-lhe o ímpeto. Apartai-vos. Não vedes que ela vem movida pela vontade de Deus?

XXVI

Os grandes acontecimentos são sempre precedidos de anúncios ou sinais para fixar a atenção dos homens na importância do fato que vai realizar-se, a fim de despertar os que dormem.

O fim da igreja pequena é um acontecimento solene, o mais solene e importante de quantos a Humanidade tem presenciado; porque o fim da Igreja de Roma é o começo da igreja universal e o estabelecimento da doutrina de Jesus no entendimento e no coração dos pobres desterrados da Terra.

Os séculos vindouros saudarão com júbilo essa jornada, com o júbilo com que saudais a encarnação e a memória do Cristo. Por isso, o fim da igreja pequena, que é o começo da igreja universal, vem precedido de sinais maravilhosos, que vereis multiplicar-se à medida que os tempos avancem.

E os tempos se precipitam, porque tudo conspira para isso, mesmo aquilo que parece aos homens empecilhos ou obstáculos.

O sinal que precede ao fim da igreja pequena e ao começo da igreja universal é o ensino manifesto dos Espíritos, derramado com maravilhosa e misericordiosa profusão, de um a outro extremo da Terra.

E o ensino dos Espíritos vem, porque é absolutamente necessário; pois é tal o vácuo que há nas crenças, que a Humanidade não poderia despertar sem esse auxílio superior. Antes, porém, do fim da igreja pequena de Roma e do começo da igreja universal de Jesus Cristo, vereis ainda outro sinal:

Ouvir-se-á uma voz que soará por toda parte.

Recordai-vos do Espírito de Verdade prometido por Jesus Cristo - e esperai-o despertos e preparados.

Os pobres filhos dos homens, os infelizes viajores da Terra, ouvirão essa voz suave e atraente, como o murmúrio da brisa e como o perfume da flor, e verão o céu aberto, porque os seus corações se abrirão à esperança e à fé.

Esses tempos vêm pertos; podeis pressenti-los, podeis vê-los, porque estão

no vosso horizonte.

O Sol aparece obscurecido aos vossos olhos; algumas nuvens vos impedem de ver todo o esplendor da luz; mas essas nuvens serão varridas por uma vontade soberana, e a verdade brilhará em toda a sua pureza.

Mais um momento, e vereis cumpridas estas palavras.

Irmãos congregados, adorai a Deus.

Despeço-me de vós, deixando-vos o espírito de caridade, de humildade e de adoração do nosso Mestre Jesus Cristo.

A paz seja convosco e com todos os homens.

Lamennais⁵³

29°

Abril de 1874

Meus filhos, hoje venho falar-vos pela última vez; o meu coração de mãe, porém, não vos retirará o carinho.

O meu amado filho, ao morrer, legou-me os amorosos deveres da maternidade para com os homens, principalmente para com os que choram, e pertenceis a esse número.

Como mãe, visitei-vos da primeira vez e dei-vos as flores da minha alma, para que com elas formasse o ramalhete dos vossos deveres, que é o sinal dos filhos de Jesus Cristo.

Como mãe, vim segunda vez, e vos alentei e animei, porque tremíeis, vaciláveis e estáveis inclinados a retroceder por temores pueris, pois são pueris todos os temores que se referem unicamente aos bens da Terra. Como mãe, voltei terceira vez e vos falei da melhor das orações, para atear em vosso peito a chama da adoração divina e deixar-vos consolados com a esperança de um auxílio superior, através dos desalentos e das misérias da vossa peregrinação temporária. Volto como mãe, uma vez ainda, para dissipar as vossas dúvidas em alguns pontos transcendentais para o sossego das almas, e vos dou armas para triunfardes da dúvida e defenderdes a verdade.

Mas, assim como sou a vossa fiel e amorosa mãe, deveis ser para mim filhos obedientes, praticando as minhas instruções, encaminhadas à vossa felicidade, sem vos esquecerdes de que todas as criaturas humanas são vossos irmãos. Dos favores e da luz que recebestes, deveis fazer coparticipantes os demais homens, na medida do vosso poder; do contrário, repito-vos o que vos disse na minha segunda visita, não faltam nas regiões da obscuridade Espíritos que deixem de fazer bom uso das luzes especiais recebidas.

Vossa mãe - Maria.

⁵³ Somos muito pequenos e conhecemos a nossa pequenez para nos aventurarmos a acrescentar a esta comunicação algum comentário; portanto, deixamo-la intactas, ao critério das pessoas ilustradas.

Ao considerar a magnitude e a transcendência das revelações que obtínhamos e os nossos escassos merecimentos, compreendemos que não éramos mais que instrumentos providenciais de desígnios superiores, e que a revelação não tinha só por objeto a ilustração moral do reduzido círculo que a recebia, porém que também se estendia para ilustração e progresso de todos os nossos irmãos. O Sol brilha tanto para o judeu como para o gentio, e ninguém tem o direito de monopolizar a sua luz. As instruções superiores não desceram até nós para serem monopolizadas; é um tesouro que nos foi confiada por breves instantes, um legado precioso que devemos exhibir à vista de todos, porque a ele todos têm direito.

30°

Abril de 1874

Irmãos congregados! Chegastes ao segundo período das vossas excursões no campo da verdade religiosa, do Cristianismo em sua primitiva e celestial pureza. No primeiro período estudastes, observastes, enchestes a vossa mente e o vosso coração com as verdades que, como luminosos raios do sol da inteligência, varreram as nuvens amontoadas no céu das vossas convicções, e pudestes alimentar-vos com os sentimentos que nascem e se desenvolvem ao puríssimo calor dos dons e das graças do Altíssimo. Ditosos sereis, se souberdes aproveitar das riquezas semeadas, sob os vossos passos, no primeiro período dos vossos ensaios e estudos religiosos.

Entrastes no segundo período, irmãos congregados, e venho fazer-vos algumas indicações, que espero e vos rogo não olvideis: Tendes estudado e observado, e é chegado o momento de praticar os vossos estudos. Os bons Espíritos vos observam dos mundos da luz; eles foram para vós emissários da misericórdia do Eterno e esperam ansiosos o vosso progresso e o fruto dos seus desvelos. Obrigá-los-eis a arrependerem-se da confiança, que depositaram em vós e a voltar-vos as costas com desprezo? E não somente eles, mas também os da Terra, vos seguem com as suas vistas, prontos a julgar pelas vossas obras a bondade das doutrinas que difundis com a palavra.

Sois cristãos ou não? — respondi. Se o sois, não me respondais com a palavra, mas com os vossos sentimentos e com a vossa conduta. Em vão direis que o sois, se as vossas obras desmentirem o que a vossa língua afirma; porque só passa como verdadeiro cristão aquele que tem o Cristo no coração e trilha as veredas da caridade que o Cristo abriu à Humanidade inteira. Em vão ficareis entusiasmados com a leitura das revelações obtidas, se não traduzirdes o vosso entusiasmo em fatos que se harmonizem com a magnitude das instruções reveladas. Ignorais porventura que os erros da igreja pequena tiveram princípio no falso cristianismo do coração de seus doutores?

Assim, se o vosso coração não tiver em mira a caridade e a humildade, sereis abandonados pelo gênio do verdadeiro Cristianismo, que vos cobriu com suas asas; divagareis de novo pelas solidões do espírito, castigo das almas frívolas e infecundas para o bem.

Cumpre-vos, sobretudo, irmãos congregados, não esquecer, antes deveis tê-lo constantemente em vista, que o Espiritismo é o próprio Cristianismo, e que tudo o que é alheio e contrário às doutrinas evangélicas, à palavra e ao Espírito do Cristo, deve ser alheio e contrário à vossa palavra e ao pensamento que há de guiar-vos, como uma estrela, na segunda jornada dos vossos estudos religiosos.

Alheio e contrário à palavra e ao Espírito de Jesus é o domínio do orgulho; alheia e contrária é a hipocrisia; alheio e contrário é o apego aos prazeres e bens temporários; alheios e contrários são o egoísmo, a ociosidade, os zelos invejosos, a revolta, o ódio e a lisonja; em uma palavra, tudo aquilo que é alheio e contrário aos conselhos e preceitos de uma consciência sã e ilustrada, é contrário e alheio à seiva do Cristianismo, e é para vós uma árvore de prova e um fruto de proibição. A cena bíblica, do paraíso repete-se todos os dias; a árvore da ciência não morreu; cresce e estende os seus ramos sobre a Terra; e a serpente enroscada no tronco da árvore, se não no coração de cada um dos homens, convida-os, com os seus mentidos afagos, à infração do preceito.

Leio no vosso pensamento, e, discorrendo sobre o maior ou menor preço das minhas palavras, vejo que dizeis convosco: Amor, caridade, simplicidade, adoração, pureza, tudo isso é muito bom, mas já o sabíamos; era melhor que nos falassem de outros pontos por nós ignorados, de alguma coisa que se refira ao mundo dos Espíritos e à sua admirável ação. Para que repetir-nos hoje, amanhã e sempre os mesmos conselhos e preceitos?

Oh, irmãos congregados! Julgais que os Espíritos de conselho tenham por missão satisfazer a vã curiosidade, o orgulho, o amor-próprio e os caprichos dos homens? Não sejais injustos, eu vo-lo rogo, em benefício de vós mesmos; e, a fim de que julgueis com mais acerto e retidão, proponho-me a falar-vos também do formoso, do celestial ministério dos Espíritos de luz.

Antes, porém, tenho de falar-vos de outras coisas que vos tocam mais de perto, porque se referem a vós; antes de vos elevardes sobre as nuvens, é necessário que conheçais a Terra que os vossos pés pisam e os laços que a ela vos prendem.

Eu deixaria de cumprir a missão que me traz ao vosso centro se, oferecendo à vossa consideração o belíssimo quadro das harmonias celestes, deixasse de mostrar-vos o caminho pelo qual podeis em pouco tempo entrar no gozo dessas venturosas harmonias. Sem o consolador auxílio da Providência, que nunca deixa as criaturas abandonadas às suas próprias forças, em vão buscareis elevar-vos sobre as misérias da Terra e sobre o lodo das debilidades humanas: as vossas asas inexperientes se derreteriam ao sopro corrupto e abrasador das paixões engendradas pelo egoísmo e pelo orgulho.

Uma só palavra explica e sintetiza toda a moral, toda a lei e toda a revelação, desde o começo do mundo até hoje; a fórmula universal do progresso, da virtude e da felicidade é o próprio Verbo divino revelado e a luz que sobre os homens ele irradia das alturas do pensamento infinito. Será preciso citar-vos essa palavra? Julgo que não; porque, sem esforço, ela vos ocorrerá a todos; mas, seria melhor, muito melhor que, em vez de tê-la escrita na vossa mente, a sentísseis, enchendo o vosso coração e comovendo incessantemente as suas fibras.

Pois bem; essa palavra caridade, que todos evocais espontaneamente, sem eu precisar repeti-la, é a fórmula que são chamados a resolver no segundo período dos vossos estudos religiosos; é a caridade prática, como no primeiro período em que discorrestes, sobre as suas belezas e excelências, no terreno filosófico. Já vos manifestei que o Espiritismo e o Cristianismo são uma mesma coisa; agora vos direi mais que ambas essas palavras significam caridade, sem a qual não há espírito verdadeiramente cristão.

Caridade! palavra amorosa, manjar divino das almas puras, dos Espíritos de Deus! Os anjos, a pronunciá-la, uma suave harmonia enche os céus e uma ditosa corrente de inefáveis doçuras se estabelece entre o sólio do Altíssimo e a morada dos homens. É a escada de Jacó; por ela sobem os ais, os desejos e as preces, por ela descem, ao coração humano, os consolos, as esperanças e os primeiros crepúsculos da felicidade imortal.

Mas, ah! Quão diminuto eco acha, no coração do homem, a palavra caridade! Muitos lábios a pronunciam, porém ela não vem do íntimo da alma. Escrita na mente, pronunciam-na com frieza, quando essa palavra devia sair envolta em turbilhões de chamas, porque a caridade é o fogo purificador que consome todas as impurezas e imperfeições das criaturas formadas pela soberana vontade.

Tende franqueado ao vosso coração o mundo das misérias humanas, vastíssimo campo em que podeis e deveis exercitar e desenvolver os germens do amor com que Deus enriqueceu as vossas almas, assim como exercitastes e cultivastes o entendimento no campo das especulações filosóficas.

Pensastes e meditastes em matéria de religião; é agora chegada à ocasião de senti-la se não quiserdes ficar responsáveis pelos sentimentos recolhidos na primeira jornada da vossa viagem ao mundo da verdade.

A religião é antes sentimento, que conhecimento; por isso, vemos muitos ignorantes crendo em Deus e amando-o sem conhecê-lo, e muitos sábios que, conhecendo-o até onde pode alcançar a sabedoria humana, não o amam, nem respeitam os decretos da sua soberana vontade. Por isso, o julgamento do primeiro será bom, visto ter cumprido a lei pela bondade do seu coração; e o julgamento do segundo será o castigo, porque conheceu a lei do bem e desprezou-a com a frieza e com o orgulho do seu espírito.

Nenhum homem é condenado por não saber, mas sim por deixar de sentir,

porque o livro da sabedoria é um livro geralmente fechado; mas o livro do sentimento é um livro universalmente aberto. Não é dado a todos possuir os segredos da Ciência, mas sim as doçuras do sentimento, cujos tesouros estão à vista de todas as criaturas, disseminados no Universo pela mão da misericordiosa Providência. Desde o rei dos astros, radiante e orgulhoso, até o modesto lampadário; desde o majestoso cedro que eleva a sua copa ameaçando romper as nuvens, até a humilde erva que se alastra no solo; desde a águia até o inseto; desde o leão até o réptil e até o gusano; desde o monarca até o último dos seus servos; desde o palácio da abundância e do prazer até a choça da miséria e da dor; em tudo se veem outras tantas páginas do livro do sentimento, sempre aberto à consideração dos mortais.

Sois obrigados a sentir. E não vos admireis de que eu chame energicamente a vossa atenção para o sentimento e a sua necessidade, porque, sem ele, serão inúteis todos os esforços que empregardes para pertencer ao número dos verdadeiros cristãos, dos discípulos e imitadores de Jesus, pois ele era toda caridade. Sereis cristãos especulativos e nada mais; árvores sem fruto, que o pai da família mandará arrancar, para lançá-las ao fogo.

O sentimento é tudo, e por isso ele está ao alcance de todos. É mais que a Ciência, porque a Ciência achá-la-eis entre os ímpios e entre os justos; e é mais que a filantropia, porque também os maus fazem às vezes boas obras. O que realmente sente, faz, se lhe é possível, as obras do sentimento, e mesmo, quando, por lhe não ser possível, não as faça perante a lei, elas são reputadas como feitas e indicadas à justiça.

Vede, pois, a norma do vosso dever na segunda jornada dos vossos estudos religiosos, que é a jornada decisiva do vosso porvir; vede-a e segui-a sem desviar-vos. Oh, irmãos.

Tremo ao pensar que algum de vós pode ser chamado ao juízo com o gelo no coração, depois das luzes que a onipotente mão do Excelso tão profusamente derramou sobre as vossas cabeças.

O sentimento é o amor, e o amor é a lei; vede, portanto, que, para o cumprimento da lei, é necessário, indispensável, que ameis. O amor cobre a multidão dos pecados, porque é a chama que purifica e o bálsamo que consola. O que ama, pratica. exclusivamente o bem, que é a reparação do mal, e a felicidade será o prêmio das suas obras amorosas. Amai, irmãos congregados; amai, meus filhos, e no ministério do amor achareis o ministério dos Espíritos perfeitos.

Estes são, pelo amor e para o amor, os mensageiros cumpridores e os guardas da vontade excelsa, dessa vontade eternamente ativa, que é a lei da criação, dessa vontade que acende os celestes luzeiros e a inteligência do homem, dessa vontade que, penetrando todos os seres e todo o espaço, infundem por toda parte a força e multiplica a vida.

Seres de luz, os Espíritos puros e perfeitos têm por missão refletir sobre os demais, a luz que recebem do inextinguível foco da sabedoria de Deus; seres

ditosos pelo amor, é seu dever a caridade, por cuja virtude se desprenderam de impurezas e imperfeições e se elevaram às moradas felizes onde não se conhecem as misérias da Terra, nem as tormentas do coração, nem as veleidades do espírito; moradas de felicidade sempre perene, porque é a felicidade do dever, e o dever está eternamente no seu princípio. Se o dever se esgotasse aí, no mesmo momento se acabaria a lei de felicidade.

Oh! Que formosíssima é a missão dos mensageiros do amor e dos Espíritos da luz! Pela luz e pelo amor, eles foram glorificados e aspiram constantemente à glorificação dos demais pelo amor e pela luz. Com a velocidade do pensamento, circulam sem cessar e sem cansar-se ao redor dos orbes imensos que se movem nos infinitos seios do espaço, orbes que vêm a ser células da colmeia universal, em cada uma das quais os Espíritos puros vão depositar o mel da sua caridade.

O ministério que, desde a sua elevação, os Espíritos de luz exercem, vós podeis, embora em menor escala, exercer igualmente na Terra. Eles veem diante de si a infinidade de mundos que necessitam do seu amor; estais rodeados de uma infinidade de seres, para os quais o orvalho da vossa caridade é o progresso, a regeneração, a vida e a felicidade do porvir. Quantas vezes o homem que ama seus irmãos exerce a caridade, sem suspeitar que as suas obras na Terra são o prelúdio de missão espiritual nas regiões celestiais! A caridade, irmãos congregados, é uma árvore cuja raiz está no misterioso e fecundo seio do Criador, e cujos ramos, carregados de frutos e perfumes, se estendem em todas as direções, derramando benéfica sombra sobre as moradas esparsas no Universo, que é a casa do Senhor.

Dizeis que sois espíritas, irmãos; é bom, eu vos felicito. Sois hoje melhores do que ontem? Sereis amanhã melhores do que hoje, e ireis melhorando cada dia? Comove-vos o espetáculo da natureza e a contemplação do céu? Derramais lágrimas do coração à vista das desditas alheias? Amais, caros irmãos, amais?

O Espiritismo, que é o Cristianismo, que é a caridade, permite-me repeti-lo, não se reduz a discorrer e a propagar, mas exige, antes de tudo e sobretudo, o sentimento, que é o princípio e a fonte das obras que nos aproximam da perfeição e de Deus. Aquele que se cinge ao conhecimento e à prédica das verdades cristãs, mas sem as sentir nem aplicar, assemelha-se ao que descobriu um abismo e que, não obstante, se precipita nele, apesar de dar aos demais aviso do perigo.

Que minhas palavras não sejam para vós um motivo de desalento; demasiado conheço as debilidades da natureza humana, para estranharem as vossas e poder exigir que vos liberteis rapidamente de todas as impurezas. Como poderei exigir de vós o que foi e é ainda impossível para mim. Eu não faço outra coisa senão chamar a vossa vontade e os vossos sentimentos para o bem, mostrar-vos o caminho que juntos temos de percorrer, para nos aproximarmos da ideia sempre progressiva da perfeição espiritual.

Os anjos do Senhor, esses ditosos seres que bebem o amor em seu divino

manancial, e dos quais, como de outras tantas fontes, emana a caridade que rege e fecunda as pobres plantas humanas esparsas pelo Universo, os anjos do Senhor descerraram aos olhos de minha alma um dos véus que escondiam a luz da verdade, a fim de que eu possa fazer e faça o mesmo convosco.

E como vi que a verdade está na virtude e só na virtude, chamei-vos à prática do amor, compêndio de todas as virtudes irradiadas do divino foco.

Vou terminar, irmãos congregados. Sejamos todos, cada dia melhores em Jesus; o seu jugo é suave e podem carregá-lo ainda os mais débeis e imperfeitos. Tomemos cada um a nossa cruz com resignação e amor, e, subindo assim o Calvário da expiação, da reparação e da prova, imitaremos a Jesus nos merecimentos, para sermos depois glorificados ao seu lado pela virtude da sua doutrina.

Allan Kardec

Eis a missão verdadeiramente sacerdotal, e Allan Kardec é, no mundo dos Espíritos, um sacerdote modelo, um espelho em que se deviam rever os sacerdotes da Terra. As suas palavras, vazadas no molde da humildade e do amor, chegam à alma e avivam a fé e a esperança, inspirando santas resoluções. Outro seria o estado do Cristianismo no mundo, se os intitulados ministros do Senhor, deixando orgulhosas ostentações e vãs infalibilidades, tivessem falado ao coração e ao entendimento dos homens, como fala Allan Kardec. Nem o indiferentismo, nem o materialismo, as duas enfermidades crônicas das modernas sociedades cristãs, teriam podido tomar as ameaçadoras posições que alcançaram e que tão justamente assustam os pensadores. Os erros religiosos engendram a dúvida, mãe do indiferentismo; e o materialismo nasce da negação, filha quase sempre da dúvida.

Espíritas: esforcemo-nos todos por seguir com vontade resoluta os conselhos que Allan Kardec nos prodigaliza das regiões da luz; não nos contentemos em serem cristãos especulativos, pois as teorias, sem a prática, são vaidades e mentiras. Sejamos bons, caritativos e virtuosos, e conquistaremos o mundo para o Evangelho de Jesus. O dardo está lançado, mas o dardo da palavra não mata a incredulidade e o egoísmo; é indispensável que as obras e o dardo da virtude estejam em constante atividade.

31º

Junho de 1874

Eu sou José, o esposo de Maria e o guarda de Jesus nos primeiros anos da sua vida. Vigiai, irmãos.

Poucas palavras tenho a dizer-vos, porque a Verdade já desceu em torrentes sobre vós, e agora vos cumpre fazê-la frutifica; que não seja isso a

semente da parábola derramada entre as pedras. Venho a vós também como um testemunho dos favores com que vos distinguiu o Ser Supremo, para dar-vos a prova da sua misericórdia. Vigiai; porque as provas da misericórdia despertam terríveis responsabilidades. Ai dos indiferentes! Ai dos pusilânimes! Ai dos orgulhosos! Ai dos filhos da mulher de Ló!

A prova da misericórdia saltar-lhes-á ao rosto, e será a sua vergonha e o seu verme roedor.

Vigiai, vigiai.

No terreno da teoria e da palavra, cumpris hoje o vosso dever, com a publicação do livro. Dele vos digo que será um pequeno roedor a parte exclusivamente vossa; mas vos afirmo que aquela que é o fruto da inspiração será um demolidor poderoso e um regenerador ativo e eficaz.

Se pelo estudo e com a palavra cumpristes o vosso dever, falta-vos ainda muito na cultura do sentimento e na reforma do vosso modo de proceder.

Não sejais insensatos, não desprezeis as repetidas admoestações, não sejais fracos, e não vos mostreis indiferentes a tanta luz. Quão ditosos podeis ser! Vigiai, vigiai!

O livro que ides publicar é devido à inspiração superior chamada pela vossa iniciativa e pelo vosso estudo. As verdades que ele contém o mundo tinham de sabê-las; porque os tempos se avizinham, e, se não fôsseis os instrumentos dessas verdades, outros teriam sido indefectivelmente os escolhidos. Dai graças a Deus por terdes sido os chamados, sem quererdes investigar as competentes causas.

Duas coisas se têm a considerar no livro: a inspiração espiritual e a intervenção humana. A respeito da primeira, cabe-me dizer-vos que é toda devida a Espíritos de luz e de verdade que vieram a vós em cumprimento especial da sua missão de amor e como fiéis instrumentos da prova de misericórdia a que vos sujeitou a sabedoria divina. Na inspiração, fostes ainda mais felizes do que julgais, pois alguns dos Espíritos inspiradores recebiam a seu turno a inspiração dos mais elevados pensamentos. A respeito da intervenção humana na composição e no fraseado do livro de que vos falo, só vos direi que a guiou um bom desejo e que ela não forma contraste desagradável com os pensamentos inspirados, devendo acrescentar que, no conjunto, há mais inspiração do que julgais.

Não temais as consequências da publicação do livro; os Espíritos que com a suprema permissão souberam inspirar-vos, saberão do mesmo modo dirigir o sucesso pelas sendas convenientes. Dia virá em que abençoareis a publicação do vosso trabalho.

Vigiai, irmãos; não esqueçais que passais por uma prova difícil da misericórdia; pensai nos homens da raça adâmica.

José

Suplicamos ao Senhor que nos dispensasse a assistência dos bons Espíritos, sem a qual fraquearia a nossa virtude e falharia a nossa prova de misericórdia, tornando-se assim uma vergonha e um verme roedor para nós.

De que nos serviriam, sem o auxílio superior, os bons propósitos que formamos, quando a concupiscência a cada passo nos perturba com a sedução dos seus afagos? Como a mulher de Ló, voltaríamos o rosto aos nossos passados extravios e sucumbiríamos sem glória.

32º

Maio de 1874

Meus filhos, o meu Evangelho é a lei, e o que está fora da lei pertence ao Evangelho dos homens.

JESUS.

A leitura de algumas passagens incompreensíveis do Evangelho acabava de ser o tema da nossa conversação, depois da qual, um dos médiuns do círculo tomou a pena e, sem pretensão de espécie alguma, aguardávamos a inspiração que Deus se dignasse conceder-nos. Não ousamos dizer uma palavra sobre a importância da inspiração recebida; julguem dela os leitores, já que o respeito proíbe de nos estendermos em maiores considerações.

Julho de 1874

Irmãos! Há entre vós três classes de adeptos do Espiritismo; e digo três classes, agrupados os que reúnem condições similares, pois, realmente, se podia fazer uma classificação mais ampla.

Há espíritas que estudam, creem, procuram progressivamente o melhoramento próprio e desejam a felicidade alheia, a cujo fim encaminham a sua atividade e a sua palavra. Fazem também ostentação da sua fé e pregam-na, sem vacilar, onde quer que se lhes ofereça oportunidade ou ocasião. Estes não retrocederão no caminho, porque provaram as primeiras doçuras da sabedoria, que é a felicidade espiritual, e aspiram a maior soma de doçuras para a vida do seu espírito.

Há outros, espíritas por inclinação e sem estudo, movidos do desejo da verdade, que não achavam em suas primeiras crenças. Confessam sinceramente a sua fé, mas essa fé irá sendo cada dia mais débil até apagar-se de todo, se não a firmarem e robustecerem pelo estudo e pela atividade no bem. Correm o risco de retroceder e de perder-se.

Há finalmente os espíritas filhos da casualidade e da curiosidade, entendimentos vãos e corações vazios, que se envergonham de confessar ante o mundo uma fé que não pôde despertar em sua alma a vida do sentimento. Estes não retrocederão, porque já retrocederam; e, se ainda permanecem entre vós, irão desaparecendo aos poucos.

Para outra vez falaremos destas coisas; por hoje basta.

33°

Julho de 1874

Minha vida é triste e solitária como a do mísero desterrado em região tenebrosa e despovoado. Estava só, ignorando desde quando começou o meu insulamento, e chorava de angústia e de temor. Chorava e temia. Agora mesmo ouvi uma voz consoladora que, pela primeira vez, disse: Olha e ouve. Fixei os meus olhos e os meus ouvidos: vi e ouvi a leitura que fazíeis, mas de longe, de muito longe.

E agora vos falo, e vejo que as minhas palavras atravessam a obscuridade e o espaço sem limites que me separam de vós, e vejo-as chegar até vós. Pela primeira vez deixei de chorar, depois de um sofrimento eterno. Quereis ser meus amigos e acompanhar-me?

Tremo de novo, porque meus olhos volvem a nublar-se e a obscuridade aumenta. É noite; não vos vejo mais. Estou do outro lado de um mar imóvel e sem vida. Gritai; fazei que eu ouça a vossa voz, caros amigos. Estou só. . . não me abandoneis, irmãos. Só. . . só. . . triste de mim!... Só, outra vez... Meu Deus!

XXX.

Orai por ele. Foi amigo de um de vós, e todos o conheceis. Orai, mas com fervor.

L.

34°

Agosto de 1874

Irmãos. Mesmo quando não sejam satisfeitos os vossos desejos, mesmo quando tiverdes motivo para vos lamentardes da apatia e do descuido com que alguns se conduzem, depois de se haverem apresentado como unidos a vós em crença e em vontade, não julgueis com prevenção; tende presentes as máximas que pelo Justo foram proferidas para o ensino de todos. O Pastor solícito atende a todas as ovelhas, porém com uma atenção e um cuidado maior às débeis, pequenas, enfermas e desgarradas.

Não julgais ordinariamente com a serenidade e a calma de espírito que são indispensáveis; quereis ver os demais identificados em pensamento e em obras convosco, mas esqueceis que o cárcere que contém os vossos Espíritos influi em vós e que ainda não vos transformastes como a vossa razão vos manda, como a caridade vos aconselha e como a vossa regeneração e o progresso moral exigem. Não vos impacientes com o procedimento dos outros empregai, sim, sempre que vos seja possível, a vossa caridade, procurando chamar ao bom caminho todos os que julgueis transviados.

Devo, porque assim o sinto, dar-vos os meus sinceros parabéns pelo resultado dos estudos que acabais de publicar.

Por ele, torna-se patente que não são infrutíferas as vossas reuniões fraternais, que são dignos os vossos propósitos, que é santa a ideia que vos anima, e que, longe, muito longe de serdes o joguete de monstruoso embuste, sois instrumento providencial para a propaganda das doutrinas evangélicas.

Aqui reina a sinceridade; a verdade é a única linguagem possível aos Espíritos que a buscam com perseverança, que a desejam com incessante anelo e que a solicitam continuamente do Ser amoroso que a constitui que a faz emanar.

Sede bons e justos. Com fraternal carinho, isso vo-lo deseja o vosso irmão.

V.

35°

Outubro de 1877

Irmãos! Já eu tinha conhecimento dessas coisas e as sentia em minha alma, porém não as chamava Espiritismo, mas sim Cristianismo, porque elas são a justiça, o amor e a fé, e o Cristianismo, isto é, o Evangelho eterno, a alma do Evangelho histórico, é a fé, o amor e a justiça. Esta é a religião universal e eterna de todos os mundos e de todos os tempos.

Desta religião, que é a grande, a única, a imortal religião, é que eu desejo falar-vos. Dei-vos o tema; ajudar-me-eis a desenvolvê-lo com a eficácia de um piedoso desejo.

Ainda vos não poderei dizer muitas coisas, irmãos. Vós o desejais e eu também; mas, acima do vosso e dos meus desejos, está a Providência que ordena as coisas e os sucessos para o maior bem. Da árvore da misericórdia não caem os frutos senão no tempo oportuno. A religião é a alma da adoração e da justiça; o corpo dessa alma é a igreja universal.

Religião é adoração, justiça e amor; Igreja é a assembleia dos adoradores, dos justos e dos que amam.

Acreditais possíveis, dentro da criação, a existência de um espírito livre, de um só, estranho em absoluto à adoração e à justiça, desprovido em absoluto do sentimento, do suavíssimo sentimento do amor? Se assim fosse, a religião não

seria uma lei divina e universal; a igreja também não seria uma assembleia universal, divinamente estabelecida. E, não sendo isso possível, não há criatura livre, absolutamente emancipada da lei do amor e de justiça; portanto, nenhuma criatura está em absoluto fora da igreja e, assim sendo, a igreja é verdadeiramente universal.

Todos os justos, e somente os justos, diz o dogma, pertencerão à alma da igreja, É certo; porém, o dogma exprimiria mais claramente a verdade, se fosse concebido por este modo: Todos os seres livres pertencem à alma da igreja, à igreja universal. No primeiro caso, o dogma parece conter uma exclusão, embora em realidade não a contenha.

Examinemos agora o dogma, tal como acabo de defini-lo, isto é: Todos os seres livres pertencem à alma da igreja, à igreja universal. Mas, ao examiná-lo, compararemos o segundo com o primeiro. Só os justos pertencem à alma da igreja; mas quais são os justos? Onde começa a justiça dos justos, que formam parte da alma da igreja universal? Serão os que possuem a justiça em absoluto, ou os que participam dela, mais ou menos, dentro de uma gradação indefinida?

Só Deus é bom, só Deus é justo — Jesus o disse. Por conseguinte, se só a justiça absoluta pudesse pertencer à alma da igreja, Deus, e só Deus, seria o que chamamos igreja universal. No sentido, pois, em que devemos tomar essa palavra Igreja, não se pode tratar senão de justiça progressiva.

Assentado isso, que razão pôde legitimar uma divisão qualquer, segundo a qual uns Espíritos sejam incluídos na alma da igreja, e outros excluídos dela? Que grau de justiça será a medida para essas inclusões e exclusões? Não será mais justo e racional considerar dentro da alma da igreja todos os seres livres, uma vez que todos sejam relativamente justos? Dentro da alma da igreja, porém, cada espírito não participa dos bens da igreja, senão no grau correspondente da sua justiça.

Veem na Terra espíritos turbulentos e cheios de iniquidades: comparais e dizeis: Como podem esses espíritos fazer parte da alma da igreja?

Responder-vos-ei que a iniquidade descoberta nesses seres pela vossa e pela minha justiça, é muito menor que a que existe em nós, se nos compararmos aos seres que estão acima de nós, a uma distância imensa. Se esses ditos Espíritos nos julgassem por esse modo, poderiam também dizer de nós: Como podem essas criaturas iníquas fazer parte da alma da igreja?

Esse falso conceito da alma da igreja universal na Terra, tem seu princípio ou raiz no falso conceito do bem e do mal, formado pela imensa maioria dos homens. Circunscrevem os seus juízos à bondade ou à maldade na Terra, e, ainda mais, ao grau particular da cultura espiritual de cada um; portanto, esses julgamentos não podem deixar de ser errôneos, porque essa circunscrição de julgamentos equivale a estabelecer como absolutos o bem e o mal terrestre, o que é gravíssimo erro. Se me falais de um bem, como tal considerado por vós, eu vos falarei do conceito do mal nas consciências próximas à perfeição, e vereis

que o que se julga um mal, está muito acima do que reputais o bem. Se vos referis ao que consideréis o mal, eu vos falarei do conceito do bem nas consciências ásperas e embrutecidas, muito abaixo ou de pior condição que o mal que as vossas almas abominam na Terra.

De tudo isso vereis resultar uma grande verdade que ainda não foi proclamada na consciência da Humanidade terrena; isto é: a alma da igreja divina, da igreja universal, é formada por todo o mundo inteligente e livre, sem exceções nem exclusões. E por que não, se todos os seres livres são filhos do pensamento e da vontade de Deus? Excluireis vós o que Deus não exclui? Em tal caso seria excluir do seu amor às obras da sua divina fecundidade.

A consciência humana é, ainda, na Terra, escrava das trevas do erro, e a ignorância ainda a oprime. Ela confunde o mal com o bem e não forma de Deus uma ideia racional e justa. Ainda tem justificativa o ateísmo, porque o deus dos que falam de Deus, não está concebido na justiça e, portanto, não existe, nem pode ser o ordenador do Universo e o pai da justiça.

E esse selo de universalidade que a igreja tem, também o possui a verdadeira religião. Em que se distingue uma da outra? Em que a igreja, como sabeis, é a assembleia dos justos, e em que a religião é a justiça? Com acerto se podia dizer que a igreja é o corpo, e que a religião é a alma.

A religião é um laço de atração e de aproximação entre Deus e a criatura; atração da parte do Criador, que é a vontade absoluta e eterna; aproximação por parte da criatura racional, que é a vontade relativa, subordinada à ordem harmoniosa, estabelecida pela sabedoria suprema que tudo dirige e estimula.

Gratry.

36°

Março de 1878

Quem viu a semente produzir frutos antes de oferecer a delicada flor, em cujo seio o fruto se engendra e vivifica? Essa é a lei da natureza física e também a lei do movimento moral. A geração de que tanto falou Jesus, chamando-lhe esta geração, está em seus extremos dias, ao mesmo tempo em que nasce a que tem de substituí-la.

Aquela foi à geração da Terra, e esta será a geração do Espírito. A terra já produziu todo o fruto que podia dar e, por conseguinte, vai desaparecer a geração da Terra, isto é, a geração da matéria e da forma dentro da ideia cristã.

Se essa geração não desaparecesse da terrena morada, o Cristianismo, que não pode morrer, por ser a lei infalível do progresso, seria apagado do entendimento e do coração dos homens. O excesso de materialismo afogaria os germens do espírito vivificante, destinado, pela provida sabedoria de Deus, a engendrar e vivificar a segunda geração do Evangelho.

Essa segunda geração está nascendo; o pensamento cristão da segunda geração entra no princípio do seu desenvolvimento, e ainda há de mostrar ao mundo os matizes das suas preciosas flores, antes que a Humanidade possa nutrir-se com os seus saborosos frutos de amor e de justiça.

Sou vosso irmão

Vítor

37°

Outubro de 1877

Se unirdes todos os vossos desejos em um só, se submeterdes as vossas vontades ao cumprimento da lei de justiça e acrescentardes o vosso fervor e por ele a vossa fé, esperai tudo da Providência, que é um manancial inesgotável de harmonias e consolos. O homem pode fazer o que quer, sempre que a sua vontade está com a justiça e que confia fervorosamente no amor.

Falastes da lei que há de cumprir-se e no valor da oração dentro do cumprimento da lei.

Se a lei há de cumprir-se, para que serve orar pelos Espíritos que sofrem? Se a lei é inquebrantável, também o será o sofrimento do Espírito.

A lei é inquebrantável e iniludível, é certo, e não podemos concebê-la de outro modo; mas quem mediu ou graduou o alcance da lei e a natureza das condições em que têm de cumprir-se os seus preceitos?

O erro consiste em pretender-se julgar do cumprimento da lei, sendo a lei desconhecida.

Pelo pouco que a conhecemos ou adivinhamos, temos de julgar que, se é lei de justiça à expiação pelas infrações cometidas, também é em virtude dessa lei que o arrependimento e as boas resoluções hão de apressar o restabelecimento da harmonia espiritual, visto serem germens fecundos da salvação das almas.

Orai, pois; porque, se a oração não redime, o arrependimento redime e a oração pode despertar o arrependimento.

Gratry

38°

Outubro de 1877

Irmãos! Na humanidade terrena não há tanta iniquidade como supondes; o que sucede é o seguinte: todos os seus males se exteriorizam e a publicidade e o escândalo os avultam.

O homem de hoje é melhor que o do século passado, muito melhor que o do século décimo da presente era, muitíssimo melhor que o dos tempos do Moisés.

Nos séculos que já vão longe, era a iniquidade a enfermidade dominante do mundo; hoje, a enfermidade dominante é o erro, e o erro enfraquece os homens.

Julgais que seja isso um pequeno progresso? Isso nada menos é que a fonte e a raiz de todos os progressos que o homem é chamado a conquistar na Terra. A perversidade, que não nasce do coração, mas sim do erro do entendimento, não é essencialmente perversidade, mas um mal transitório, porque a causa tem de desaparecer. Apenas a luz da verdade dissipe as sombras do erro, o homem será bom, porque se esgotou no seu coração a fonte da iniquidade e da injustiça.

Não desanimeis, pois; cobrai ânimo e esperai, porque o progresso caminha, caminha e muito rapidamente.

Luculus

39°

Outubro de 1877

Irmãos. A Igreja vai crescendo com a luz que enviou aos homens o providencial Amor. Nessa luz estudai a vós mesmos e as vossas obras.

Agostinho

Essa luz é a mesma do Cristo, o Verbo que iluminará todos os Espíritos que vêm a Terra para cumprir um julgamento.

Em verdade vos digo que a Terra não passará sem que primeiro esteja consumada a redenção de todos os homens da Terra.

João

XII

Julgamos suficientes as comunicações que deixamos copiadas nesta segunda parte, para que o leitor possa, com perfeito conhecimento de causa, falar sobre a utilidade ou inconveniência dos trabalhos que fizeram objeto do nosso estudo, e da bondade ou maldade das doutrinas que o Espiritismo propaga.

Que os detratores do Cristianismo Espírita leiam estas páginas inspiradas pelos Espíritos livres, bem como aqueles que o atribuem ao gênio das trevas, e os que, blasonando-se de muito sensatos, lhe chamam loucura ou aberração do entendimento humano.

Leiam-nas todos sem prevenção e meditem com juízo imparcial, pois, se assim souberem fazê-lo, estamos certos de que virão a nós para alentar-nos e dizer-nos:

Contai conosco desde hoje, irmãos; as inspirações espirituais que recebestes não são, não podem ser fruto de inteligências infernais, nem parto de imaginações

febris, nem mistificação produzida por homens de má-fé e de coração corrupto; elas são a expressão da virtude, da verdade e do sentimento, e nem a virtude pode ser inspiração diabólica, nem a verdade pode ser produto da loucura, nem a ternura, nem o sentimento do bem podem ser produzidos por corações degradados. São as vozes dos pastores chamando as ovelhas extraviadas; são os gritos do dever que vem despertar as consciências adormecidas no indiferentismo e no erro; é o carinhoso apelo do pai que abre os seus braços para neles estreitar os filhos do seu amor, filhos que abandonaram, inexperientes, pelos gozos ilusórios do mundo, a tranquilidade e a grande felicidade que os esperava na morada paterna. O Espiritismo é a verdade religiosa, é o renascimento do Evangelho, é a ressurreição do verdadeiro Cristianismo, é, em suma, o amor à criatura e a adoração a Deus, princípio e fim da missão do homem na Terra.

Tal é o conceito que formamos do Espiritismo, depois de submetê-lo ao crisol da observação e ao escalpelo da crítica. Em constante vigilância com o desejo de surpreender qualquer gérmen perturbador das consciências que pudesse ocultar-se no fundo dessas doutrinas, não demos um passo para frente sem ter examinado com escrupulosa atenção o terreno em que íamos fixar a misteriosa Planta. Tínhamos ouvido repetir que o Espírito tentador, para melhor seduzir e enganar os que escolhem para alvo das suas tenebrosas investidas, costuma vestir à branca túnica da inocência ou as severas roupagens da virtude; e mesmo, apesar de nos parecer que, em tão estreitos e transparentes hábitos, não lhe seria possível ocultar a sua monstruosa fealdade, vivíamos de sobreaviso, dispostos a retroceder e a fugir à menor suspeita de maquinação diabólica. Felizmente, nossos temores não chegaram a justificar-se; e se no começo nos haviam cativado as doutrinas espíritas por sua moral pura, persuasiva e elevadíssima, achamos depois, nas comunicações, a sanção das teorias e inúmeros motivos para agradecer e louvar a Deus pelos inapreciáveis tesouros que, por meio das comunicações espirituais, depositava em nossas mãos.

A convicção e a fé penetravam gradualmente em nós, à medida que a luz, descendo do Alto, espancava a obscuridade do nosso entendimento e fecundava os germens de bons sentimentos e de virtudes que dormitavam, condenados talvez a perpétuo sono, no recôndito da nossa alma. gamos e vínhamos do Espiritismo ao Evangelho, e do Evangelho ao Espiritismo; porque, em nosso entender, o Evangelho é a divina pedra de toque da religião e da moral, e, quer estudando o Espiritismo como filosofia moral, quer como doutrina religiosa, achamos perfeita conformidade entre os seus ensinamentos e os do Evangelho. E se, querendo ir mais longe, líamos o Antigo Testamento, o Gênesis, o livro de Tobias, o de Jó, os Salmos, os Provérbios, o Eclesiastes, a Sabedoria e todos os Profetas, víamos brilhar a verdade do Cristianismo espírita. Disso se persuadirão os nossos leitores na terceira parte deste livro.

Depois do que acabamos de manifestar, quem poderá razoavelmente estigmatizar-nos por termos aceitado as crenças do Espiritismo? Se estamos em erro, que nos provem, porém sem nos odiar, nem amaldiçoar; porque a maldição e o ódio, se provam alguma coisa, é a ruindade de sentimentos e a ausência absoluta de razões. Não hasteamos bandeira, nem viemos armados em guerra contra alguém ou contra qualquer instituição; vamos pacíficos em busca da verdade, e se com mais abundância de luz, que a que apresentamos, nos persuadirem de que a verdade não está irmanada com as crenças a que abrimos as portas do nosso coração, abandoná-la-emos sem vacilação para acariciar as que brotem ao calor benéfico do novo Sol. Se alguém chegar a supor que escrevemos por ódio à classe sacerdotal, nós lhe perdoaremos e dele nos compadeceremos; os membros dessa classe são, como os outros homens, nossos irmãos, e os amamos a todos. Apodere-se o clero deste livro; estude as comunicações obtidas em o nosso círculo; discuta sem paixão; lute com armas de boa têmpera, e, se a razão estiver do lado das doutrinas de Roma, voltaremos para Roma, cheios de gratidão e amor. Anelamos porventura outra coisa, a não ser a vitória da verdade?

Em todos os tempos a Humanidade teve necessidade de inspirações superiores, e recebeu-as para seguir nas vias do progresso, que é a lei constante das obras da Vontade Onipotente.

Respondendo a esta necessidade, veio, na infância da linhagem humana, a revelação primitiva, simples, incompleta e envolta em nebulosidades, tal como a podia receber e compreender a grosseira e materializada inteligência do homem. Com o desenvolvimento desta e com o percorrer dos séculos, veio mais abundância de luz, e, assim, harmônica e sucessivamente, a Humanidade foi elevando o seu entendimento e a sua razão, e recebendo em todos os períodos históricos a luz de que podia necessitar, para verem os seus passados extravios e vislumbrar mais serenos horizontes. Esta é a instabilidade humana, porém é a instabilidade caminhando para a perfeição, saindo do caos para gozar das harmonias que, em abundância, derramou no Universo a sábia e misericordiosa Providência. A lei do progresso lê-se em todas as histórias das sociedades humanas e em cada uma das transformações geológicas da Terra, desde que ela começou a girar nos espaços planetários. O mundo físico, como o mundo moral, obedece a esta lei; o primeiro, gravitando ao redor do Sol, e o segundo, circulando em virtude da vontade de Deus; ambos descrevendo as suas órbitas e elevando-se sempre no seio do infinito. Em razão dessa lei, a revelação é, para as almas, o que a atração é para os corpos; e, como o misterioso centro de ação dos Espíritos reside na Suprema Inteligência, o fato de negar-se o progresso indefinido da criatura racional pela revelação sucessiva, é o mesmo que repelir uma verdade sancionada pela filosofia e confirmada pela razão.

É indubitável que a revelação existiu desde os primeiros dias do homem, e continuou irradiando sempre com maior intensidade através das gerações até à vinda do Messias.

Começando pelo Gênesis, na passagem alegórica dos primeiros povoadores da Terra, e acabando pelo Evangelho e pelos Atos dos Apóstolos, em todos os livros sagrados vê-se a força providencial da revelação, aumentando com a necessidade dos tempos e cooperando ativamente para o progresso espiritual. A religião estabelecida por Jesus não é a religião primitiva; a moral evangélica não é a moral dos códigos mosaicos; às novas necessidades e ao aperfeiçoamento do Espírito, são necessários novas luzes e alimento espiritual mais depurado.

Assim sendo, que são as comunicações de que se ocupa o Espiritismo, senão a própria revelação, a própria influência divina imprimindo na Humanidade um movimento acelerado na estrada do progresso? Assim o entendemos, porque assim o julgamos necessário; é nosso dever fazer um apelo aos nossos irmãos e infundir-lhes, se possível, a fé vivificante que restabelece as esperanças e renova as forças do nosso espírito. Poderíamos fechar os nossos lábios, quando a consciência nos manda falar em voz alta? Poderíamos ocultar os sentimentos, quando um impulso superior nos move a publicá-los à face de todo mundo? Poderíamos guardar as nossas esperanças nos segredos do coração, quando a fé e a caridade nos prescrevem fazê-los sentir aos demais? Longe de nós tão egoístico procedimento; arrostamos, se for preciso, o anátema, o escárnio e o insulto, porém não queremos nem podemos incorrer na censura da nossa consciência.

Se o clero romano, vencendo a sua habitual intolerância em matéria religiosa, pudesse entregar-se sem animosidade, nem prevenções injustificadas, ao estudo do Espiritismo, não há dúvida de que a causa da religião daria em breve tempo um passo agigantado, pela influência que aquela respeitável classe desfruta no ânimo das sociedades cristãs. A isso o excitamos com a publicação deste livro. Considere ele que os espíritas já se contam por dezenas de milhões dentro da comunhão católica, e que, a cada hora, a cada instante que se passa, sem se demonstrar a sua falsidade, aumenta-se consideravelmente o número dos cristãos que abandonam o dogma romano, para tomarem assento entre os filhos e defensores do puro Cristianismo. A bandeira desfralda-se à vista do mundo civilizado; à sua gloriosa sombra nos acolhem nós, persuadidos de ser ela a mesma que arvorou nas suas prédicas a vítima do farisaísmo judaico. Se nos enganamos, se, em vez de bandeira da virtude, for ela um pendão abominável, o dever do clero é confundi-la com o pendão poderoso da verdade e então nós mesmos estaremos ao seu lado para abatê-la, despedaçá-la e desprezar os seus fementidos despojos. Então, e só então, a classe sacerdotal poderá condenar os princípios da escola espírita. Dar-se-á, porém, isso? Não o cremos, porque o dogma de Roma não pode lutar, no terreno neutro da razão,

com a filosofia e com a moral do Evangelho. O que esperamos é que a luz abra caminho através de todas as resistências, e que o clero se apodere, em breve tempo, da bandeira que hoje combate, para fazê-la tremular aos ventos, com o entusiasmo do neófito e com o vigor do soldado da fé.

TERCEIRA PARTE

O Espiritismo nos livros sagrados

I

Preliminares

Que livros são esses a que chamam sagrados e que servem de manancial e ponto de partida às crenças e ao culto?

Eis aí uma pergunta de fácil resposta à primeira vista, porém que, não obstante, se presta a sérias considerações filosóficas. Não penetraremos nesse terreno, porque no-lo veda a índole do livro que escrevemos; cingir-nos-emos, apenas, a algumas indicações, que são, a nosso ver, as mais precisas para a inteligência dos textos bíblicos que nos propomos comentar nesta terceira parte.

Reconhecido que o progresso das sociedades humanas precisava, para realizar-se, do concurso da Providência, causa única da substância inteligente e, portanto, do movimento intelectual, tinham de vir, e vieram, em todos os tempos e para todos os povos, inspirações superiores que, dando satisfação a uma nova necessidade e despertando um novo desejo, levassem ao coração do homem a sanção da virtude, o consolo e a esperança. A Humanidade, como a Terra, é por si mesma fria e improdutiva, e continuaria perpetuamente na sua esterilidade, se não fecundassem no seu seio os temperados beijos do sol e as chuvas benéficas.

Quando essas inspirações, esses orvalhos consoladores do espírito, foram necessárias ao progresso particular do indivíduo, só o indivíduo sentiu a sua influência; mas, quando, não o indivíduo e sim uma parte considerável da grande família humana, precisou do impulso providencial para triunfar dos obstáculos atravessados no caminho do progresso geral, então a influência das inspirações invadiu tudo, soando em todos os ouvidos e brilhando com resplendor aos olhos atônitos dos povos. Em cada um desses momentos históricos, um novo marco assinala o caminho percorrido pelo homem.

Tal é a origem dos livros chamados sagrados, que cada religião guarda. na arca da sua fé, como o mais expressivo sinal da sua aliança, com o Supremo Autor do Universo. Livros divinamente inspirados, códigos de regeneração, monumentos solenes de sabedoria, testemunhos irrecusáveis da misericórdia do Altíssimo!

Escritos com a intervenção superior, resplandece neles uma luz divina, que os eleva muito acima das concepções dos homens.

Os livros sagrados são o grande depósito dos tesouros de fé recolhidos pelos povos na sucessão dos séculos; são a história do movimento moral da Humanidade e do desenvolvimento do sentimento religioso; são a misteriosa cadeia da revelação, cujos degraus ligam a Terra ao céu.

É preciso, porém, considerar, para a devida inteligência das sagradas escrituras, que a revelação, como a moral, como a fé, como o sentimento religioso, como as faculdades humanas, é progressiva, e vem satisfazer, em cada uma de suas fases, a uma necessidade espiritual. Por essa razão, ao estudar seu curso, convém também fixar a atenção nas necessidades que elas satisfazem, pois essas necessidades satisfeitas são quase sempre a chave para a explicação e a inteligência dos profundos conceitos e da sentenciosa linguagem da revelação escrita.

Convém, ainda, distinguir na revelação escrita o que é essencial e o que é accidental, a alma e o corpo, o fundo e a forma, o espírito e a letra; o primeiro é o resultado da influência superior, é como se disséssemos: o corpo celestial; o segundo é o traço indelével da intervenção humana.

Figuremos um raio de puríssima luz envolto em escuros e densos vapores, e teremos uma imagem da revelação; o raio de luz é a inspiração divina, formosa, para e imaculada; a túnica de vapores é a palavra e as interpretações dos homens, nunca bastante desmaterializadas para alcançarem o nível da divina inspiração. Eis aí por que no estudo das sagradas escrituras devemos preferir antes o espírito que a letra, antes o pensamento que as formas; o pensamento é o essencial da revelação. A letra mata e o espírito vivifica.

Por ter esquecido esta verdade, o cristianismo romano tornou-se uma religião escrava de exterioridades e formas, alheia ao pensamento capital, à ideia fundamental do verdadeiro Cristianismo.

A revelação existiu desde o princípio da Humanidade; a sua luz é para a alma o que a luz sideral é para o corpo é a vida, o movimento, a salvação e a felicidade. A primeira afirmação da consciência foi à primeira palavra da revelação, chamada lei natural em relação às primeiras épocas do sentimento e do desenvolvimento do raciocínio. Mas, a lei natural, simplíssima e incompleta em seu nascimento, multiplicou os seus preceitos à medida que se desenvolviam a consciência e a razão humanas, e, pouco a pouco, de progresso em progresso, chegou o dia em que os homens sentiram a necessidade de ter à vista o código moral, cujos múltiplos preceitos esqueciam com facilidade, apegados em demasia, como se achavam, aos prazeres da carne. Desde então, começa a existência da revelação escrita e a formação dos primeiros livros destinados a passar, com o caráter de sagrados, às épocas vindouras. Esse caráter não os livrou, contudo, de serem depois substituídos,

reformados ou aumentados com a adição de outros que melhor correspondessem às novas necessidades morais dos séculos, ficando os livros primitivos cancelados em tudo o que não estivesse conforme com as prescrições e com as doutrinas das últimas revelações. Monumentos insignes das civilizações que passaram, destroços venerandos e eternos do templo primitivo da fé, cada uma das suas pedras derrocadas, cada uma das suas paredes fendidas e ameaçando ruína, é uma página sagrada da grande história da civilização religiosa dos povos. A estas sagradas e imperecíveis relíquias pertencem os livros da revelação anterior a Jesus Cristo que, compilados, formam o Antigo Testamento, essencialmente modificados nos livros da revelação cristã.

Que quer dizer isso? Será porventura que a origem dos livros sagrados é puramente humana e imerecida a autoridade que o mundo lhes atribui? Não, certamente, já o dissemos; a sua origem superior e providencial ressalta, se é possível, com mais força da própria mutabilidade progressiva das suas doutrinas, sempre suficientes e acomodadas às necessidades morais das gerações. O que isso quer dizer é que o homem não possui, nem possuirá a verdade absoluta; ele é um ser progressivo e perfectível que sempre girará dentro da instabilidade. O que isso quer dizer é que a revelação progride, e dos seus progressos nascem à transformação do sentimento religioso e as modificações da fé. Fundamentalmente, a revelação é sempre a mesma, porque é imutável a lei de que procede; porém brilha cada dia com um novo esplendor e em horizontes mais dilatados, de conformidade com o progresso espiritual das sociedades humanas.

Consideremos a Terra limitada à montanha elevadíssima, coberta de negras nuvens, quase impenetráveis à luz nas camadas inferiores, e a Humanidade, em sua infância, morando na tenebrosa fralda da montanha, cujo cimo se perde além das nuvens, além da atmosfera, além das zonas etéreas, banhadas pelos esplêndidos raios de um sol regenerador. A família humana agita-se, primeiro, nas trevas; cai e levanta-se; torna a cair e a levantar-se, antes de subir alguns passos pela encosta da montanha e antes de vislumbrar os crepúsculos da luz; mas, já os vislumbrou, e eles são o guia dos seus passos, a alegria dos seus olhos e a esperança do seu coração.

Sobe e sobe pela montanha, adiantando-se aqui, retrocedendo ali; ora tomando alento para adiantar-se mais, e ora fixando com horror as suas vistas nos perigos passados. As camadas atmosféricas vão sendo cada vez mais rarefeitas e a luz mais intensa, à medida que se faz a ascensão; a luz do Sol, porém, a Humanidade só a verá no seu esplendor, quando terminar a sua peregrinação e chegar ao ditoso cimo, donde, olhando para baixa, vê um oceano de trevas, e donde, erguendo os olhos, descobre os intérminos horizontes do infinito.

Eis aí o homem; eis aí a revelação! Esta é o puríssimo Sol da verdade; mas o homem abismado na ignorância, nas misérias, nas paixões, nas debilidades e nas

torpezas, só pode ver a luz sucessiva e gradualmente, à medida que se emancipa das impurezas da matéria e se eleva pelas difíceis veredas do progresso. Feliz será ele, se, em cada jornada, feliz a Humanidade, se, em cada uma de suas fases, lograr transpor alguma dessas sombrias zonas que lhe impedem a visão beatífica do sol do amor.

Fixemos agora as nossas vistas nos monumentos antigos e modernos da revelação, nos livros sagrados do Cristianismo, no Antigo e Novo Testamento, dos quais é continuação a revelação que se obtém em nossos dias com as comunicações espíritas. Moisés falou a linguagem do seu tempo; os profetas falaram para os homens com os quais conviviam; Jesus Cristo deixou ainda por dizer muitas coisas, porque o mundo não podia aceitá-las; os Espíritos espalham hoje com maior clareza as verdades evangélicas, e novos clarões iluminarão amanhã os passos da Humanidade na sua peregrinação sempre ascendente, em busca da perfeição e da felicidade, pelos merecimentos do dever. O estudo das sagradas letras é na atualidade tão necessário como o dos comentários e interpretações com que a igreja oficial pretendeu explicá-las, pois, se em épocas passadas puderam dar alguma luz, no presente elas lutam com o senso comum, com a Ciência e com o sentimento verdadeiramente religioso.

E indispensável restaurar o gênio do Cristianismo, cuja decadência é assaz notória, para não se temer a sua própria ruína. Cristianismo fictício, moral acomodatória e religião toda de aparências ocupam o lugar das doutrinas do Cristo, da moral evangélica e da religião do coração.

Nela, o amor é egoísmo, a adoração é hipocrisia, a humildade é fausto e orgulho; o templo é um mercado onde se cotizam e onde se trocam por dinheiro as graças espirituais, nem mais nem menos do que se usa com as mercadorias do comércio temporal. Há monopolizadores da luz e dos bens celestiais, como os há de cereais, de vinhos e de produtos da indústria.

Até se pretende o monopólio da oração, e estamos ameaçados de não poder elevar a Deus as nossas preces, senão por meio de um procurador, previamente pago dos seus direitos, em papel timbrado com o competente selo. Tão notórios e escandalosos abusos serão autorizados pelo Evangelho e pelos Apóstolos?

Por certo que não. Volvam todos os cristãos os olhos para esses livros e ficar-se-á conhecendo o verdadeiro Cristianismo. Se queremos a salvação, busquemo-la na fonte de vida. Leiamos essas páginas inspiradas, até hoje não abandonadas — e veremos que os erros, os abusos, as mistificações, os absurdos, as falsidades e a fraude não são da revelação, mas dos homens que os acomodaram às suas vistas e ao seu egoísmo. Veremos o Cristianismo em sua primitiva pureza — e não acharemos ponto de semelhança entre o cristão segundo o modelo romano e o discípulo de Jesus, entre os doutores da igreja oficial e os Apóstolos.

Lede, cristãos, lede com os vossos próprios olhos. Acaso devemos ignorar sempre as verdades reveladas?

Veremos ainda, se abrirmos as Sagradas Escrituras, que estão nelas sancionadas as doutrinas do Espiritismo, tão combatidas e condenadas pela ignorância e pela malícia dos modernos escribas e fariseus. Como não ser assim, se o Espiritismo é exatamente o Cristianismo original, puro, concreto, sem acréscimos nem mandamentos humanos, sem inovações contrárias às doutrinas do Cristo? Sim, leitores cristãos e irmãos nossos; se vos escandalizam as afirmações espíritas, escandalizais-vos de Jesus; se perseguis com os vossos anátemas e sarcasmos os discípulos do a que chamais nova seita, anatematizais e perseguis os discípulos de Jesus. A loucura espírita é a mesma que esteve na mente do Cristo durante a sua prédica; a chama do Espiritismo é a mesma que inflamou o amoroso coração do primeiro dos mártires; ideia espírita é a mesma que foi propagada pelo Filho do homem, até selá-la com o sacrifício da sua preciosa vida. Por isso, nós, os espíritas, seguindo as pegadas do Mestre, não vacilamos nem tememos; arrostaremos o orgulho e o desprezo dos homens, com a segurança de que o tempo nos dará razão, e de que acabarão por abraçar a nossa loucura cristã os mesmos que agora com mais empenho a combatem e amaldiçoam.

Se fosse possível, trasladaríamos para aqui integralmente o Antigo e o Novo Testamento, a fim de que não restasse dúvida alguma acerca da perfeita conformidade do Espiritismo com a revelação das Escrituras. Como, porém, isso tornaria interminável a nossa tarefa e far-nos-ia sair dos limites convenientes ao nosso propósito, que é escrever um livro que possa ser manuseado com facilidade, cingir-nos-emos nesta terceira parte a recompilar e a comentar os textos bíblicos relativos à pluralidade dos mundos e das existências, à reencarnação dos Espíritos, ao inferno, ao diabo e à comunicação espiritual, pois são os pontos doutrinários fundamentais, que separam o Cristianismo Romano do Cristianismo Espírita, devendo advertir que as citações que fizemos poderão ser verificadas pelos leitores na Sagrada Bíblia.

II

Pluralidade de mundos e de existências. - Reencarnações dos Espíritos

Aqueles que desejarem fazer um estudo profundo e filosófico dos pontos que são o objeto deste capítulo, podem consultar as obras de Flammarion, Pezzani e Allan Kardec, que tratam deles com o desenvolvimento necessário. Na primeira parte do nosso livro apresentamos ao leitor algumas considerações acerca dos mesmos pontos, porém ligeiramente e sem desenvolvimentos filosóficos, tendo o propósito de dar sucinta ideia do Espiritismo como ciência e de manifestar a conformidade dos seus princípios com o sentimento e a razão. Vejamos agora se lhe é favorável à opinião da revelação, como foi a da filosofia, e assim as consciências timoratas se persuadirão de que o Espiritismo, longe de hostilizar o sentimento religioso, é a sua legítima expressão.

Abramos o Antigo e o Novo Testamento, os Profetas e os Evangelhos, a revelação primitiva e a revelação cristã, e busquemos a verdade, para abraçá-la e defendê-la, em suas inspiradas páginas.

Leiamos e meditemos:

Pergunta pois às gerações passadas e examina com cuidado as memórias de nossos pais: Porque somos de ontem e o ignoramos, porquanto os nossos dias passam sobre a Terra como uma sombra. (Jó, 8: 8 e 9.)

Jó com essas palavras proclama a justiça de Deus. Se não te recordas de ter na presente vida corporal cometido faltas que te façam merecedor dos sofrimentos que torturam o teu corpo e laceram o teu coração, pergunta-o as gerações passadas, procura investigar se e possível teres delinquido em outras existências precedentes, pois somos de ontem, já vivemos em outros tempos, ainda que o tenhamos esquecido, por nos impedir a matéria, como uma espessa sombra, a representação do quadro das nossas anteriores existências.

Crês porventura que um homem morto torne a viver? Todos os dias da presente vida, estou esperando que chegue a minha mudança. (Jó, 14: 14.)

Jó eleva o seu coração ao Senhor, e a pergunta que lhe dirige é a expressão da esperança que ele acalenta no fundo da sua alma. Crê, ou antes, pressente a encarnação — e esse pressentimento dá-lhe forças para suportar resignado os trabalhos da sua presente vida, esperando que chegue a sua mudança: outra vida feliz, como resultado da expiação que sofre, ou da prova a que se acha submetido.

Pois sei que vive o meu Redentor, e que no último dia hei de ressuscitar da Terra; e de novo serei coberto com a minha pele, e na minha carne verei a meu Deus. (Jó, 19: 25 e 26.)

O pressentimento da reencarnação se converteu em certeza, quase em evidência, no ânimo de Jó; já ele sabe que ressuscitará de novo na Terra, envolto na sua pele e com um corpo carnal, no qual verá a misericórdia do seu Deus concedendo-lhe outra vida de prova para conquistar pelos seus merecimentos um grau mais elevado de felicidade e perfeição.

Quantas vezes será apagada a luzerna dos ímpios e lhes sobrevirá inundação e lhes dilacerarão as dores do seu furor? (Jó, 21: 17.)

Os ímpios, pertinazes na sua impiedade, verão apagada repetidas vezes à luzerna da sua vida, até que se arrependam e se convertam ao Senhor. Voltarão à erraticidade⁵⁴ frequentemente, para expiarem pelo remorso as obras do seu iníquo coração e renascerão na vida do corpo, para reparar os males cometidos em suas anteriores existências. Morrerão uma, outra e outra vez, até que tenham sufocado em sua alma a iniquidade e o desejo de infringir a lei da consciência e do dever.

Quantas tribulações penosas me tens feito provar: e, voltando a mim, me tens dado vida, e dos abismos da Terra outra vez me tens tirado. Tens multiplicado a tua magnanimidade, e, voltando a mim, me tens consolado. (Salmos, 70: 20 e 21.)

Davi, em um momento de inspiração superior, fala das suas passadas existências, e, recordando as tribulações sofridas, entoia hinos de louvor ao Senhor por tê-lo feito voltar à vida, tirando-o do sepulcro dos abismos da terra.

E passaram os seus dias em coisas vãs, e os seus anos com grande fadiga.

⁵⁴ Erraticidade: no contexto espírita, Estado em que o Espírito em evolução passa no plano espiritual entre uma e outra reencarnação — N. E.

Quando (o Senhor) os fazia morrer, eles o buscavam, voltavam e se convertiam.
(Salmos, 77: 33 e 34.)

Os maus, os pecadores endurecidos, viviam na vaidade e a sua vida era apressada e curta. Só se lembravam do Senhor depois da morte, e, então, buscavam-no, e a misericórdia do Pai lhes concedia a volta à vida, para que o reconhecessem e adorassem.

Porventura estarás sempre irado contra nós e estenderás a tua ira de geração em geração? Oh, Deus. Tu, voltando para nós, nos darás vida, e o teu povo se alegrará de ti. (Salmos, 84: 6 e 7.)

O salmista fala a linguagem do pecador arrependido; teme que a indignação do Senhor o persiga através de diversas existências, isto é, de geração em geração; porém, a esperança renasce logo no seu peito; entrevê outra encarnação, outra vida, não de torturas e tribulações, mas de paz e de felicidade para alegrar-se no Senhor.

Porque a tua misericórdia sobre mim é grande, e tiraste a minha alma do inferno inferior. (Salmos, 85: 13.)

Eu morava, Senhor, diz Davi, em outro mundo inferior a este, onde os sofrimentos humanos são maiores; porém, a tua misericórdia é grande sobre mim e, compadecido das minhas misérias, tiraste dali a minha alma e me permitiste vir descansar aqui, melhorando a sorte do meu Espírito.

E clamaram ao Senhor, quando se viram atribulados, e Ele livrou-os das suas necessidades. Enviou a sua palavra e os curou, e livrou-os do que lhes era mortal. (Salmos, 106: 19 e 20.)

Clamaram ao Senhor os pecadores do sepulcro e Ele compadeceu-se enviando a sua palavra de vida, levantou-os da morte tantas vezes quantas eles recorreram à sua misericórdia infinita.

Ai de vós, homens ímpios que abandonastes a lei do Senhor Altíssimo! Se nascerdes, nascereis em maldição; se morrerdes, a maldição será a vossa herança. (Eclesiástico, 41: 11 e 12.)

Ai de vós que andais na abominação e no pecado, porque, se sois mortos, nascereis trazendo convosco a maldição das vossas obras e, se vivos, morrereis e a vossa memória será amaldiçoada!

Porque, eis aqui estou Eu que crio novos céus e nova Terra: não persistirão na memória as primeiras calamidades, nem elas subirão ao coração. (Isaías, 65: 17.)

Isaías põe na boca do próprio Deus a sanção da crença espírita acerca da pluralidade dos mundos; a atividade divina não cessa jamais e continua a tirar, do caos, céus novos e terras novas para moradas da grande família humana.

Esperança de Israel, Senhor! Todos os que te deixam, serão confundidos; os que de ti se retiram, serão escritos sobre a Terra. (Jeremias, 17: 13.)

Os que abandonam a lei do Senhor durante a sua peregrinação pela Terra, na Terra serão escritos, ou, em outros termos, voltarão outra e outra vez a Terra, até que mereçam pelas suas obras renascer em mundos superiores.

E porei os meus olhos favoravelmente sobre eles, e restituí-los-ei a este país; edificá-los-ei e não os destruirei; plantá-los-ei e não os arrancarei. (Jeremias, 24: 6.)

Porque chegam os dias, diz o Senhor, e farei com que voltem, os que tenham de voltar do meu povo de Israel e de Judá à terra que dei a seus pais — e eles a possuirão. (Jeremias, 30: 3.)

Com choro virão, mais com misericórdia os tornarei a trazer. E assim como vigiei sobre eles, para desarraigar, demolir, dissipar, arruinar e afligir, do mesmo modo vigiarei sobre eles para edificar e plantar, diz o Senhor. (Jeremias, 31: 9 e 28.)

E farei com que voltem os cativos de Judá e os cativos de Jerusalém, e restabelecê-los-ei como desde o princípio. Isto diz o Senhor: Neste lugar que dizeis estar deserto, ouvir-se-á ainda: Voz de gozo e voz de alegria, pois farei voltar aos que venham da Terra, como no princípio isto diz o Senhor. Tampouco rejeitarei a linguagem de Jacó e de Davi meu servo, para não tomar da sua geração príncipes da estirpe de Abraão, de Isaque e de Jacó, porque farei Voltar deles aos que venham, e apiedar-me-ei. (Jeremias, 33: 7, 10, 11 e 26.)

Com tanta clareza, o profeta, nesses versículos, fala da reencarnação dos Espíritos, que consideramos ocioso qualquer comentário encaminhado a esclarecer o sentido. Basta a simples exposição dos textos para se compreender que o Senhor, apiedado dos que vão a juízo com impurezas, os faz voltar a Terra, a fim de empreenderem de novo a tarefa do seu aperfeiçoamento progressivo.

Isto diz o Senhor Deus: Eis aí vou eu abrir os vossos túmulos; tirar-vos-ei dos vossos sepulcros e vos introduzirei na terra de Israel. E sabereis que sou o

Senhor, quando eu tiver aberto os vossos sepulcros e vos houver tirado dos vossos túmulos, e tiver infundido o meu espírito em vós, e tiverdes recobrado a vida; e vos farei repousar sobre a vossa terra, e sabereis que sou o Senhor que falou e fez, isto diz o Senhor Deus. (Ezequiel, 37: 12, 13 e 14.)

Não se pode falar mais claramente da pluralidade das existências da alma. É verdade que ele não frisa a reencarnação, mas parece-lhe que essa pluralidade de existências se dá antes pela ressurreição dos corpos do que pelo renascimento; entretanto, é preciso levar em conta que as profecias eram dirigidas a um povo material e ignorante, incapaz de compreender o que lhe não falasse aos sentidos.

Eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o dia grande e horrível do Senhor. (Malaquias, 4: 5.)

Se puderdes compreender, ele (João Batista) é o Elias que tinha de vir. (Mateus, 11: 14.)

E Jesus falou aos seus discípulos, dizendo: Quem dizem os homens que é o Filho do homem? E eles responderam: Uns dizem que é João Batista, outros que é Elias, outros ainda que é Jeremias ou algum dos profetas. (Mateus, 16: 13 e 14.)

E Jesus respondeu-lhes: Elias realmente tem de vir; e restabelecerá todas as coisas. Mas, eu vos digo que Elias já veio e eles não o conheceram; antes (fizeram com ele tudo o que quiseram. Assim também farão padecer ao Filho do homem. E os discípulos compreenderam que se lhes falava de João Batista. (Mateus, 17: 11, 12 e 13.)

A reencarnação do profeta Elias, vaticinada por Malaquias no versículo citado, vem corroborar de um modo terminante os textos copiados do Evangelho segundo S. Mateus. Ele é, diz Jesus, o Elias que tinha de vir.

Quererão uma confirmação mais perfeita da pluralidade das existências da alma, do que a palavra de Jesus? E como se não bastasse essa confirmação categórica, ou talvez com o fim de que os seus discípulos não pudessem conservar nenhuma dúvida acerca do cumprimento da referida profecia, o Mestre lhes dirige a palavra em outra ocasião, dizendo: "Elias em verdade há de vir; mas eu vos digo que ele já veio, e o não reconheceram, mas fizeram com ele tudo o que quiseram." Foi então que os discípulos compreenderam que ele falava de João Batista; Jesus, que penetrava nos pensamentos de todos, nada acrescentava a fim de desvanecer neles a ideia da reencarnação de Elias na pessoa de João, como indubitavelmente o teria feito, caso fosse ela errônea ou contrária à verdade.

Vê-se também que a crença na reencarnação não era nova entre os judeus e que geralmente a aceitavam e professavam sem reserva. Segundo o que foi respondido pelos discípulos, havia judeus que tomavam Jesus por João Batista, outros por Elias, outros por Jeremias ou algum profeta reencarnado.

Sem estarem iniciados no conhecimento da reencarnação dos Espíritos, como poderiam os judeus suspeitar que a pessoa de Jesus podia ser o Espírito reencarnado de algum dos profetas, mortos tantos anos antes? Por isso, nada há de estranho que os comentadores da Bíblia, aferrados à crença irracional de uma existência única, não tenham podido explicar satisfatoriamente essas e outras passagens bíblicas que se referem ao renascimento das almas.

Eis o testemunho de João, quando os judeus lhe enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para lhe perguntarem: Quem és tu? És Elias? Ele disse: Não sou. És profeta? Ele respondeu: Não. (João, 1: 19 e 21.)

Os judeus, assustados com a fama do Batista e iniciados na teoria da reencarnação das almas, enviam de Jerusalém sacerdotes e levitas, homens sábios e versados no conhecimento das escrituras, para indagar qual dos profetas históricos podia ser o homem que falava cheio de espírito profético. É certo que João, respondendo aos sacerdotes, afirma não ser Elias, mas isso nada prova contra a reencarnação.

Isso faz apenas supor que João, como os demais homens, não se recordava das suas existências anteriores, e só pôde afirmar sinceramente que não era Elias, por não se lembrar de havê-lo sido. Somente Jesus podia sabê-lo pela sua natureza superior, e, por sabê-lo, revelou-o aos seus discípulos quando julgou conveniente, estabelecendo assim um luminoso farol para a ulterior compreensão de vários pontos obscuros das Sagradas Escrituras.

Havia um homem dos fariseus, chamado Nicodemos, príncipe dos Judeus. Ele veio ter com Jesus, à noite, e lhe disse: Rabi, sabemos que és Mestre vindo de Deus, porque ninguém, sem estar com Deus, pode fazer os milagres que tu fazes. Jesus, em resposta, disse: Em verdade, em verdade te digo, que só verá o reino de Deus aquele que renascer de novo. Nicodemos replicou: Como pode um homem nascer sendo já velho porventura pode-se voltar ao ventre materno e nascer outra vez? Respondeu-lhe Jesus: Em verdade, em verdade te digo que não pode entrar no reino de Deus senão aquele que renascer da água e do espírito santo⁵⁵; O que é nascido da carne, é carne; o que nasceu do espírito, é espírito. Não te maravilhes por eu te dizer que é necessário nasceres outra vez. Nicodemos diz: Como pode isso suceder? E Jesus respondeu: Tu és mestre em Israel, e ignoras essas coisas? (João, 3: 1-7, 9 e 10.)

Jesus revela uma vez ainda, falando com Nicodemos, o segredo da pluralidade das existências e da reencarnação das almas. Não é somente Elias quem renasce,

⁵⁵ O adjetivo santo que segue à palavra espírito neste ponto da Bíblia, anotada pelo padre Scio, não aparece em outras Bíblias, nem é de supor que se achasse no original primitivo.

mas o renascimento é necessário a todos os homens, para se purificarem e alcançarem a felicidade; o renascimento é da água e do espírito, ou por outra, da matéria ou carne e da substância espiritual. Nicodemos, movido pela curiosidade, quer saber da boca do Mestre como se operam as reencarnações, e contesta com perguntas capciosas as afirmações de Jesus; mas este, em vez de aclarar as orgulhosas dúvidas de Nicodemos e em vez de satisfazer a curiosidade, único sentimento que impele Nicodemos, repreende-o dizendo: Tu és mestre em Israel, e devias conhecer o sentido das Escrituras; mas parece que desconheces o das minhas palavras e duvidas da verdade do que digo, quando não faço mais do que esclarecer o que está escrito no Antigo Testamento.

Há muitas moradas na casa de meu Pai. Se assim não fosse, eu vo-lo teria dito. Vou preparar o lugar para vós. (João, 14: 2.)

A casa de Deus é o Universo, e as moradas ou habitações dos homens são a Terra e os demais astros disseminados no Universo pela onipotente mão do Criador. Se assim não fosse, se a única habitação ou morada do homem fosse a Terra em que habitamos, Jesus tê-lo-ia dito aos Apóstolos, a fim de que não esperassem melhorar em outro mundo as condições da sua existência. Os discípulos, estando desanimados, com o receio da próxima separação do seu Mestre, precisam de palavras de consolo, e o coração amoroso de Jesus lhas prodigaliza. — Recuperai a paz e a alegria da alma, diz-lhes ele; não vos perturbeis nem vos deixeis abater, porque vou para meu Pai, pois essa separação não há de ser para sempre. Na casa de meu Pai há muitas moradas, além da Terra, e nelas nos tornaremos a ver e continuaremos no amor que aqui nos une. Não faço mais do que preceder-vos; vou preparar o vosso lugar em outro mundo.

No qual (Cristo) fomos também chamados por sorte, predestinados segundo o decreto daquele que faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade, para que sejamos em louvor da sua glória, nós que antes havíamos esperado no Cristo. (Paulo aos Efésios, 1: 11 e 12.)

O Apóstolo parece felicitar-se e felicitar os que, tendo em existências anteriores, pertencido ao número dos que acreditavam e esperam na vinda do Messias, tiveram a sorte de renascer na época do estabelecimento da igreja cristã, para celebrizarem aquele a quem haviam esperado.

Esperamos, porém, segundo as suas promessas, novos céus e terra nova, nos quais exista a justiça. (II Pedro, 3: 13.)

Jesus Cristo havia dito aos Apóstolos que ia preparar-lhes o lugar em alguma das muitas moradas da casa de seu Pai; e Pedro, que não esqueceu a consoladora promessa de Jesus, a recorda aos judeus em segunda epístola, seguramente com o desejo de que, pelas suas virtudes e piedade cristã, eles se façam merecedores da terra prometida.

III

O inferno não é eterno. - O diabo, em pessoa, não existe

Parece incrível que possa haver, no último terço do século dezenove, quem sustente, em nome do Cristianismo, a eternidade das penas do inferno e fale com seriedade da existência em pessoa do diabo, que tanto prestígio alcançou na Idade Média, nos tempos do ferro e das fogueiras, graças à ignorância dos povos e à supremacia envolvente e aterradora da classe sacerdotal. Parece incrível que ainda despeçam sinistros fulgores os fornos infernais, alimentados por um dogma anticristão e ateu, e que subsista o preito de homenagem tributado ao aventureiro fantástico que, armado de cornos e coberto de uma escama impenetrável, à guisa de infernal escudo, soube encadear e avassalar pelo terror, durante tantos séculos, os povos que se haviam acolhido à sombra da bandeira evangélica. Parece incrível, e contudo é verdade, que ainda existam homens que, em nome do Cristo, amaldiçoem a outros homens; que ainda existam homens que, em nome do Cristo, persigam com as suas maldições os mortos e os condenem a bárbaros e eternos sofrimentos; que ainda existam homens que levem e tragam, em nome do Cristo, legiões de demônios e que os apresentem em batalha, cobertos de armas, contra débeis e inermes crianças; que, finalmente, ainda existam homens que, em nome do Cristo, apregoem o poder de Satanás, arrebatando as ovelhas das mãos do Pastor, para conduzi-las ao despenhadeiro do inferno. E esses homens falam em público, perante numerosos auditórios, e ninguém se atreve a dizer-lhes Irmãos, ou não acreditais no que pregais, ou viveis no maior dos erros religiosos. Deixai o enxofre, o alcatrão, as tenazes, as caldeiras de chumbo derretido, os cornos e as caudas, porque blasfemais de Deus e profanais a doutrina de Jesus. O Evangelho é amor, e vós só falais a linguagem da vingança.

Estabeleceis odiosas divisões na Terra e nos céus, quando o Evangelho faz todos os homens irmãos e iguais no amor de Deus! Oh, pregai a paz e a caridade,

como o Cristo vos ensinou; praticai o amor, como o Cristo o praticou ou declarai que não sois sacerdotes da religião cristã.

Não queremos, nem podemos estender-nos aqui em mais considerações sobre os dogmas do inferno eterno e do diabo. Está transcrita na segunda parte deste livro a importantíssima comunicação de Maria, marcada com o nº 23, e nela encontrará o leitor o que pode desejar sobre o exame e o estudo crítico desses dois dogmas. E, abrindo aqui de novo as Sagradas Escrituras, vejamos se elas diferem, ou se guardam perfeita conformidade com a revelação de Maria e as suas afirmações, no que se refere ao dogma romano do inferno e da existência do diabo.

Eis o que dizem o Antigo e o Novo Testamento:

O Senhor é o que tira e dá a vida; o que conduz aos infernos e de lá tira.
(Livro I dos Reis, 2: 6.)

E abrindo a sua boca, Tobias, o ancião, louvou ao Senhor, e disse: Grande és, Senhor, para sempre, e o teu reino por todos os séculos; porque feres e salvas; levas aos infernos e de lá tiras, e não há quem escape à tua mão. (Tobias, 13: 1 e 2.)

As palavras de Tobias, assim como o versículo transcrito do livro dos Reis, são a negação mais terminante da eternidade das penas do inferno. Quão diferente dos nossos doutores de Roma julgavam os antigos a misericórdia de Deus! Mas era preciso salvar o dogma do naufrágio, e, para isso, o padre Scio, torcendo o sentido claro dos textos e emendando a História Sagrada, explica-nos que inferno não quer dizer inferno, mas sepulcro, e que tirar não quer dizer tirar, mas ressuscitar; e, por esta maneira: Levar aos infernos e deles tirar, significa: Levar ao sepulcro e ressuscitar.

Visto isso, não estranhemos ter-se chegado ao dogma da infalibilidade; porque, desse modo, a palavra de Paulo aos romanos: "Deus é veraz e todo o homem é falaz", deixa de ser verdadeira, se não se fizer o acréscimo a menos que não seja o Papa.

Assim é que, mudando e desnaturando os conceitos mais claros e precisos, adulterou-se completamente a essência das Escrituras e o gênio do Cristianismo.

Se as tuas mãos me fizeram e me formaram todo em roda, porque de repente me despenhas? Lembra-te, eu to peço, que com barro tu me formaste, que me hás de reduzir a pó. Porventura não me mungiste como leite, e não me coalhaste como queijo? Ainda que escondas essas coisas no teu coração, eu sei todavia que te lembras de tudo. (Jó, 10: 8-10 e 13.)

As criaturas são obra do Criador e, portanto, a sua formação é em tudo

conforme com a sua vontade. Jó, no meio dos seus padecimentos, recordava-o como um consolo, persuadido de que Deus, em cujos olhos está tudo presente, não pode querer nem consentir a perda definitiva das obras da sua vontade onipotente.

Quem me dera que me encobrisse no sepulcro e nele me escondesses, até estar passado o teu furor, e que me assinalasses o tempo em que te lembras de mim! (Jó, 14: 13.)

Aborrecido da vida, em consequência da terrível prova de misérias e sofrimentos corporais e morais de que é objeto, Jó manifesta desejos de morrer e ficar esquecido nos infernos, até que passe o termo da prova: argumento irrecusável de que ele não suspeitava que o inferno fosse um lugar de tormentos eternos, como pretendem os caritativos doutores do cristianismo romano.

Portanto, alegrou-se o meu coração e regozijou-se a minha língua e, além disso, também a minha carne repousará em esperança. Porque não deixarás a minha alma no inferno, nem permitirás que o teu santo veja corrupção. (Salmos, 14: 9, 10.)

Senhor, tiraste a minha, alma do inferno, salvaste-me dos que descem ao lago. Santos do Senhor, entoai salmos e celebrai a memória de Sua Santidade. Porquanto, a ira está na sua indignação, e a vida na sua vontade. De tarde haverá pranto, e de manhã alegria. (Salmos, 29: 4 a 6.)

Senhor, no céu existe a tua misericórdia e a tua verdade, até às nuvens. A tua justiça é como os montes: os teus juízos são um abismo profundo. Aos homens e aos irracionais salvarás, Senhor. (Salmos, 35: 6 e 7.)

Deus, tu nos desamparaste e nos destruístes; aborreceste-te e tiveste misericórdia de nós. (Salmos, 90: 3.)

Porventura nos desampará Deus para sempre, e não se mostrará ainda inclinado a aplacar-se? Ou cortará para sempre a sua misericórdia, de geração em geração? Ou esquecer-se-á Deus de usar de clemência? Ou demorará a sua misericórdia? (Salmos, 76: 8 a 10.)

E amaram a Deus com a sua boca, e com a sua língua mentiram-lhe. Mas o seu coração não era reto com Ele, nem eles se mantiveram leais na sua aliança. Porém ele é misericordioso e perdoará os seus pecados e não os destruirá. (Salmos, 77: 36 a 38.)

Todos os versículos supracitados demonstram com toda a clareza, sem necessidade de comentários, que a eficácia da redenção não abandona os Espíritos que descem aos infernos, e que a misericórdia de Deus se exerce sem limites sobre os vivos e sobre as almas dos mortos.

Até quando, Senhor, te iras, sem aplacar-te? Até quando se acenderá, como fogo, o teu zelo? (Salmos, 78: 5.)

Como se depreende do texto, o tempo do sofrimento tem uma duração limitada. Deve-se ter isso sempre presente, para a fiel compreensão de outras passagens bíblicas em que se usam as palavras eternamente, pelos séculos de séculos, etc., próprias da linguagem hiperbólica dos sagrados escritores, e que não devem ser entendidas na sua rigorosa significação, mas como sinônimas de por muito tempo, até passarem muitas gerações ou séculos, etc., etc.

Porventura estará sempre aborrecido conosco? Ou estenderás a tua ira de geração em geração? Oh! Deus, tornarás a dar-nos vida, e o teu povo alegrar-se-á em ti. (Salmos, 84: 6 e 7.)

Exaltar-te-ei, Senhor, meu Deus, com todo o meu coração e glorificarei o teu nome eternamente; porque a tua misericórdia é grande sobre mim e tiraste a minha alma do inferno inferior. (Salmos, 85: 12 e 13.)

Acaso, Senhor, estarás de nós apartado para sempre incandescer-se-á como fogo a tua ira? Lembra-te de qual é a minha substância; acaso criaste em vão todos os filhos do homem? (Salmos, 88: 47 e 48.)

Em todas estas passagens, o salmista revela a mais completa ignorância a respeito da eternidade das penas do inferno e da irrevogável justiça divina.

Sabe-se que Davi não estava na altura dos nossos teólogos moralistas, segundo os quais as esperanças do Profeta, fundadas na misericórdia de Deus, não eram mais que ilusões, sem fundamento de verdade.

Porque todos os deuses das nações são demônios; mas o Senhor fez os céus. (Salmos, 95: 5.)

O que equivale a dizer: Todos os deuses das nações são bagatelas, coisas pueris, sem importância nem poder; mas o Senhor, que fez os céus, é que é o todo-poderoso. Resulta, disso, que o salmista não atribui aos demônios existência pessoal nem os considera como individualidades reais.

Senhor, o teu nome subsistirá eternamente, e a memória da tua glória conservar-se-á em todas as gerações. Porque o Senhor julgará o seu povo e se deixará vencer pelos rogos dos seus servos. (Salmos, 134: 13 e 14.)

Louvai o Senhor, porque ele é bom, porque a sua misericórdia é para sempre. Louvai o Deus dos deuses, porque a sua misericórdia é para sempre. Louvai o Senhor dos senhores, porque a sua misericórdia é para sempre. (Salmos, 135: 1 a 3.)

Nestes salmos, Davi repete vinte e seis vezes as palavras que estão acima, o que equivale a negar outras tantas vezes a eternidade dos sofrimentos do inferno.

Castiga a teu filho; não desesperes, e não intentes matá-lo. (Provérbios, 19: 18.)

O Senhor castiga as criaturas que são os seus filhos; repreende-as, e permite que elas sejam castigadas nos seus desvios e pecados; não pode, porém, consentir, nem consente na sua morte, isto é, na condenação eterna das suas almas; pois, de outro modo, não os trataria como pai que deseja a felicidade dos filhos do seu amor. Assim devem proceder aos homens, em relação aos filhos que o Senhor lhes concedeu, imitando nisso, tanto quanto possível, a carinhosa solicitude do Pai celestial, que castiga para corrigir ou salvar, e não para destruir.

Como poderiam subsistir as coisas se tu não quisesses? De que modo se conservaria o que por ti não fosse chamado? Porém, perdoas a todas as criaturas, porque são tuas, Senhor, e tu as amas. (Sabedoria, 11: 26 e 27.)

Tu, Senhor, perdoas a todas as criaturas, àquelas, já se sabe, a quem possa aproveitar o perdão, porque desfrutam como os homens da sua liberdade de ação. As almas são obras das tuas mãos, e, por serem tuas, seria fazer-te uma injúria o supor que deixes consentir na sua perda: "Quando o ímpio amaldiçoa o diabo, amaldiçoa a si próprio e à sua alma." (Eclesiástico, 21: 30.)

Quem leu a comunicação n° 23, assinada com o venerando nome de Maria, se lembrará que, falando do diabo, ela lhe atribui a mesma significação que o Eclesiástico. O diabo não é uma individualidade real, mas sim a expressão das paixões que procedem da liberdade humana; por isso, diz muito apropriadamente o Eclesiástico que quando o ímpio amaldiçoa o diabo, amaldiçoa a si próprio e a sua alma, porque amaldiçoa a iniquidade e a injustiça.

Há Espíritos que foram criados para a vingança, e que, pelo seu furor, procuram atormentar os outros. No tempo da consumação, eles empregarão a sua denodada força, e aplacarão o furor daquele que os criou. (Eclesiástico, 39: 33 e 34.)

No entender do padre Scio, o Eclesiástico faz aí alusão aos Espíritos malignos, destinados a tentar os vivos e a atormentar os condenados, missão essa bárbara, injusta e abominável, que Deus não pode estabelecer, e que só a pode conceber um homem de coração rancoroso em sumo grau e de crudelíssimo coração. Mas, supondo mesmo que assim seja, embora não o aceitemos, deixando isso somente a cargo dos caritativos inventores das fogueiras temporais ou eternas, resultará, das

palavras do Eclesiástico, que a salvação e o perdão são o destino final dos Espíritos malignos, pois, no tempo da consumação, isto é, passado o termo da iniquidade, derramarão a sua força, esgotarão a sua maléfica atividade e, arrependidos, aplacarão o furor daquele que os fez e que espera o seu arrependimento com amorosa solicitude e paternal carinho.

Porque o povo de Sião morará em Jerusalém; tu de nenhum modo chorarás; com muita comiseração, ele se compadecerá de ti, e, logo que ouça a voz do teu clamor, te responderá. (Isaías, 30: 19.)

Falai ao coração de Jerusalém e chamai-o, porque está acabada a sua malícia, está perdoada a sua. Iniquidade; ela recebeu da mão do Senhor uma pena dobrada por todos os seus pecados. (Isaías, 40: 2.)

A cana fendida não será quebrada (Jesus Cristo); a mecha que fumega não se apagará; ele fará justiça segundo a verdade. Estabeleci-o (Deus referindo-se a Jesus Cristo) para que abrisse os olhos aos cegos, tirasse do cárcere o preso, e das prisões os que estão nas trevas. Conduzirei os cegos por um caminho que eles não veem, e os farei andar por sendas que ignoram; farei que diante deles as trevas se tornem em luz e que os caminhos todos se tornem retos; essas coisas fiz a favor deles, e não os desampararei. (Isaías, 42: 3, 7 e 16.)

Todo aquele que invoca o meu nome, para a minha glória o criei, formei e fiz. (Isaías, 43: 7.)

Eu mesmo vos trarei até à velhice, até vos virem as cãs; eu vos criei e vos susterei; eu vos trarei e vos salvarei. (Isaías, 46: 4.)

Por amor do meu nome, aplacarei o meu furor, e cobrir-te-ei com o meu louvor, para que não pereças. (Isaías, 48: 9.)

Por um momento, por um pouco te deixei, mas eu te acumularei com grande misericórdia. No momento da minha indignação, escondi de ti por um pouco a minha face; mas, com sempiterna misericórdia, me compadeci de ti, disse o Senhor teu redentor. Porque os montes serão abalados e os outeiros tremerão; porém a minha misericórdia não se apartará de ti; e a aliança da minha paz não se mudará, disse o Senhor compassivo de ti. (Isaías, 54: 7, 8 e 10.)

Porque não pleitearei eternamente, nem me agastarei até ao fim; porque sairá da minha face o Espírito, e eu vivificá-lo-ei. Agastei-me por causa da iniquidade da sua avareza, e o feri; escondi de ti a minha face, e me indignei, e ele ficou vagueando. Vi as suas dificuldades, e aplainei-as, e dei consolação a ele mesmo e aos que choravam. (Isaías, 57: 16, 17, 18.)

Isaías promete ao povo de Sião, figura da Humanidade inteira, uma grande misericórdia da parte do Senhor; declara que Jesus Cristo não quebrará a cana fendida, nem apagará a mecha que fumega; afirma que o Redentor tiraria do cárcere os que estão nas trevas, e que mudará as trevas em luz e não desampará os pecadores; assegura que, pelo fato de nos haver feito, o Senhor nos conduzirá e

salvará; que aplacará o seu furor por amor do seu nome e não consentirá que as suas criaturas pereçam; que por um pouco poderá abandonar-nos e de nós esconder a sua face, mas para acolher-nos, com grande misericórdia; acrescenta, por último, que não apartará de nós a sua misericórdia nem a sua aliança de paz; que não estenderá o seu aborrecimento até ao fim; e que, se pela nossa iniquidade esconde o seu rosto, compadecido nos converterá e sarará. Cada uma das palavras de Isaías é um raio de luz que espanca as trevas do inferno eterno, construído em Roma com materiais tomados ao paganismo.

Vai e profere estas palavras contra o aquilão, diz o Senhor: Pérfido Israel, não apartarei a minha face de vós, porque sou santo, e a minha indignação não durará eternamente. (Jeremias, 3: 12.)

O Senhor, infinitamente misericordioso, não se contenta em esperar a volta, à sua lei, da rebelde Israel, figura da Humanidade extraviada, mas chama-a em altas vozes e lhe promete o seu perdão, e que a sua indignação não durará eternamente. Este é o amor de Deus e da verdade, e não o que se compraz com os tormentos infindáveis dos infelizes condenados.

A minha alma caiu no lago, e puseram sobre mim uma pedra. Um dilúvio de águas veio sobre a minha cabeça; eu disse: Pereci. Invoquei, Senhor, o teu nome, do fundo do lago. Tu ouviste a minha voz; não apartes o teu ouvido dos meus soluços e dos meus clamores. Tu chegaste no dia em que te invoquei, e disseste: Não temas. (Jeremias, Lamentações, 3: 53 a 57.)

A palavra lago é empregada com frequência pelo profeta em vez de inferno ou mansão dos mortos; é o sentido em que ele a emprega aqui, como o confirma o que se segue: e puseram sobre mim uma pedra: pereci. A lamentação de Jeremias é a do pecador, que torna a si e se arrepende no fundo do lago, ou seja no íntimo do seu remorso e da sua expiação; até aí o acompanha a misericórdia infinita, e o Senhor ouve a voz do pecador no dia em que este o invoca arrependido.

Senhor todo poderoso, Deus de Israel, ouve presentemente a oração dos mortos de Israel e dos filhos e daqueles que pecaram diante de ti e não ouviram a voz do Senhor seu Deus, pois os seus males nos apegaram. (Baruc, 3: 4.)

Baruc, suplica ao Senhor que ouça as preces dos que morreram no pecado, com o que dá a entender que acredita na eficácia das orações dos mortos e na sua reabilitação pelo arrependimento.

Vendidos fostes às nações... Porque irritastes aquele que vos fez, ao Deus eterno, sacrificando aos demônios e não a Deus. (Baruc, 4: 6 e 7.)

Ofendestes a Deus, sacrificando aos demônios, isto é, às vossas paixões ou aos ídolos, que são a personificação da vossa concupiscência.

Renovarei a minha aliança contigo, e saberás que sou o Senhor; para que te recordes e te confundas, e para que não possas mais abrir a boca com essa confusão, quando me houver aplacado contigo sobre todas as coisas que fizeste, diz o Senhor Deus. (Ezequiel, 16: 62 e 63.)

Será tanta a bondade e tal a misericórdia de Deus para com o pecador, que este, ao ver-se de novo na graça e na aliança do Senhor, apesar das suas gravíssimas infrações à lei da virtude, se envergonhará e se confundirá de ter pecado.

E o número dos filhos de Israel será como as areias do mar, que ninguém pode medir, nem contar. E em vez de se lhes dizer: vós não sois mais o meu povo, se lhes dirá: vós sois os filhos de Deus vivo. (Oseias, 1: 10.)

E direi ao que não passava por ser meu povo: Sois o meu povo; e o povo me dirá: Tu és o meu Deus. (Oseias, 2: 24.)

Não porei em prática o furor da minha ira; não voltarei para destruir completamente Efraim; porque sou Deus e não um homem. (Oseias, 11: 9.)

Livrá-los-ei do poder da morte; remi-los-ei da morte; ó morte, serei a tua morte; ó inferno, serei eu o teu destruidor. (Oseias, 13: 14.)

Sangrarei as suas chagas, amá-los-ei por pura graça; porque o meu furor afastou-se deles. (Oseias, 14: 5.)

Indubitavelmente, Oseias é dos profetas o que mais categoricamente destrói o dogma dos castigos eternos, pois, além de fazer ressaltar a infinita misericórdia do Altíssimo, nos revela que, mesmo quando o Senhor fizesse, pela voz dos seus profetas e enviados, terríveis ameaças aos pecadores, para corrigi-los, não poria em prática o seu furor, porque é Deus e não um homem, nem é vingativo e malévolo como os homens, e que, aos homens a quem uma vez ameaçou dizendo: Não sois meu povo, compadecido dirá: Sois os filhos do Deus vivo.

Ouvi esta palavra com que levanto até vós o meu pranto: A casa de Israel caiu e não mais se restabelecerá. Porquanto, isto diz o Senhor à casa de Israel: Buscai-me e vivereis. (Amós, 5: 1 e 4.)

No primeiro destes dois versículos, o profeta fala por sua conta e afirma que Israel caiu para não mais se erguer; no segundo, fala o Senhor e promete a vida a

Israel, se esta o buscar. Isto confirma, como já indicamos acima, que não devem ser tomadas no seu sentido religioso às frases nunca mais, eternamente, para sempre e outras semelhantes, quando o bom senso nos diz que elas são sinônimas de outras menos absolutas, como sucede nas ameaças dirigidas às débeis criaturas.

Disse, pois, o Senhor: Tu te enfadaste por amor de uma hera, que não custou trabalho algum e nem afizeste crescer; que nasceu numa noite, e numa noite feneceu. E, portanto, não perdoarei à grande cidade de Nínive, onde há mais de cento e vinte mil homens, que não sabem discernir entre a sua mão direita e a sua mão esquerda, e um grande número de animais? (Jonas, 4: 10 e 11.)

Quanto é consoladora essa passagem da profecia de Jonas! Vós que ameaçais com penas eternas os vossos semelhantes, lede o que o Senhor diz a Jonas, e cerrareis a boca para não blasfemar do Senhor.

Ó Deus, quem é semelhante a ti, que apagas a iniquidade e que te esqueces dos pecados das relíquias da tua herança Deus não derramará mais o seu furor contra os seus, porque lhe apraz fazer misericórdia. Voltará e terá compaixão de nós: sepultará as nossas iniquidades e lançará todos os nossos pecados no fundo do mar. (Miqueias, 7: 18 e 19.)

Sempre a misericórdia de Deus exercendo-se conforme as pegadas dos pecados humanos.

Harmoniza-te sem demora com o teu adversário, enquanto estás a caminho com ele; para que não suceda que esse adversário te entregue ao juiz, que o juiz te entregue ao ministro e sejas mandado para a cadeia. Em verdade te digo que não sairás de lá até pagares o último ceitel. (Mateus, 5: 25 e 26.)

Quando fores com o teu adversário ao príncipe, faze o possível para te livrares no caminho, para que não suceda que ele te leve ao juiz, que o juiz te entregue ao meirinho, e que este te encerre na cadeia. Digo-te que não sairás dali, enquanto não pagares até o último ceitel. (Lucas, 12: 58 e 59.)

Esse adversário, a quem Jesus se refere nas passagens citadas por S. Mateus e S. Lucas, diz o padre Scio, é o nosso próximo, a quem ofendemos, ou por quem fomos ofendidos, com o qual o Filho de Deus manda acomodarmo-nos prontamente, enquanto com ele estamos em caminhe, isto é, enquanto estivermos nesta vida. Aquele que não se acomoda com o seu adversário durante a vida, será depois levado pelo juiz ao cárcere, a um lugar de sofrimento, ao inferno, não por toda a eternidade, mas até que pague o último ceitel, até que tenha dado satisfação da sua ofensa ou

rancor, e até que se tenha purificado da sua falta.

Como pode alguém entrar na casa do valente e saquear os seus móveis, se antes não prender o valente, a fim de lhe saquear a casa? (Mateus, 12: 29.)

Ninguém pode entrar na casa do valente e furtar as suas alaias, se primeiro não o atar, para depois o saquear. (Marcos, 3: 27.)

O valente sobre os valentes é o Onipotente, de quem emana todo o poder e toda a força, e as suas alaias são as criaturas, obra do seu amor e da sua sabedoria. Vivamos, pois, seguros de que, embora mesmo o diabo tivesse uma existência pessoal, o Deus todo-poderoso não se deixaria atar e roubar por ele. Como, porém, é possível que o diabo seja uma realidade, quando todos os Espíritos são alaias da casa do Senhor?

E Pedro, tomando-o à parte, começou a increpá-lo, dizendo: Deus tal não permita, Senhor; não sucederá isso contigo. Ele, voltando-se para Pedro, respondeu: Tira-te de diante de mim, Satanás, que me serves de escândalo: porque não amas as coisas que são de Deus, e sim as que são dos homens. (Mateus, 16: 22 e 23.)

Eu vos escolhi em número de doze, disse Jesus, e contudo um de vós é o diabo. O que ele dizia referia-se a Judas Iscariotes, porque ele era um dos doze e era quem o havia de entregar. (João, 6: 71 e 72.)

Pedro tenta fazer que o Mestre desista de ir a Jerusalém, a fim de evitar-lhe os tormentos e a morte. O Apóstolo neste caso é a tentação do egoísmo, pelo que Jesus lhe chama Satanás, ou seja tentação, e repreende-o.

Também ele chama diabo a Judas Iscariotes, por causa da inveja e da avareza que o induzem a vender aquele de quem só tinha recebido amor e benefícios. Em ambos os casos, as palavras Satanás e diabo são empregadas pelo Redentor na acepção usada por Maria na comunicação nº 23 da segunda parte deste livro, pelo Salmo 95, pelo Eclesiástica no capítulo 21, por Baruc no capítulo 4, e não no sentido de um ser real, como o entende o cristianismo romano.

Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora, e ela é chegada, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem, viverão. Não vos maravilheis disso, porque vem a hora em que todos os que se acham nos sepulcros, ouvirão a voz do Filho de Deus. E os que obraram bem, sairão para a ressurreição da vida, mas os que obraram mal, sairão ressuscitados para a condenação. (João, 5: 25, 28 e 29.)

Chamamos muito especialmente a atenção do leitor para as palavras de Jesus

transcritas no Evangelho de S. João, pois são luminosas e importantíssimas, sob diferentes aspectos. É, em primeiro lugar, uma confirmação concreta do que se revela na comunicação supracitada de Maria, a respeito da descida do Espírito de Jesus Cristo aos infernos, para pregar a Boa Nova, tanto às almas justas, como às almas condenadas.

Note-se, além disso, na passagem evangélica, que Jesus promete a vida aos mortos que ouvirem a voz do Filho de Deus, e acrescenta que todos os que estão nos sepulcros ouvi-la-ão; do que resulta que todos os mortos, sem exceção, estão chamados a renascer, a reviver. O renascimento, porém, não será em idênticas condições para todos os Espíritos; os que fizeram o bem, irão para a ressurreição da vida, irão continuar em outra existência o seu progresso pelo mérito, e, os que fizeram o mal, ressurgirão para a condenação, a fim de repararem o tempo perdido nos gozos impuros da matéria. Se, depois disso e apesar das promessas e afirmações de Jesus, houver ainda quem se empenhe em sustentar que não há redenção para as almas do inferno, esse alguém é digno de lástima e a caridade manda que o lastimemos do íntimo do coração, porque pertence ao número dos desditosos que têm olhos e não veem, ouvidos e não ouvem, conforme o ensino de Jesus aos seus discípulos.

IV

Salvação universal

Não sendo eternos o desespero e as penas do inferno, como se acha até à evidência provado com as citações que fizemos do Antigo e do Novo Testamento, além das muitas que podíamos acrescentar, se não temêssemos tornar-nos prolixos em demasia, logicamente chegamos à conclusão de que ninguém ficará excluído da felicidade espiritual, e que todos, sem exceção, mais tarde ou mais cedo, segundo os seus merecimentos, alcançarão a graça de sentar-se à mesa dos banquetes celestiais e de abrigar-se no suave afago da misericórdia do Pai comum das criaturas. Ali, em um círculo que abraçará a Humanidade inteira, elevaremos cânticos de amor e adoração ao Criador, por Ele nos haver arrancado do caos e conduzido às esplendorosas regiões da luz, santamente confundidos e envergonhados pela lembrança dos nossos extravios, e voando em busca do cumprimento da vontade divina. Eis o céu; eis o destino da grande família humana; eis a generosa e puríssima felicidade apetecida pelos corações pobres. Não existe ali a egoística e cruel complacência na contemplação de Deus, enquanto houver criaturas que gemam atormentadas pelos sofrimentos.

Poderíamos, portanto, prescindir de novas citações bíblicas, comprovando a salvação universal, isto é, comprovando que todos seremos salvos, como também o demonstra a Doutrina Espírita. Entretanto, como a questão é muito capital, muito merecedora do estudo e da consideração de todos, e como há ainda homens que fazem de Deus um inquisidor terrível e sanhudo para a maioria das almas, tomamos a liberdade de, a modo de protesto contra semelhante impiedade, transcrever algumas linhas sobre a infinita misericórdia do Senhor, demonstrada em todas as páginas das Sagradas Escrituras. Abramo-las, pois, outra vez:

Acaso não virão a ser conhecidos todos os que praticam a iniquidade, todos os que devoram o meu povo como um pedaço de pão? (Salmos, 13: 4.)

Lembrar-se-ão e converter-se-ão ao Senhor todos os que estão sobre a

Terra, e o adorarão na sua presença. Porquanto, do Senhor é o reino e ele mesmo reinará sobre as gentes. Comerão e adorarão todos os poderosos da Terra. Diante dele se prostrarão todos os que descem à terra. (Salmos, 21: 28-30)

Porque tu, Senhor, és suave e brando, e de muita misericórdia para todos os que te invocam. Todos os povos, quantos fizestes, virão, e, prostrados, te adorarão, Senhor, e glorificarão o teu nome. (Salmos, 85: 5 e 9.)

Virão, pois, ao conhecimento, tornarão a si para empreender o caminho da virtude todos os que praticam a iniquidade; recordar-se-ão de que Deus é a vida e a bem-aventurança, e todos se converterão e o adorarão. O Senhor mesmo reinará sobre os povos e diante d'Ele se prostrarão todos os que descem à terra; por último, todos os povos, quantos o Senhor fez, virão à sua lei, o adorarão e glorificarão o seu santo nome; eis o que o salmista atesta do mais terminante modo.

Todas as obras de Deus são boas, e toda a obra a seu tempo fará o seu serviço. Não se pode dizer: Isto é pior que aquilo, porque todas as coisas a seu tempo serão achadas boas. (Eclesiástico, 39: 39 e 40.)

Fazendo aplicação desta máxima aos homens, ninguém pode dizer: Este é pior que aquele, porque todos são obras de Deus, iguais em natureza e destinados ao mesmo fim, que é merecer mais ou menos cedo a aprovação do Senhor.

Daí em diante o teu sol não mais se porá, e a tua lua não minguará: porque o Senhor será tua luz perdurável, e serão terminados os dias do teu pranto. E o teu povo, composto todo de homens justos, herdará para sempre a Terra, como vergôntes que eu plantei e como obras que a minha mão fez para a minha glória. (Isaías, 60: 20 e 21.)

Segundo essas profecias, os dias de pranto da Humanidade terão um termo, e todos os homens, purificados e justos, herdará a terra dos viventes, uma terra privilegiada sobre as demais, feliz morada dos que glorificam o Senhor.

Mas este será o pacto que farei com a casa de Israel depois desses dias, diz o Senhor: Porei a minha lei nos seus seios, escrevê-la-ei nos seus corações e serei o seu Deus e eles serão o meu povo. Daí em diante, ninguém mais ao seu próximo, ou ao seu irmão, dirá que conhece o Senhor; porque todos me conhecerão, desde o menor até o maior; porque perdorei as suas maldades e não mais me recordarei do seu pecado. (Jeremias, 31: 33 e 34.)

Quando os tempos se cumprirem, o Senhor fará um pacto definitivo com a casa de Israel, figura da Humanidade, e a sua lei não será jamais infringida

maliciosamente pelos homens. Então, ninguém precisará mais de dar ao seu próximo o conhecimento de Deus, porque todos, do menor ao maior, conhecê-lo-ão e cumprirão a sua vontade.

Considera pois a bondade e a severidade de Deus; a severidade para com aqueles que caíram, e a bondade para contigo, se permaneceres na bondade; do contrário, tu também serás cortado. E também, se eles permanecerem na incredulidade, serão enxertados, pois Deus é poderoso para enxertá-los de novo. Mas não quero, irmãos, que ignoreis esse mistério, para que não sejais sábios em vós mesmos, pois a cegueira veio em parte a Israel, até que todos entrem; A fim de que toda a Israel se salve, como está escrito: Virá de Sião um que seja libertador, e que desterre a impiedade de Jacó. Porque, assim como vós, que em outro tempo não acreditáveis em Deus, e agora haveis alcançado misericórdia, assim também eles não acreditam agora na misericórdia, mas devem alcançá-la. Porque Deus encerrou tudo na incredulidade para usar de misericórdia para com todos. (São Paulo aos Romanos, 11: 22, 23, 25, 26, 30, 31 e 32.)

Quanto ensino contém as instruções que aos romanos dirige o Apóstolo dos gentios sobre a infinita misericórdia do Senhor! Deus trata com severidade e corta o tronco do pecador, não para arrojá-lo às chamas e às dores eternas, mas para enxertá-lo de novo, até que abandone a sua malícia. Que toda a Israel, toda a Humanidade, se salve e o glorifique, e, para ter, como pai, ocasião de empregara misericórdia, ele encerrou todas as coisas na incredulidade; cobriu com um misterioso véu todas as verdades que se referem ao espírito e aos seus ulteriores destinos. Deste modo, Deus, ocultando essas verdades, faz que todos adquiram a fé, pratiquem a justiça e obtenham merecimentos superiores, não obstante guardar também os tesouros da sua misericórdia para os incrédulos, cuja incredulidade é, até certo ponto, escusável em razão da ignorância humana a respeito das verdades do Espírito.

Impenetráveis são os desígnios do Senhor, porém a bondade e a misericórdia resplandecem em todas as obras da sua onipotente vontade.

V

Revelação e ensinamentos dos Espíritos

A comunicação espírita é um fato. Aos materialistas — para quem isso não é mais que uma alucinação em certos casos, um embuste em outros, e em muitas ocasiões um fenômeno puramente físico — nos limitaremos a recomendar que estudem, observem, experimentem por si mesmos e, principalmente, que não emitam opinião sem conhecimento de causa.

Temos visto materialistas acérrimos convertidos em fervorosos propagandistas das doutrinas que o Espiritismo sustenta. É um milagre muito frequente, do qual não se devem esquecer os apóstolos da matéria e da força.

Esta terceira parte não foi escrita para os materialistas, mas para os católicos romanos, e, como a Igreja Romana concorda conosco na realidade do fato da comunicação, salvo a sua confissão, ficamos dispensados de aduzir novas provas, pois são absolutamente desnecessárias. Como, porém, a Igreja na sua opinião, par si julgada infalível, afirma que a comunicação espiritual não pode proceder dos Espíritos bem-aventurados, nem das almas do purgatório, nem dos tristes habitantes das cavernas infernais, não podendo, portanto, ser atribuída senão exclusivamente ao diabo, propomo-nos aqui, depois de dar como produzidas todas as razões que apresentamos no decurso deste livro, e mais especialmente nos parágrafos XX da primeira parte, X e XI da segunda, a demonstrar, com o testemunho das Sagradas Escrituras, que as comunicações não são devidas a uma influência infernal, mas aos Espíritos, em seus diversos graus de elevação e pureza. É verdade que, negada como ficou pela mesma Escritura a existência pessoal do diabo, negado fica tudo o que a ele se refere; todavia, desejosos de estudar a questão, sob todos os seus aspectos, não podemos deixar de fazê-lo, agora, no fenômeno das comunicações.

Lede e julgai:

Então, tendo Tobias saído, achou um gentil mancebo, que estava cingido e prestes a caminhar. E não sabendo se era um anjo de Deus, o saudou e disse:

Donde és tu, guapo mancebo? E ele respondeu: Sou um dos filhos de Israel... Mas, para que não fiques em cuidados, digo-te que sou Azarias, filho do grande Ananias. (Tobias, 5: 5 a 7 e 18.)

Desta passagem se depreende claramente que, ou o anjo mentiu, o que não é admissível, ou os anjos não são mais que os Espíritos dos homens que morrem na virtude, pois, o que fala com Tobias, afirma ser um dos filhos de Israel chamado Azarias, filho do grande Ananias. A proteção que ele dispensa à família de Tobias, é natural por causa do parentesco das famílias de ambos. Eis, por conseguinte, um fato de comunicação espiritual, e não cremos que a Igreja Romana se atreva a explicá-lo pela intervenção do diabo.

E ao passar diante de mim um Espírito, os cabelos da minha carne se arrepiaram. Parou diante de mim una, cujo rosto eu não conheci; vi um vulto diante dos meus olhos, e ouvi uma voz, conto de branda viração. (Jó, 4: 15 e 16.)

Um Espírito, cujo rosto não conhecia, isto é, de pessoa desconhecida, para diante de Jó, e este o vê e ouve. Não podia ser um Espírito maligno, porque a sua voz não era atroadora coma a de um furacão, mas sim como a da meiga brisa.

E depois disso morreu Samuel, e apareceu ao rei e lhe predisse o fim da sua vida; e, saindo da Terra, levantou a sua voz, profetizando que ia ser destruída a impiedade da nação. (Eclesiástico, 46: 23.)

Eis como o padre Scio comenta esta passagem: "Julgo que aí não foi o demônio que apareceu à pitonisa com a figura de Samuel, mas o próprio Samuel para notificar a Saul o fim da sua vida e a transferência do reino para a casa de Davi. Se isso tivesse sido obra do demônio, a Escritura não o teria contado entre as obras de Samuel, vindo portanto esse fato apoiar a imortalidade da alma." Daí resulta que há comunicações que procedem das almas dos bem-aventurados, e que podem ser recebidas por pessoas pouco virtuosas e perfeitas como a pitonisa. Estamos de todo conformes com a explicação do padre Scio, e entregamo-la, sem novos comentários, ao juízo do leitor.

E o Senhor me disse: Toma um livro grande e nele escreve em estilo de homem. (Isaías, 8: 1.)

Naquele tempo falou o Senhor, por intermédio de Isaías, filho de Amós. (Isaías, 20: 2.)

Agora, diz o Senhor, entra e escreve na minha presença sobre o buxo e em um livro registrado exatamente, que será no futuro uma testemunha sempiterna. (Isaías, 30: 8.)

Eis que lhe darei um espírito e ele ouvirá uma nova e voltará à sua terra, e na sua terra fá-lo-ei cair morto à espada. (Isaías, 37: 7.)

Eis a palavra que veia do Senhor a Jeremias, dizendo: Escreve em livro tudo o que tenho ditado. (Jeremias, 30: 1 e 2.)

Serão diabólicas as comunicações e inspirações espirituais escritas, que recebiam Isaías e Jeremias, a que se referem os versículos transcritos? Não, indubitavelmente; porque, como muito bem diz o comentário do padre Scio, se isto fosse uma obra do demônio não seria mencionado na Escritura, entre as obras de Isaías e de Jeremias.

E o Espírito entrou em mim, depois que me falou e me pôs em pé, e ouvi o que ele dizia. (Ezequiel, 2: 2.)

Supomos que também não foi diabólico o Espírito que falou a este profeta.

Ouvi falar um dos santos, e um santo perguntou a outro, não sei a quem, que lhe falava: até quando... (Daniel, 8: 13.)

Estando ainda na minha oração, eis que Gabriel, o varão que eu havia visto no começo da visão, voando arrebatadamente, chegou-se-me na hora do sacrifício da tarde. E me instruiu e falou, dizendo: Daniel, vim agora para instruir-te e fazer-te compreender. (Daniel, 9: 21 e 22.)

E, tendo ficado só, tive esta grande visão; em mim não restaram forças, o meu semblante mudou-se e eu fiquei pálido e aniquilado. Eis que me tocou uma mão e ergueu os meus joelhos e as minhas mãos. E me disse: Não temas, Daniel; porque desde o primeiro dia dirigiste o teu coração para entender; afligindo-te na presença do teu Deus, foram ouvidas as tuas palavras, e eu vim atender aos teus rogos. Eis que, assemelhando-se a um filho do homem, ele tocou os meus lábios, etc. Tocou-me, pois, de novo aquele que eu via como um homem e me confortou. (Daniel, 10: 8, 10, 12, 16 e 18.)

Daniel comunica-se com os santos e ouve as suas palavras; recebe instruções do Espírito de Gabriel, varão justo que descia da morada dos bem-aventurados para falar-lhe; sente o seu contato e vê, com a semelhança de homem, o seu Espírito protetor, que diz ter vindo a ele em atenção aos seus rogos. Por aí se vê que as preces dos homens podem alcançar, com a permissão divina, comunicações dos Espíritos puros.

E, depois disso, acontecerá: Derramarei meu Espírito sobre a tua carne, e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão; vossos velhos terão sonhos e vossos jovens terão visões. (Joel, 2: 28.)

As palavras de Joel são uma fiel profecia do que começa a suceder nos nossos dias, com relação à vinda e ao admirável desenvolvimento do Espiritismo. Os Espíritos do Senhor espalham-se com profusão pelo mundo, e, por toda parte, ouvem-se as suas vozes e recebem-se os seus benéficos ensinamentos. Bendito seja o Senhor que; assim manifestando, a sua misericórdia e o seu poder, indica o caminho que deve seguir a Humanidade extraviada.

E eu vos digo: Pedi e se vos dará, buscai e achareis, batei e se vos abrirá. Porque, todo aquele que pede, recebe; quem busca, encontra; e ao que chama, se abrirá. Se algum de vós pedir pão ao seu pai, dar-lhe-á ele uma pedra? Se lhe pedir um peixe, dar-lhe-á ele uma serpente? Se lhe pedir um ovo, dar-lhe-á ele um escorpião? Pois, se vós, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, com quanto maior razão o vosso Pai celestial dará bom espírito aos que lhe pedirem. (Lucas, 11: 9 a 13.)

Não esqueçamos, cristãos, as promessas do Enviado de Deus; peçamos com fé por nós mesmos, e nos será dado aquilo de que as nossas almas necessitam; busquemos a verdade na sabedoria e na virtude, e a acharemos na medida dos nossos esforços; clamemos com humildade às portas da bondade e misericórdia do Senhor, e o Senhor, que é o nosso Pai, estenderá sobre nós a sua sombra paternal e benfeitora.

Jesus Cristo disse que o Pai celestial dará bom Espírito, isto é, o conselho dos Espíritos aos que lho pedirem; devemos crer mais nas suas palavras, que nas dos infelizes que julgam a Divindade capaz de enganar-nos com o falaz conselho dos Espíritos malignos, quando invocam a sua justiça e a sua misericórdia.

Continuemos:

Estêvão, cheio de graça e coragem, fazia grandes prodígios e milagres no meio do povo. E alguns da sinagoga se levantaram a disputar com Estêvão. Mas não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito que falava nele. (Atos dos Apóstolos, 6: 8 a 10.)

E Pedro, pensando na visão, o Espírito lhe disse: Aí estão três homens, que te buscam. E estes disseram. O centurião Cornélio, homem justo e temente a Deus, e que tem por si o testemunho de toda a nação dos judeus, recebeu ordem do santo anjo para que te fizesse chamar a sua casa, a fim de escutar as tuas palavras. (Atos dos Apóstolos, 10: 19 e 22.)

E, levantando-se um deles, por nome Agabo, dava a entender pelo Espírito que ia haver uma grande fome em todo o mundo; e ela veio no tempo de Cláudio. (Atos dos Apóstolos, 11: 28.)

E quando chegaram a Mísia, queriam ir a Bitínia, e o Espírito de Jesus não os deixou. (Atos dos Apóstolos, 17: 7.)

Estevão fala, e os da sinagoga ficam confundidos ante a sua sabedoria; ele fala inspirado por um Espírito do Senhor; um Espírito dirige a palavra a Pedro, e Cornélio recebe ordens de um santo anjo. Agabo profetiza pelo Espírito, pronunciando as palavras proféticas, que um Espírito lhe inspira; e o próprio Espírito de Jesus não deixa que vão a Bitínia, como queriam, os Apóstolos Paulo e Barnabé. Todos estes casos são de comunicação espiritual, sem intervenção diabólica, e patenteiam a possibilidade e a realidade do fato, tão combatido hoje, como diabólico, pela igreja que julga possuir as chaves das Sagradas Escrituras.

Portanto, se há alguma consolação em Cristo, se há algum refrigério de caridade, se há alguma comunicação de Espírito, se há algum sentimento de compaixão; Fazei completo o meu gozo, de sorte que sintais uma mesma coisa, tendo uma mesma caridade, um mesmo pensamento. (Paulo, aos Filipenses, 2: 1 e 2.)

Não apagueis o espírito. Não desprezeis as profecias. Examinai tudo e aceitai o que for bom. (Paulo, I Epístola aos Tessalonicenses., 5: 19 a 21.)

Rogamo-vos, irmãos. Não vos movais facilmente da vossa inteligência, não vos perturbeis, nem pela Espírito, nem pela palavra, nem por carta vinda como enviada por nós. (Paulo, II Epístola aos Tessalonicenses., 2: 1 e 2.)

S. Paulo, em sua epístola, fala claramente das comunicações dos Espíritos, porém, não só dos Espíritos malignos; aconselha também aos de Tessalônica, na primeira epístola, que não apaguem o espírito; que por suas faltas não se façam indignos das comunicações espirituais, nem desprezem os avisos proféticos que possam receber, que examinem tudo e somente aceitem o que for bom; na sua segunda epístola aos mesmos de Tessalônica, aconselha que não variem facilmente dos seus propósitos e das suas crenças, nem por palavra, nem por comunicação espiritual, pois, assim como as comunicações podem proceder dos Espíritos da verdade, elas também podem vir dos Espíritos do erro.

Caríssimos, não acrediteis em todo Espírito, mas examinai se os Espíritos são de Deus. (I João, 4: 1.)

Voei em espírito, um dia de Domingo, e ouvi atrás de mim uma voz, como de trombeta, que dizia: O que vês, escreve-o em um livro. (Apocalipse, 1: 10 e 11.)

As diferenças em perfeição e em virtudes, que observamos entre os homens, existem igualmente no mundo espiritual, pois os Espíritos não são mais que os mesmos homens despidos do seu invólucro terreno. O Senhor, que permite a comunicação dos Espíritos elevados para fortalecer-nos e instruir-nos, consente também, às vezes, as comunicações dos Espíritos imperfeitos, mais ou menos

apegados aos instintos sensuais e inclinados à mentira ou ao erro, para sujeitar-nos a provas. Por esse motivo, o Evangelho recomenda que não depositemos confiança cega nas palavras e nos conselhos dos Espíritos, sem estarmos certos de que são realmente Espíritos bons e enviados de Deus para ilustrar-nos ou melhorar-nos. Pelo fruto se conhece a árvore, disse Jesus Cristo, e conheceremos os Espíritos pela bondade ou malícia das suas inspirações.

Para que continuar a fazer citações bíblicas em confirmação da tese que sustentamos, a fim de provar que a revelação ou comunicação espiritual pode proceder, e procede em muitos casos, de uma origem benéfica superior?

Não negamos que, sem o fervor necessário, sem a boa vontade conveniente, sem um fim puramente moral e humanitário do ato da vocação, isto é, sem a oração que elevamos para alcançar luzes celestiais, faltar-nos-ão as condições que a fazem aceitável aos olhos do Ser Supremo; não negamos que podemos ser mistificados e enganados por Espíritos perigosos; mas daí a sermos vítimas de um ser maléfico, autorizado por Deus a seduzir-nos e arrastar-nos à eterna perdição, vai uma distância enorme, uma distância infinita. Não insistiremos, pois, em invocar novos testemunhos sagrados para corroborar as nossas afirmações; pois acreditamos que, com os que estão transcritos, terá o leitor cristão motivos suficientes, e mesmo de sobra, para compreender a leviandade com que o Catolicismo Romano condena a prática das evocações, quando elas são acompanhadas do fervor, da boa-vontade e do recolhimento necessários.

Uma ressalva temos entretanto que fazer, ressalva que rogamos ao leitor considere feita em todos os capítulos em que temos copiado e comentado passagens das Sagradas Escrituras. Não somos infalíveis, e mesmo estamos muito longe de nos julgarmos tais em qualquer ramo de conhecimentos, tratando-se especialmente de assunto tão árduo e difícil como é a compreensão da palavra revelada; é natural, portanto, que tenhamos cometido erros nos comentários que fizemos dos versículos tirados do Antigo e do Novo Testamento. Em todo o caso, asseveramos ter procedido com a melhor intenção, movidos somente por amor à verdade e desejosos de desvendá-la aos olhos do público. Comparem, pois, os nossos comentários com as notas do padre Scio; examine-se tudo, mas sem prevenção, segundo conselho de S. Paulo, a fim de aceitar-se o que pareça melhor. A ninguém pedimos a fé cega, mas sim a fé aclarada, a fé racional, a fé do que tem abertos os olhos da razão, pois essa é a fé que desejamos e entendemos possuir.

Uma observação ainda, e concluiremos. Os apologistas do Catolicismo Romano costumam lançar ao rosto dos seus adversários alguns dos seus dogmas com o testemunho das Escrituras, procedimento esse que é realmente o que eles empregam para estabelecê-los e defendê-los. Consiste isso em destacar um do outro o versículo que lhes convenha, e, torcendo a sua significação, forçando o sentido,

criam assim o inferno eterno, inventam o diabo, ou estabelecem a infalibilidade, sem se importarem que tal infalibilidade, tal diabo e tal inferno desapareçam como sombras à luz de outros cem versículos e passagens que evitam citar. Por isso, damos às nossas citações toda a extensão permitida pelos limites e pela índole deste livro, pesarosos de não podermos trasladar integralmente as Escrituras, cuja constante leitura recomendamos aos cristãos, certos de que verão confirmada em cada uma das suas linhas a verdade do Cristianismo Espírita.

Conclusão

Há pouco mais de um ano, corriam tristes os dias para nós e a alma não vislumbra no horizonte um só raio de luz, uma só esperança de consolo. Os nossos olhos viam o Sol, mas o Sol não alegrava o nosso coração; percebíamos o fulgor das estrelas, porém elas nos pareciam lâmpadas acesas por uma grande mão oculta a fim de alumiar imenso sudário, o sudário de toda a Humanidade; ao redor de nós a Natureza ostentava as suas galas, e a Criação apresentava as suas harmonias, mas essas galas e essas harmonias feriam os olhos do nosso espírito como ilusões ópticas, como sonhos passageiros de felicidade, como promessas sedutoras que nunca teriam cumprimento. Como o condenado à morte, que se vê rodeado de todos os meios e elementos de vida nos melhores anos da sua juventude, como aquele que se vê junto a uma família querida, de cujo seio a ingrata morte o arrebatou, e para o qual tudo é obscuro e aterrador; assim, nós, receando perder de um momento para o outro, e talvez para sempre, as riquezas e doçuras da vida do Espírito, só podíamos considerar, com desalento, as belezas e as harmonias que Deus derramou pelo Universo, a fim de alegrar e esperar os homens.

Os nossos corações estavam então enfermos. Uns, dentro das crenças romanas, sentiam as dúvidas apoderarem-se do seu ânimo, sempre que o entendimento, procurando descobrir a verdade, invadia os términos da filosofia racional e passava por cima da linha estabelecida, como um cordão sanitário, pelos fariseus do catolicismo exclusivista; outros, indiferentes às matérias religiosas, em consequência dos desenganos colhidos nas excursões ao redor do catolicismo oficial, sentiam, nas horas de recolhimento e estudo, uma necessidade imperiosa de recuperar a paz da alma, que haviam perdido com as esperanças da fé; finalmente, os materialistas, apesar de poucos, se agitam impotentes com a vertigem do desespero em um vácuo que não podia ser preenchido pelos ensinamentos absurdos de uma religião mal interpretada e que, apesar de pretender o monopólio da verdade, estava em luta com as descobertas da Ciência e com os mais nobres sentimentos que

brotam de um coração puro e generoso. Todos lutávamos, todos desejávamos rasgar o véu do futuro; todos buscávamos um oásis consolador de verdade e de esperança no deserto da dúvida e do desalento em que se esgotavam as nossas forças.

Isso se dava há pouco mais de um ano. Desde então tudo mudou ao redor de nós. Hoje, o Sol nos parece belo, belos os astros que brilham na escuridão da noite, belas as galas da Natureza e as harmonias do céu, bela a vida e bela a Criação. Um doce orvalho, o orvalho da fé, vivificou a nossa alma e o amor enche o nosso coração. Amamos a vida, porque é um dom da bondade infinita, e amamos a morte, porque sabemos ser o começo de outra vida mais feliz. Somos ditosos no meio das misérias da vida, porque o amor e a fé são na Terra as primícias da felicidade imortal. E quem foi que realizou esse milagre, quem acalmou a tempestade que rugia ameaçadora nas soledades da nossa alma, quem fez renascer em nós os doces consolos da fé e despertou todos os germens de adoração ao Ser Supremo e de amor às criaturas adormecidas em ensinamentos insubstanciais? Foi o Espiritismo, foi o Cristianismo de Jesus.

Sim, leitores e irmãos, o verdadeiro Cristianismo realizou esse milagre. Bebíamos águas lamacentas e estávamos enfermos; remontamos à torrente em busca do manancial, e as águas puras restabeleceram a nossa saúde e renovaram as forças vivas do nosso espírito.

Vós, filhos do povo, pobres filhos do povo que nasceis envoltos na atmosfera insalubre do infortúnio, que viveis na obscuridade e na miséria, que trabalhais e não podeis com o vosso trabalho matar a fome dos vossos filhos, que tiritais de frio por falta de abrigo, que gemeis de febre por falta de alimento, e que desesperais pensando no vosso futuro, se chegardes à velhice, e no futuro das vossas infelizes famílias, se uma morte prematura lhes arrebatou o vosso amparo, vinde conosco, vinde para o lado dos outros filhos do povo que vos amam como irmãos, e que lamentam as vossas necessidades e amarguras. Vinde, e as vossas lágrimas se enxugarão e os vossos trabalhos se tornarão mais suportáveis, e não temereis mais pela sorte dos vossos filhos, porque recebereis inefáveis consolos para o presente e a esperança de um porvir seguro, livre das misérias e das penas que consomem as forças do vosso corpo e a atividade do vosso espírito.

Sabeis que sois iguais em dignidade e em direitos aos privilegiados da Terra, e sabereis igualmente que sois filhos amados do Pai celestial, que vos espera com os braços abertos para dar a recompensa que merecerdes pela vossa resignação e pelas vossas virtudes.

A felicidade entrará nas vossas pobres moradas e possuireis no coração um tesouro inesgotável que a sombria mão da morte não vos poderá roubar. Nós vos chamamos, porque a caridade no-lo prescreve, porque sois nossos irmãos, porque, como vós, choramos, queremos e devemos fazer-vos participantes das riquezas e da

alegria que a Providência pôs em nosso caminho.

Também a vós nos dirigimos, ricos e poderosos da Terra, que desfrutais a consideração e as comodidades do mundo. Deus concedeu-vos os bens que negou aos outros; mas, como a Sabedoria infinita nada permite de inútil, devemos acatar e venerar as obras da sua justiça. Ele vos concedeu as honras e as riquezas; não vo-las invejamos, porque são vossas e não nossas. Sois ricos; que Deus vos abençoe. Vinde, porém, para o nosso lado, acolhei-vos à benéfica sombra do verdadeiro Cristianismo, e sereis ainda mais ricos, possuireis as riquezas da alma, cujo valor excede bastante o dos vossos cofres. Com elas comprareis os gozos da Terra, vãos e passageiros; com as outras alcançareis harmonias sublimes e imortais. O verdadeiro Cristianismo revelará o segredo do vosso presente bem-estar, vos indicará o bom uso que podeis fazer dos vossos bens, vos recordará a miséria alheia, formando um triste contraste com a abundância em que nadais; vos dirá, enfim, que não deveis consentir que os vossos irmãos sofram fome quando possuíis montões de ouro; e, desse modo, administrando fielmente os bens que Deus concede, sabereis granjear a aprovação superior e tornar estável a vossa felicidade transitória.

Quiséramos também chamar para o Cristianismo de Jesus os ministros da Igreja Católica Romana. Com quanto amor e entusiasmo recebê-los-íamos! Eles poderiam fazer num só dia o bem que, sem o seu poderoso concurso, precisará, talvez, de um século para se realizar. E por que os não chamar? É certo que no seio das famílias, no confessionário, no púlpito, onde quer que se fale do Cristianismo espírita, só se lembram de nós para nos ridicularizar, menosprezar, caluniar, ofender e amaldiçoar, pois foram educados assim; entretanto, creem na verdade dos ensinamentos de Roma, e são mais dignos de compaixão que de indiferença e desprezo. Não vos desprezamos, nem odiamos; ficai sabendo de uma vez para sempre: compadecemos-nos de vós, porque, sem que o percebais, o orgulho vos cega. Oh! Quão diverso seria o vosso proceder para conosco, se soubésseis despojar-vos desse orgulho que vos encandeia e entontece, não vos deixando ver com clareza a luz do Sol!

Estudai imparcialmente as doutrinas do Cristianismo puro; estudai-as, como nós o fizemos, em nome de Deus, e, se tiverdes sentimento, se sentirdes caridade, se tiverdes um juízo são, sentireis como nós, amareis e julgareis como nós, resolvidos a fazer no altar da verdade o sacrifício das comodidades e considerações mundanas. Refleti que o Cristo pregou a caridade como principal das virtudes, cuidando pouco dos interesses temporais, e procedei do mesmo modo; do contrário, ultrajando-nos e combatendo-nos por causa da nossa doutrina, que é a doutrina da caridade cristã, teremos o direito de suspeitar que não defendeis a Religião que é o essencial, mas sim outra ordem de interesses menos santos e um tanto mais vulneráveis, que não queremos nomear para não vos fazer corar. Finalmente, quer venhais ou não, quer

sacudais ou não a lepra do orgulho, o movimento universal está iniciado e há de consumir-se apesar das vossas resistências, porque vem impelido e dirigido pelos Espíritos de Deus.

A paz seja com todos.

*Testemunhos valiosos
sobre o Espiritismo*

Testemunho do Abade Almignana

Tradução do opúsculo *Du Somnambulisme, des Tables Tournantes et des Mediums, considérés dans leur rapports avec la Théologie et la Physique.*

Rue St. Jacques, 42 - Paris.

Introdução

Sendo o sonambulismo, as mesas e os médiuns, para nós, fenômenos que precisavam ser muito seriamente estudados antes de se fazer juízo a seu respeito, tão depressa me caíram debaixo da vista, em vez de julgá-los *ex abrupto*,⁵⁶ como tantos fazem, tratei de submetê-los a numerosas experiências, na esperança de que me fornecessem fato, úteis à descoberta das causas de tão prodigiosos fenômenos.

Tendo já obtido alguns desses fatos, melhor ocasião jamais teria para publicá-los, do que no momento atual, em que dois sábios de primeira ordem, o Marquês de Mirville e o Conde de Gasparin, se empenham numa luta científica. E julgo tanto mais oportuno este momento, quanto os fatos fornecidos pelas minhas experiências, sendo contraditórios de certos pontos capitais das doutrinas emitidas na *Pneumatologia de Mirville* e no *Sobrenatural em geral* de Gasparin, darei ocasião a que procurem conciliar as suas opiniões com os meus fatos, ou vice-versa.

Fazendo-se nova luz sobre o tríplice fenômeno, concorre-se poderosamente para a solução de um problema que não tem podido ser resolvido tão clara e positivamente, como convém à verdade, à ciência e à própria religião. Tal é a minha crença e a de muitos a quem consultei antes de empreender o trabalho a que me impus.

Quanto à linguagem deste despretensioso escrito, é chã, porque, nascido e criado além dos Pireneus, não me é familiar o bom francês, como aos que nasceram e se criaram em França, e tiveram sábios e eloquentes mestres. Simples, porém, como é, sai da pena de um homem que procura com empenho a verdade, sem que se desvie por considerações humanas, persuadido de que sua posição terá a indulgência do leitor, a quem não a recusaria eu, se estivesse no mesmo caso.

Para tratar com ordem a questão em que vou entrar sem mais preliminares, dividirei o meu opúsculo em duas partes: na primeira, exporei os fatos que oponho a *Pneumatologia de Mirville*; na segunda, os que se entendem com o *Sobrenatural em*

⁵⁶ Expressão latina equivalente a: prontamente, subitamente, opinião sem análise profunda — N. E.

geral de Gasparin.

Primeira Parte

O sonambulismo, as mesas falantes e os médiuns, não passam de obras do demônio, aos olhos do Senhor de Mirville. É esta, em resumo, a sua doutrina na *Pneumatologia*.

Em uma carta que tive a honra de dirigir à Sociedade Mesmeriana, de Paris, sobre a não intervenção do demônio no magnetismo terapêutico, carta publicada nos números 54, 56 e 57 do *Journal du Magnétisme*, estabeleci a existência do demônio, com as denominações que lhe dá a Escritura, bem como o poder que ele tem, por permissão divina, de agir física e moralmente sobre o homem, segundo os próprios livros sagrados.

E, pois, não posso ser suspeito ao Senhor de Mirville, quanto à demonologia. Admitindo, porém, a existência do demônio e a sua ação sobre os homens, não posso partilhar a opinião do sábio, pois, se eu aceitasse a intervenção direta do demônio no sonambulismo magnético, nas mesas e nos médiuns, me colocaria em oposição ao ensino católico, sobre os possessos e sobre a maneira de livrá-los do maligno Espírito, como passo a demonstrar.

Há um axioma, tão velho como o mundo: tirada a causa, cessa o efeito. *Sublata causa, tolitur effectus*. A verdade deste axioma, mesmo em relação às possessões diabólicas, acha-se explicitamente consagrada nas Sagradas Escrituras. Apresentaram a Jesus Cristo um mudo para que o curasse; *oblatus est ei mutus*. O Divino Mestre, conhecendo que o mutismo era causado pelo demônio, apressou-se em remover a causa, tirando o demônio do corpo do possesso; feito o que, o mudo falou no meio do povo cheio de admiração; *et cum ejecisset demonium locutus est mutus et admiratae sunt turbae*. (Lucas, 40)

Havia em Filipe, na Macedônia, uma jovem que, sendo possessa do demônio, tinha o dom de adivinhação em tal grau, que de todos os pontos vinham consultá-la, o que rendia grande proveito ao senhor dela. S. Paulo tirou-lhe o demônio do corpo, e ela perdeu o dom de adivinhar, pelo que, os senhores dela arrastaram o santo apóstolo aos tribunais, como se fosse um malfeitor. (Atos, 16: 16 a 18.)

Partindo desses princípios, segue-se que, se o demônio intervém diretamente no sonambulismo, nas mesas e nos médiuns, desde que seja expulso dos sonâmbulos, das mesas e dos médiuns, como Jesus Cristo o expulsou do corpo do possesso e S. Paulo do corpo da rapariga de Filipe, os sonâmbulos devem *a fortiori* perder a sua lucidez, as mesas ficar imóveis e os médiuns ser incapazes de traçar uma linha.

Sublata causa tolitur effectus.

O que importa é conhecer os meios de expelir o demônio donde quer que ele se meta. Esses meios são-nos indicados pelo ensino católico.

De fato, segundo esse ensino, os demônios são expelidos pelos sagrados nomes de Deus e de Jesus, pela prece, pelo sinal da cruz, pela água benta e por exorcismos. Conhecidos os meios de expelir os demônios, passo a expor o resultado que obtive pela sua aplicação aos sonâmbulos, às mesas e aos médiuns.

Tendo visto fenômenos extraordinários produzidos por sonâmbulos, e desejando reconhecer se tais fenômenos tinham alguma coisa de diabólico, aproveitei ocasiões em que encontrei sonâmbulos adormecidos por outros magnetizadores, e orei, invoquei os santos nomes de Deus e de Jesus, fiz o sinal da cruz sobre eles, e lancei-lhes água benta na intenção de expelir o demônio, para me cientificar se o demônio intervinha no sonambulismo. Entretanto, nenhum dos sonâmbulos perdeu a menor parcela da sua lucidez, o que me fez crer que o demônio não tem parte alguma no sonambulismo magnético.

Eis um fato que deve chamar a atenção de todo observador de boa-fé:

Uma menina de treze anos, adormecida pela mãe, na minha casa, deu provas da maior lucidez, dizendo-nos que estava em comunicação com seres ultramundanos. Assustado, confesso-o, pelo que se passava à minha vista, na dúvida que me oprimia de ser ou não o demônio o agente daqueles fenômenos, tomei o meu crucifixo, e, apresentando-o à lúcida, esconjurei-a pelo santo nome de Jesus. E sabeis o que fez a sonâmbula? Em vez de repelir a imagem do Crucificado, tomou o crucifixo, levou-o respeitosamente aos lábios, e adorou-o, com a maior edificação para sua mãe e para mim.

Se o Sr. de Mirville desejar conhecer a sonâmbula e seus pais, posso indicarlhe a sua residência.

Esses meios, por mim empregados para ver se o demônio tinha parte no sonambulismo, têm sido igualmente empregados por outras pessoas piedosas com o mesmo fim e resultado.

Se o Senhor de Mirville desejar conhecer algumas dessas pessoas, posso facilitar-lhe o conhecimento. Quanto aos exorcismos, sabe-se pela biografia da famosa sonâmbula prudência que, embora muitas vezes exorcismada, nunca perdeu um só átomo da sua grande lucidez.

Aos fatos que acabo de referir, em favor da não intervenção do demônio, vêm juntar-se muitos outros de gênero diferente que, de certo modo, os confirmam.

Um dos modelos da eloquência sagrada, o reverendo padre Lacordaire, falava sobre o sonambulismo em dezembro de 1846, e longe de qualificá-lo satânico, como o Senhor de Mirville, disse o sábio dominicano, do alto da cadeira da verdade, na igreja de Notre-Dame de Paris, que esse fenômeno pertencia à ordem profética, e

que era uma preparação divina para humilhar a orgulho do materialismo. Essa linguagem do alto da tribuna sagrada foi publicamente aprovada por Monsenhor Afre, centro de unidade católica na diocese de Paris, o qual, dirigindo-se aos fiéis, lhes disse: Meus irmãos, foi Deus que falou pela boca do ilustre dominicano.

Uma senhora, que é dotada de grande piedade, tendo sido abandonada em estado desesperado pela medicina oficial, foi magnetizada por um parente e, num dos seus primeiros sonhos, disse estar vendo uma pessoa que, segundo os sinais, parecia ser a bisavó da lúcida, falecida muito anos antes do seu nascimento. A sonâmbula foi curada pelos conselhos da sua bisavó, recebidos em sono magnético.

Julgando este fato grave e interessante para a religião, fi-lo publicar no n° 19 do *Magnétisme Spiritualiste* fazendo apelo a todos os que, pelos seus conhecimentos, pudessem explicá-lo.

Entre aqueles a quem fiz apelo, figuravam os teólogos, aos quais eu dizia: "Seria o demônio que, tomando um corpo fantástico, revestiu a forma da bisavó de M. R. e a curou de uma enfermidade por ela mesma criada?"

Ao Soberano Pontífice foram enviados alguns exemplares do citado jornal, por intermédio do Núncio Apostólico em Paris, e bem assim a Monsenhor Arcebispo de Paris à Faculdade de Teologia da Sorbona, aos reverendos padres jesuítas da rua dos Postes, ao rev. padre Lacordaire e ao Consistório Calvinista de Paris, rogando eu a todos que me esclarecessem sobre um fato tão grave.

Pois bem: até agora, vai para três anos, e nenhuma daquelas altas personagens me disse que era o demônio o autor do fato sobre o qual chamei a atenção delas; o que prova ser ele estranho ao mesmo fato, sem o que não teriam deixado de me advertir, quer pelo interesse da religião quer por caridade para comigo.

Se o Senhor de Mirville desejar conhecer a sonâmbula a que me refiro, posso levá-la a sua casa. Interrogai Monsenhor Sibour sobre o sonambulismo, e sua Grandeza dir-vos-á que as ideias emitidas pelos sonâmbulos não são mais que o reflexo das do magnetizador, sem vos falar sequer do demônio.

Mas, basta de sonambulismos, e passemos às mesas.

Tenho feito grande número de experiências com as mesas giratórias e falantes, com leigos e com sacerdotes, homens de sentimentos religiosos, e até com um venerável bispo. Desejando, no interesse da religião e das nossas almas, saber se o demônio é com efeito o agente do movimento e da linguagem das mesas, empregamos todos os meios que o ensino católico oferece para expeli-lo, inclusive o exorcismo, e nenhum resultado obtivemos. Nem a prece, nem os sagrados nomes de Deus e de Jesus, nem o sinal da cruz, feito sobre as mesas, nem o crucifixo, nem os rosários, nem os Evangelhos, nem a *Imitação de Jesus Cristo*,⁵⁷ postos sobre as mesas,

⁵⁷ Muito provavelmente, esta é uma referência ao livro *Imitação de Cristo*, obra teológica de grande influência na Europa nos séculos passados, cuja autoria é atribuída ao monge alemão Tomás de Kempis — N. E.

nem a água benta, puderam impedir que elas girassem, batessem e respondessem.

Pelo contrário, vimos muitas vezes, com grande admiração, elas se inclinarem diante da imagem do Crucificado.

Direi mais: numa experiência que fiz com o bispo, foi este quem fez o sinal da cruz sobre a mesa, sem que ela deixasse de mover-se.

Monsenhor perguntou-lhe se amava a cruz, e ela respondeu afirmativamente, causando surpresa ao ilustre varão vê-la inclinar-se diante da sua cruz pastoral e falar-lhe da vida futura de maneira ortodoxa.

Se o Senhor de Mirville deseja conhecer a casa e a pessoa que fez com o bispo e comigo essa experiência, terei sumo prazer em satisfazer-lhe.

Se, depois de todos os fatos, fosse preciso raciocinar conforme a *Pneumatologia* do Senhor de Mirville, o único raciocínio possível seria este. O ensino católico, sobre as pessoas diabólicas, dá às preces, aos santos nomes de Deus e de Jesus, ao sinal da cruz, à água benta e aos exorcismos a virtude de expelir os demônios dos possessos; ora, nem a prece, nem os sagrados nomes de Deus e de Jesus, nem o sinal da cruz, etc., tiveram o poder de expelir o demônio dos sonâmbulos e das mesas que, segundo o Senhor de Mirville, são verdadeiros possessos; logo, o ensino católico não ensina a verdade; logo, a Escritura, os Padres e a Igreja, autoridades em que se firma o ensino católico sobre possessos e modos de curá-los, estão em erro.

Qual o verdadeiro católico que ousaria ter semelhante linguagem?

Foi, pois, para não me colocar em tão arriscada posição, que entendi não partilhar a opinião do Senhor de Mirville sobre as manifestações fluídicas dos Espíritos.

Dir-me-ão que, se os meios aconselhados pelo ensino católico, para a expulsão do demônio, falham algumas vezes, depende isso da pouca fé de quem os emprega. A esta objeção respondo:

Os pagãos não têm grande dose de fé, e entretanto Orígenes⁵⁸ diz que o nome de Deus, pronunciado mesmo por um pagão, expele o demônio. (*Orígenes contra Celsum.*)

Muitas pessoas há, entre as quais piedosos eclesiásticos e leigos aferrados aos sacramentos, que têm feito comigo experiências, orando comigo, invocando comigo os sagrados nomes de Deus e de Jesus, etc. Será crível que entre tais pessoas não houvesse uma que tivesse pelo menos a fé de um pagão? Não posso acreditá-lo.

Quê! O venerável bispo que experimentou comigo e que, durante quatro anos, se sacrificou propagando a fé em longínquos países, não possuiria a fé de um pagão, para poder expelir os demônios em nome de Deus? Seria isso insultar a obra santa da propagação da fé na pessoa de um dos seus melhores apóstolos!

⁵⁸ Orígenes de Alexandria (185 – 253): teólogo, filósofo neoplatônico e um dos pais da igreja grega — N. E.

Passemos adiante. Eis como S. João nos ensina a conhecer se um Espírito é de Deus ou não:

Meus bem-amados, eis como conheceis se um Espírito é de Deus: todo o que confessa que Jesus Cristo veio em carne, é de Deus; e todo o que não confessar que Jesus Cristo veio em carne, não é de Deus. (I Epístola, capítulo 4)

Instruído por S. João sobre o modo de conhecer os Espíritos de Deus, servi-me do meio indicado para descobrir a natureza dos Espíritos ou forças ocultas que produzem os fenômenos das mesas. Foi assim que dirigi à minha pequena mesa, posta em movimento, a seguinte pergunta:

— Confessais que Jesus Cristo veio em carne?

— Sim — respondeu ela.

Repetindo muitas vezes a mesma pergunta, tive sempre a mesma resposta.

Tendo feito essa experiência isoladamente na minha casa, quis ver se, fazendo-a acompanhado, obtinha o mesmo resultado, e, nessa intenção, fui a pessoas instruídas, que se ocupavam desse gênero de estudos, e pedi a uma, que era médium, para comigo pôr as mãos sobre uma mesa.

Fazendo-se sentir o movimento, fiz-lhe a mesma pergunta que tinha feito à minha mesa, e tive a mesma resposta.

Depois dessas experiências, posso eu conscienciosamente crer na influência do demônio sobre as mesas falantes, sem considerar errôneo o testemunho de S. João?

Cabe ao Senhor de Mirville responder-me.

Ainda tenho mais caminho a andar.

Lê se na Ritual, capítulo dos energúmenos ou possessos, o seguinte:

Signa energumenorum sunt. Ignota igno loqui idque maxima serie verborum quoe previder non potuerunt intellegere distantia velita loquentem, et occulta patefacere et vires supra etatis suae naturam ostendere.

Se os demônios falam todas as línguas, como diz o Ritual, mesmo as desconhecidas, estou autorizado a dizer, baseado em grande número de experiências que fiz, que as mesas não falam todas as línguas, mesmo as conhecidas, nem as compreendem.

Um consultante, que não conhece o grego, não obterá resposta nessa língua, e, se dermos alguma pergunta escrita em linguagem que lhe seja desconhecida, para a mesa responder, ela não a compreenderá.

Se o Senhor de Mirville desejar fazer comigo essas experiências, estou às suas ordens.

Procurei ver se as mesas possuíam a faculdade que, segundo o Ritual, têm os demônios de ver o que é oculto e de ler no futuro, e obtive mais erros do que

verdades nesse ponto.

Quanto às forças físicas superiores que os demônios têm, segundo o mesmo Ritual, não há mesa alguma, cujo movimento não possa ser suspenso ou atenuado, desde que o experimentador envolva as mãos em seda: o que prova a sua deficiência de forças *supra naturam*⁵⁹ e, conseguintemente, que não é o demônio quem lhe imprime o movimento. O que, porém, dá mais força às razões em que me baseio, para não aceitar a influência do demônio nos fenômenos das mesas falantes, é que, tendo-as apresentado a quatro prelados da igreja de França, três dos quais figuram entre os que mais interesse, tomaram na questão religiosa das mesas, pedindo-lhes que as examinassem e me dissessem se eu estava em erro, para me retratar e escrever em sentido contrário às mesmas, nenhum deles me disse que eu estava em erro ou censurou o que por mim foi exposto.

Para o caso de ser preciso comprovar esse fato, guardo as cartas daqueles prelados.

Agora passemos aos médiuns.

Tendo ouvido dizer que há pessoas, cujas mãos, impelidas independentemente da vontade, escrevem coisas extraordinárias, quis assegurar-me desse fato. Tomei um lápis, e, colocando a minha mão sobre um pedaço de papel, concentrei-me quanto pude. Decorreram apenas alguns minutos, e eis que senti arrastarem-me a mão, que traçou, inconscientemente, linhas, letras e palavras. Muitas vezes repeti essa experiência com o mesmo êxito, tornando-me assim médium de ordem secundária.

Desejando verificar se nesse fenômeno havia influência diabólica, para não mais dele me ocupar, perguntei à força oculta ou Espírito que movia a minha mão se era ele o demônio, ao que me respondeu que não. Solicitei-lhe a prova, e logo a minha mão foi arrastada e traçou uma grande cruz. Fiz, em seguida, as perguntas sobre Jesus Cristo que antes eu fizera à mesa, e as respostas escritas foram às mesmas; donde a conclusão de que os agentes da escrita dos médiuns são os mesmos do movimento das mesas, e não demônios, como tenho demonstrado.

Entretanto, para mais me assegurar da não intervenção do demônio nos médiuns, tentei mais esta experiência:

Falando o demônio, segundo o Ritual, todas as línguas, mesmo as desconhecidas, no intuito de saber se a força oculta ou o Espírito que me fazia escrever, tinha essa faculdade demoníaca, o que provaria a intervenção dos demônios nos médiuns, exigi da força oculta que me fizesse escrever o Pater em muitas línguas. Disse-me ela que sim. Tendo deixado a mão passivamente neutra, com uma pena escreveu ela o Pater de duas maneiras, que a força estranha me disse serem o valaco e o russo.

⁵⁹ Sobrenatural — N. E.

Pedi-lhe que escrevesse em francês, em espanhol, em italiano e em latim; e ela o executou prontamente.

Pedi-lhe, ainda, que escrevesse em inglês e em alemão, e ela respondeu-me que não podia. Por que razão? Então em que línguas podeis fazer-me escrever?

— Nas que eu falava na Terra: o valaco e o russo, e nas que vós falais.

Esse Pater, assim escrito, tive a honra de levá-lo pessoalmente ao Arcebispo de Paris, que mo pediu.

Alguém me aconselhou que dissesse ao Espírito ou força oculta que me fizesse escrever algumas frases em valaco, para mostrá-las a quem conhecesse essa língua. Saber-se-ia assim se era ou não valaco o que se me tivesse feito escrever.

Aceitei o conselho, porém, tive a ideia de verificar eu mesmo o fato. Escrevi, numa folha de papel, uma frase em francês, tirei uma cópia noutra folha. O Espírito fez-me escrever várias linhas, e me disse que a tradução em valaco era aquela. Pedi-lhe que vertesse a frase para o espanhol, para o italiano e para o latim, e ele o fez.

Tendo-lhe pedido uma versão para o inglês, respondeu-me que não podia, porque eu não sabia aquela língua.

Deixei passar alguns minutos, e, tomando a cópia da frase, disse ao Espírito que fizesse com ela o mesmo que com o original. O Espírito fez-me escrever a frase nas mesmas línguas que antes, e eu apressei-me em comparar as duas traduções.

Qual não foi, porém, a minha surpresa, quando, achando as traduções espanhola, italiana e latina das cópias iguais às do original, vi que a do valaco da cópia e a do original eram completamente diferentes!

Convenci-me de que o Espírito não conhecia o valaco, o que demonstrava não ser ele o demônio, segundo o Ritual; entretanto, isso provava que ele me tinha enganado; repreendi-o severamente, chamando-lhe embusteiro e infame, e despedi-o da minha casa. A minha mão, acometida de violento tremor, escreveu, em grandes caracteres: "Eu sou o demônio, e vós um mau padre, que busca conhecer os segredos de Deus."

Pois bem, respondi-lhe, é precisamente por me fazeres escrever que és o demônio, que eu não te acredito.

Segundo o Ritual, o demônio fala todas as línguas, e tu não falas o valaco nem o inglês, etc.; logo não és o demônio. Se sou um mau padre, não, é isso da tua conta, Deus é quem me julgará, e a seu santo juízo me curvarei. Se me fosse dado ver-te, como te sinto, eu te daria uma boa resposta, mas contento-me em deixar de fazer experiências contigo.

Apenas disse isto, a minha mão, arrastada, escreveu:

"Perdão! perdão! Eu não sou o demônio. Se o disse, foi para vos meter medo, porque vós me atormentais com perguntas.

"Vejo bem que sois um homem destemido. Não sois um mau padre, mas sim

um grande pensador. Fazei as vossas experiências comigo, que vos direi sempre a verdade."

Pois bem! eu te perdoo; mas dize-me, sem me enganar; quais são as línguas que falas?

"Eu não falo senão as que falais, e, se disse o contrário, foi para rir-me."

Quais são, então, as línguas que falam os Espíritos?

"Unicamente as dos consultantes."

Essa sessão terminou assim.

Querendo verificar o que me foi dito pelo Espírito, fui a outro médium psicógrafo, e pedi-lhe uns trabalhos de escrita. Em meio das nossas experiências, escrevi em uma folha de papel estas palavras em espanhol: *como te llamas?* e sem dizer ao médium a significação daquelas palavras, pedi-lhe que as lesse ao Espírito.

Ele pediu ao Espírito que as traduzisse; porém este ficou mudo.

Insistiu por uma resposta, e o Espírito fê-lo escrever: fatalidade.

Não condizendo à resposta com a pergunta, pedi ao médium que dissesse ao Espírito que aquilo não era resposta. Foi então que este o fez escrever: "Se não respondi, foi porque não conheço essa língua."

Não compreendendo o médium o que havia lido ao Espírito, percebi que, se este não respondia em espanhol, era porque aquele não sabia essa língua, o que confirmava o que me disse o meu Espírito.

Então pedi ao médium que rogasse ao seu Espírito que respondesse à pergunta: *Como te llamas*, e ele disse: Benito. Em francês: Benoit. Em latim: Benedictus.

Essa experiência, confirmando o que me foi dito pelo meu Espírito familiar, que os Espíritos não falam senão as línguas do consultante, foi para mim uma nova prova da não intervenção do demônio nos médiuns; visto como, falando ele todas as línguas, segundo o Ritual, os médiuns não escreviam senão nas línguas que conheciam.

Se o Senhor de Mirville quiser fazer alguma experiência desse gênero comigo, terei nisso grande prazer.

Nota bem:

O que há de particular no que me foi dito pelo Espírito de que sou o médium, relativamente às línguas de que se servem os Espíritos, quando falam aos homens, é o mesmo que foi dito, há 105 anos pelo extático Swedenborg. Vede o nº 236 da sua obra: *Céu e Inferno*.

Deixemos o Senhor de Mirville, a quem cabe o dever de esclarecer-nos sobre os fatos acima referidos e de conciliá-los com a sua *Pneumatologia*.

Passo agora a ocupar-me do *Sobrenatural em geral*, do Senhor de Gasparin.

Segunda Parte

Todos os prodígios dos extáticos e dos sonâmbulos as feitiçarias, as almas do outro mundo, as aparições, as visões, etc., são, em sua origem, devidas, segundo Gasparin, à excitação nervosa, à ação fluídica, e, algumas vezes, a alucinações.

Como não pretendo fazer aqui a análise e a crítica da obra do Senhor de Gasparin, por me faltar competência, a qual só a têm os que se acham na mesma altura científica daquele autor, ocupar-me-ei somente de alguns fatos que me são pessoais e que julgo estarem em oposição a certos pontos da doutrina do, Senhor de Gasparin, quanto às suas mesas giratórias, ou ao Sobrenatural em geral, a que já me referi na introdução deste opúsculo.

Começarei pelo êxtase.

Falando dos extáticos, o Senhor de Gasparin assim se exprime:

Quanto às faculdades intelectuais, são elas capazes de receber naquele estado um prodigioso desenvolvimento. Os extáticos declaram que têm duas almas, que uma voz estranha é que por eles fala, que recebem ideias desconhecidas, em termos que nunca tiveram à sua disposição. Acontece mesmo que a camponesa, habituada ao patoá, fala francês, e que o iletrado se exprime em latim. Ora, há nisso alguma coisa de sobrenatural? Certamente não; o que há é um estado fisiológico, em que se abrem tesouros de reminiscências, que o paciente ignorava possuir, mas que de fato possuía. A camponesa já ouviu falar francês, e, sem que o soubesse, lhe ficou aquilo gravado no baixo fundo da memória inconsciente, onde nada se apaga realmente. Exaltada ou doente, ela adquire a posse daquela língua. O negociante, que apenas fez estudos primários, e que nunca soube o latim, adquire a posse dessa língua, e tonteia o seu médico, a quem só nela falará."

Por essa teoria extática do Senhor de Gasparin, conclui-se que as ideias enunciadas pelos extáticos, e de que não tinham eles conhecimento no estado normal, não são mais que reminiscências.

Como o Senhor de Gasparin, eu admito a reminiscência, que não é senão a volta da alma ao pensamento de uma coisa, ou de uma ideia esquecida, apesar de gravada na memória. Essa volta, entretanto, só se opera a favor de algum trabalho intelectual que nos conduza à recordação de coisas ou ideias esquecidas. Eu sou médium, e o médium, segundo as ideias correntes, é um sonâmbulo acordado. Ora, todo sonâmbulo é extático, em maior ou menor grau; logo, sou extático.

Pois bem; eu, que sou extático, tomo um lápis, e, colocando-o sobre o papel e concentrando-me, digo à força oculta que dirige a minha mão e a leva a escrever, inconscientemente, que me faça escrever alguma coisa sobre a criação, se lhe for

possível. Apenas tenho pronunciado estas palavras, é a minha mão arrastada sem interrupção, e escreve sobre a criação coisas verdadeiras ou falsas, que me surpreendem.

Terminada a sessão e desejando verificar se essas ideias sobre a criação eram reminiscências, procurei ver se elas se haviam gravado na minha memória por alguma leitura ou por tê-las ouvido de alguém.

Nesse intuito, comecei a reler os livros religiosos e filosóficos que podiam tratar da questão, porém, nada encontrei neles que se parecesse com o que escrevi. Consultei as bibliotecas públicas, e nada descobri, aí, semelhante ao que a minha mão me tinha dado a conhecer sobre a criação.

Passando da leitura à audição, fiz uma revista retrospectiva de todas as universidades que frequentei, e não descobri um professor que tivesse tido aquela linguagem e que fosse mesmo capaz de tê-la.

A tal respeito, examinei as opiniões de todos os filósofos, naturalistas, teólogos e historiadores, com os quais tive relações científicas: nenhum havia falado na criação pela maneira por que a minha mão o fizera.

Depois do que acabo de dizer, faço o raciocínio seguinte:

Examinando-se atentamente os meios pelos quais as noções sobre a criação expressas pela minha mão podiam ser gravadas na minha memória, nada indicou a menor suspeita de que essas noções me tivessem chegado por tais meios. Se, pois, as ditas noções não puderam chegar a mim, nem pela leitura, nem pela audição, elas não podiam ter sido gravadas na minha memória: não existindo em mim, não podiam ter sido esquecidas, nada mais podia fazer lembrar. Se nada podia fazer lembrar-me noções que não existiam em mim, ou antes, na minha memória, essas noções sobre a criação, posto que expressas pela minha mão, não são reminiscências.

Isso não é bastante, porém; dissemos que na reminiscência é preciso um trabalho intelectual que, pela lembrança de um objeto, ideia ou noção, nos induza à recordação de um objeto, ideia ou noções esquecidas; para que esse trabalho se efetue, é preciso tempo, ainda que pouco.

Coloquei a minha mão com um lápis sobre o papel, e disse à força oculta que escrevesse alguma coisa sobre a criação; e, logo, e sem a menor interrupção, exprimi a minha mão, pela escrita, as noções que eu havia pedido à força oculta.

Logo, em que momento pôde operar-se o trabalho intelectual? Quais as coisas, ideias ou noções, cuja recordação pôde conduzir-me à lembrança das noções sobre a criação, expressas pela minha mão?

Convir-se-á que, nesse fenômeno, nem o trabalho intelectual, nem a recordação de uma ou várias coisas ou ideias, conduzindo-nos à lembrança das noções sobre a criação, existiram, o que é uma dupla prova da não reminiscência nas

ideias ou noções sobre a criação escritas pela minha mão, arrastada sem eu o saber. Agora, se as noções sobre a criação, escritas pela minha mão, não são reminiscências, se não foram sugeridas pelo demônio que, segundo o Senhor de Gasparin, é inteiramente estranho a esses fenômenos, se não foi a alma de alguma pessoa morta que fez agir a minha mão, visto que o Senhor de Gasparin, como protestante, não crê nas almas do outro mundo nem nas comunicações dos vivos com os mortos: quem, então, pôde fazer escrever a minha mão, sem que eu o soubesse, coisas tão novas para mim?

Rogo, pois, ao Senhor de Gasparin explicar-me esse fenômeno, que parece estar em oposição com a sua teoria sobre os prodígios dos extáticos.

Quanto ao que a minha mão escreveu, se o Senhor de Gasparin desejar vê-lo, poderei corresponder aos seus desejos. Mas, que dirá o Senhor de Gasparin, quando, tendo pedido ao Espírito para responder-me por escrito a uma coisa que eu sabia, ele não o pôde fazer, ou me respondeu contra as minhas ideias e convicções? Há aqui reminiscência?

Passo agora ao sonambulismo.

Falando do sonambulismo, eis o que diz o Senhor de Gasparin no seu Sobrenatural:

A clarividência dos sonâmbulos parece não ter, em geral, senão o caráter de um estro. Os seus prodígios são prodígios de reminiscências ou de percepção das imagens e das ideias que estão na inteligência das pessoas com quem os sonâmbulos se põem em relação. Tal me parece ser o segredo do magnetismo animal, bem pouco modificado desde a sua origem. (Tomo II, pág. 311.)

Do que nos diz o Senhor de Gasparin, segue-se que, toda a vez que um sonâmbulo nos fala, no seu sono, estar vendo a alma de uma pessoa morta, dando os sinais exatos do defunto, não é a pessoa morta que ele vê, mas sim a sua imagem gravada na sua memória, se conheceu o defunto, ou na do consultante com quem está em relação. De maneira que os sonâmbulos, nessas aparições de mortos, não fazem mais que reproduzir fatos de reminiscências ou de subtração de imagens e pensamentos de outrem.

Após o Senhor de Gasparin, cabe-me a vez de falar: Em janeiro de 1848 foi publicada uma obra, intitulada *Os arcanos da vida futura revelada*. Tendo atraído a minha atenção o seu título, procurei-a e não encontrei nela senão uma narração de aparições de pessoas mortas, feitas a sonâmbulos. Em questão tão delicada, julguei necessário consultar as Escrituras, para ver se as aparições dos mortos a vivos eram admitidas pelos livros sagrados. Abri, pois, a Bíblia, e a primeira passagem que se me apresentou foi o cap. 27 do livro I dos Reis, onde está escrito que Samuel apareceu à pitonisa de Endor, e que, por meio dela, falou a Saul; aparição essa que

não diferia das que o Senhor Cahagnet dava no seu livro Arcanos.

Vi depois, no livro II dos Macabeus, o sumo sacerdote Onias e o profeta Jeremias aparecendo a Judas Macabeu. (11: 8 e 10.)

Vejo em Mateus, cap. 17, a aparição de Moisés e de Elias a Pedro, João e Tiago, no Tabor.

Li, enfim, no cap. 27 (50 e 53) do mesmo S. Mateus, que muitos mortos apareceram quando Jesus expirou.

Convencido, pela Bíblia, da possibilidade, ou antes, da realidade das aparições dos mortos aos vivos, propus a seguinte questão:

"Aqueles aparições que, segundo a Bíblia, se efetuaram nos tempos idos, não serão possíveis nos tempos presentes?"

Para resolver essa questão, ainda quis interrogar a Bíblia, e achei o Espírito Santo, no Eclesiástico, ensinando: O que foi é o que será e o que tem sido feito é o que se fará.

À vista disso, concluí: as aparições dos mortos aos vivos foram reais, segundo a Bíblia; e o que se deu em um tempo, deve-se dar em todo o tempo, segundo a Bíblia; logo, nada se opõe a que as aparições, que se deram em tempos idos, se repitam hoje, se Deus o permitir.

Tratava-se, porém, de saber se as aparições referidas nos Arcanos eram verdadeiras, ou se não passavam de contos ou ilusões.

A solução desse problema pertencia-me.

Foi para desempenhar-me dessa tarefa que me apresentei ao Autor dos Arcanos, e tive com ele uma discussão muito séria sobre a sua obra, do que resultou a aparição do meu irmão José, a terceira que figura no 2º volume dos Arcanos. Com efeito, pedi a aparição daquele meu finado irmão, e, alguns minutos depois, a lúcida Adele me disse estar vendo uma pessoa, que, pelos sinais dados sobre o caráter, sobre a moléstia e lugar da sua morte, só podia ser aquele meu irmão.

Essa aparição produziu em mim tão profundo abalo, que não pude dormir à noite. Eu procurava explicar aquele fenômeno.

Depois de muito me fatigar, julguei explicáveis tais aparições pelos mesmos meios hoje adotados pelo Senhor de Gasparin.

Disse comigo: os sonâmbulos veem as imagens das coisas gravadas na memória das pessoas com quem estão em relação. A imagem do meu finado irmão estava gravada na minha memória, e, pois, bastou o Senhor Cahagnet pôr-me em relação com a sua vidente, para que esta a visse em mim. Assim pensando, escrevi ao Senhor Cahagnet, dizendo-lhe que, a respeito da minha conformidade de ontem sobre a realidade da aparição do meu irmão, os meus conhecimentos magnéticos me obrigavam hoje a pensar diversamente, e que, portanto, reclamava novas experiências.

Tendo o Senhor Cahagnet aquiescido aos meus desejos, obtivemos duas aparições: uma do mesmo meu irmão, e outra de Antoinette Carré, irmã da minha criada, aparições que se acham consignadas no 2º volume dos Arcanos. Os sinais que deu a sonâmbula das duas pessoas aparecidas não podiam ser mais exatos; mas eu, sempre com a ideia de que a sonâmbula as tinha visto na minha memória, nada adiantei com essa sessão.

Curioso, porém, de saber se outros sonâmbulos possuíam a mesma faculdade da médium de Cahagnet, pedi ao Senhor Lecocq, relojoeiro da marinha, residente em Argenteuil, que fizesse algumas experiências com a sua irmã, sonâmbula muito lúcida.

O Senhor Lecocq, para satisfazer-me, fez no dia 5 de fevereiro de 1848 a experiência pedida, e obteve cinco aparições, dentre as quais três pessoas completamente desconhecidas de todos nós, as quais deram os seus nomes. Só depois de minuciosas informações das pessoas que tinham conhecido os três aparecidos, foi que nos pudemos assegurar da sua identidade, como resulta da carta que o Senhor Lecocq me escreveu, e que eu pus à disposição do Senhor Cahagnet, carta essa, que foi publicada no 2º volume dos Arcanos, página 244.

Em vista desse fato e de outros do mesmo gênero, de que eu tinha conhecimento, a minha opinião, sobre a subtração das imagens e das ideias da memória dos consultantes, começou a modificar-se.

Entretanto, para convencer-me completamente da realidade das aparições, era preciso que eu mesmo tenha provas minhas.

Animado desse desejo, pedi a pessoa do meu conhecimento que me desse o nome de batismo e de família de algum morto meu desconhecido, e essa pessoa forneceu-me o de José Moral. A jovem sonâmbula de treze anos, de que falei na primeira parte deste opúsculo, e que se achava um dia adormecida pela sua mãe, na minha casa, pedi que fizesse aparecer José Moral. Tinha apenas decorrido dois minutos, e eis que a sonâmbula acusa a presença de um homem, cujos sinais deu com toda a minuciosidade.

Não tendo conhecido José Moral, e não podendo conseguintemente saber se aqueles sinais eram os seus, limitei-me a tomá-los por escrito.

Terminada a sessão, fui ter com a pessoa que me tinha dado aquele nome, e, tendo eu lido o que disse a sonâmbula sobre a aparição, ela exclamou: Senhor, como pudestes fazer uma descrição tão exata do Sr. José Moral, sem tê-lo conhecido nem visto?!

Esse fato deu-me a convicção de que os sonâmbulos, nas suas comunicações com os mortos, não veem a imagem desses na memória dos consultantes, mas sim os veem como a pitonisa do Éndor viu a Samuel.

Se o Sr. de Gasparin desejar conhecer a pessoa que me deu o nome de José

Moral, terei prazer de apresentá-la na sua casa.

Apreciemos mais outro fato, do gênero precedente, porém ainda mais interessante.

O Sr. de Sarrio, de Alicante, na Espanha, cavalheiro de Malta, deu ao meu irmão José, aquele de quem acima falei, 15.000 francos para serem distribuídos pelos pobres, soma de que meu irmão passou recibo. Por morte do Sr. de Sarrio, o seu irmão Marquês d'Algolfa, seu herdeiro, achou entre os papéis do defunto aquele recibo, e, desejando saber se todo o dinheiro já tinha sido distribuído pelos pobres, dirigiu-se a minha irmã, que era a herdeira do meu irmão José, já falecido.

Minha irmã, que não conhecia os negócios do irmão, por não ter vivido com ele, pôs à disposição do marquês os assentamentos do defunto. Daqueles assentamentos só constava a distribuição da metade da soma, e, à vista disso, o marquês reclamou da minha irmã a outra metade. A minha irmã quase nada tinha herdado, por ter aceitado a herança em benefício do inventário, e, não se julgando responsável por dinheiro que não tinha visto e cujo paradeiro ignorava, recusou satisfazer a exigência do marquês, donde uma demanda proposta por este.

Muito aflita por causa dessa demanda, que, além de tudo, lhe trazia dispêndios impossíveis, minha irmã escreveu-me de Alicante, referindo-me o ocorrido. Contrariado com isso, dirigi-me à médium de que acima falei e lhe pedi a aparição do meu irmão, com quem ela se tinha comunicado muitas vezes, segundo afirmava. Disse-me ele que estava presente; interroguei-o sobre o negócio do dinheiro recebido do Senhor de Sarrio, censurando-o pelo modo por que tinha procedido e pelos incômodos que estava causando à nossa irmã.

O meu irmão, admirado da minha linguagem, declarou que a ninguém ficou devendo e que o dinheiro em questão dera-o ao padre Mário, antes de morrer, para que o distribuísse pelos pobres e que ia fazer vir o padre Mário para o confirmar.

Apenas o meu irmão deixou de falar, disse-me a sonâmbula que via um homem junto dela e, pelos sinais, reconheci um monge capuchinho. Esse monge confirmou o que havia dito o meu irmão.

Como nunca tinha eu ouvido falar do padre Mário, por ter eu deixado Alicante há mais de trinta anos, e, portanto, nenhum juízo podendo fazer a seu respeito, limitei-me a pedir-lhe informações sobre o seu país e sobre a sua família, ao que ele me respondeu que era de S. Vicente do Respeito, a uma légua de Alicante, etc., etc.

A vista dessa revelação, escrevi à minha irmã, fazendo-lhe as seguintes perguntas:

O nosso irmão José foi visitado antes de morrer por um padre chamado Mário, que tinha uma irmã em S. Vicente do Respeito? Sabes se Mário já é morto?

Eis a resposta:

"Quanto ao padre Mário, há muitos anos deixou este país, e não se sabe se está

na França, ou se na América; ele não visitou o nosso irmão na sua moléstia, porque muitos meses antes haviam saído daqui; tinha duas irmãs, das quais uma estava na Argélia e a outra o acompanhou."

As cartas escritas por mim à minha irmã e as respostas desta, com outros detalhes, foram publicadas no 3º volume dos Arcanos, e os seus originais, ainda em meu poder, estão à disposição do Senhor de Gasparin.

Agora, seja-me lícito fazer uma pergunta a esse senhor sobre o último fato.

Se a aparição do padre Mário não é uma alucinação, mas sim uma realidade provada pelas cartas da minha irmã que confirmam a existência daquele padre;

Se não é o demônio que, tomando a forma do padre, apareceu à sonâmbula, visto que o Senhor de Gasparin repele a intervenção do demônio nos fenômenos do sonambulismo;

Se não foi a alma do padre que apareceu à sonâmbula, visto que o Sr. de Gasparin não admite a comunicação dos mortos com os vivos;

Como explicar-se o fenômeno sonambúlico do padre Mário e conciliá-lo com o seu sobrenatural em geral? São esses os fatos que tenho por ora a opor ao sobrenatural do Senhor de Gasparin.

Com o tempo lhe hei de dizer mais, assim como ao Senhor de Mirville sobre o sonambulismo e sobre as mesas e os médiuns.

Se o Senhor Marquês de Mirville e o Senhor Conde de Gasparin não responderem, ao meu apelo, esse silêncio muito comprometerá os interesses da verdade, da ciência e da religião.

E, pois, para não prejudicar tão sagrados interesses é que eu espero que esses senhores satisfaçam aos meus desejos. Se lhes for mais cômodo responder-me verbalmente, muito me honraria procurá-los, para ouvir, com tanta atenção quanto reconhecimento, tudo o que se dignarem dizer-me a respeito dos fatos que tenho aqui exposto.

Esses fatos eu os publicarei, se assim o exigirem os interesses da verdade, da ciência e da religião.

Abade Almignana

Nota do Redator da *Revue Spirite* de Paris

Lendo na *Revista* a primeira parte da brochura do Abade Almignana, o Senhor Van-de-Ryst, diretor do *Messenger*, de Liège, exprimiu-nos a sua imensa satisfação e a dos seus amigos. Ele nos pede que façamos uma brochura popular desse trabalho, e que lhe ajuntemos um artigo que saiu no jornal *Le Spiritisme*, de fevereiro de 1889, intitulado: *Viagem ao país das recordações - Enviado pelo Papa*, a que completará brilhantemente a brochura.

Damos em seguida, e por extenso, o artigo do jornal *Le Spiritisme*, e os nossos leitores julgarão como Van-de-Ryst, que ele corrobora as experiências do Senhor Almignana, provando, da maneira mais positiva, que desde o princípio do Espiritismo o clero católico conheceu todo o valor das manifestações e que só recentemente é que procura sufocar a verdade, o grande culpado!

Enviado pelo Papa

Para encorajar os nossos esforços e julgar por si mesmo da marcha dos nossos trabalhos, Allan Kardec vinha, de tempos em tempos, presidir a uma das nossas sessões.

Ele nos esclarecia com os seus conselhos, nesses dias que nos eram de festa, e em que a nossa sala, como por milagre, chegava para toda a multidão que tinha a coragem de passar a noite, de pé, para ouvir o Mestre.

Uma vez apresentou-nos um visitante, um dos nossos, que era engenheiro. O nosso hóspede representava ter 58 anos; parecia um verdadeiro fidalgo. Apressou-se em nos dar o seu cartão, no qual lemos: Conde de Brunet de Paisay.

Entendemos que devíamos guardar em silêncio o título do nosso visitante, para que os médiuns não o conhecessem.

A sessão seguiu o seu curso natural, obtendo-se comunicações escritas e passando-se às manifestações físicas.

Convidamos o Senhor de Brunet a aproximar-se da mesa, e a mesa, à sua aproximação, agitou-se nervosamente, inclinando-se imediatamente para ele, que parecia admirado dessa deferência.

— Quem és? — perguntou o Senhor de Brunet.

— Um amigo.

— Dize o teu nome.

— D. Pedro de Castillan.

— Onde me conheceste?

— Em Roma.

— Em que ponto?

— No Vaticano.

A essa resposta inesperada, todos os presentes começaram a rir, acreditando numa mistificação.

O conde, porém, não ria: estava pálido de emoção e continuou as suas perguntas ao Espírito, que ditou a seguinte frase:

"Sede homem de boa-fé e, a exemplo dos discípulos de João, ide dizer a Roma o que vistes e ouvistes esta noite, mas, principalmente disse que sou a hora da renovação moral!"

O conde ficou estupefato, e, compreendendo que nos deveria uma leal explicação, confessou-nos que ele era enviado pelo Papa, em missão de estudar os fenômenos espíritas, depois do que, retirou-se profundamente comovido.

Quando ficamos sós, depois de terem saído os companheiros de trabalho, a minha mulher, levada por um movimento instintivo ou por curiosidade, tomou o cartão do enviado do Papa, que estava sobre uma mesa, e — qual não foi o seu espanto, vendo aparecer entre o papel e o verniz do cartão, caracteres que diziam, em seguida ao nome do Senhor de Brunet de Paisay, camarista privado de capa e espada de S. S. Pio IX!

Esta frase não se podia perceber sem inclinar-se o cartão em certo sentido.

O que dirão a isto os senhores que explicam tudo por sugestão, se nessa época a sua teoria ainda não era nascida?

Que lição para toda a gente!

*

* *

Ainda há um documento da boa-fé de certos membros do clero, a respeito dos fenômenos espíritas, obtidos quase na mesma época. Dessa vez não se mete a bandeira no bolso; apresenta-se sem reboço o nome dos visitantes: um deles era o padre Marouzeau, autor de uma obra desbragada contra o Espiritismo, na qual os raios da sua eloquência, de envolta com os do Vaticano, deviam para sempre pulverizar os Espíritos, assim como aqueles que ousassem crer na sua existência.

Vieram também: um teólogo distinto, o Senhor Marêne, diretor das Conferências de S. Sulpice, o Senhor Delameaux, membro do Instituto, o Senhor Dozon, diretor da *Revue d'Outre Tombe*, e o Senhor Pierard, relator da *Revue Spiritualiste*. Discutiu-se largamente, muito largamente, sobre as leis da reencarnação e princípios gerais da Doutrina, sem que se chegasse a um acordo.

Propusemos passar à demonstração dos fatos, e veio-nos uma ideia feliz, no intuito de convencermos aqueles senhores que negavam o movimento das mesas: foi servirmo-nos de uma enorme escrivanhinha de carvalho maciço, cheia de objetos, que se achava em um quarto próximo da sala dos nossos trabalhos.

Quando os visitantes viram o que íamos fazer, não puderam dissimular o riso de mofa que indicava a sua incredulidade preconcebida.

Poderiam porventura acreditar que tão pesada mesa se prestasse ao fim que tínhamos em vista?

Só por milagre, disse um deles, e entretanto o milagre se operou.

Atendei: o Senhor Pierard fez a evocação com aquele ar magistral que lhe é habitual.

Colocamos os espectadores, como de costume, nos dois lados da escrivaninha, de pé, e tendo apenas as mãos ligeiramente postas sobre ela. No fim de alguns minutos, a pesada mesa começou a mover-se da direita para a esquerda e vice-versa, segundo o desejo de um dos assistentes. Ouvia-se também, por instantes, o crepitar de ligeiros golpes dados no interior da peça. Estupefação geral!

Nesse ponto, o mais ungido pela devoção, não podendo negar o movimento do móvel, disse-nos, mudando de tática:

— Conheço o meio de impedir esses movimentos desordenados, pois que eles são produzidos pelo Espírito do mal.

— Qual é esse meio? — perguntamos.

— Muito simples: basta colocar sobre a escrivaninha uma imagem de Cristo, para que o diabo se retire imediatamente da presença do Filho de Deus.

— Trago sempre uma comigo — disse a Senhora Dozon —; quereis tentar a experiência, Senhor Cura?

O Senhor Cura, muito triunfante, tomou a pequena cruz de marfim, tão a propósito aparecida, e pô-la com ênfase, talvez com convicção, sobre a escrivaninha.

— Em nome de Cristo, nosso Senhor e nosso Deus — disse, orando, *vade retro, Satanás!*

E nós ouvimos o evocador redobrar de preces e de exorcismos.

Pobre cura! Parece-nos ainda estar vendo a sua fisionomia decomposta, diante do fato de se tornarem os movimentos da escrivaninha ainda mais acentuados que antes da sua esconjuração!

Ah! Eles protestavam, a seu modo, esses caros Espíritos, contra a imputação que lhes fizera o cura! Protestavam com tal energia, que as gavetas, repletas de objetos pesados, saíam dos seus lugares e caíam com grande ruído no soalho, enquanto a pequena cruz se sustentava no lugar onde tinha sido posta, mantida por uma força invisível! Julgais que esses fenômenos os convenceram?

Afirmamos que não, porque a guerra da parte do clero continuou com mais violência.

Não é o caso de aplicar a esses professores de teologia o preceito do Evangelho, que eles mesmos citam tantas vezes em seus sermões aos profanos?

Oculos habent et non vident;

Aures habent et non audient.

[Eles têm olhos e não veem; têm ouvidos e não ouvem]

Testemunho de Alfred Russel Wallace

Membro da **Academia Real de Londres**. Grande sábio naturalista autor da obra
Miracles and Modern Spiritualism
 (publicado no *Clamber's Encyclopedy*)

Considerando todas as experiências e estudos feitos sobre os fenômenos espíritos, por homens de ciência que gozam da mais alta reputação, concluíram os espíritos que os fatos, em que se baseia a sua crença, são e ficam provados, sem a menor sombra de dúvida. Entretanto, muitas pessoas perguntam ainda qual a significação, ou a razão de ser de todos esses fenômenos estranhos.

Certamente, nenhuns interesses têm em que os móveis se desloquem, os corpos se elevem no ar, e obtenhamos provas, pelo fogo ou pela escrita, sobre ardósias.

A resposta é esta: para muitas, esses fenômenos físicos, ainda que aparentemente insignificantes e triviais, fornecem o meio mais eficaz de atrair e fixar a atenção sobre a experiência daqueles que se ocupam com o ensino da ciência moderna.

Desde que eles se certificam da realidade dos fenômenos, que julgavam impossíveis, dizem que aí há alguma coisa mais que impostura e ilusão, e bem depressa acham que esses fatos não são realmente mais que preliminares para um vasto campo de estudos, novos e consequentes. Quase todos os que estudam a ciência psíquica se tornam espíritos. Podemos contá-los por centenas, em todos os países civilizados; eles continuam os seus exames nesse sentido, porque estão convencidos da realidade dos mais simples fenômenos psíquicos, e, aos que pretendem que esses fatos são de ordem pouco elevada e trivial, pode-se responder que homens da mais alta educação, do maior saber, foram atraídos por essas humildes qualidades.

*

* *

Quando, porém, passamos além desse amontoado de fenômenos e os examinamos com cuidado, a Filosofia e os ensinamentos que emanam das comunicações

diversas, recebidas por médiuns influenciados pelos Espíritos, assim como dos escritos comuns das pessoas que há já muito tempo aceitavam e assimilavam esses ensinamentos, entramos em outra fase do estudo, que ninguém, a não se achar muito aferrado ao preceito e a um partido fixo, poderá considerar como inútil e vulgar.

O ensino universal da filosofia do Espiritismo moderno é que o mundo e o Universo todo não existem senão para o desenvolvimento dos seres espirituais; que a morte é uma simples transição da nossa existência material no primeiro grau da vida dos Espíritos; que a nossa felicidade e o grau do nosso intelecto dependerão, unicamente, do uso que fizermos das nossas faculdades e das circunstâncias deste mundo.

Esse ensino nos afirma que a vida presente oferecerá mais valor e interesse quando os homens forem educados, não em uma crença vacilante e cheia de dúvidas, mas na convicção científica e imutável de que a nossa existência não é realmente mais que uma das quadras da nossa vida espiritual e sem-fim. Esse ensino prova que os pensamentos que emitimos e os atos que praticamos, na Terra, terão certamente um efeito e uma influência sobre a expressão orgânica da nossa futura personalidade.

Um exemplo dos ensinamentos do espiritualismo moderno se encontra no livro *Spirit Teaching's*, compilado pelo médium consciencioso e espiritualista inteligente, Senhor M. A. Oxon (Stainton Moses); diz ele:

Assim como a alma viveu na Terra, assim se acha na vida dos Espíritos; conserva os seus gostos, as suas inclinações, os seus hábitos e as suas antipatias. Não está mudada senão no fato accidental de estar libertada do seu corpo mortal. A alma que na Terra teve gostos degradantes e hábitos impuros, não os muda logo; a sua natureza, passando da esfera terrestre à vida celeste, não ficará imediatamente purificada, do mesmo modo que a alma elevada que soube amar e praticar as virtudes, trabalhando pelo bem e pelo bom, não poderá, do outro lado desta existência, tornar-se má. O caráter da alma é o resultado de um desenvolvimento de cada hora, de cada dia da sua existência.

Esse caráter final não consiste em qualidades ou defeitos que se possam tomar ou abandonar; só a experiência de cada dia e de cada hora pode desenvolver o caráter dessa alma; esse caráter faz a própria essência da sua natureza, de modo íntimo e indissolúvel.

A alma tem hábitos tão precisos, que se tornam uma parte essencial da sua individualidade.

O Espírito, que respondeu às exigências de um corpo sensual, torna-se escravo do vício; tal Espírito não seria feliz em um meio de pureza e de delicadeza; ele fatalmente aspiraria aos seus antigos usos; os hábitos de outrora ficam como qualidade essencial da sua alma.

Leis imutáveis regem os resultados dos atos. As boas ações produzem o

adiantamento progressivo do Espírito; as más, degradando-o, demoram o seu progresso; a felicidade se encontra no avanço gradual do Espírito para a perfeição absoluta.

Os Espíritas adiantados encontram a sua felicidade na prática do bem; eles são animados pelo espírito do amor divino. Não se comprazem na ociosidade e não cessam, nos seus esforços, de aumentar o seu saber intelectual e moral. As paixões e as necessidades desaparecem com o corpo; o Espírito passa então a uma vida de pureza, de progresso e de amor, e isso para ele é o céu. Não conhecemos outro inferno senão aquele que é nutrido na alma pelo fogo das paixões e pelas inclinações viciosas; esse fogo é ativado pelas dores do remorso e angústias do mal feito, pelas penas que carregam a consciência em nome dos malefícios passados. Para sair desse inferno, é preciso trilhar novo caminho e cultivar as qualidades que produzem bons frutos pela prática da justiça, do amor e do conhecimento de Deus.

Podemos resumir os deveres do homem, considerado como ser espiritual, na simples palavra progresso, isto é, conhecimento de si mesmo e de tudo que tende ao desenvolvimento espiritual do eu consciente.

O dever do homem, considerado como ser intelectual (tendo o raciocínio e o entendimento), se resume na palavra cultura. Essas faculdades cultivadas, não em uma só direção, mas em todas as suas ramificações, não têm somente um desenvolvimento para as coisas terrestres, mas servem-nos também para um progresso maior e sem fim, através da eternidade.

O dever do homem para consigo mesmo, como Espírito encarnado em um corpo material, é procurar obter a pureza; pureza em pensamentos, em palavras e em atos. Nessas três palavras pois, progresso, cultura e pureza, se resumem os deveres do homem, como ser espiritual, intelectual e corporal.

Alfred Russel Wallace.

Testemunho de Victorien Sardou

Membro da **Academia Francesa**

(Publicado no *Gaulois* de 4 de dezembro de 1888)

Meu caro Ram-Bauld: Há 40 anos que observo como curioso os fenômenos que, sob os nomes de magnetismo, sonambulismo, êxtase, segunda vista, etc., dava em minha mocidade motivo ao riso dos sábios. Quando eu me arriscava a dar-lhes parte de alguma experiência em que o meu cepticismo cedia à evidência, que explosão de chacota! Ainda me parece ouvir as risadas de um velho doutor, meu amigo, a quem falei de uma jovem que caía em catalepsia por passes magnéticos.

Ela ouvia tiros de espingarda, e sentia um ferro em brasa queimar-lhe a nuca. "Qual! — me respondia o homem. As mulheres são tão enganadoras!..."

Ora, todos esses fatos, sistematicamente negados naquele tempo, são hoje aceitos e afirmados pelos mesmos que os qualificavam de feitiçaria. Não há dia em que algum jovem sábio não me traga novidades que eu já conhecia antes que ele tivesse nascido.

Só há mudança no nome. Não é magnetismo, palavra que deve soar mal aos que o ridicularizam: é o hipnotismo, a sugestão, designação estas que têm para eles maior força.

Adotando-se os novos termos, dá-se a entender que o magnetismo era realmente uma mistificação, que foi esmagada, merecendo a ciência oficial, por essa razão, o nosso reconhecimento. Ela nos livrou de tal peste e, em troca, nos deu uma verdade científica: o hipnotismo, que entretanto é a mesma coisa.

Eu citava, um dia, a um habilíssimo cirurgião, o fato, hoje bem conhecido, da insensibilidade produzida em certas pessoas que olham fixamente para um espelho, ou para um corpo brilhante, de modo a provocar o estrabismo, e essa revelação foi recebida com ridículo e zombaria como um espelho mágico.

Passaram os anos, e o mesmo cirurgião, vindo almoçar comigo, desculpa-se da demora por ter tido necessidade de arrancar um dente a uma jovem muito nervosa e tímida. "Eu, disse-me ele, tentei sobre ela uma experiência nova e muito curiosa: por meio de um espelho metálico, fi-la dormir tão completamente, que pude extrair o dente sem que ela o sentisse."

A isso redargui: Perdão; mas foi eu quem primeiro assinalou esse fato, e vós o

metestes a ridículo!

Desmantelado a princípio, o meu amigo conquistou depressa a calma.

"É certo, respondeu; mas vós me falastes de um fato de magia, e este é de hipnotismo!"

A ciência oficial trata as verdades desconhecidas sempre por esse modo: depois de repeli-las com escárnio, se apropria delas, mas têm o cuidado de mudá-lhes os rótulos. Enfim, qualquer que seja o nome que lhes deem, elas têm adquirido o direito de cidade, e, pois que os nossos sábios têm chegado a descobrir, na Salpêtrière, o que Paris já teve ocasião de ver no tempo de Luís XV, no cemitério de Saint-Médard, é de esperar que se dignarão ocupar-se um dia desse Espiritismo que julgam morto pelos seus desdém, porém que jamais gozou de tão boa saúde. Para isso não terão mais que lhe mudar o nome, a fim de atribuírem a si o mérito de havê-lo descoberto, depois de todo o mundo.

Isso não será tão cedo, porque o Espiritismo tem que combater outros inimigos além daquela má vontade. Tem ele contra si as experiências de salão, meio detestável de fazer investigações, e que só servem para confirmar os cépticos na sua incredulidade, para sugerir engenhosas mistificações, e para inspirar, aos espirituosos, chistosas tolices.

Tem mais que lutar contra os charlatães que fazem Espiritismo a Robert-Houdin⁶⁰, e contra os semicharlatões, que, dotados de faculdades mediúnicas, não se contentam com elas, e, por vaidade ou por especulação, suprem a insuficiência dos seus meios naturais por meios artificiosos.

Tem principalmente que vencer dois grandes obstáculos: a indiferença de uma geração votada aos prazeres e aos interesses materiais, e a fraqueza de caráter, cada vez mais acentuada, em um país onde ninguém tem mais a coragem das suas opiniões, preocupando-se com as do vizinho, e só permitindo a si próprio adotar uma quando sabe que essa é a de todo o mundo.

Em qualquer matéria: artes, letras, política, ciências, etc., o que alguém teme mais é passar por ingênuo, por crente em qualquer coisa, ou por um entusiasta, tão inconsciente, que tudo lhe causa admiração!

O homem mais sinceramente tocado por uma bela palavra e por uma bela obra, se vir que um céptico sorri, não vacila em zombar do que ia aplaudir, a fim de dar uma prova de que não é menos perspicaz que os outros, e de que é muito esclarecido, pois que não é qualquer coisa que o satisfaz.

Como poderiam homens tão adstritos às opiniões dos outros, embora convencidos da realidade das manifestações espíritas, pelas mais decisivas provas, ousar confessá-lo em pública, e confessá-lo neste século sem fé, depois de Voltaire,

⁶⁰ Jean Eugène Robert-Houdin (1805-1871) foi um célebre mágico francês, considerado o pai do ilusionismo moderno — N. E.

depois de Proudhomme? Como poderiam afrontar a indignação e a terrível apóstrofe que soa aos ouvidos: Então, senhor! o senhor também acredita no sobrenatural?

— Não. Eu não admito o sobrenatural, é logo a resposta. Qualquer fato só se dá por efeito de uma lei natural, e portanto é natural.

Negar *a priori*, sem exame, sob pretexto de que a lei produtora não existe, porque não é conhecida, contestar a realidade do fato, porque ele não entra na ordem dos fatos preestabelecidos e das leis conhecidas, é erro de espírito mal equilibrado, que julga conhecer todas as leis da Natureza.

O sábio que tiver essa pretensão, não passa de um pobre homem!

Onde o espero, é no exame sério dos fatos, quando for forçado a chegar aí.

Prometo-lhe então algumas surpresas.

Victorien Sardou

Infalibilidade do Papa

Discurso pronunciado no célebre Concílio de 1870
pelo **Bispo Strossmayer**

Veneráveis padres e irmãos:

Não sem temor, porém com uma consciência livre e tranquila, ante Deus que nos julga, tomo a palavra nesta augusta assembleia.

Prestei toda a minha atenção aos discursos que se pronunciaram nesta sala, e anseio por um raio de luz que, descendo de cima, ilumine a minha inteligência e me permita votar os cânones deste Concílio Ecumênico, com perfeito conhecimento de causa. Compenetrado da minha responsabilidade, pela qual Deus me pedirá contas, estudei com a mais escrupulosa atenção os escritos do Antigo e do Novo Testamento, e interroguei esses veneráveis monumentos da Verdade: se o pontífice que preside aqui é verdadeiramente o sucessor de São Pedro, vigário do Cristo e infalível doutor da Igreja.

Transportei-me aos tempos em que ainda não existiam o ultramontanismo e o galicanismo, em que a Igreja tinha por doutores: S. Paulo, S. Pedro, S. Tiago e S. João, aos quais não se pode negar a autoridade divina, sem pôr em dúvida o que a santa Bíblia nos ensina, santa Bíblia que o Concílio de Trento proclamou como a Regra da Fé e da Moral. Abri essas sagradas páginas e sou obrigado a dizer-vos: nada encontrei que sancione, próxima ou remotamente, a opinião dos ultramontanos! E maior é a minha surpresa quando, naqueles tempos apostólicos, nada há que fale de papa para sucessor de S. Pedro e vigário de Jesus Cristo!

Vós, Monsenhor Manning, direis que blasfemo; vós, Monsenhor Pio, direis que estou demente! Não, Monsenhores; não blasfemo, nem perdi o juízo! Tendo lido todo o Novo Testamento, declaro, ante Deus e com a mão sobre o crucifixo, que nenhum vestígio encontrei do papado.

Não me recuseis a vossa atenção, meus veneráveis irmãos! com os vossos murmúrios e interrupções justificais os que dizem, como o padre Jacinto, que este concílio não é livre; se assim for, tende em vista que esta augusta assembleia, que

prende a atenção de todo o mundo, cairá no mais terrível descrédito.

Agradeço a S. Exa, o Monsenhor Dupanloup, o sinal de aprovação que me faz com a cabeça; isso me alenta e anima prosseguir.

Lendo, pois, os santos livros, não encontrei neles um só capítulo, um só versículo que dê a São Pedro a chefia sobre os Apóstolos. Não só o Cristo nada disse sobre esse ponto, como, ao contrário, prometeu tronos a todos os Apóstolos (Mateus, 19: 28), sem dizer que o de Pedro seria mais elevado que os dos outros!

Que diremos do seu silêncio?

A lógica nos ensina a concluir que o Cristo nunca pensou em elevar Pedro à chefia do Colégio Apostólico. Quando Cristo enviou os seus discípulos a conquistar o mundo, a todos — igualmente — deu o poder de ligar e desligar, a todos — igualmente — fez a promessa do Espírito Santo. Dizem as Santas Escrituras que até proibiu a Pedro e a seus colegas de reinarem ou exercerem senhorio (Lucas, 22: 25 e 26).

Se Pedro fosse eleito papa, Jesus não diria isso, porque, segundo a nossa tradição, o papado tem uma espada em cada mão, simbolizando os poderes espiritual e temporal. Ainda mais: se Pedro fosse papa ou chefe dos Apóstolos, permitiria que esses seus subordinados o enviassem, com João, a Samaria, para anunciar o Evangelho do Filho de Deus? (Atos, 8: 14.)

Que direis vós, veneráveis irmãos, se nos permitíssemos, agora mesmo, mandar Sua Santidade Pio IX, que aqui preside, e Sua Eminência, Monsenhor Plantier, ao Patriarca de Constantinopla, para convencê-lo de que deve acabar com o cisma do Oriente?

O símile é perfeito, haveis de concordar. Mas temos coisa ainda melhor:

Reuniu-se em Jerusalém um concílio ecumênico para decidir questões que dividiam os fiéis.

Quem devia convocá-lo? Sem dúvida, Pedro, se fosse papa. Quem devia presidir a ele? Por certo, Pedro. Quem devia formular e promulgar os cânones? Ainda Pedro, não é verdade? Pois bem: nada disso sucedeu! Pedro assistiu ao concílio com os demais Apóstolos, sob a direção de São Tiago! (Atos, 15) Assim, parece-me que o filho de Jonas não era o primeiro, como sustentais.

Encarando agora por outro lado, temos: enquanto ensinamos que a Igreja está edificada sobre Pedro, S. Paulo (cuja autoridade devemos todos acatar) diz-nos que ela está edificada sobre o fundamento da fé dos Apóstolos e Profetas, sendo Jesus Cristo a principal pedra do ângulo. (Epístola aos Efésios, 2: 20.)

Esse mesmo Paulo, ao enumerar os ofícios da Igreja, menciona apóstolos, profetas, evangelistas e pastores; e será crível que o grande Apóstolo dos gentios se esquecesse do papado, se o papado existisse? Esse olvido me parece tão impossível como o de um historiador deste concílio que não fizesse menção de Sua Santidade

Pio IX. (Apartes: Silêncio, herege! Silêncio!)

Acalmai-vos, veneráveis irmãos, porque ainda não concluí. Impedindo-me de prosseguir, provareis ao mundo que sabeis ser injustos, tapando a boca do mais pequeno membro desta assembleia. Continuarei:

O Apóstolo Paulo não faz menção, em nenhuma das suas Epístolas, às diferentes Igrejas, da primazia de Pedro; se essa existisse e se ele fosse infalível como quereis, poderia Paulo deixar de mencioná-la, em longa Epístola sobre tão importante ponto?

Concordai comigo. A Igreja nunca foi mais bela, mais pura e mais santa que naqueles tempos em que não tinha papa. (Apartes: Não é exato; não é exato!)

Por que negais, Monsenhor de Laval? Se algum de vós outros, meus veneráveis irmãos, se atreve a pensar que a Igreja, que hoje tem um papa (que vai ficar infalível), é mais firme na fé e mais pura na moralidade que a Igreja Apostólica, diga-o abertamente ante o Universo, visto como este recinto é um centro do qual as nossas palavras voam de polo a polo!

Calais-vos? Então continuarei:

Também nos escritos de S. Paulo, de S. João, ou de S. Tiago, não descubro traço algum do poder papal! S. Lucas, o historiador dos trabalhos missionários dos Apóstolos, guarda silêncio sobre tal assunto!

Isso deve preocupar-vos muito.

Não me julgueis um cismático!

Entrei pela mesma porta que vós outros; o meu título de bispo deu-me direito a comparecer aqui, e a minha consciência, inspirada no verdadeiro Cristianismo, me obriga a dizer-vos o que julga ser verdade.

Pensei que, se Pedro fosse vigário de Jesus Cristo, ele não o sabia, pois que nunca procedeu como papa: nem no dia de Pentecostes, quando pregou o seu primeiro sermão, nem no Concílio de Jerusalém, presidido por S. Tiago, nem na Antioquia, e nem nas Epístolas que dirigiu às Igrejas. Será possível que ele fosse papa sem o saber?

Parece-me escutar de todos os lados: Pois São Pedro não esteve em Roma? Não foi crucificado de cabeça para baixo? Não existem os lugares onde ensinou e os altares onde disse missa nessa cidade?

E eu responderei: Só a tradição, veneráveis irmãos, é que nos diz ter S. Pedro estado em Roma; e como a tradição é tão-somente a tradição da sua estada em Roma, é com ela que me provareis o seu episcopado e a sua supremacia?

Scalígero, um dos mais eruditos historiadores, não vacila em dizer que o episcopado de S. Pedro e a sua residência em Roma se devem classificar no número das lendas mais ridículas! (Repetidos gritos e apartes: Tapai-lhe a boca, fazei-o descer dessa cadeira!)

Meus veneráveis irmãos, não faço questão de calar-me, como quereis, mas não será melhor examinar todas as coisas como manda o Apóstolo, e crer só no que for bom?

Lembrai-vos de que temos um ditador ante o qual todos nós, mesmo Sua Santidade Pio IX, devemos curvar a cabeça:

Esse ditador, vós bem o sabeis, é a História!

Permiti que repita: Folheando os sagrados escritos não encontrei o mais leve vestígio do papado nos tempos apostólicos! E, percorrendo os anais da Igreja, nos quatro primeiros séculos, o mesmo me sucedeu!

Confessar-vos-ei que o que encontrei foi o seguinte:

Que o grande Santo Agostinho, bispo de Hipona, honra e glória do Cristianismo e secretário no Concílio de Melive, nega a supremacia ao bispo de Roma.

Que os bispos da África, no sexto Concílio de Cartago, sob a presidência de Aurélio, bispo dessa cidade, admoestavam Celestino, bispo de Roma, por supor-se superior aos demais bispos, enviando-lhes comissionados e introduzindo o orgulho na Igreja.

Que, portanto, o papado não é instituição divina. Deveis saber, meus veneráveis irmãos, que os padres do Concílio de Calcedônia colocaram os bispos da antiga e da nova Roma na mesma categoria dos demais bispos.

Que aquele sexto Concílio de Cartago proibiu o título de "Príncipe dos Bispos", por não haver soberania entre eles.

E que S. Gregório I escreveu estas palavras, que muito aproveitam à tese: — Quando um patriarca se intitula "Bispo Universal", o título de patriarca sofre incontestavelmente descrédito. Quantas desgraças não deveremos esperar, se entre os sacerdotes se suscitarem tais ambições?

Esse "bispo" será o rei dos orgulhosos! - (Pelágio II, Cett. 13.)

Com tais autoridades e muitas outras que poderia citar-vos, julgo ter provado que os primeiros bispos de Roma não foram reconhecidos como bispos universais ou papas, nos primeiros séculos do Cristianismo.

E, para mais reforçar os meus argumentos, lembrarei aos meus veneráveis irmãos que foi Osio, bispo de Córdova, quem presidiu ao primeiro Concílio de Nicéia, redigindo os seus cânones; e que foi ainda esse bispo que, presidindo ao Concílio de Sardica, excluiu o enviado de Júlio, bispo de Roma!

Mas, da direita me citam estas palavras do Cristo — Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja.

Sois, portanto, chamados para este terreno. Julgais, veneráveis irmãos, que a rocha ou pedra sobre que a Santa Igreja está edificada, é Pedro; mas permiti que eu discorde desse vosso modo de pensar.

Diz S. Cirilo, no seu quarto livro sobre a Trindade "A rocha ou pedra de que

nos fala Mateus, é a fé imutável dos Apóstolos."

S. Olegário, bispo de Poitiers, em seu segundo livro sobre a Trindade, repete: Que aquela pedra é a rocha da fé confessada pela boca de São Pedro. E, no seu sexto livro, mais luz nos fornece, dizendo: É sobre esta rocha da confissão da fé que a Igreja está edificada.

S. Jerônimo, no sexto livro sobre S. Mateus, é de opinião que Deus fundou a sua Igreja sobre a rocha ou pedra que deu o seu nome a Pedro.

Nas mesmas águas navega S. Crisóstomo quando, em sua homilia 56 a respeito de Mateus, escreve: — Sobre esta rocha edificarei a minha Igreja: e esta rocha é a confissão de Pedro.

E eu vos perguntarei, veneráveis irmãos, qual foi à confissão de Pedro?

Já que não me respondeis, eu vo-la direi: "Tu és o Cristo, o filho de Deus."

Ambrósio, o santo Arcebispo de Milão, S. Basílio de Salência e os padres do Concílio de Calcedônia ensinam precisamente a mesma coisa.

Entre os doutores da antiguidade cristã, Santo Agostinho ocupa um dos primeiros lugares, pela sua sabedoria e pela sua santidade. Escutai como ele se expressa sobre a primeira epístola de S. João: Edificarei a minha Igreja sobre esta rocha, significa claramente que é sobre a fé de Pedro.

No seu tratado 124, sobre o mesmo São João, encontra-se esta significativa frase: Sobre esta rocha, que acabais de confessar, edificarei a minha Igreja; e a rocha era o próprio Cristo, filho de Deus.

Tanto esse grande e santo bispo não acreditava que a Igreja fosse edificada sobre Pedro, que disse em seu sermão nº 13: — Tu és Pedro, e sobre essa rocha ou pedra que me confessaste, que reconheceste, dizendo: Tu és o Cristo, o filho de Deus vivo, edificarei a minha Igreja, sobre mim mesmo; pois sou o filho de Deus vivo. Edificarei sobre mim mesmo, e não sobre ti.

Haverá coisa mais clara e positiva?

Deveis saber que essa compreensão de Santo Agostinho, sobre tão importante ponto do Evangelho, era a opinião corrente do mundo cristão naqueles tempos. Estou certo de que não me contestareis.

Assim é que, resumindo, vos direi:

1º Que Jesus deu aos outros apóstolos o mesmo poder que deu a Pedro.

2º Que os apóstolos nunca reconheceram em S. Pedro a qualidade de vigário do Cristo e infalível doutor da Igreja.

3º Que o mesmo Pedro nunca pensou ser papa, nem fez coisa alguma como papa.

4º Que os concílios dos quatro primeiros séculos nunca deram, nem reconheceram o poder e a jurisdição que os bispos de Roma queriam ter.

5º Que os Santos Padres, na famosa passagem — Tu és Pedro, e sobre essa

pedra (a confissão de Pedro) edificarei a minha Igreja - nunca entenderam que a Igreja estava edificada sobre Pedro (*super petrum*), e sim sobre a rocha (*super petram*), isto é: sobre a confissão da fé do Apóstolo!

Concluo, pois, com a História, a razão, a lógica, o bom senso e a consciência do verdadeiro cristão, que Jesus não deu supremacia alguma a Pedro, e que os bispos de Roma só se constituíram soberanos da Igreja, confiscando, um por um, todos os direitos de episcopado! (Vozes de todos os lados: Silêncio, insolente, silêncio! silêncio!)

Não sou insolente! Não, mil vezes não!

Contestai a História, se ousais fazê-lo; mas ficai certos de que não a destruireis!

Se avancei alguma inverdade, ensinai-me isso com a História, à qual vos prometo fazer a mais honrosa apologia. Mas compreendi que eu não disse tudo quanto quero e posso dizer. Ainda que a fogueira me aguardasse lá fora, eu não me calaria!

Sede pacientes, como manda Jesus. Não junteis a cólera ao orgulho que vos domina!

Disse Monsenhor Dupanloup, nas suas célebres *Observações* sobre este Concílio do Vaticano, e com razão, que, se declaramos infalível a Pio IX, necessariamente precisamos sustentar que infalíveis também eram todos os seus antecessores. Porém, veneráveis irmãos, com a História na mão, eu vos provarei que alguns papas faliram. Passo a provar-vos, meus veneráveis irmãos, com os próprios livros existentes na biblioteca deste Vaticano, como é que faliram alguns dos papas que nos têm governado:

O papa Marcelino entrou no templo de Vesta e ofereceu incenso à deusa do Paganismo. Foi, portanto, idólatra; ou, pior ainda: foi apóstata!

Libório consentiu na condenação de Atanásio; depois, passou para o Arianismo.

Honório aderiu ao Monoteísmo.

Gregório I chamava Anticristo ao que se impunha como Bispo Universal; e, entretanto, Bonifácio III conseguiu do parricida imperador Focas obter este título em 607.

Pascoal II e Eugênio III autorizavam os duelos, condenados pelo Cristo; enquanto que Júlio II e Pio IV os proibiram. Adriano II, em 872, declarou válido o casamento civil; entretanto, Pio VII, em 1823, condenou-o.

Sisto V publicou uma edição da Bíblia e, com uma bula, recomendou a sua leitura; e aquele Pio VII excomungou a edição.

Clemente XIV aboliu a Companhia de Jesus, permitida por Paulo III; e o mesmo Pio VII a restabeleceu.

Porém, para que mais provas? Pois o nosso Santo Padre Pio IX não acaba de fazer a mesma coisa quando, na sua bula para os trabalhos deste Concílio, dá como revogado tudo quanto se tenha feito em contrário ao que aqui for determinado, ainda mesmo tratando-se de decisões dos seus antecessores?

Até isso negareis?

Nunca eu acabaria, meus veneráveis irmãos, se me propusesse a apresentar-vos todas as contradições dos papas, em seus ensinamentos.

Como então se poderá dar-lhes a infalibilidade? Não sabeis que, fazendo infalíveis Sua Santidade, que presente se acha e me ouve, tereis que negar a sua falibilidade e a dos seus antecessores?

E vos atrevereis a sustentar que o Espírito Santo vos revelou que a infalibilidade dos papas data apenas deste ano de 1870?

Não vos enganeis a vós mesmos: Se decretais o dogma da infalibilidade papal, vereis os protestantes, nossos rancorosos adversários, penetrarem por larga brecha com a bravura que lhes dá a História.

E que tereis vós a opor-lhes? O silêncio, se não quiserdes desmoralizar-vos. (Gritos: É demais; basta! basta!)

Não griteis, Monsenhores! Temer a História, é confessar-vos derrotados! Ainda que pudésseis fazer correr toda a água do Tibre sobre ela, não borraríeis nem uma só das suas páginas! Deixai-me falar e serei breve.

Vergílio comprou o papado de Belisário, tenente do imperador Justiniano. Por isso, foi condenado no segundo Concílio de Calcedônia, que estabeleceu este cânone: — O bispo que se eleve por dinheiro será degradado.

Sem respeito àquele cânone, Eugênio III, seis séculos depois, fez o mesmo que Vergílio, e foi repreendido por S. Bernardo, que era a estrela brilhante do seu tempo.

Deveis conhecer a história do papa Formoso: Estevão XI fez exumar o seu corpo, com as vestes pontificais; mandou cortar-lhe os dedos e o arrojou ao Tibre. Estevão foi envenenado; e tanto Romano como João, seus sucessores, reabilitaram a memória de Formoso.

Lede Plotino, lede Barônio, Barônio, o Cardeal! É dele que me sirvo.

Barônio chega a dizer que as poderosas cortesãs vendiam, trocavam e até se apoderavam dos bispados; e, horrível é dizê-lo, faziam papas aos seus amantes!

Genebrado sustenta que, durante 150 anos, os papas, em vez de apóstolos, foram apóstatas.

Deveis saber que o papa João XII foi eleito com a idade de dezoito anos tão-somente; e que o seu antecessor era filho do Papa Sérgio com Marozzia.

Que Alexandre VI era, nem me atrevo a dizer o que ele era de Lucrecia; e que João XXII negou a imortalidade da alma, sendo deposto pelo Concílio de Constança. Já nem falo dos cismas que tanto têm desonrado a Igreja.

Volto, porém, a dizer-vos que, se decretais a infalibilidade do atual bispo de Roma, deveis decretar também a de todos os seus antecessores; mas, atrever-vos-eis a tanto? Sereis capazes de igualar a Deus todos os incestuosos, avaros, homicidas e simoníacos bispos de Roma? (Gritos: Descei da cadeira, descei já; tapemos a boca desse herege.)

Não griteis, meus veneráveis irmãos. Com gritos nunca me convencereis. A História protestará eternamente sobre o monstruoso dogma da infalibilidade papal; e, quando mesmo todos vós o aproveis, faltará um voto, e esse voto é o meu!

Mas, voltemos à doutrina dos Apóstolos:

Fora dela só há erros, trevas e falsas tradições. Tomemos a eles e aos Profetas pelos nossos únicos mestres, sob a chefia de Jesus.

Firmes e imóveis como a rocha, constantes e incorruptíveis nas inspiradas Escrituras, digamos ao mundo Assim como os sábios da Grécia foram vencidos por Paulo, assim a Igreja Romana será também vencida pelo seu 98!

Gritos clamorosos: Abaixo o protestante! abaixo o calvinista! abaixo o calvinista! abaixo o traidor da Igreja!) Os vossos gritos, Monsenhores, não me atemorizam, e só vos comprometem. As minhas palavras têm calor, mas a minha cabeça está serena. Não sou de Lutero, nem de Calvino, nem de Paulo, e sim, e tão-somente do Cristo.

(Novos gritos: Anátema! anátema vos lançamos!)

Anátema! Anátema! para os que contrariam a doutrina de Jesus! Ficai certos de que os Apóstolos, se aqui comparecessem, vos diriam a mesma coisa que acabo de declarar-vos.

Que lhes diríeis vós, se eles, que predicaram e confirmaram com o seu sangue, lembrando-vos o que escreveram, vos mostrassem o quanto tendes deturpado o Evangelho do amado Filho de Deus? Acaso lhes diríeis Preferimos a doutrina dos Loiolas à do Divino Mestre?

Não! mil vezes não! A não ser que tenhais tapado os ouvidos, fechado os olhos e embotado a vossa inteligência, o que não creio.

Oh, se Deus quer castigar-nos, fazendo cair pesadamente a sua mão sobre nós, como fez ao Faraó, não precisa permitir que os soldados de Garibaldi nos expulsem daqui; basta deixar que façais de Pio IX um Deus, como já fizestes uma deusa da Virgem Maria!

Evitai, sim, evitai, meus veneráveis irmãos, o terrível precipício a cuja borda estais colocados. Salvai a Igreja do naufrágio que a ameaça, e busquemos todos, nas Sagradas Escrituras, a regra da fé que devemos crer e professar.

Digne-se Deus assistir-me. Tenho concluído!

(Todos os padres se levantaram, muitos saíram da sala; porém alguns prelados italianos, americanos, alemães, franceses e ingleses rodearam o inspirado

orador e, com fraternais apertos de mão, demonstraram concordar com o seu modo de pensar.)

Coisa singular: desde a tal infalibilidade dos papas, vê-se a Igreja como que atirar-se em um despenhadeiro, de cabeça para baixo!

Quão inspirado estava esse bispo Strossmayer!

Evasão de Sacerdotes

Sob este título publicou o periódico *L'Express*, de Bruxelas, a seguinte carta: Depois do Senhor Vítor Charbonel e do abade Bonier, que fundou em Sèvres uma casa de hospedagem, onde mais de vinte sacerdotes insubmissos acharam refúgio, eis que um novo sacerdote, o abade E. Bourdery, cura de Maroles (França), deixa por sua vez a Igreja Romana.

O tom digno e moderado da sua carta certamente fará contraste com as grosseiras e baixas injúrias de que esse honrado homem vai ser objeto por parte da imprensa católica.

Julgue-se, pois:

"Monsenhor.

Uma sincera vocação tinha-me levado para o sacerdócio na religião católica, que eu acreditava ser a religião do Cristo. Depois de longo e profundo estudo dos dogmas e das instituições da Igreja, fui obrigado a reconhecer que já não era católico e que não podia permanecer como sacerdote. E para mim um dever de lealdade não conservar por mais tempo a direção da paróquia que me confiastes. Deposito hoje em vossas mãos a minha demissão.

Diante de Deus posso justificar-me de que toda a minha vida sacerdotal foi generosamente consagrada a difundir e a desenvolver nas almas o sentimento cristão. E é para continuar a mesma obra, que me separo da vossa igreja — católica, mas não cristã.

Que o Filho de Deus, que se revelou ao meu coração ávido de verdade e de vida, digne-se consolar aqueles que deixo. Mais tarde compreenderão a quão graves convicções obedeci. Reconhecerão, como eu, que o próprio princípio da organização católica mais não é do que uma adaptação velada do judaísmo e do espírito romano de dominação sobre o princípio cristão da piedade filial e da liberdade dos filhos de Deus, e não me hão de condenar, se eu quis libertar a minha fé e afirmar, contra uma igreja cegamente autoritária e opressora, a minha livre consciência religiosa.

Que o Filho de Deus me dê consolo a mim mesmo e me ajude. A separação

que efetuo traz consigo um rompimento e dolorosos sacrifícios. O dever, porém, é do homem, e o futuro é de Deus.

Pois que hei cumprido leal e simplesmente o meu dever, terei confiança em Deus, senhor do futuro.

Rogo-vos, Monsenhor, que vos digneis perdoar-me o pesar que vos causarei, e receber a expressão dos meus mui respeitosos sentimentos.

E. Bourdery.

Essa carta, diz o referido jornal, foi lida do alto do púlpito da igreja de Maroles, e toda a povoação se manifestou resolutamente a favor do seu pároco.

